

LOREMI LOREGIAN-PENKAL

**(RE)ANÁLISE DA REFERÊNCIA DE SEGUNDA PESSOA NA FALA
DA REGIÃO SUL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Letras, área de concentração em Estudos Lingüísticos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Odete Pereira da
Silva Menon

CURITIBA

2004



PARECER

Defesa de tese da doutoranda LOREMI LOREGIAN PENKAL para obtenção do título de **Doutora em Letras**.

Os abaixo assinados ODETE PEREIRA DA SILVA MENON, EDAIR MARIA GORSKI, ROSANE BERLINCK, IARA BEMQUERER COSTA e JOSÉ LUIZ DA VEIGA MERCER argüiram, nesta data, a candidata, a qual apresentou a tese:

“(RE)ANÁLISE DA REFERÊNCIA DE SEGUNDA PESSOA NA FALA DA REGIÃO SUL”

Procedida a argüição segundo o protocolo aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Doutora em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	Aprovado Não aprovado
ODETE PEREIRA DA S. MENON		Aprovada
EDAIR MARIA GORSKI		Aprovada
ROSANE BERLINCK		Aprovado
IARA BEMQUERER COSTA		Aprovada
JOSÉ LUIZ DA VEIGA MERCER		Aprovado

Curitiba, 26 de março de 2004.

Prof.^a Marilene Weinhardt
Coordenadora

À **Lígia**, a quem espero responder à pergunta, feita há pelo menos 2, de seus atuais 4 anos: "*Mamãe, quando é que **você** termina a **tua** tarefinha?*"

Ao **Márcio Luís**, pelo apoio.

Aos **informantes** desta pesquisa: sem eles nada disso seria possível.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Esta tese contou com inúmeras e valiosas contribuições de algumas pessoas com quem convivi ao longo dos quatro anos de execução do trabalho e também com algumas pessoas cujo convívio se deu antes desse período. Assim, agradeço especialmente a:

- Odete Menon, pela primorosa orientação deste trabalho: pela generosidade intelectual: pelas valiosas “dicas” profissionais e, principalmente, pelo exemplo de pesquisadora que produz ciência com seriedade e competência.
- Iara Bemquerer Costa, pelo parecer fornecido ao projeto de pesquisa e pelas valiosas sugestões e contribuições no momento da qualificação.
- Michael Allan Watkins, por ter feito parte da banca de qualificação e pelas críticas e sugestões apresentadas.
- Aos professores que fizeram parte da banca de defesa da tese: Edair Görski, Iara Bemquerer Costa, José Luiz da Veiga Mercer e Rosane Berlinck, pelas valiosas contribuições apresentadas a este trabalho, bem como pelas sugestões de trabalhos futuros.
- Paulino Vandresen, com quem aprendi, já no primeiro semestre da graduação, a gostar de (Socio)lingüística e de pesquisa.
- Edair Görski, pelo estímulo constante e inúmeras contribuições a minha vida acadêmica.
- Marta Scherre, pelos valiosos ensinamentos sobre suporte quantitativo e sobre sociolingüística.

- Cláudia Brescancini, colega de ontem e amiga de sempre, pelo apoio moral e pela troca constante de experiências didáticas e de materiais para pesquisa. Também pela ajuda com o *Abstract*.
- Cibele Krause Lemke, pela amizade e apoio.
- Ex-colegas e amigas de TUIUTI: Leonilda Ambrósio, Angela Gusso, Rossana Finau, Lilian Borba, Rosana Harmuch, Elisiani Tiepolo, Soraya Ferreira e Dicléia Schäffel, pelo amigável convívio e troca de experiências profissionais.
- Atuais colegas de UNICENTRO: Cibele Lemke, Sônia Thomaz, Cristiane Malinoski, Marcela Lopes, Adriana Ferreira e Cristiano Martinez, por me “aturarem” falando do andamento da tese e pela amizade.
- Edson Fagundes e Cristiane Dalto, pela convivência amistosa e rica no período de disciplinas.
- Odair Rodrigues, pela presteza com que sempre me atendeu na secretaria da Pós-Graduação em Letras.
- Ex-colegas de VARSUL: Márcia Fernandes, Juçá Vazzata-Dias, Janete Stülp, Luciane Barreta, Leticia Tambosi e Marisa Fernandes, pelo companheirismo e amizade.
- Família Zorzi - Olga, Eleusa e Severino - pelo incentivo à minha vida acadêmica.
- A meus pais, Vitorio Loregian e Rosalina Guindanni-Loregian, e a meus irmãos e irmãs, a quem a tese impôs saudade e visitas menos frequentes.
- A DEUS, por tudo.

Agradeço, de coração.

Meu professor de análise sintática era o tipo do sujeito inexistente.

Um pleonasma, o principal predicado da sua vida, regular como um paradigma da primeira conjugação.

Entre uma oração subordinada e um adjunto adverbial, ele não tinha dúvidas: sempre achava um jeito assindético de nos torturar com um aposto.

Casou com uma regência.

Foi infeliz.

Era possessivo como um **pronome**.

E ela era bitransitiva.

Tentou ir para os EUA.

Não deu.

Acharam um artigo indefinido em sua bagagem.

A interjeição do bigode declinava partículas expletivas, conectivos e agentes da passiva, o tempo todo.

Um dia, matei-o com um objeto direto na cabeça.

Paulo Leminsky

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	viii
LISTA DE GRÁFICOS E DE QUADROS.....	xi
RESUMO.....	xii
ABSTRACT.....	xiii
1 INTRODUÇÃO.....	14
2 OBJETO DE ESTUDO	
2.1 Alternância pronominal <i>tu/você</i>	20
2.2 Concordância verbal com o pronome <i>tu</i>	22
3 REVISÃO DA LITERATURA	
3.1 O conceito de pronome.....	25
3.2 Os pronomes pessoais (evolução do latim ao português).....	28
3.2.1 A categoria de pessoa.....	30
3.3 Pronome de segunda pessoa nas GTs.....	34
3.3.1 Breve histórico das formas de tratamento.....	37
3.3.2 Gramaticalização de <i>Vossa Mercê</i>	40
3.3.3 Pronomes de segunda pessoa no Brasil.....	44
3.3.4 Concordância verbal e preenchimento do sujeito.....	48
3.4 Estudos descritivos com dados da região Sul.....	53
3.4.1 Trabalhos prévios com dados da região Sul.....	54
3.4.2 Estudos descritivos usando o banco de dados VARSUL.....	62
3.5 Suporte teórico-metodológico.....	68
4 METODOLOGIA	
4.1 O Projeto VARSUL.....	72
4.2 Suporte quantitativo.....	76
4.3 Constituição da nossa amostra.....	79
4.4 Levantamento e codificação dos dados.....	82
4.5 Principais Hipóteses.....	84
4.6 Variáveis trabalhadas.....	86
4.6.1 Variáveis dependentes.....	87
4.6.2 Variáveis independentes.....	88

4.6.2.1 Variáveis lingüísticas.....	89
4.6.2.2 Variáveis sociais.....	110
4.7 Dados excluídos.....	117
5 ANÁLISE DA ALTERNÂNCIA PRONOMINAL <i>TU/VOCE'</i>	
5.1 Variação na comunidade <i>versus</i> variação no indivíduo.....	120
5.2 Variação no indivíduo.....	126
5.3 Rodadas estatísticas (variação na comunidade).....	130
5.3.1 Variáveis sociais selecionadas nas rodadas gerais (variação na comunidade).....	132
5.3.2 Variáveis lingüísticas selecionadas nas rodadas gerais (variação na comunidade).....	145
5.4 Rodadas estatísticas - variação no indivíduo.....	152
6 ANÁLISE DA CONCORDÂNCIA VERBAL COM O PRONOME <i>TU</i>	164
6.1 Variáveis sociais selecionadas nas rodadas gerais de concordância com o <i>tu</i> (variação na comunidade).....	166
6.2 Variáveis lingüísticas selecionadas nas rodadas gerais de concordância com o <i>tu</i> (variação na comunidade).....	176
6.3 Rodadas estatísticas - variação no indivíduo.....	192
7 ANÁLISE CONJUNTA DA ALTERNÂNCIA PRONOMINAL E DA CONCORDÂNCIA COM O PRONOME <i>TU</i>	208
8 CONCLUSÃO.....	215
9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	233
10 ANEXOS	
10.1 Codificação utilizada para os grupos de fatores.....	240
10.2 Características das localidades que compõem a amostra.....	243
10.2.1 Localidades do Rio Grande do Sul.....	243
10.2.2 Localidades de Santa Catarina.....	246
10.3 OS TROPEIROS	
10.3.1 O caminho do Sul.....	252
10.3.2 Vida de tropeiro.....	255
10.3.3 Cidades originadas da passagem dos tropeiros.....	258
10.3.4 O comércio de muares.....	260

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Formas de se dirigir ao interlocutor (cf. ABREU, 1987; RAMOS, 1989).....	57
Tabela 02 - Tu - Você/ Localidade (cf. Tabela 10 de GODOY, 1999:156).....	65
Tabela 03 - Usos dos pronomes <i>tu você</i> : distribuição pelos informantes das três capitais e das três cidades do interior de Santa Catarina.....	67
Tabela 04 - Distribuição de <i>tu você</i> por sexo e faixa etária nas capitais do Sul do Brasil.....	121
Tabela 05 - Distribuição de <i>tu você</i> por sexo e faixa etária em Lages, Blumenau, Chapecó e Ribeirão.....	122
Tabela 06 - Distribuição de <i>tu você</i> por sexo e faixa etária em Flores da Cunha, Panambi e São Borja.....	123
Tabela 07 - Usos dos pronomes <i>tu você</i> : distribuição pelos informantes das localidades comportadas na amostra.....	127
Tabela 08 - Distribuição dos informantes, segundo utilizem um ou dois pronomes de segunda pessoa - em número de falantes.....	128
Tabela 09 - Alternância <i>tu você</i> por localidade.....	133
Tabela 10 - Localidade e sexo.....	135
Tabela 11 - Cruzamento entre <i>sexo e localidade</i> (Porto Alegre, Florianópolis e Ribeirão).....	136
Tabela 12 - Cruzamento entre <i>sexo e localidade</i> (Chapecó, Blumenau e Lages).....	137
Tabela 13 - Cruzamento entre <i>sexo e localidade</i> (Flores da Cunha, Panambi e São Borja).....	138
Tabela 14 - Localidade e faixa etária.....	140
Tabela 15 - Cruzamento entre faixa etária e localidade.....	141
Tabela 16 - Localidade e escolaridade.....	142
Tabela 17 - Cruzamento entre escolaridade e localidade.....	143
Tabela 18 - Gênero de discurso e localidade.....	145

Tabela 19 - Determinação do discurso em Florianópolis, Porto Alegre, Ribeirão e nas três cidades do interior do Rio Grande do Sul.....	148
Tabela 20 - Explicitação do pronome em Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão.....	150
Tabela 21 - Alternância de pronomes em Flores da Cunha, Panambi e São Borja.....	151
Tabela 22 - Uso de <i>tu</i> e <i>você</i> pelos informantes de Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão.....	153
Tabela 23 - Uso de <i>tu</i> e <i>você</i> pelos informantes de Flores da Cunha, Panambi e São Borja.....	157
Tabela 24 - Uso de <i>tu</i> e <i>você</i> pelos informantes de Chapecó, Blumenau e Lages.....	160
Tabela 25 - Concordância com o <i>tu</i> por localidade.....	167
Tabela 26 - Concordância e <i>faixa etária</i> em Florianópolis, Porto Alegre, Ribeirão e as cidades do interior do RS.....	169
Tabela 27 - Concordância e <i>escolaridade</i> em todas as localidades da amostra.....	171
Tabela 28 - Cruzamento entre <i>escolaridade</i> e <i>localidades</i>	173
Tabela 29 - Concordância e variável <i>sexo</i> em Chapecó, Blumenau e Lages.....	175
Tabela 30 - Concordância e <i>tipo de interlocução</i> em todas as cidades da amostra.....	176
Tabela 31 - Concordância e <i>explicitação do pronome</i> em todas as cidades da amostra.....	179
Tabela 32 - Concordância e <i>tempo verbal</i> em Florianópolis, Porto Alegre, Ribeirão e nas três cidades do interior do RS.....	182
Tabela 33 - Cruzamento entre <i>tempo verbal</i> e <i>presença ausência</i> <i>de pronomes</i> em todas as localidades da amostra.....	186
Tabela 34 - Concordância e <i>paralelismo</i> em todas as cidades da amostra.....	188
Tabela 35 - Concordância e <i>gênero de discurso</i> em todas as cidades da amostra.....	191
Tabela 36 - Uso da concordância verbal com o pronome <i>tu</i> pelos informantes de Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha.....	193
Tabela 37 - Uso da concordância verbal com o pronome <i>tu</i> pelos informantes de Flores da Cunha, Panambi e São Borja.....	198

Tabela 38 - Uso da concordância verbal com o pronome <i>tu</i> pelos informantes de Chapecó, Blumenau e Lages.....	203
Tabela 39 - Alternância <i>tu você versus</i> concordância verbal com o <i>tu</i> por localidade.....	208
Tabela 40 - Alternância <i>tu você</i> com todas as localidades na mesma rodada.....	210

LISTA DE QUADROS E DE GRÁFICOS

Quadro 01 - Casos e pronomes do latim (cf. CRETELLA JÚNIOR, 1958:32).....	28
Quadro 02 - Pronomes pessoais sujeito nas GTs.....	34
Quadro 03 - Formas de tratamento para se dirigir ao monarca (reprodução do Quadro 1 de SANTOS LUZ (1956:112)).....	38
Quadro 04 - Pronomes pessoais sujeito em uso.....	48
Quadro 05 - Evolução nos paradigmas flexionais do português (reprodução da Tabela 1 de DUARTE, 1993:109).....	50
Quadro 06 - Distribuição dos informantes quanto à alternância <i>tu você</i>	80
Gráfico 1 - Uso do pronome <i>tu</i> por localidade, sexo e faixa etária, por número de informantes.....	124
Gráfico 2 - Uso do pronome <i>você</i> por localidade, sexo e faixa etária, por número de informantes.....	124
Gráfico 3 - Informantes com <i>tu você</i> por localidade, sexo e faixa etária, por número de informantes.....	125
Gráfico 4 - Alternância <i>tu você</i> por localidade e por número de ocorrências.....	214
Gráfico 5 - Concordância verbal com o pronome <i>tu</i> por localidade e por número de ocorrências.....	214

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo estudar o comportamento de duas regras variáveis: na primeira delas, analisamos de que forma se dá a alternância pronominal *tu/você* na fala de informantes do *corpus* VARSUL dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina e, deste estado, analisamos também informantes da localidade do Ribeirão da Ilha (*corpus* BRESCANCINI). Levantamos esta variável com o intuito de verificar se o *tu* está sendo substituído pelo *você* no Sul do Brasil. A segunda regra variável, (re)análise de LOREGIAN (1996), diz respeito à concordância verbal com o pronome *tu* nas localidades de Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha, às quais acrescentamos as três cidades do interior de Santa Catarina - Chapecó, Blumenau e Lages - e as três cidades do interior do Rio Grande do Sul - Flores da Cunha, Panambi e São Borja. Com esta segunda regra variável, objetivamos testar se a manutenção do *tu* é acompanhada ou não da marca verbal de segunda pessoa. Para o estudo dessas regras variáveis, foram analisadas 24 entrevistas de cada cidade de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul e 11 do Ribeirão da Ilha, totalizando 203 informantes, distribuídos em duas *faixas etárias* (25 a 49 anos; mais de 50 anos), três níveis de *escolaridade* (primário; ginásio; colegial) e *sexo* (masculino; feminino). O trabalho teve como suporte a metodologia variacionista, utilizada para descrever a variação e a mudança lingüística, com a utilização do pacote VARBRUL. No decorrer da análise, foram descritos os contextos lingüísticos e sociais que condicionam, de forma integrada, o comportamento sincrônico dos falantes quanto aos fenômenos de alternância pronominal e de concordância verbal. Os resultados dão conta da variação tanto na comunidade como no indivíduo e apontam na direção de que está havendo, por um lado, a manutenção do pronome *tu* como marca de identidade e de valores regionais, mas com uma forma verbal não-marcada e um maior preenchimento do pronome sujeito nas quatro cidades do Rio Grande do Sul e em Chapecó, Santa Catarina. Já os resultados de Florianópolis e Ribeirão da Ilha apontam no sentido de que a marca de identidade do ilhéu seja a presença de flexão verbal canônica de segunda pessoa. Por outro lado, os informantes de Lages, na rota dos tropeiros, e em menor escala os de Blumenau são os que estão mais avançados em direção ao uso de *só você*.

PALAVRAS-CHAVE: alternância *tu/você*; português do Sul do Brasil;
variação lingüística: concordância verbal de segunda pessoa: variação no indivíduo.

ABSTRACT

The present work has the aim of studying the behavior of two variable rules: in the first, it is analyzed the pronominal alternation *tu/você* in the speech of informants from Rio Grande do Sul and Santa Catarina VARSUL corpus and, in this last state, it is also analyzed the informants from Ribeirão da Ilha (BRESCANCINI'S corpus). We considered this variable in order to verify if *tu* is being substituted by *você* in the South of Brazil. The second variable rule, LOREGIAN'S (1996) (re)analysis, is about the *tu* pronoun verbal agreement rule in Florianópolis, Porto Alegre and Ribeirão da Ilha, to which we added three cities of Santa Catarina's countryside – Chapecó, Blumenau and Lages – and three cities of Rio Grande do Sul's countryside – Flores da Cunha, Panambi and São Borja. With this second variable rule, we aim to test whether the *tu* maintenance is or is not followed by the second person verbal mark. To the study of the two variable rules, it was analyzed 24 interviews from each city that constitute the Santa Catarina corpus and 24 interviews from each city that constitute the Rio Grande do Sul corpus and 11 interviews from the Ribeirão da Ilha corpus, adding 203 informants, distributed in two age levels (25 to 49; 50 or more), three levels of schooling (0-4 years; 5-8 years; 9-11 years) and sex (masculine; feminine). The work has the support of the variacionist methodology, used for describing the variation and linguistic change, with the use of the VARBRUL package. In the course of the analysis, it is detected the linguistic and social contexts that constrain in an integrated manner, the synchronic behavior of speakers concerning the pronominal alternation phenomenon and the verbal concord phenomenon. The results meet the requirements of the community and individual variation and indicate, on the one hand, *tu* pronoun maintenance as a mark of identity and of regional values, but with a non-marked verbal form and a greater fulfillment of the subject pronoun in the four cities of Rio Grande do Sul and in Chapecó, Santa Catarina. The Florianópolis and Ribeirão da Ilha results indicate that the mark of the islander identity is the presence of the second person canonic inflection. On the other hand, Lages informants, in the rout of the cattle drivers, and, on a minor scale Blumenau informants are the most advanced in the use of just *você*.

KEY WORDS: *tu/você* alternation; Southern Brazil Portuguese; linguistic variation; second person verbal concord; variation in the individual.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de investigações que vimos desenvolvendo no âmbito do projeto VARSUL, cujo envolvimento vem de longa data. Em 1990, quando se estava começando a coleta de dados das capitais, passamos a fazer parte da equipe de bolsistas de iniciação científica desse projeto, cujos pesquisadores dirigentes sempre tiveram como política estimular a pesquisa e fazer com que também os bolsistas sempre estivessem motivados não só a pesquisar, como a apresentar os resultados em congressos da área. Desse incentivo, em 1993 iniciamos um projeto-piloto de análise da concordância verbal com o pronome *tu* na fala de informantes do banco VARSUL de Florianópolis e Porto Alegre, que depois resultou em nossa dissertação de mestrado, conforme LOREGIAN (1996).

Tendo em vista a relevância da questão da concordância verbal com o *tu* e aos poucos estudos descritivos sobre esta temática, resolvemos efetuar uma reanálise da concordância apresentada em 1996 para Florianópolis, Porto Alegre e o Ribeirão da Ilha, bem como estender o estudo para as três cidades do interior de Santa Catarina – Chapecó, Blumenau e Lages – e às três cidades do interior do Rio Grande do Sul – Flores da Cunha, Panambi e São Borja – pertencentes ao banco VARSUL. Além disso, com o intuito de desenvolver uma pesquisa mais abrangente sobre os pronomes de segunda pessoa, decidimos incluir também a análise de uma outra regra variável – a alternância pronominal *tu/você* – para verificar até que ponto esses pronomes estão em uso no Sul.

A escolha das localidades deu-se em função de utilizarmos o banco de dados do Projeto VARSUL. Era nossa intenção primeira efetuar uma análise de todo o banco de dados. Não conseguimos concretizar tal intento por razões advindas dos próprios dados, uma vez que adotamos como principal critério que o pronome *tu* fosse utilizado pelos falantes, caso contrário não teríamos como dar seqüência às análises. Diante disso, já sabíamos – pela análise de 1996 – que em Curitiba não iríamos encontrar *tu*, uma vez que se usa como pronome de segunda pessoa o *você*, nesta capital.

Quanto às cidades do interior do Paraná – Irati, Londrina e Pato Branco – tínhamos uma suposição de que iríamos encontrar poucas ocorrências de *tu*. Só não tínhamos certeza disso com relação a Pato Branco, devido a sua colonização gaúcho-catarinense. No entanto, o trabalho de GODOY (1999) nos fez constatar que o interior do Paraná, assim como Curitiba, também não poderia fazer parte de nossa análise, uma vez que foram encontradas pouquíssimas ocorrências do pronome *tu*.

Em relação às demais cidades que fazem parte do banco VARSUL, já sabíamos como se comportavam Florianópolis e Porto Alegre em relação à concordância com o *tu*, pela análise efetuada em 1996. No entanto, não imaginávamos como seria o comportamento dessas localidades quanto à alternância *tu você*, fato que também motivou a análise dessa regra variável. Em relação às cidades do interior de Santa Catarina – Chapecó, Blumenau e Lages – tínhamos um certo conhecimento por termos auxiliado na coleta e transcrição dos dados¹ e sabíamos que o pronome *tu* seria encontrado nessas localidades, mas não em que dimensões.

Por serem cidades do Rio Grande do Sul – em que o *tu* parece caracterizar-se como uma marca lingüística – acreditávamos que o pronome *tu* seria utilizado pelos falantes de Flores da Cunha, Panambi e São Borja. Além disso, até então nenhum estudo, com dados do banco VARSUL, havia sido feito nestas localidades a respeito dos pronomes de segunda pessoa.

Os dados do Ribeirão da Ilha foram coletados por Cláudia Brescancini, para efetuar sua dissertação de mestrado. Tendo em vista o fato de a termos acompanhado em algumas gravações e constatado *in loco* as características açorianas dos falantes e o maciço uso de *tu*, decidimos (já em 1996) incluir na análise também esta localidade. Nesta (re)análise, optamos por manter os falantes do Ribeirão principalmente para testar a questão da alternância *tu você*. No entanto, a amostra agora analisada não é exatamente a mesma que foi analisada em nossa dissertação de mestrado, haja vista que desta vez optamos por

¹ Participamos da coleta, da transcrição e digitação dos dados de Florianópolis, Chapecó e Lages. Quando se deu a coleta de Blumenau, já estávamos cursando o mestrado, na UFSC.

analisar as mesmas faixas etárias já disponíveis do VARSUL² – 25 a 49 anos e mais de 50 anos – e, em 1996, analisamos também alguns informantes do Ribeirão da Ilha da faixa etária de 15 a 24 anos, o que somou, na época, 12 informantes.

Decidida esta primeira etapa – a da seleção das localidades, o próximo passo consistiu em levantar os dados. Assim, para o estudo de nossas duas regras variáveis, foram analisadas 24 entrevistas de cada cidade de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul (pertencentes ao banco VARSUL) e 11 do Ribeirão da Ilha (*corpus* Brescancini), totalizando 203 informantes, distribuídos em duas *faixas etárias* (25 a 49 anos e mais de 50 anos), três níveis de *escolaridade* (primário, ginásio e colegial) e *sexo* (masculino e feminino).

O trabalho tem como suporte a metodologia variacionista, utilizada para descrever a variação e a mudança lingüística, com o objetivo de analisar de que forma se processa a escolha de *tu* ou *você* para estabelecimento da referência de segunda pessoa pelo falante. Ou melhor, pretendemos verificar em que contextos o falante de nossa amostra usa *tu* ou *você* e em que medida se dá essa alternância pronominal. Com isso, esperamos medir se o pronome *você* está avançando ou não dentro da comunidade lingüística em estudo, como se tem afirmado muitas vezes. Além disso, objetivamos analisar de que forma se processa a concordância verbal com o pronome *tu* no sul e, da mesma forma que na análise da alternância, verificar qual a sua distribuição na amostra.

Objetivamos também retomar a discussão, iniciada por MENON & LOREGIAN-PENKAL (2002), a respeito de controlar se a variação está se dando na comunidade ou no indivíduo, bem como pretendemos verificar se há indícios de mudança nas comunidades pesquisadas e discutir algumas corriqueiras afirmações de que: “o pronome *você* está substituindo o pronome *tu* no Português do Brasil” (doravante PB), e também que “o pronome *tu* é utilizado com verbos na terceira pessoa”, entre outras.

² O projeto estendeu posteriormente a coleta para informantes jovens (15 a 24 anos) e a informantes universitários, nas capitais. No entanto, como as entrevistas ainda não estavam transcritas, não pudemos contar com esta parte do banco.

Assim, duas hipóteses gerais nortearam o trabalho:

1. Estaria havendo a manutenção do pronome *tu* como *marca de identidade e de valores regionais*, mas sem a marca de segunda pessoa nos verbos que acompanham o pronome *tu*, com a consequência de se ter maior preenchimento do pronome sujeito (cf. MENON, 2000).
2. As localidades representativas da etnia açoriana – Ribeirão da Ilha e Florianópolis – apresentariam maior uso da flexão canônica de segunda pessoa no verbo que as demais localidades da amostra. Diante disso, defendemos a hipótese de que, juntamente com a flexão canônica modificada³ do pretérito perfeito *-sse* (cf. *tu falasse*), a flexão canônica do verbo (e não a explicitação do *tu*) seja a marca lingüística de identificação do ilhéu açoriano.

O trabalho encontra-se estruturado da seguinte maneira: na seção *Objeto de Estudo*, procuramos discutir e exemplificar as nossas duas regras variáveis em estudo. Na seqüência, apresentamos a *Revisão da Literatura*, cuja tônica consiste em apresentar e discutir os principais conceitos envolvidos no trabalho. Além disso, apresentamos neste capítulo alguns dos principais trabalhos que abordaram as regras variáveis em estudo, com ênfase aos trabalhos realizados com dados da região Sul.

A seção seguinte aborda a *Metodologia de estudo*, em que apresentamos algumas informações a respeito do Projeto VARSUL; comentamos também acerca do suporte quantitativo que norteia este trabalho e destacamos o processo empreendido na seleção dos dados, como: constituição da amostra; procedimentos para o levantamento e codificação dos dados; dados excluídos e procedemos à apresentação e discussão das variáveis incluídas neste estudo, bem como das expectativas e hipóteses em relação às variáveis levantadas.

Temos, logo a seguir, a *Análise dos Dados*, em cuja seção apresentamos primeiramente os resultados atribuídos à alternância pronominal *tu/você*, e, além de propor

³ A respeito dessa flexão, remeto ao item Objeto de Estudo.

a discussão dos resultados dos grupos de fatores selecionados como estatisticamente relevantes pelo programa VARBRUL, vamos também apresentar de que forma se encontra distribuída a amostra em termos de variação na comunidade e variação no indivíduo. No capítulo seguinte vamos apresentar, nos moldes da alternância, a análise dos resultados de nossa segunda regra variável em estudo: a concordância verbal com o pronome *tu* e, na seqüência, faremos uma breve discussão conjunta dos principais resultados atribuídos às duas regras variáveis em estudo, retomando, inclusive, as principais hipóteses apresentadas ao longo do trabalho.

Na *conclusão*, efetuamos a retomada dos principais resultados obtidos e apresentamos as principais limitações deste trabalho, assim como apontamos outros possíveis trabalhos a serem efetuados com dados da região Sul.

Por fim, nos *Anexos* deste trabalho encontra-se a codificação utilizada para os grupos de fatores, bem como algumas características sociais a respeito das localidades que compõem a amostra. Além disso, por acreditarmos que no rastro dos tropeiros, além de outras influências lingüísticas, possa ter sido propagado o uso do pronome *você*, fizemos um breve resgate histórico/social da saga dos tropeiros da rota Sorocaba – Viamão.

2. OBJETO DE ESTUDO

A existência de variações lingüísticas e de estruturas heterogêneas na língua das comunidades investigadas é uma realidade completamente estabelecida.

(LABOV, 1972b)

Neste trabalho, efetuamos uma *(re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região Sul*, em que retomamos, inicialmente, o estudo desenvolvido por LOREGIAN (1996), quando foi desenvolvida uma análise preliminar de descrição da concordância verbal com o pronome *tu* na fala de informantes de Porto Alegre, Florianópolis e Ribeirão da Ilha.

Agora, na *(re)análise*, estamos nos propondo a efetuar a análise de duas regras variáveis. Na primeira delas, vamos analisar de que forma se dá a alternância pronominal *tu/você* na fala dos informantes do *corpus* VARSUL. Na seqüência, vamos efetuar uma reanálise da concordância verbal com o pronome *tu* nas localidades estudadas em 1996 e incluir as três cidades do interior de Santa Catarina – Chapecó, Blumenau e Lages – bem como as três cidades do interior do Rio Grande do Sul - Flores da Cunha, Panambi e São Borja.

No terceiro estado pertencente ao banco de dados VARSUL – o Paraná – LOREGIAN (1996) constatou que em Curitiba não há ocorrências de *tu* e nas três cidades do interior – Irati, Londrina e Pato Branco – a ocorrência desse pronome é muito pouco freqüente. De acordo com GODOY (1999), há somente 40 ocorrências desse pronome (sendo 30 em Pato Branco, 06 em Londrina e 04 em Irati; das quais 34 são de indeterminação do sujeito⁴) e todas elas sem variação na concordância (todos os falantes utilizaram o pronome *tu* sem a marca canônica de segunda pessoa no verbo). Diante disso, e tendo em vista as regras variáveis que vamos analisar, optamos por não incluir na análise dos dados essa parte do banco.

⁴ GODOY menciona somente as 34 ocorrências de indeterminação, objeto de estudo de sua dissertação. A informação a respeito do número total de ocorrências nos foi passada via comunicação pessoal.

Para visualizarmos melhor de que forma se apresenta nosso objeto de estudo, apresentamos, na seqüência, como se constituem nossas duas regras variáveis apresentadas acima.

2.1. Alternância pronominal *tu/você*

Em relação à nossa primeira regra variável, constatamos exemplos como em (1) abaixo em que há ocorrências em que só aparece o pronome *tu*, sem haver a alternância com o pronome *você*:

(1) - [...] porque *tu tens* que corrê⁵ em supermercado. Ø *tens* que corrê pra promoção. Então *tu tens* que me dá o dinheiro da compra. (RIB 03 MAGIN⁶).

As ocorrências, conforme o exemplo (1), apresentaram-se tanto com o pronome *tu* explícito quanto ausente, mas com a respectiva flexão canônica de segunda pessoa. Quando tal flexão não ocorria, tomamos o cuidado de controlar por período, como ocorre no exemplo (2), ou seja, o pronome *tu* deveria necessariamente aparecer antes da ocorrência sob análise e, para considerarmos a forma como pertencente ao *tu*, não poderia haver alternância com o pronome *você* no mesmo período.

(2) - *tu parte*Ø o bolo, Ø *bota*Ø o recheio e depois *tu coloca*Ø o Leite Moça por cima e Ø *salpicas* com amendoim. Uma delícia. (FLP 11 FAGIN - 0975)

Por outro lado, também encontramos ocorrências (raras, na verdade) em que só aparece no mesmo turno (isto é, na mesma fala do entrevistado) o pronome *você*, como

⁵ Nas ocorrências em que se verifica o processo de *apócope*, registramos os verbos da primeira conjugação com acento agudo (cf. cantá; estudá, etc.), os da segunda com acento circunflexo (cf. corrê; entendê, etc.) e para os da terceira só registramos a ausência do -r (cf. parti; fugi, etc.).

⁶ Essa codificação equivale às informações sociais dos informantes. Portanto, primeiramente aparecerá a *localidade* (FLP: Florianópolis; RIB: Ribeirão da Ilha; POA: Porto Alegre; CHA: Chapecó; BLU: Blumenau; LAG: Lages; FLC: Flores da Cunha; PAN: Panambi e SBO: São Borja); em seguida aparecerá o *número da entrevista* (que pode ser de 01 a 24); o *sexo* (M: masculino; F: feminino); a *idade* (A: 25 a 49 anos; B: mais de 50 anos); o *grau de escolaridade* (PRI: primário; GIN: ginásio; COL: colegial) e, por último, com exceção das entrevistas do RIB que não estão transcritas, apontamos o número da linha de onde o exemplo foi retirado.

pode ser constatado no exemplo (3), em que esse pronome, a exemplo do *tu*, aparece tanto explícito quanto apagado. Para essa análise, tomamos as mesmas precauções descritas para o pronome *tu*, ou seja, o pronome *você* deveria aparecer explícito no mesmo período para considerarmos a forma como pertencente ao *você*.

(3) - hoje *você* não consegue mais o mel puro. *você* consegue é mel açucarado. *Você* passa lá o cara diz: “Óh, mel puro!” Ai *você* compra, ☉ *deixa* dois dias na geladeira, só tem açúcar. (FLP 02 MAPRI - 0753).

Note-se que as ocorrências do pronome *você*, no exemplo (3) e também em (4) adiante, são todas de indeterminação do referente. Fato que será testado neste trabalho e que evidencia a afirmação de MENON e LOREGIAN-PENKAL (2002) de que o contexto mais vulnerável de entrada do pronome *você*, no sistema dos falantes que têm *tu*, está se dando, principalmente, via indeterminação.

Por fim, há ocorrências – que justificam a escolha de nossa primeira regra variável – em que se constata a alternância pronominal, como pode ser verificado no exemplo (4), em que tanto o pronome *tu*, quanto o *você* são utilizados pelo falante, no mesmo turno.

(4) - [...] *você tem* que ir até o fim. *Você não pode* dizer: “Ah, não, *tu vais* é morrer”. Não, *você chega* lá dizendo: “Não, isso ai ainda vai te reabilitá” e coisa, hã? *Você não pode* dizer pra pessoa: “☉ já *tais*⁷ morta”. Isso não se faz. (FLP 02 MAPRI - 0609)⁸.

⁷ Discutiremos esse uso na sequência.

⁸ Veja-se que a falante em questão usa o pronome *você* quando o discurso é indeterminado. Já quando ela se dirige a um interlocutor, usa *tu*.

2.2. Concordância verbal com o pronome *tu*

A segunda regra variável que foi (re)analisada em nosso trabalho, diz respeito à concordância verbal com o pronome *tu* e se apresenta de acordo com as formas (a), (b) e (c), abaixo, e com seus respectivos exemplos.

(a) **Forma canônica** - é a forma prevista tradicionalmente para a segunda pessoa, que pode aparecer com e sem o pronome *tu*, como em (5) e (6):

(5) - então o meu tio Moacir, que era irmão do meu pai e pai dela, aí me chamou: “Maurício, *tu trabalhas* no SESI das sete a uma da tarde e tal, será que à tarde *tu não podias* ficar com a Maria Helena?”. (FLP 23 MBCOL - 0500)

(6) - porque criança tranca tudo, Ø não *podes* tá saindo pra tudo que é lugar porque Ø não *tens* com quem dexá. (RIB 10 FACOL)

(b) **Forma canônica modificada**: em que se verifica – em verbos conjugados no pretérito perfeito do indicativo – a atuação de processos fonológicos como *assimilação progressiva* do [s] sobre o [t], em que de: *falaste* > *falasse*; *viste* > *visse*, etc. (cf. MENON e LOREGIAN-PENKAL, 2002):

(7) - eu tava assistindo semana passada aquele Canal Livre. Não sei se *tu chegasse* a assisti ou Ø *escutasse* no caso. (FLP 19 MACOL - 1381).

Ocorrem também outros processos fonológicos, que não ficam restritos aos verbos no pretérito perfeito – como *aférese*: *estás* > *tás*, em que se verifica a redução de fonemas no início da palavra, fenômeno não exclusivo dos informantes de nosso *corpus*, por ser uma variação fonológica geral do PB.

(8) - aí ele assim: “Onde é que *tu vas* trabalhá? Não *tás* trabalhando não? *Tu devias* i trabalhá!” (RIB 11 FBCOL).

Verifica-se, no entanto, conforme ocorrência sublinhada no exemplo (8), alguns processos que são característicos de nossos informantes. Por exemplo, em Florianópolis e no Ribeirão da Ilha há ocorrências de *síncopes*, como em: *vais* > *vas* (em que, além da supressão do [i] se dá também a *palatalização*⁹ [s] > [ʃ]).

Constata-se também maior ocorrência de verbos com *epêntese* nos informantes de Florianópolis e do Ribeirão que nos informantes do Rio Grande do Sul, como pode ser conferido no exemplo (9):

(9) - eu disse: "pra mim *tu éis* uma pessoa como tantas e eu acho que se *tu táis* aqui é porque *tu viesse* a procura de alguma coisa" (RIB 10 FACOL).

(c) **Forma não-marcada** - é a forma verbal desprovida de morfema específico de pessoa, como em (10) e (11), em que a pessoa gramatical é, necessariamente, marcada pelo pronome *tu*, tendo em vista que essa forma verbal é idêntica à de outras pessoas.

(10) - mas se *tu éØ* simpática, se *tu éØ* bem dada. *tu fazØ*¹⁰ amizade logo com todo mundo (FLC 03 FAPRI - 0906).

(11) - é, *tu cria* um animal, *tu vai* abatê aquele animal, *tu vai* aproveitá tudo que *tu pudé*, né? porque *tu sabe* o teu trabalho. (SBO 09 FAPRI - 0173)

Portanto, conforme já foi evidenciado, em uma primeira etapa será efetuada a retomada dos dados das três capitais e o levantamento dos dados das outras cidades¹¹ para verificar quais formas pronominais são utilizadas para estabelecer a referência do sujeito de segunda pessoa na fala da Região Sul. Assim, conforme nos ensina LABOV (1972), iremos verificar até que ponto *a existência de variações lingüísticas e de estruturas heterogêneas na língua das comunidades investigadas é uma realidade completamente*

⁹ Nessas duas localidades verifica-se que as ocorrências de /s/ pós-vocálico são realizadas, majoritariamente, como fricativas palato-alveolares.

¹⁰ Daqui em diante não apontaremos mais a forma verbal que se apresenta sem marca canônica de segunda pessoa. Continuaremos marcando com Ø somente as ocorrências que aparecem sem o pronome sujeito.

¹¹ Quanto aos dados do interior de Santa Catarina (Chapecó, Blumenau e Lages), aproveitaremos o levantamento feito por MENON e LOREGIAN-PENKAL (2002).

estabelecida em relação à segunda pessoa. Iremos também verificar se há indícios de mudança, nas comunidades pesquisadas, e discutir a afirmação corriqueira de que *o pronome você está substituindo o pronome tu no PB*. Algumas pessoas, inclusive, chegam a afirmar e até a datar o período em que o *você* substituiu o *tu* no PB (cf. adiante na revisão da literatura).

Em um segundo momento, a análise irá se restringir à forma pronominal *tu* e respectiva concordância verbal na fala da Região Sul, com o intuito de estabelecer os fatores condicionantes da variação flexional do verbo, e, em especial, verificar de que forma está se dando a variação/mudança no indivíduo, análise não efetuada por LOREGIAN (1996) e parcialmente efetuada por MENON e LOREGIAN-PENKAL (2002). Nesta parte, vamos também discutir afirmações corriqueiras como: “*o pronome tu é utilizado com verbos de terceira pessoa*”, entre outras.

O trabalho teve como suporte a metodologia laboviana, utilizada para descrever a variação e a mudança lingüística. Foram analisadas 24 entrevistas de cada cidade de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul (pertencentes ao banco VARSUL) e 11 no Ribeirão da Ilha (*corpus* Brescancini¹²), totalizando 203 informantes.

Os dados foram levantados e codificados de acordo com as normas para a utilização do programa computacional VARBRUL II, versão 1988, desenvolvido por Susan Pintzuk. A codificação levou em conta fatores lingüísticos e sociais. O cruzamento dos fatores forneceu resultados estatísticos que foram interpretados e analisados qualitativamente.

Por fim, este trabalho se propõe a analisar não só a variação entre *tu* e *você*, bem como a presença ou ausência desses pronomes e ainda a concordância verbal envolvendo o pronome *tu*, numa amostra dos anos 90, da fala sulista. Pretende, assim, contribuir para a composição de um quadro geral dos pronomes pessoais em uso no português contemporâneo e também fornecer dados lingüisticamente importantes para a descrição do sistema de concordância em uso no Sul do país.

¹²Cláudia Brescancini coletou 25 entrevistas no RIB para efetuar sua dissertação de mestrado, em 1995/96 (cf. BRESCANCINI, 1996). No entanto, ela não objetivava uma amostra estratificada, daí só conseguirmos utilizar 11 entrevistas (aquelas que possuíam as mesmas características sociais das entrevistas do VARSUL).

3. REVISÃO DA LITERATURA

*Se tratam a Deus por tu.
E chamam a El-Rei por vós
Como chamaremos nós
Ao juiz de Iguaraçu?
Tu, e vós, e vós e tu.
(Gregório de Matos)*

3.1. O conceito de pronome

Com o intuito de entender melhor o objeto de estudo deste trabalho, os pronomes pessoais sujeito de segunda pessoa do singular, teceremos algumas considerações a respeito da problemática do conceito atribuído ao pronome nas gramáticas tradicionais e também em alguns estudos descritivos que abordaram este tema.

Etimologicamente o termo pronome nos remete ao latim *pronomen* em que há a junção da preposição *pro* mais o substantivo *nomen* e cujo significado é: “*em lugar do nome*”. Tal acepção tem sido objeto de muitas reflexões e equívocos, uma vez que tem sido invariavelmente (salvo pequenas variações) aplicada às definições das gramáticas tradicionais (*doravante* GTs).

Consultando algumas GTs, verificamos que ALMEIDA (1985:170), por exemplo, define pronome como *a palavra que ou substitui ou pode substituir um substantivo*. Tal conceito pouco diverge em SACCONI (1986:171), que afirma: *pronome é a palavra que substitui ou acompanha um substantivo*.

Nos dicionários consultados o panorama não é diferente, uma vez que buscam sua classificação nas GTs. O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa registra no verbete pronome: “[do lat. *pronomen*]. S.m. Palavra que substitui o substantivo, ou que o acompanha para tornar-lhe claro o significado”.

A divergência encontrada em ALMEIDA, por um lado, e em SACCONI e no dicionário AURÉLIO, no entanto, é altamente relevante. Observa-se que o primeiro gramático apenas menciona o fato de que os pronomes são substitutos, ou têm somente função *anafórica*; enquanto os dois últimos já admitem, embora timidamente, que o pronome pode também *acompanhar um substantivo*, exercendo função *dêitica*¹³.

Também SAID ALI, no começo do século XX, já alertava sobre o inconveniente dessa classificação de pronome somente como substituto do nome substantivo. De acordo com ele:

Por muito sugestivo que seja o termo, não satisfaz, contudo, à ciência da linguagem definir o pronome como palavra supridora do nome substantivo. Nada autoriza a crer que o homem, ao designar pela primeira vez os seres por meio de nomes com que os distinguir uns dos outros, se lembrasse ao mesmo tempo de criar substitutos para êsses nomes. (1966:92)¹⁴

Outros estudiosos também questionaram essa classificação de pronome como substituto do nome, MONTEIRO (1994:29), por exemplo, aponta três problemas cruciais nessa definição: (i) nem todos os pronomes funcionam como substitutos; (ii) os que exercem essa função nem sempre substituem substantivos e (iii) há expressões substitutivas que não se classificam necessariamente como pronomes.

Em relação aos problemas apontados, Monteiro observa que embora os pronomes *eu, nós (a gente) / tu (você), vós (vocês)* não possuam valor substitutivo e sim valor essencialmente dêitico, ainda assim são classificados pela grande maioria das GTs como pronomes substantivos. Além disso, os pronomes, mesmo quando assumem função de substitutos, nem sempre aparecem substituindo substantivos. Há várias situações em que os pronomes substituem, por exemplo, orações inteiras, um verbo, um adjetivo ou um

¹³De acordo com DUBOIS (1991: 168) a dêixis é um modo particular de atualização que usa ou o gesto ou termos da língua (chamados dêiticos) com o intuito de o sujeito referir o seu enunciado ao momento da enunciação, aos participantes na comunicação e ao lugar em que o enunciado se produz. Quanto à diferença entre dêixis e anáfora, MONTEIRO (1994: 46) aponta que esta reside em dois pontos: na fonte de informação (a dêixis remete para a situação extralingüística e a anáfora para o interior do contexto lingüístico) e no tipo de relação com o referente (enquanto na dêixis este é indicado de modo direto, na anáfora opera-se de fato uma substituição e o referente é designado previamente por um outro sintagma nominal).

¹⁴Vale lembrar que a primeira edição é de 1921/1923.

advérbio. Vejamos, abaixo, os exemplos (a), de MONTEIRO (1994:29): (b), (c) e (d) que são nossos:

(a) - Eu deveria *sabê-lo*, tantas foram as vezes que eu li. (164.RJ.DID.M.I.)

(b) - Este menino foi *àquela casa*.

(c) - Este menino foi *lá*.

(d) - Mário e Luís são primos. *Os dois* brigam muito.

No exemplo (a), acima, o pronome *o* não está em lugar de um nome, mas sim aparece retomando todo um discurso proferido anteriormente. Já em (b) temos uma locução ou sintagma preposicionado *àquela casa* (composta de pronome + substantivo) que pode ser substituída, como em (c), pelo advérbio *lá*; e em (d) quem exerce função anafórica é o numeral *dois*, o que mostra que a capacidade de substituição não é exclusiva dos pronomes.

Diante de exemplos como os citados, autores como MONTEIRO se baseiam em JESPERSEN (1924:82), segundo o qual a idéia de que um pronome é um substituto para um nome é inadequada. Este autor prefere falar em *pro-nomes*, *pró-adjetivos*, *pró-advérbios*, *pró-infinitivos*, *pró-verbos* e *pró-sentenças*, em que, de acordo com esse raciocínio, a propriedade de substituição deveria estender-se a um conjunto de palavras substitutas e não ficar restrita ao pronome.

Já JESPERSEN se baseia, muito provavelmente, em autores do século XV como SANCTIUS, que considerava os pronomes como pertencendo ao campo dos nomes e afirmava que *antes de possuir um nome, toda coisa era chamada "isto" ou "aquilo". É porque, sendo os pronomes mais antigos que os nomes, não se deveria chamá-los de "pronomes". Por isso, quando eu digo eu não se pode compreender que seja outra pessoa senão eu.* (SANCTIUS:111, *apud* MENON, 1989:6).

Portanto, conforme exemplificamos em (c) e (d), acima, outras classes como os advérbios e numerais também apresentam característica substitutiva e nem por isso são classificados como pronomes, fato que denota a inadequação da definição etimológica de

pronome e que a substituição por si só não basta para definir tal classe. Ou seja, a definição etimológica de pronome precisaria dar lugar a uma reflexão mais aprofundada sobre a verdadeira natureza dos pronomes. quer dizer, sobre o significado e as funções que esse tipo de vocábulo exerce no enunciado.

Todavia, a questão da classificação do termo pronome é apenas um dos pontos “problemáticos” das classificações das GTs visto que, atendo-nos à questão pronominal, há vários outros, como ocorre com a classificação dos pronomes pessoais e com a definição da categoria de pessoa, que serão vistos na seqüência.

3.2. Os pronomes pessoais (evolução do latim ao português)

Para compreender a composição do paradigma dos pronomes pessoais do português, resolvemos verificar como era o sistema de pronomes do latim. Sabemos que nessa língua havia formas específicas para indicar o falante (1ª pessoa) e o ouvinte (2ª pessoa), mas não existia forma específica de pronome pessoal de terceira pessoa. Vejamos abaixo como CRETTELA JÚNIOR (1958:31-32) apresenta o quadro latino:

Quadro 1 - Casos e pronomes do latim (reprodução do Quadro 3 de CRETTELA Jr.)

Para a primeira pessoa do singular e plural:		
CASOS	SINGULAR	PLURAL
Nominativo	<i>Ego</i> : eu	<i>Nos</i> : nós
Genitivo	<i>Mei</i> : de mim	<i>Nostrum</i> : dentre nós <i>Nostri</i> : de nós
Dativo	<i>Mihi</i> : a mim ou para mim	<i>Nobis</i> : a nós, para nós
Ablativo	<i>Me</i> : comigo, por mim	<i>Nobis</i> : por nós, de nós
Acusativo	<i>Me</i> : me	<i>Nos</i> : nos
Para a segunda pessoa do singular e plural:		
CASOS	SINGULAR	PLURAL
Nominativo	<i>Tu</i> : tu	<i>Vos</i> : vós
Vocativo	<i>Tu</i> : ó tu!	<i>Vos</i> : vós
Genitivo	<i>Tui</i> : de ti	<i>Vestrum</i> ou <i>vestri</i> : de vós
Dativo	<i>Tibi</i> : a ti, para ti, te	<i>Vobis</i> : a vós, para vós, vos
Ablativo	<i>Te</i> : de ti, por ti	<i>Vobis</i> : de vós, por vós
Acusativo	<i>Te</i> : te	<i>Vos</i> : vos

Em relação à terceira pessoa, a língua latina não possuía uma forma pronominal específica para indicar os elementos exteriores ao falante e ao ouvinte (ditos de terceira pessoa), conforme demonstrado no quadro acima para a primeira e segunda pessoas. Para tanto, *a flexão verbal indicava quando o sujeito não era nem o ouvinte nem o falante, e a especificação desse sujeito era feita pelo respectivo nome substantivo ou por um pronome demonstrativo em função do campo mostrativo da comunicação.* (MATTOSO CÂMARA, 1979:91).

Portanto, os pronomes demonstrativos supriam em latim, juntamente com os nomes substantivos, a ausência de uma forma específica de pronome de terceira pessoa. Havia, então, em latim um sistema de demonstrativos, cujos principais encontram-se elencados abaixo:

1. *is, ea, id* (este, esta, isto).
 2. *hic, haec, hoc* (este, esta, isto).
 3. *ille, illa, illud* (aquele, aquela, aquilo).
 4. *iste, ista, istud* (esse, essa, isso).
 5. *ipse, ipsa, ipsum* (o mesmo, a mesma; ele próprio, ela própria).
 6. *idem, eadem, idem* (o mesmo, a mesma).
- (CRETTELA JÚNIOR, 1958:36)

De acordo com MATTOSO CÂMARA (1979:92-93), na evolução do latim para o português, bem como nas demais línguas românicas, *o sistema de pronomes pessoais se ampliou com a emergência de uma série de 3ª pessoa.* De acordo com o autor, esse novo papel coube, então, ao pronome *ille* que teve seu valor dêitico enfraquecido e, com isso, perdeu a característica de *se reportar diretamente ao mundo bio-social que envolvia a comunicação lingüística: ille (“aquele que vê ali”, e não – “ele”) currit.*

No entanto, cumpre fazer a ressalva de que nas línguas românicas, em comparação ao latim, ao invés de uma ampliação ocorreu, de fato, uma redução¹⁵ no sistema de formas para indicar a terceira pessoa, uma vez que, conforme elencado acima, havia em latim uma série de demonstrativos que eram utilizados para a terceira pessoa e apenas uma dessas

¹⁵Tal redução quantitativa no quadro de formas dos demonstrativos está ligada a um ganho qualitativo: a forma *ille* não tem o seu valor dêitico enfraquecido, mas ganha outros valores (anafóricos), servindo a uma gama maior de construções.

formas – o demonstrativo *ille* – passou a ser o pronome de terceira pessoa do português, dando origem ao pronome sujeito *ele*, assim como a forma *illu[m]*, cuja evolução compreende os estágios: *illu[m]* > *ello* > *lo* > *o* deu origem ao pronome objeto *o* e ao artigo *o*.

Essa forma de terceira pessoa, assim como a primeira (*ego*) e a segunda (*tu*), em português, no entanto, não passaram a constituir uma classe unitária, pois há diferenças que opõem as duas primeiras pessoas à terceira. Tal oposição centra-se, justamente, na categoria de pessoa, conforme veremos a seguir.

3.2.1. A categoria de pessoa

As GTs nos ensinam que os pronomes são caracterizados pela noção de pessoa gramatical e são os pronomes ditos pessoais que possuem como função básica indicar tal noção. Herdada da terminologia gramatical greco-latina – do latim *persona* (com o sentido de “máscara”, “papel”) – a noção de personalidade caracteriza-se, conforme veremos, em um legado bastante problemático em termos conceituais.

De acordo com NEVES (2002:44), Dionísio o Trácio – responsável pela primeira gramática sistematizada da língua grega (séc. II a.C.) – foi o primeiro gramático a falar das pessoas do discurso e o fez quando da definição de verbo, indicando que as pessoas eram três e foram definidas a partir do discurso:

- 1ª - a que fala (de quem parte o discurso);
- 2ª - aquela a quem se fala (a quem se dirige o discurso);
- 3ª - aquela de quem se fala (sobre quem é o discurso).

Para ROBINS (1979), a gramática de Dionísio o Trácio merece destaque por ter sido um registro da língua de um povo que teve grande influência na construção do pensamento ocidental. Afirma também que o modelo de descrição gramatical grego foi

aplicado ao latim. Portanto, é da cultura grega que nossa tradição gramatical recebeu as maiores influências.

Logo, a definição que Dionísio o Trácio estipulou para as partes do discurso pode ser encontrada na íntegra e/ou com pequenas variações também na grande maioria das GTs da atualidade. CEGALLA (1985:151), por exemplo, apresenta-a da seguinte maneira:

- *primeira pessoa* é a que fala: *eu* (singular), *nós* (plural);
- *segunda pessoa* é a com quem se fala: *tu* (singular), *vós* (plural) e
- *terceira pessoa* é a de quem se fala: *ele, ela* (singular), *eles, elas* (plural).

Há várias críticas a essa definição de pessoa encontrada nas GTs. Uma delas diz respeito à oposição existente entre as duas primeiras pessoas e a terceira.

Do ponto de vista formal, por exemplo, de acordo com MATTOSO CÂMARA (1979: 93), o sistema de pronomes pessoais em português é dicotômico. De um lado, os pronomes de 1ª e 2ª pessoa mantiveram a estrutura latina: ausência da categoria de gênero e formas diferentes e independentes para o singular e o plural. Já os pronomes de 3ª pessoa carregam as marcas dos substantivos que substituem e possuem a estrutura morfossintática: feminino em *-a* e plural em *-s*. De acordo com o autor:

conceptual e morfologicamente, o sistema de pronomes pessoais em português é a rigor dicotômico. De uma parte, há a antiga estrutura heterônima latina com *eu, tu, nós, vós*; de outra parte, a série de 3ª pessoa com a estrutura nominal feminino em *-a* e plural em *-s*. Os primeiros referem-se às pessoas que participam ativamente da comunicação lingüística; o segundo substitui no contexto lingüístico um nome substantivo, que por sua vez se refere a qualquer coisa que é assunto passivo da comunicação. (1979:93).

MATTOSO CÂMARA (1979:93) chama a atenção também para o caráter categórico que caracteriza o pronome de 3ª pessoa em face dos de 1ª e 2ª. De acordo com ele, e como ficou evidenciado na citação acima, o pronome de terceira pessoa é substituto, no contexto lingüístico, de nome substantivo e só adquire referência mediata e

indiretamente através do nome substantivo. Já *eu* e *tu*, em contrapartida, incidem direta e imediatamente num dos pólos do eixo falante-ouvinte, da situação de comunicação.

A base para a discussão da definição tradicional de pessoa é BENVENISTE (1946), para quem a classificação apresentada pelas GTs é considerada um paradoxo, uma vez que coloca em uma ordem constante e no mesmo plano os pronomes *eu*, *tu* e *ele*, quando há diferenças de natureza e de função entre este e aqueles: o *eu* se caracteriza pela sua homogeneidade e unicidade e se constitui na medida em que interage com um *tu* – interlocutor – opondo-se ambos à não-pessoa, *ele*: *eu* | *tu* x *ele*.

Para Benveniste só são pessoas o *eu* e o *tu*, enquanto *ele* é a não-pessoa; *eu* é aquele que enuncia a ocorrência discursiva que contém *eu*; já *tu* passa a ser a ocorrência a quem o discurso é dirigido. Por outro lado, alguns enunciados remetem a um referente externo, à chamada *não-pessoa*. O signo que denota essa realidade não-pessoal é o *ele*. Por isso, Benveniste agrupa em uma categoria *eu* e *tu*, que assumem caráter de signo somente na enunciação e, em outra, o pronome *ele*, que pode denominar referentes lingüísticos, não dependentes do contexto da enunciação.

De acordo com ele:

“(...) uma característica das pessoas “eu” e “tu” é a sua *unicidade* específica: o “eu” que enuncia, o “tu” ao qual “eu” se dirige são cada vez únicos. “Ele”, porém, pode ser uma infinidade de sujeitos - ou nenhum (...). Uma segunda característica consiste em que “eu” e “tu” são inversíveis: o que “eu” define como “tu” se pensa e pode inverter-se em “eu”, e “eu” se torna um “tu”. Nenhuma relação paralela é possível entre uma dessas duas pessoas e “ele”, uma vez que “ele” em si não designa especificamente nada nem ninguém (...)” (BENVENISTE 1995:253).

Percebe-se, das palavras de BENVENISTE, algumas características dos pronomes *eu* e *tu*. A primeira é a *unicidade*: *eu* e *tu* indicam pessoas e são de cada vez únicos; *ele*, de modo diverso, pode ser uma infinidade de sujeitos ou então nenhum.

A segunda característica é a *inversibilidade*: *eu* e *tu* são intercambiáveis e, ao mesmo tempo, complementares – o *tu* pode se inverter em *eu* e vice-versa – e nenhuma

relação semelhante é possível entre *eu* e *ele* ou entre *tu* e *ele*, visto que *ele* em si mesmo não designa nada nem ninguém.

Uma terceira característica apontada por BENVENISTE diz respeito ao fato de que *eu* é transcendente ao *tu* e é interno ao enunciado, mas a transcendência e a interioridade podem inverter-se em *tu*, desde que *tu* passe a ser *eu* (1995:279). Assim, de acordo com esse autor, a questão das pessoas do discurso levanta dois pontos principais:

- (1) - correlação de personalidade – em que as pessoas *eu* e *tu* se opõem à não-pessoa *ele*;
- (2) - correlação de subjetividade – que opõe *eu* (pessoa subjetiva) a *tu* (pessoa não-subjetiva) e tanto *tu* como *eu* se opõem a *ele*, forma não-pessoal.

POSSENTI (2002), utilizando os conceitos de Mattoso Câmara e Benveniste, sintetiza dizendo que *eu* e *tu* (e o autor assume, com propriedade, junto com o *tu* o *você*) referem-se sempre àquele que fala e àquele a quem a fala é dirigida e não substituem nomes. *Eu* e *tu* não têm marcas de gênero nem plural, uma vez que são formas invariáveis empregadas tanto por mulheres quanto por homens (*você* tem marca só de plural). *Ele* pode ter flexão de gênero e de número (ele, eles; ela, elas). Pode também referir-se a não-humanos. Ou seja, além de *ele* não ser uma pessoa de discurso (não participa de conversa, embora possa ser assunto dela) também pode se referir a animais e a objetos.

MONTEIRO (1994:32) também afirmou que a noção de personalidade se estende indevidamente a elementos que não participam do ato discursivo e salienta que tal noção deveria aplicar-se somente ao falante e ao ouvinte. Utiliza as idéias de Benveniste (1946) e MATTOSO CÂMARA (1979), e comenta que a terceira pessoa possui natureza e função diferentes, pois tanto se reporta a seres vivos como a coisas ou abstrações.

MONTEIRO argumentou, também, que desde a definição de Dionísio o Trácio os pronomes são alvo de constantes reflexões e equívocos, muitos dos quais ele analisa de forma detalhada em seu trabalho, que conclui:

“(...) julgamos ser inviável a esta altura propor uma nova designação ou tentar uma sistematização mais adequada. É incoerente sem dúvida colocar na mesma classe vocábulos como *eu* ou *ele*, desde que ambos possuem funções e traços morfossintáticos inteiramente diversos. O dilema então se cria: ou se reorganiza tudo à luz de critérios mais lúcidos ou se busca aproveitar o que já está feito, chamando a atenção para as falhas de interpretação.” (1995:32).

O “dilema” apresentado acima por Monteiro não deixa de ser pertinente. No entanto, veja-se que esse autor também apresenta a questão de forma inadequada, uma vez que ele não esclarece em que sentido está utilizando a palavra classe (cujo grifo é nosso), pois se a entendermos como um paradigma, os pronomes *eu* e *ele* figuram sim na classe dos pronomes sujeito.

Nosso intuito, nessas considerações, é tentar evidenciar pelo menos um pouco da vasta complexidade que envolve a classificação dos pronomes de segunda e de terceira pessoa, para definir melhor nosso objeto de estudo. Para tanto veremos, na seqüência, entre outras coisas, de que forma as GTs classificam o pronome *você*.

3.3. Pronome de segunda pessoa nas GTs

Conforme vimos anteriormente, desde o início da formação do paradigma dos pronomes pessoais do PB, para nos atermos somente na temática de nosso trabalho, foram ocorrendo “adaptações” e acréscimos que resultaram no seguinte quadro pronominal tradicional, extraído de ALMEIDA, 1985:172 (grifos meus).

Quadro 2 - Pronomes pessoais sujeito nas GTs

<i>PRONOMES PESSOAIS SUJEITO</i>		
Pessoa Gramatical	Retos	
Singular	1 ^a	eu
	2 ^a	tu
	3 ^a	ele, ela
Plural	1 ^a	nós
	2 ^a	vós
	3 ^a	eles, elas

O quadro acima denota a realidade de como é apresentado o paradigma pronominal pelas GTs, bem como pela maioria dos livros didáticos que circulam pelas escolas brasileiras. Basta passar os olhos pelo quadro para constatar quão defasado ele está, se tomarmos como base o uso efetivo dos pronomes pessoais pelos falantes. É um quadro que, em função das mudanças ocorridas no PB, se apresenta problemático e desatualizado¹⁶.

Um dos principais problemas centra-se, justamente, no objeto de estudo deste trabalho: a segunda pessoa do singular, que continua sendo representada pelas GTs somente pelo pronome *tu*, enquanto o pronome *você*, que deveria figurar no paradigma pronominal junto com o *tu*, recebe uma grande variedade de classificações que não condizem com a função que tal pronome exerce.

De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), os pronomes pessoais são classificados em *retos*¹⁷, *obliquos* (reflexivos e não-reflexivos) e de *tratamento*. Em relação a essa nomenclatura, percebe-se que ela é opaca, no sentido que as pessoas não recuperam (mais) seu sentido: *reto* (do latim *rectu*): direto, que segue sempre a mesma direção; *obliquo* (do latim *obliquu*): não perpendicular, indireto; e *tratamento* (*tratar*, do latim *tractare*): travar ou manter relações com.

KURY (1964:62) explica que *retos* seriam os pronomes que servem de sujeito; *obliquos* os que servem de complemento; *de tratamento*, formas de segunda pessoa do discurso criadas pela necessidade de um tratamento mais ou menos cerimonioso que, pela sua própria estrutura, levam o verbo para a terceira pessoa. Nesta última classificação KURY, e a grande maioria dos gramáticos, incluem o pronome *você*.

Veja-se que aparentemente a definição de pronome de tratamento dada por KURY exclui desse rol os pronomes *tu/vós*, pronomes de tratamento por excelência. No entanto, observa-se que a definição de KURY leva em conta dois aspectos:¹⁸ o uso (para dirigir-se

¹⁶Há alguns estudos descritivos que apontam e comentam os problemas de tal paradigma, entre eles FARACO (1982; 1996); MONTEIRO (1994); MENON (1994; 1995).

¹⁷Em nosso trabalho, optamos por não usar essa terminologia e sim pronomes pessoais sujeito.

¹⁸Agradeço à Iara B. Costa por me chamar a atenção para este fato.

ao interlocutor em contexto mais ou menos cerimonioso) e a estrutura (expressão com um nome em posição nuclear). Assim, por esse segundo critério, *tu* e *vós* se distinguiriam das formas de tratamento.

Já LUFT (1978:117) dá conta de tal contradição, embora de forma também problemática, afirmando que a língua portuguesa apresenta duas formas de tratamento: um *direto* com os pronomes de segunda pessoa *tu* e *vós* e outro que ele denomina *pronomes de tratamento ou segunda pessoa indireta*: “segunda pessoa porque se referem ao ouvinte, mas indireta porque requerem os termos a eles relacionados (verbo, pronome oblíquo e possessivos) na terceira pessoa”. Na *segunda pessoa indireta* LUFT classifica as “expressões”: *você, o senhor, o doutor, o amigo, vossa senhoria, vossa reverendíssima*, etc.

Para CEGALLA (1985:152) *os pronomes de tratamento se usam no trato cerimonioso e cortês com as pessoas*. Enquanto para ALMEIDA (1985:314) o pronome de tratamento é: *a palavra ou expressão que substitui a terceira pessoa gramatical*, e inclui nesse rol: *fulano, beltrano, sicrano, a gente*¹⁹, *você, vossa mercê, vossa excelência, vossa senhoria, sua senhoria e sua majestade*.

Verifica-se, portanto, falta de homogeneidade na classificação de pronome de tratamento dada pelos gramáticos. Conforme verificamos acima, para eles, pronome de tratamento denota tanto o tratamento indireto de segunda pessoa quanto um substituto de terceira pessoa gramatical.

O próprio MATTOSO CÂMARA apresenta variações quanto à classificação do pronome *você*. Analisando sua obra, verificamos que em “Dicionário de Filologia e Gramática” (1968:355), por exemplo, *você* é classificado como pronome pessoal reto de segunda pessoa indireta. Já em “Ele como um acusativo no português do Brasil” (1972:52) *você* é classificado como pronome sujeito pertencente ao quadro morfológico de terceira pessoa. Por outro lado, em “Estrutura da Língua Portuguesa” (1998:120), ao discorrer sobre o sistema de pronomes adotado pelo sistema escolar, apresenta o pronome *você*,¹⁹Veja-se que incluir a *gente* no rol dos pronomes de tratamento é completamente descabido, uma vez que tal pronome está na esfera do *eu* e não há como ser usado no trato com alguém.

juntamente com *o senhor (a senhora); o (a); lhe; tu; te; ti; contigo*, como P2 (segunda pessoa).

Portanto, não há na literatura “tradicional” uma classificação coerente ao pronome *você*, pois colocá-lo no rol dos pronomes de tratamento, ao lado de formas que são usadas em contextos específicos, como *Vossa Excelência; Vossa Majestade*; etc. é desconhecer completamente o uso de pronome pessoal do *você*. Prova disso é que na maioria das regiões do Brasil, inclusive, é a única forma para tratar o falante e, portanto, de segunda pessoa. Já na região Sul, conforme veremos ao longo deste trabalho, existe do ponto de vista lingüístico uma interessante e variada distribuição *tu/você* para a segunda pessoa.

Por outro lado, classificar o pronome *você* como segunda pessoa indireta também é inadequado, pois basta considerar os diversos estudos descritivos – como os que veremos adiante – para constatar que há regiões em que o *tu* ainda subsiste e se relacionamos, por exemplo, o que BENVENISTE apresenta como traços para a segunda pessoa, podemos concluir que: *tu = você*.

3.3.1. Breve histórico das formas de tratamento

Para entendermos um pouco melhor a realidade pronominal de segunda pessoa do singular que se constata no PB atual faremos, na seqüência, uma breve inserção diacrônica para registrar as mudanças ocorridas neste paradigma.

No caso específico do PB, e permanecendo no foco principal de nosso trabalho, a evolução do sistema de representação da segunda pessoa, de acordo com MENON (1995:93), teve início pela forma plural, por ser esta a menos marcada. De acordo com FARACO (1982) e MENON (1995) até o século XIV, por exemplo, o pronome *vós* era usado tanto para a referência formal a um único interlocutor, portanto tratamento respeitoso, em função de o falante ter função social ou hierárquica mais elevada e/ou por questões de idade. O *vós* era usado também para a referência universal a mais de um

interlocutor. O tratamento com o pronome *tu* só era utilizado para a referência singular íntima e, conseqüentemente, bem mais marcada socialmente.

MENON (1995:93) aponta que, para se entender a noção de marca, *uma pessoa não podia empregar tu ao se dirigir a outra, desconhecida*, uma vez que tal tratamento *era reservado para os iguais ou de superior para inferior*, tendo, assim, *um uso bastante específico, em casos bem determinados*. Já a forma *vós*, por não possuir restrições de uso, podia ser aplicada largamente, sendo assim menos marcada.

Em relação à fórmula *Vossa Mercê*, SANTOS LUZ (1956:307-308) dá a seguinte explicação: sempre dependentes da graça ou *mercê* do príncipe, os súditos apresentavam as suas queixas e requerimentos dando-lhe o habitual *vós*. Mas pediam, sabiamente, por *mercê* e colocavam com freqüência no tratamento dado *vossa mercê* por *vós*. Com isso, estavam se referindo à graça e favor do soberano e não à pessoa dele. No entanto, segundo ela, por expansão de uso, no século XV a forma *vossa mercê* havia se vulgarizado: já não era só ao rei que se pedia por *mercê*, mas a qualquer superior em qualquer escala, a ponto de tal forma perder seu valor honorífico e passar a ser utilizada para todo mundo.

CINTRA (1972:21) acrescenta que o tratamento *Vossa Mercê* primeiramente aparece sendo usado para duques e infantes, depois para simples fidalgos e no início do século XVI, na época de Gil Vicente, para patrões e burgueses, a quem se dirigem os seus criados.

As formas de cortesia devem sua propagação e fixação à corte e à nobreza que sempre esteve ligada a ela. Em vista disso, essas formas se fixaram e expandiram em meados do século XV, época em que se evidencia uma sociedade marcadamente hierarquizada, ou seja, as formas de tratamento nominal não deixam de ser uma forma de denunciar a hierarquia social existente na época.

Portanto é durante o século XV que se multiplicam as formas de tratamento ao rei. SANTOS LUZ afirma que a partir de 1455 *Vossa Mercê* deixa de ser tratamento exclusivo ao rei e acrescenta que nos textos das Cortes da segunda metade do século XV já é

possível observar uma grande preferência por *Vossa Alteza* para o tratamento dado ao monarca. Isso fica evidenciado no quadro apresentado por ela, em que se observa:

Quadro 3 - Formas de tratamento para se dirigir ao monarca
(reprodução do Quadro nº 1 de SANTOS LUZ, 1956:112)

	1455	1459	1468	1472-73	1475	1477	1481-82	1490
Vossa Mercê	19%	49%	32%	37%	37%	18%	7%	0%
Vossa Alteza	44%	31%	63%	50%	48%	54%	69%	99%
Vossa Senhoria	37%	20%	5%	13%	15%	28%	24%	1%

É relativamente rápida a evolução no uso ocorrida com as formas de tratamento registradas nos textos das Cortes. *Vossa Mercê* passa de um uso próprio para o rei, que começou nos fins do século XIV e por volta de 1459 passou a ser o tratamento mais usual para o monarca, deixa de ser empregado com esse fim em 1490. Ressalte-se, dos percentuais acima, o uso constante de *Vossa Mercê* no período de 1459 a 1475 e logo em seguida verifica-se uma queda brusca nesse percentual (de 37% para 18%) até o desaparecimento por completo no final do século.

A fórmula *Vossa Alteza* começa a ser usada como tratamento preferido ao rei a partir de 1468 e nos fins do século XV havia se especializado nesse emprego. Note-se que, em todos os anos contidos no quadro, essa é a forma que apresenta os maiores percentuais de uso (de 31% a 99%) para tratamento ao rei. Percebe-se também uma “disputa” com os percentuais de uso de *Vossa Mercê*: de maneira geral quando aumenta o percentual de uso de *Vossa Alteza* diminui o uso de *Vossa Mercê* e vice-versa.

Já *Vossa Senhoria*, que apresenta um percentual de uso superior ao de *Vossa Mercê* em 1455 e a partir de 1477, a contar de 1490 passa de tratamento próprio para o rei para tratamento adequado para fidalgos da mais alta nobreza e fixa-se num nível nitidamente superior ao de *Vossa Mercê*. (CINTRA, 1972:21).

Assim, por volta do final do século XV e começo do XVI as formas *Vossa Alteza* e *Vossa Majestade* passam a ser o tratamento dirigido ao rei. De acordo com CINTRA (1972) em 1586, na Espanha, e em 1597, em Portugal, foram promulgadas as "leis das cortesias" que estabeleciam os limites do emprego de cada tratamento, bem como as penas decorrentes de uso indevido de tais formas. Tais leis passaram a estipular o tratamento de *Vossa Majestade* para se dirigir ao rei e à rainha e *Vossa Alteza* para o restante da família. As "leis das cortesias" surgiram como reação à crescente expansão de uso das formas nominais, especialmente fora da nobreza, sendo uma tentativa de proibir a igualdade, ou seja, de espelhar lingüisticamente a organização hierárquica da sociedade da época.

Entretanto, CINTRA (1972:21) aponta que o rei não chega a legislar²⁰ sobre o emprego de *Vossa Mercê* que, segundo ele, tinha um campo de utilização mais vasto, situado em todo o caso em um nível superior ao de *vós* – que ainda continuava a ser possível como tratamento cortês, muito diferente do *tu*, de extrema confiança ou usado de superior para inferior.

Cabe retomar aqui a epígrafe citada no início deste capítulo, em que Gregório de Matos deixa explícita a dúvida que os falantes tinham no século XVI (e talvez sempre tiveram) em relação a como tratar seu interlocutor, uma vez que as pessoas mudam quando a relação se faz de alguém que exerce função social superior perante alguém de classe inferior:

*Se tratam a Deus por tu,
E chamam a El-Rei por vós
Como chamaremos nós
Ao juiz de Iguaraçú?
Tu, e vós, e vós e tu.*
(Gregório de Matos)

Portanto, se houve um período em que até Deus era tratado por *tu*, que tratamento usar a um juiz? A dúvida evidencia que nada havia (a não ser a própria convenção) que mostrasse serem *vós* e *tu* as expressões apropriadas para representar pessoa ou nome hierarquicamente superior ou inferior na escala social.

²⁰E provavelmente não o faz porque *Vossa Mercê* já era de uso comum.

3.3.2. Gramaticalização de *Vossa Mercê*

Conforme dito anteriormente, *Vossa Mercê* deixa de ter uso honorífico²¹ por volta de 1490 e passa a ter uma grande expansão no uso que vai acarretar mudanças de cunho fonético e também mudanças de valor. As diferentes formas de evolução *Vossa Mercê* > *você* já foram objeto de estudo de vários autores. NASCENTES (1956:116-117), por exemplo, apresenta essa evolução nestes termos:

Quando se começou a dar **senhoria** ao rei de preferência a **mercê**, o título que para sua pessoa se escurecia era alfaia preciosa ainda para ser adjudicada por vassalos e fidalgos que a fortuna ou o nascimento colocavam acima do vulgo. O simples **vós** não distinguia o respeito devido a nobre ou rustico. O calculo falhou. **Vossa mercê** agradava a todo o mundo. A classe humilde não tardou em apoderar-se da formula nova para uso proprio, mas sendo expressão um tanto longa e tendo de ser repetida a cada instante, a gente do povo abreviou-a em **vossancê**, **vossemecê**, **vossecê** e finalmente **você**. (...) **Vossa mercê** se transformou em **vossemecê**. De **vossemecê** se passou a **vosmecê** e desta forma por intermedio das formas hipoteticas **vosm`cê** e **voscê**, se fez **você**, que ainda se alterou para **ocê** e finalmente para **cê**.

Em relação à evolução *Vossa Mercê* > *você* observa-se que uma locução nominal (composta de pronome possessivo: *vossa* + o substantivo: *mercê*) sofreu um processo de gramaticalização, o que promoveu a mudança de categoria de locução nominal para pronome (cf. MENON, 1995).

O termo gramaticalização²² foi estabelecido por Antoine Meillet (1912), para quem a gramaticalização é um tipo de *continuum*, ou seja, é um processo unidirecional segundo o qual itens lexicais, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.

²¹Cumpreressaltar (com base em MENON, 1995) que *Vossa Mercê* sempre foi uma forma de se referir ao interlocutor (a clássica segunda pessoa): primeiro numa relação de inferior para superior; em seguida numa relação de igual para igual e de superior para inferior.

²²Maiores detalhes podem ser obtidos em TRAUGOTT & HEINE (1991); VOTRE (1992); CASTILHO (1997), entre outros.

Logo, a gramaticalização é um dos processos responsáveis pela mudança lingüística, uma vez que se processa (como ocorreu com *Vossa Mercê*) a mudança de estatuto de um termo da língua: um item lexical passa, após perder “significado”, a exercer uma função gramatical.

Vimos acima que em relação à gramaticalização de *vossa mercê*, deu-se a alteração de *Locução Nominal* > *Pronome* em que se verificam, na mudança em questão, as seguintes características²³:

(a) - perda de massa fonética – na evolução de *vossa mercê* deu-se nitidamente a perda de fonemas: passou de quatro para três sílabas e de três para duas sílabas. Já há algum tempo existe também a variante *cê*, monossilábica. Os estágios prováveis dessa evolução deram-se, de acordo com NASCENTES (1956), desta forma:

Vossa Mercê > *vossemecê* > *vosmecê* > *vosm' cê* > *vossecê* > *voscê* > *você* / *ocê* / *cê*

(b) - *bleaching* (ou desbotamento) – em que a palavra vai perdendo parte do seu significado. No caso, houve perda de um tratamento honorífico, de uma forma de cortesia que passa para tratamento entre iguais. Em outras palavras, pode-se dizer que houve perda de significação metonímica em *vossa mercê* (a propriedade pelo todo da pessoa do discurso) e *você* adquiriu significação dêitica (cf. FARACO, 1996:66).

(c) - mudança de item lexical (locução nominal – composta pelo possessivo de segunda pessoa do plural *Vossa* e o substantivo feminino *Mercê*) para item gramatical (pronome *você*).

VITRAL (1996) e RAMOS (1997) vão além dessa classificação e defendem a hipótese de que o processo de gramaticalização estaria ainda mais avançado em relação às três formas pronominais de segunda pessoa, que eles chamam de indireta²⁴: *você/ocê/cê* e, com base no comportamento sintático dessas formas, propõem então que estaria havendo

²³ Características gerais da gramaticalização, cf. TRUGOTT & HEINE (1991).

²⁴ Embora os autores citados utilizem a nomenclatura *segunda pessoa indireta*, não concordamos com ela, pois tais pronomes são formas de tratar diretamente o falante.

um processo de cliticização, ou seja, de acordo com eles, a forma *cê* representaria a etapa mais avançada da gramaticalização e seria um *pronome clítico*.

VITRAL (1996:117) argumenta que a distribuição das formas *você*, *ocê* e *cê* não é idêntica, uma vez que, de acordo com ele, a forma *cê* não pode ocorrer nos ambientes em que *você* e *ocê* ocorrem. Diante do comportamento sintático distinto de *cê*, VITRAL propõe, então, a hipótese de que a forma *cê* constitui uma etapa do processo de gramaticalização da forma *Vossa Mercê*, a de cliticização. A respeito dessa hipótese, VITRAL (1996:119) apresenta a seguinte representação:

item com significado lexical: **Vossa Mercê** > item gramatical: **você** > clítico: **cê** > afixo flexional.

VITRAL esclarece que a forma *Vosmecê* seria considerada um estágio intermediário entre a primeira e a segunda etapas acima e *ocê* pode ser tomado como uma forma intermediária entre a segunda e a terceira (1996:119). O autor esclarece também que a etapa de *cê* como *afixo flexional* se daria conforme o seguinte fenômeno que, de acordo com ele, ocorre no estado de Goiás:

ê (|e|) besta (sô!).

“você é besta”

VITRAL explica que em Goiás o verbo *ser*, flexionado, é realizado pela vogal fechada [e], o que denotaria, segundo ele, a quarta etapa de gramaticalização de *cê*: a de afixação flexional.

Em nosso trabalho, chegamos a constatar a existência das diferentes realizações do pronome *você/ocê/cê* nas cidades²⁵ estudadas. No entanto, não efetuamos um levantamento sistemático das pronúncias porque nosso objetivo por ora, conforme já

²⁵MENON & LOREGIAN-PENKAL (2002:186) chegaram a fazer um levantamento preliminar dessas ocorrências mais as de *vocês* encontradas em Lages e nas três capitais do Sul. No entanto, uma retomada desse levantamento, bem como um estudo pormenorizado (inclusive com audição das entrevistas) da distribuição dessas formas em todas as cidades que compõem o banco VARSUL fica como sugestão para trabalhos posteriores.

evidenciado, é verificar como se dá a alternância *tu/você*, bem como a concordância verbal que envolve o pronome *tu*.

3.3.3. Pronomes de segunda pessoa no Brasil

De quando data oficialmente o pronome *você* no Brasil? De acordo com NASCENTES (1956:118) a resposta a essa pergunta é dificultada, tanto no Brasil quanto em Portugal, por falta de estudos cronológicos. No entanto, ele afirma que esse pronome já existia em Portugal em textos do final do século XVIII e cita a cantiga “*Amor não é brinco*”, de Lerenó, em que o termo *você* é empregado. Reproduzimos²⁶ abaixo parte dessa cantiga:

Você trata amor em brinco.
Amor o fará chorar.
Veja lá com quem se mete,
Que não é para zombar.

A respeito da generalização do uso de *você* no Brasil, CINTRA (1972); BIDERMAN (1972/73); FARACO (1992, 1996) e MENON (1995) destacam que quando o Brasil começou a ser colonizado, em Portugal já estava avançado o processo de arcaização do *vós* que se tornou, já no século XVIII, completamente arcaico, assim como a mudança fonética de *Vossa Mercê*, que na época já era utilizado em Portugal entre os não-nobres.

MENON (1995:95) destaca também que houve a introdução do par *você/vocês* no paradigma da segunda pessoa e, com isso, as novas formas passam a coocorrer e concorrer com a antiga oposição *tu/vós*, suplantando primeiro a forma *vós*, que se tornou arcaica.

Dessa forma, travou-se uma “batalha” em que *vocês* se torna a forma vencedora e passa a ser o plural tanto de *tu* quanto de *você*. Prova disso é que nas comunidades por nós analisadas, em que se observa uso maciço de *tu*, o plural sempre é feito com *vocês* e não mais com *vós*, que permanece como forma cristalizada em alguns textos, rezas e músicas

²⁶Infelizmente Nascentes não dá maiores detalhes sobre a cantiga nem sobre seu autor, Lerenó.

religiosas²⁷. Tal constatação pode ser comprovada nos exemplos, extraídos do *corpus* VARSUL, abaixo:

(12) - quando eu chego lá que tem aquelas pessoas mais antigas, eles dizem: “Puxa, Iran, o que vocês plantaram *tu estás* hoje colhendo isso aqui”. (FLP 13 M B GIN 0285).

(13) - Ele disse: “olha, vocês vão fazê um show lá, tá? Termina o show, pega a kombi, se manda que vocês vão apanhá”. (...) Aí *tu imagina* o desespero, né? (POA 01 M B PRI 0808).

Observe-se que em ambos os exemplos aparecem tanto o pronome de segunda pessoa *tu* quanto o plural *vocês* no mesmo turno, fato esse que evidencia o uso que os falantes de nosso *corpus* fazem dos pronomes de segunda²⁸ pessoa.

No que tange ao singular, conforme já apontamos, as GTs continuam registrando somente a forma *tu* no paradigma dos pronomes pessoais. No entanto, pelos estudos descritivos, se constata que na maioria das regiões brasileiras não existe mais coocorrência de formas pronominais para a segunda pessoa, uma vez que o pronome *você* é a única forma utilizada para dirigir-se ao interlocutor.

BIDERMAN (1972/73:364), mesmo fazendo a ressalva do uso de *tu* “corrente” em Porto Alegre e “esporádico” no Rio de Janeiro, chega a afirmar que a substituição de *tu* por *você* no Brasil²⁹ se processou na virada do século XIX para o XX. De acordo com ela, a correspondência de Machado de Assis dá testemunho desse fenômeno social e lingüístico: até a década de 1870 ele usa *tu* para os íntimos, mas no final do século XIX e começo do XX serve-se quase exclusivamente de *você*.

²⁷Fato evidenciado recentemente são as músicas religiosas de Padre Marcelo, que tiveram grande repercussão nacional como, por exemplo: “Erguei, as mãos e dai glória a Deus!”, entre outras. No entanto, cumpre ressaltar que tal uso é mecânico e fica restrito ao ritual: a pessoa não sai da igreja usando *vós*, por exemplo.

²⁸Ressaltamos que não chegamos a fazer um controle das ocorrências dos pronomes de segunda pessoa do plural *vocês* por ser de uso categórico em qualquer das cidades pesquisadas, visto não termos constatado uma única ocorrência de *vós* como plural de *tu*.

²⁹Não concordamos, em hipótese alguma, com generalizações freqüentes desse tipo. Afinal de contas, para se falar em Português do Brasil deveríamos incluir na análise todas as regiões que o compõem.

Estudos mais recentes, principalmente com dados do projeto NURC, (conforme FREITAS & SILVA (1986); MENON (1994); MONTEIRO (1994); ILARI, FRANCHI, & MOURA NEVES (1996), entre outros) apontam que se pode dividir em dois grupos as capitais brasileiras participantes do projeto: Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo de um lado, com uso exclusivo da forma *você* e, de outro lado, Porto Alegre em que se verifica uso quase exclusivo de *tu*.

Ao falar sobre o sistema pronominal da região Nordeste³⁰, MONTEIRO (1996:513) afirma que, apesar de o pronome *você* ter se generalizado por todo o Brasil, não conseguiu substituir o pronome *tu* em Fortaleza pois, segundo ele, os informantes daquela cidade empregam o tratamento *tu* com verbos na terceira³¹ pessoa, independentemente de qualquer nível de escolaridade ou classe social.

SOARES & LEAL (1993) fazem uma análise das formas de segunda pessoa – *tu*, *você*, *o senhor* – utilizadas em Belém do Pará, através de gravações e de questionários para verificar principalmente como se dava o tratamento entre pais e filhos. As autoras concluem que quando os filhos se dirigem aos pais há uso majoritário de *tu*, com percentual de 49,13%, seguido de *o senhor*, com 38,59% e *você* aparece com percentual de 12,28%. Já quando os pais se dirigem aos filhos há uma polarização entre *tu* e *você*: mas com muito mais ocorrências de *tu*, cujo percentual é de 76,84%, enquanto o *você* aparece com 23,16% de ocorrências. Portanto, neste estudo de Belém do Pará constata-se que *tu* é a forma mais utilizada tanto para os filhos se dirigirem aos pais quanto de os pais e dirigirem aos filhos.

Complementando essa apresentação, LOREGIAN (1996) com base nos dados do projeto VARSUL, em estudo preliminar com as três capitais do Sul, constata que em Florianópolis e em Porto Alegre existe coocorrência de *tu/você* para a segunda pessoa e com distribuições diferentes em termos de marcas: na capital do Rio Grande do Sul a maioria dos casos de uso do pronome *tu* é com verbos sem a forma canônica de segunda

³⁰ Apesar dessas referências de Monteiro e Soares & Leal, há falta de análises descritivas de fala coloquial envolvendo pronomes de segunda pessoa do singular nas regiões norte e nordeste do país. Prova disso é que se verifica constantemente referências ao uso do pronome *tu* na região Sul e em áreas do norte e nordeste ainda não bem delimitadas.

³¹ Essa classificação será discutida nas páginas 50-52 deste trabalho.

pessoa, enquanto na capital catarinense a marca fica concentrada majoritariamente no verbo, com a respectiva flexão canônica de segunda pessoa.

A respeito da concordância não canônica com o *tu*, como a encontrada em Porto Alegre, BIDERMAN (1972/73:364) sugere que no Rio Grande do Sul o uso de *tu acompanhado das formas verbais de terceira pessoa* se deve à influência dos países vizinhos de fala espanhola, como o Uruguai. Entretanto, conforme estamos verificando dos resultados dos estudos descritivos, esse fenômeno não se restringe ao Rio Grande do Sul, sendo corrente na fala popular de várias partes do Brasil, inclusive em regiões onde praticamente não há contatos com pessoas que falem o espanhol, como Fortaleza e Chapecó, por exemplo. Portanto, a sugestão feita por Biderman parece não corresponder à realidade, uma vez que não encontra respaldo em dados reais.

Já para a terceira capital integrante do projeto VARSUL, LOREGIAN (1996) e MENON (1996) constatam que não há uso de *tu*. A implantação de *você* em Curitiba (fundada em 1693) pode ter se dado por influência vicentina ou paulista – frente de colonização que partiu de São Vicente, no planalto paulista, rumo ao Sul, passando pela região de Curitiba, pelo planalto de Lages e pelo norte do Rio Grande do Sul e deu origem ao caminho das tropas³², rota que foi fundamental econômica e politicamente para a integração do Brasil.

Outro dado histórico³³ que reforça a provável influência paulista no falar curitibano (e aqui, especificamente, quanto ao uso de *você*) é o fato de que até 1853 Curitiba e Paranaguá, parte do Paraná com alguma população, constituíram a Quinta Comarca de São Paulo.

A título de comparação com o quadro tradicional apresentado no início desta seção, apresentamos abaixo, de forma global e sem indicar pormenores quanto à sua utilização, o quadro dos pronomes pessoais sujeito em uso no PB.

³²Ver mais detalhes sobre a rota histórica dos tropeiros nos anexos deste trabalho.

³³De acordo com ensinamentos de MENON.

Quadro 4 - Pronomes pessoais sujeito em uso

PRONOMES PESSOAIS SUJEITO		pronomes
Pessoa Gramatical	1 ^a	eu, a gente
	2 ^a	tu, você
	3 ^a	ele, ela
Plural	1 ^a	nós, a gente
	2 ^a	(vós) ³⁴ , vocês
	3 ^a	eles, elas

Ressaltamos que, com exceção da terceira pessoa³⁵ e da ressalva à segunda do plural, percebe-se uma duplicidade de formas que, dependendo da região, podem coocorrer e concorrer e em outras regiões pode-se encontrar apenas uma das formas. No entanto, de acordo com a discussão apresentada e com base nos estudos citados, consideramos que esse é o quadro que melhor representa a realidade pronominal (dos pronomes sujeito) encontrada atualmente no Brasil.

3.3.4. Concordância verbal e preenchimento do sujeito

As alterações ocorridas no sistema de tratamento podem ser relacionadas com algumas repercussões gramaticais. Destacaremos aqui dois aspectos:

a) houve rearranjos na conjugação verbal (as formas verbais da segunda pessoa do plural tornaram-se arcaicas (*falais, comeis*, etc.) e deu-se o desenvolvimento de *ocê/s*.

b) ocorreram rearranjos na estrutura sintática, com uma forte tendência de o pronome sujeito ocorrer obrigatoriamente (cf. FARACO, 1996:65).

Em relação à segunda pessoa do singular, verifica-se nos dados analisados que a flexão canônica ainda ocorre, mas se registra, também, uso do *tu* sem a flexão canônica de segunda pessoa, como pode ser evidenciado em (14) e (15), exemplos extraídos do *corpus* VARSUL, abaixo:

³⁴Mantivemos no quadro o pronome *vós* porque defendemos que seu uso, embora “cristalizado”, deva ser devidamente descrito e explicado.

³⁵Embora CERQUEIRA (1993:137) já afirme que *o pessoal* é pronome de terceira pessoa do plural.

(14) - antigamente *tu tinhas* que- *tu só podias* faltar à Educação Física com atestado médico. (FLP 24 F B SEG 0806).

(15) - então *tu tinha* essa parte toda de trabalhos manuais, então *tu tinha* aquela aula e *tu aprendia* com gosto (...). (FLC 02 F A GIN 1106).

Percebemos, de acordo com o exemplo (14), que há informantes que ainda utilizam as marcas canônicas de segunda pessoa. Por outro lado, há também casos como em (15) que vêm reforçar a tese de que no PB esteja havendo uma nitida preferência pelo preenchimento do sujeito, tendência essa que estaria em torno de 60% a 70% (conforme atestam os trabalhos de LIRA, (1982, 1988); MONTEIRO, (1994); MENON (1996), entre outros). FARACO (1996:68) diz, em termos bastante pertinentes à constatação desses estudos, que:

Como consequência das mudanças da conjugação verbal [...] e da adicional homofonia, em alguns tempos verbais, das formas da primeira pessoa e da terceira pessoa, há ambiente para a **geração de grande número de enunciados potencialmente ambíguos**, mantida a possibilidade sintática herdada do latim de não ocorrência do pronome sujeito. Contudo, parece que tal potencial de ambigüidade se foi anulando pelo observado **crescimento do caráter obrigatório do pronome sujeito**, pelo menos no português brasileiro. (grifos meus).

Diante disso, explicações de base formalista correlacionam a mudança no sentido de maior preenchimento do sujeito a uma redução ou simplificação nos paradigmas flexionais e postulam o chamado parâmetro *pro-drop*³⁶ (ou parâmetro do sujeito nulo) e, em torno do qual, passam a agrupar as línguas naturais.

Quanto ao rearranjo na conjugação verbal, por exemplo, DUARTE (1993) apresenta uma tabela em que demonstra a evolução dos paradigmas flexionais do português. Reproduzimos abaixo a tabela apresentada por essa autora.

³⁶De acordo com o parâmetro *pro-drop*, línguas que contam com um sistema visível de marcas de concordância número-pessoal nos verbos (ou AGR “rico”) admitem sujeitos não realizados lexicalmente (vazios ou nulos), isso porque sua interpretação pode ser recuperada a partir da concordância. Ver maiores detalhes em ROBERTS & KATO (1993).

Quadro 5 - Evolução nos paradigmas flexionais do português (reprodução da Tabela 1 de DUARTE, 1993:109)

Pessoa	Número	Paradigma 1	Paradigma 2	Paradigma 3
1ª	sing.	cant-o	cant-o	cant-o
2ª direta	sing.	canta-s	_____	_____
2ª indireta	sing.	canta-0	canta-0	canta-0
3ª	sing.	canta-0	canta-0	canta-0
1ª	plur.	canta-mos	canta-mos	canta-0
2ª direta	plur.	canta-is	_____	_____
2ª indireta	plur.	canta-m	canta-m	canta-m
3ª	plur.	canta-m	canta-m	canta-m

De acordo com DUARTE, deu-se no PB a evolução “de um sistema com seis formas distintivas mais dois sincretismos – *representados pela segunda pessoa indireta, que utiliza as formas verbais de terceira pessoa* (Paradigma 1) – para um sistema que apresenta quatro formas” (1993:110), veja-se no quadro que a autora já considera a perda da segunda pessoa direta (Paradigma 2).

DUARTE associa o Paradigma 2 à língua escrita e à fala das pessoas de faixa etária mais alta e argumenta que esse paradigma coexiste com um terceiro, em que ocorrem somente três formas, em consequência da perda do pronome *nós*, substituído pela “expressão *a gente*³⁷” que, segundo ela, se combina com formas verbais de terceira pessoa (Paradigma 3).

A autora conclui afirmando que “com um paradigma de tal forma *empobrecido* ou *enfraquecido*, nada mais natural do que esperar alterações profundas na representação do sujeito pronominal”, ou seja, com um paradigma em que os verbos não possuem mais os morfemas de pessoa e número se perde a opção pelo sujeito nulo, pois o pronome vem suprir as marcas que se encontram ausentes no verbo.

Em relação à tabela proposta por DUARTE (1993), há que se fazer algumas ressalvas. Em primeiro lugar, a autora estipula três paradigmas e generaliza as mudanças neles ocorridas como sendo um fenômeno do **PB**. Em momento nenhum é feita a ressalva (mesmo em nota) de que há regiões em que o paradigma pode ser outro e sequer menciona

³⁷Note-se, além dos demais problemas apontados, que DUARTE não classifica *a gente* como pronome e sim como *expressão*.

o fato de a flexão verbal com o pronome *tu* ainda se fazer presente em determinados dialetos, como o florianopolitano.

A segunda ressalva diz respeito à classificação da segunda pessoa em *direta* e *indireta* e à afirmação de que *a segunda pessoa indireta utiliza verbos conjugados na terceira pessoa*. Quanto à primeira afirmação, sabemos que ela é bastante recorrente com a justificativa de que a concordância com *você/vocês* se explica diacronicamente pela origem da palavra *você* (*você* < *Vossa Mercê*). Logo, a justificativa fornecida é a de que quem fala não se dirige diretamente ao interlocutor, mas a uma qualidade ou atributo dessa pessoa (à *mercê* existente nessa pessoa).

Salientamos que discordamos totalmente desse ponto de vista, uma vez que tanto o pronome *você*, quanto o seu correlato no plural – *vocês* – são formas em que o locutor se dirige diretamente ao interlocutor. Assim, parece-nos mais coerente a interpretação que MENON apresenta sobre este assunto.

MENON (1994) argumenta que na sua origem, em termos sintáticos, a forma de tratamento *Vossa Mercê* era um sintagma nominal como qualquer outro, exigindo o verbo na terceira pessoa. Entretanto, em seu processo de gramaticalização *Vossa Mercê* se transformou em *você*, em que a expressão nominal tornou-se pronome pessoal de segunda pessoa. Logo, a forma verbal que o acompanha também é de segunda pessoa, caso contrário estaria se contrariando a regra de concordância do português, que diz: *o verbo deve concordar em número e pessoa com o sujeito*:

Nous pensons que ces occurrences [“*tu foi à festa ontem?*”; “*tu vai à festa hoje?*”] renforcent l'hypothèse selon laquelle la forme verbale employée constitue une forme non-marquée. Appeler cette forme de 3ème personne conduit à une bizarrerie, qui consiste à dire, comme le font beaucoup de grammairiens, que l'accord verbal se réalise à la 3ème personne quand le sujet est un pronom de 2ème personne. Cette affirmation est une transgression de la loi même de l'accord: le verbe doit s'accorder avec son sujet en *nombre et en personne*. Il est donc difficile d'admettre qu'on puisse contrarier les règles d'accord dans la langue. MENON (1994:236).

Assim, é contradição teórico-terminológica afirmar que o verbo está na terceira pessoa, concordando com um pronome de segunda, porque tanto *tu*, como *você*, são formas de se dirigir diretamente ao interlocutor, a segunda pessoa do discurso.

MENON (1995:97) explica que, com a introdução de uma nova forma para as segundas pessoas, o paradigma verbal também sofreu modificações. A segunda pessoa do singular, por exemplo, passa a ter duas formas: uma apresenta o morfema tradicional de segunda pessoa (majoritariamente *-s*) e a outra apresenta um *morfema zero* de pessoa. O uso de uma ou de outra forma depende do pronome que o falante utiliza: a forma canônica de segunda pessoa é utilizada pelos falantes que possuem em sua gramática o pronome *tu*, enquanto os verbos com morfema zero são utilizados pelos falantes que utilizam o *você*. Entretanto, a autora esclarece que tal afirmação não é totalmente verdadeira, uma vez que se constata também o uso do pronome *tu* seguido de forma verbal com morfema zero.

Em consequência, MENON (1995:97) lança a hipótese de que os falantes “interiorizaram” o morfema zero como sendo a marca de segunda pessoa e a variação recai simplesmente no uso do pronome. Assim, de acordo com a autora, já teria havido a mudança de forma e a variação continuaria a existir a nível de escolha que, dependendo do dialeto utilizado pelo falante, se daria entre *tu* ou *você*.

Acreditamos que em nosso trabalho essa hipótese se confirme, pelos resultados do VARSUL já verificados (cf. MENON & LOREGIAN-PENKAL, 2002), nos dados de Porto Alegre e Chapecó e iremos testá-la para ver o comportamento dos falantes das três cidades do interior do Rio Grande do Sul. Entretanto esse fenômeno parece não se aplicar aos dados de Florianópolis e do Ribeirão da Ilha, locais em que se verifica um menor uso do pronome *tu* expresso, mas um uso consistente da morfologia marcada de segunda pessoa, havendo fortes indícios de que essa seja a marca de identidade local.

MENON (1995:98) ressalta também que os falantes estão utilizando cada vez mais os pronomes sujeitos expressos e que o uso do pronome de 2ª ou 3ª pessoa para resolver a ambigüidade da forma verbal não se constitui em um fato isolado. Ela salienta que se trata de *um movimento de alcance mais amplo, que reestrutura globalmente o sistema*

lingüístico, que tenta se aperfeiçoar, sempre, compensando as assimetrias que as mudanças lingüísticas causam.

PAREDES DA SILVA (1988), ao tratar do caráter obrigatório do pronome sujeito, vale-se de explicações de cunho funcionalista que associam o maior preenchimento do sujeito a variáveis discursivas como graus de conexão no discurso, mudança de referência e ambigüidade, entre outros.

Cumpramos reforçar, finalmente, que temos no PB um paradigma em que coexistem duas formas para tratar o interlocutor. Tal paradigma continua sendo ignorado por muitos livros didáticos³⁸ e gramáticas normativas. Já o outro extremo, que também é problemático, costuma indicar que *você* é o único pronome de segunda pessoa que é usado no Brasil, fato muito freqüente de ser constatado, como vimos, até em estudos descritivos, que pecam pela generalização, mas é encontrado especialmente em livros didáticos e manuais de português para estrangeiros³⁹.

3.4. Estudos descritivos com dados da região Sul

A alternância no uso dos pronomes *tu* e *você* no Sul do Brasil já conta com alguns trabalhos descritivos que mostram resultados a partir de *corpora* organizados com dados reais, tanto orais como escritos.

³⁸Imaginem um curitibano tendo que estudar, na escola, que o o único pronome pessoal de segunda pessoa é o *tu*. Diante desse raciocínio tradicional, os curitibanos não têm pronome de segunda pessoa, uma vez que (pelo que se sabe) sempre utilizaram para essa função o pronome *você*.

³⁹Há um vídeo chamado: "Aqui se fala português" em que o repórter Zeca Camargo fez uma série de entrevistas especiais, no mundo de fala portuguesa, para o programa Fantástico da Rede Globo. Cumpramos observar que, entre outras coisas, aparece nas entrevistas uma professora "lusitana" ensinando o português às crianças de Goa e a certa altura a tal "professora" afirma em alto, enfático e bom tom: "**No português do Brasil não se usa o tu, só se usa o: você!**" Como ficariam os estrangeiros, que tivessem aula com essa professora, se viessem passar suas férias em Florianópolis ou em Porto Alegre, por exemplo?

3.4.1. Trabalhos prévios com dados da região Sul

Anteriormente à constituição do Projeto VARSUL, já houve alguns trabalhos com dados empíricos. Destacamos como estudo pioneiro o trabalho de GUIMARÃES (1979), que analisou um *corpus* de textos escritos (composto de ficha de sondagem; testes específicos e composições contendo diálogos entre amigos, podendo o redator incluir-se como um dos amigos). A pesquisa foi realizada em duas escolas da rede estadual de Porto Alegre e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Foram analisados 120 informantes de três níveis de escolaridade diferentes: 6.^a série do I Grau⁴⁰; 1.^a série do Segundo Grau e 1.^o ciclo universitário.

A amostra registrou 960 ocorrências de pronomes, com a seguinte distribuição: das 120 redações, 59 utilizaram exclusivamente *tu*; 60 só *você* e em uma apareceram ambos os pronomes.

A autora usou o critério escolaridade também como indicador de idade⁴¹; nessa perspectiva, os alunos da 6.^a série, mais jovens e com menos escolaridade, apresentaram 60% de uso de *você*; em seguida aparecem os universitários, e mais velhos, com 55% e, por último, os de Segundo Grau, intermediários, com 52,5%. Veja-se, no entanto, que os resultados das frequências encontram-se bastante próximos entre si, denotando pouca disparidade no uso de *você* em relação aos critérios analisados.

No que se refere à concordância verbal com o pronome *tu*, o estudo de GUIMARÃES comprovou a atuação da *escolaridade*: quanto mais escolarizado o produtor do texto, maior a frequência de concordância canônica de segunda pessoa: 58,33% para o I Grau; 70,77% para o II Grau e 76,79% para o 1.^o ciclo universitário.

⁴⁰Estamos mantendo a terminologia adotada pela autora.

⁴¹Salientamos a importância do trabalho de GUIMARÃES para o nosso trabalho pois, se fizermos uma projeção, os informantes de todas as faixas etárias por ela entrevistados em 1979 se encaixariam perfeitamente na primeira faixa etária (de 25 a 49 anos) do *corpus* VARSUL dos anos 90. Teceremos comparações com os resultados obtidos adiante.

Traçando um paralelo com os resultados obtidos, para Porto Alegre, por LOREGIAN (1996), nota-se que o fenômeno apontado na escrita em 1979 não se manifesta da mesma forma na linguagem falada dos anos 90: os informantes do *primário* foram os que mais efetuaram a concordância, com percentual de 7%, enquanto os do *ginásio* e do *colegial* apresentam somente 2 % de concordância canônica com o *tu*.

Se observarmos o II Grau, por exemplo, o percentual, que era de 76,79% no *corpus* de Guimarães, aparece com apenas 2% de concordância na linguagem falada dos anos 90. Isso ocorre também com os outros dois graus de escolarização analisados. Podemos ter como hipótese que o tipo de amostra possa ter influenciado nessa escolha. A amostra de 1979 é composta de redações escritas, em que há um “cuidado” maior com a manifestação do padrão. Já o *corpus* VARSUL é formado majoritariamente por narrativas de experiência pessoal, nas quais se presume que o falante se concentre *no assunto* que relata e não em *como* fala.

Essa diferença verificada na frequência de concordância – em um período de mais ou menos 12 anos – pode ser uma indicação de mudança, o que reforça a hipótese de MENON (1995:97), mencionada anteriormente, de que os falantes “interiorizaram” a forma do morfema zero como sendo a marca de segunda pessoa e a variação recai simplesmente no uso do pronome.

Quanto aos tempos verbais⁴², GUIMARÃES (1979) registrou os seguintes percentuais: os do *presente do indicativo* apresentaram 97,56% de queda do morfema -s (como em *tu anda*); em seguida apareceram os verbos do *pretérito perfeito do indicativo*, em que houve 60,87% de ocorrências com o morfema -u, ao invés da forma canônica -ste (como em *tu falou* em vez de *tu falaste*).

Em relação à variação na terminação do pretérito perfeito -ste/-sse encontrada com frequência na linguagem falada de Porto Alegre, Florianópolis e Ribeirão da Ilha (cf. LOREGIAN, 1996), em que ocorre o processo de assimilação da oclusiva [t] pela sibilante [s], GUIMARÃES não chega a fazer menção de ter encontrado ocorrências desse tipo no

⁴²Não teceremos comparações quanto aos resultados dos *tempos verbais* encontrados por LOREGIAN (1996), porque não foram feitas rodadas separadas com essa variável por cidade.

corpus por ela analisado. Entretanto, gostaríamos de registrar a hipótese de que isso possa estar ocorrendo também na linguagem escrita⁴³ dos nativos dessas cidades.

GUIMARÃES conclui o trabalho demonstrando que houve equilíbrio no uso dos pronomes de 2ª pessoa na linguagem escrita dos informantes de Porto Alegre, com uma frequência geral de 50% de uso de *você* e 49,17% de uso de *tu*. Assim, a autora concluiu que esses dois pronomes estariam em “variação livre⁴⁴” e, também, apontou a tendência de os dois pronomes em questão terem a mesma flexão verbal, naquela cidade.

O trabalho de GUIMARÃES (1979) mostra resultados altamente pertinentes, pois, conforme vimos acima, já evidencia – em textos escritos – o uso do pronome *tu* acompanhado de flexão verbal não-canônica em Porto Alegre, bem como a constatação de que o pronome *você* estava ocorrendo na escrita dos falantes gaúchos.

Duas outras dissertações de mestrado ganham importância fundamental no estudo da questão pronominal na região Sul pois, utilizando a abordagem laboviana, apresentam a constatação de uma outra maneira de o falante de Curitiba e Florianópolis se dirigir ao interlocutor: o *pronome zero*, tratamento que equivale ao uso de uma forma verbal não-marcada, sem pronome sujeito, como em:

(a) - Ø *podeØ me dizer que horas são?*

As formas como em (a) acima foram interpretadas como sendo uma maneira de evitar o uso tanto do pronome de cerimônia (*o senhor*) quanto do de intimidade (*tu/você*), evitando-se com isso a descortesia ou um (in)formalismo inadequado. Vejamos as análises.

⁴³Quando estava cursando a graduação, e antes de passar a integrar a equipe de bolsistas do VARSUL, fiquei um certo tempo como bolsista na Secretaria da Fazenda de Florianópolis (SEF) em contato diário com funcionários florianopolitanos que precisavam escrever, principalmente, cartas e relatórios. Na época, as dúvidas mais frequentes eram justamente as que envolviam variações fonológicas, como a mencionada.

⁴⁴Salientamos que não concordamos com a utilização desse termo, uma vez que entendemos, com LABOV (1972), que a variação lingüística não é aleatória, mas sim condicionada por fatores estruturais e/ou por fatores sociais. Ressaltamos ainda que, como a autora não desenvolveu uma análise laboviana, cabe nele a idéia estruturalista de “variação livre”.

ABREU (1987) analisou 96 informantes de Curitiba, distribuídos em quatro níveis de escolaridade e quatro faixas etárias, enquanto RAMOS (1989) contou com amostra de 36 informantes de Florianópolis⁴⁵, distribuídos em três níveis de escolaridade e três faixas etárias. No *corpus* das duas capitais analisadas, a ocorrência do *pronome zero* foi majoritária (839 dados, 49% em Curitiba e 427 dados, 40% em Florianópolis). Reproduzimos abaixo a Tabela 1, retirada de MENON & LOREGIAN-PENKAL (2002:154), em que aparece um resumo das duas dissertações:

Tabela 01 - Formas de se dirigir ao interlocutor (cf. Abreu, 1987; Ramos, 1989)

Cidade	Total	Zero		Tu		Você		O senhor	
		Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%
Curitiba	1714	839	49	---	---	530	31	345	20
Florianópolis	427	171	40	85	20	132	31	39	09

Ressalta-se da tabela acima primeiramente a diferença no número total de dados nas duas capitais, foram 1714 ocorrências em Curitiba e 427 em Florianópolis. Veja-se também que mesmo com essa diferença no número de ocorrências, há o mesmo percentual de uso de *você* (31% nas duas capitais) e os resultados percentuais no uso do *tratamento zero* estão bastante próximos entre si (49% em Curitiba e 40% em Florianópolis). Quanto ao uso do tratamento mais polido, a forma *o senhor* foi mais utilizada em Curitiba, com percentual de 20%, enquanto em Florianópolis houve 09% de uso dessa forma. No entanto, em Florianópolis há 20% de uso de *tu*, (que talvez justifique essa diferença no uso de *o senhor*, comparativamente a Curitiba) o que torna o tratamento na capital catarinense ternário (*tu, você, o senhor*), enquanto em Curitiba é binário (*você, o senhor*).

Em Curitiba, onde não ocorreu o *tu*, os informantes de faixa etária mais jovens usaram mais *o senhor*; os mais velhos usaram mais *você* e o *tratamento-zero* manteve-se estável, independentemente de faixa etária. Quanto à escolaridade, verificou-se um aumento do uso de *você* e a diminuição de *o senhor* à medida que houve aumento do grau de escolarização. Também nesta variável o *tratamento-zero* manteve-se estável, não

⁴⁵ Além disso RAMOS, para efeito de comparação, analisou duas obras literárias e questionário de atitudes.

importando se o falante era mais ou menos escolarizado, todos fizeram uso desse tratamento.

Em Florianópolis, os informantes mais velhos (acima de 51 anos) utilizaram mais o pronome *você*, os da faixa etária de 36 a 50 utilizaram mais o pronome *tu* e os da faixa etária de 20 a 35 fizeram uso maior do *tratamento zero*. Em relação à escolaridade, RAMOS excluiu da análise os informantes com nível secundário visto não apresentarem diferença significativa em relação ao primário. Assim, a autora analisou informantes com nível primário e universitário e concluiu que: o *pronome zero* se manteve estável nos dois níveis analisados; que o pronome *tu* foi mais utilizado pelos universitários, enquanto os informantes de nível primário fizeram maior uso do pronome *você*.

Quanto à concordância verbal nas 85 ocorrências de *tu* em Florianópolis, RAMOS obteve os seguintes resultados: dos 20% de uso de *tu*, houve 4% de concordância com o pronome; 10% de forma verbal flexionada na segunda pessoa com ausência de pronome sujeito e 6% possuem pronome sujeito mas não apresentam concordância. Resultados que levam à conclusão de que o uso do pronome sujeito estaria inibindo a flexão de segunda pessoa. Tais resultados levariam a supor, também, que em Florianópolis o pronome *você* compete com o *tu*. Entretanto, a autora afirma que pelo resultado dos testes subjetivos de avaliação dos dois pronomes, *você* estaria muito mais próximo da forma respeitosa, *o senhor*.

RAMOS enfatiza que há uma diferença entre o que o falante pensa que fala e o que ele realmente fala. De acordo com ela, muitos informantes florianopolitanos não têm noção de que usam o *você* em seu discurso e alguns, que se mostraram conscientes quanto ao uso das duas formas, justificavam esse uso pelo fato de haver influência interna no uso de *tu*, visto que em casa sempre usavam o *tu* com os familiares; como também no trabalho ou com os amigos mais íntimos. No caso do uso do outro, seria por influência externa: muitos turistas visitam a ilha e todos usam *você*; as novelas e programas de televisão favorecem o *você*, etc.

Através da aplicação de testes subjetivos de avaliação dos pronomes *tu/você*, RAMOS (1989:46) chegou ao seguinte resultado:

TU	VOCÊ
íntimo	distante
familiar	com estranhos
em ambiente familiar	influência de fora
+ dos ilhéus	+ bonito
rude	educado
informal	formal
coloquial	correto
desrespeitoso	respeitoso

A conclusão a que a autora chega é de que há uma significativa diferença semântica entre os dois pronomes, que se tornam formas opostas entre si. O *tu* implica solidariedade ou intimidade, enquanto o *você* denota tratamento mais formal, e se constitui em uma maneira mais educada de tratar aquele com o qual não se tem intimidade.

Os três estudos apontados acima são muito importantes para a presente pesquisa, pois já evidenciam algumas tendências lingüísticas, como o uso exclusivo do pronome *você* em Curitiba; o uso do pronome *tu* acompanhado de flexão verbal não-canônica tanto em Florianópolis quanto em Porto Alegre, estando esse fenômeno mais avançado na capital gaúcha que na catarinense mas, principalmente, por esses estudos demonstrarem que o pronome *você* está presente em todas essas comunidades. Além disso, a avaliação subjetiva aplicada por RAMOS em Florianópolis dará grande contribuição à análise que vamos empreender mais adiante.

Um trabalho mais recente, MENON (2000) analisa um *corpus* escrito, o da tradução brasileira de Vinhas da Ira⁴⁶, e procede a um levantamento sistemático das ocorrências de pronomes de segunda pessoa do singular (*tu, você, o senhor*) no dialeto gaúcho empregado na fala das personagens da obra.

Além de verificar a questão da alternância no uso dos pronomes íntimos de segunda pessoa e de discutir quando eles constituem uma variável sociolinguística, a autora objetivava testar o estágio em que se encontrava a concordância verbal com o *tu*, tentando, pelas características da obra, flagrar o processo de variação e até de possível mudança nessa variável, para posterior cotejo com os dados de um *corpus* escrito GUIMARÃES (1979) e um *corpus* oral dos anos 90 LOREGIAN (1996).

MENON (2000) registrou um total de 1696 dados que foram submetidos ao programa VARBRUL para a análise probabilística. Foram selecionados pelo Varb2000, na ordem de relevância, os seguintes grupos de fatores: (1) tempo verbal; (2) pronome; (3) tipo de discurso; (4) presença do pronome sujeito e (5) anáfora/paralelismo.

Os resultados obtidos para cada grupo de fatores foram comparados, em termos percentuais, com os dados de GUIMARÃES (1979) e, em termos de pesos relativos, com os resultados de LOREGIAN (1996). Na página 155, por exemplo, MENON salienta que o pronome *tu* aparece com 0,29 de concordância no *corpus* de 1940 e com apenas 0,12 no *corpus* de 1990, o que poderia ser um indício de mudança no sentido de perda da marca canônica de segunda pessoa.

No entanto, a autora faz a ressalva de que há necessidade de mais levantamentos para que se possa ter uma confirmação de que realmente houve aumento de não concordância do pronome *tu* com a forma verbal canônica de segunda pessoa, apontando para a mudança e sugere que isso talvez possa vir a ser elucidado com a análise das duas

⁴⁶Utilizou a 1ª edição brasileira, a de 1940, a partir de informação de PÁDUA (1942) de que os tradutores do livro Vinhas da Ira utilizaram linguagem de feição nitidamente brasileira, adotaram a linguagem popular riograndense do sul em que: *o tratamento de "tu", empregado na terra gaúcha em substituição ao "você" do resto do Brasil, não é acompanhado, entretanto, dos verbos na pessoa correspondente (a 2ª do singular) mas sim na terceira do singular: tu vai, tu sabe, etc.* (PÁDUA, 1942:40, *apud* MENON, 2000:148).

coletas do NURC em POA – da década de setenta e do recontato⁴⁷, que está sendo efetuado com dados do presente momento.

Na questão da alternância pronominal, MENON (2000) conclui que há uma gradação de formalidade *seja no uso de o senhor para você, seja de você para tu* (2000:157). Comenta também que o pronome *você* aparece sendo usado com estranhos, o que evitaria uma intimidade à primeira vista. Também questiona a afirmação genérica, bastante usual, de que o pronome *você* teria substituído o *tu* no PB e, em relação ao Rio Grande do Sul, levanta o seguinte questionamento:

Com relação à questão da *substituição do pronome tu por você* e de ela estar se realizando no Rio Grande do Sul, temos que aventar uma outra possibilidade: mesmo que *você* esteja em uso, a ocorrência de dados de *tu*, pelo menos no *cópus* estudado aqui, ainda é muito grande para se pensar nessa alternativa como única solução [...] (2000:159).

MENON (2000) retoma a hipótese lançada em 1995, apresentada anteriormente, e sugere a seguinte possibilidade: poderia estar havendo a manutenção do pronome *tu* como marca de identidade e de valores regionais, mas estaria se dando a perda morfológica da marca de segunda pessoa nos verbos que acompanham o pronome *tu*, com a conseqüência de se ter maior preenchimento do pronome sujeito. O resultado da análise efetuada em Vinhas da Ira apontou para isso, pois com o pronome *tu* presente junto ao verbo a possibilidade de concordância fica em 0,35, enquanto sem o pronome *tu* junto ao verbo o peso relativo sobe para 0,66 (2000:159).

Esperamos que o nosso trabalho possa contribuir para elucidar melhor tal hipótese, pois temos a oportunidade de verificar o comportamento de falantes de outras cidades do Rio Grande do Sul como Flores da Cunha, Panambi e São Borja; além de analisar esse fato também nos dados de Florianópolis e no Ribeirão da Ilha.

Há também o trabalho de AMARAL (2003), em que o autor efetua uma análise da concordância verbal com o *tu* na cidade de Pelotas (RS). Para tanto, utiliza 90 entrevistas

⁴⁷O recontato está sendo efetuado com alguns dos entrevistados, do NURC-POA, da década de 70.

do Banco de Dados Sociolinguísticos Variáveis por Classe Social (VarX), que possui uma divisão equilibrada de informantes por gênero, faixa etária e, principalmente, **classe social**.

Assim, AMARAL desenvolve um estudo variacionista centrado na análise da classe social dos informantes e os resultados por ele obtidos, em linhas gerais, apontam no sentido de que a utilização da flexão canônica de segunda pessoa tem prestígio na comunidade pesquisada, mas que, por outro lado, a não-utilização da marca de segunda pessoa não sofre estigma social.

Apesar do estudo de AMARAL (2003) ter ficado restrito à análise da variação na comunidade, consideramos importante averiguar se os resultados atribuídos a Pelotas também se verificam nas demais cidades do RS por nós investigadas, principalmente em relação à conclusão apontada pelo autor de que há *uma mudança linguística quase completada* (em Pelotas) no sentido de o verbo que acompanha o *tu* vir sem a flexão canônica de segunda pessoa.

Enfim, tentamos evidenciar que os cinco trabalhos apresentados acima - com as devidas ressalvas de tipo de *corpus* e de análise efetuada - são de extrema relevância para análises que envolvam alternância e/ou concordância com os pronomes de segunda pessoa, uma vez que trazem resultados importantes a respeito do comportamento linguístico dos falantes do Sul. Na seqüência, para completar o quadro analítico dos pronomes de segunda pessoa no Sul, veremos alguns trabalhos desenvolvidos usando os dados do projeto VARSUL.

3.4.2. Estudos descritivos usando o banco de dados VARSUL

LOREGIAN (1996) fez um estudo de análise do pronome *tu* e sua respectiva concordância verbal na fala de informantes das três capitais do Sul. Para tanto, analisou entrevistas pertencentes ao banco de dados VARSUL: 24 entrevistas de cada capital; sendo que as de Curitiba não apresentaram variação, pois não houve uso de *tu*.

Diante dessa constatação, a autora decidiu ampliar o *corpus* de Florianópolis devido a maior variabilidade, constatada em rodadas preliminares. Incluiu 12 informantes⁴⁸ de 15 a 24 anos, moradores da área urbana e cujo *corpus* foi coletado, de acordo com a metodologia laboviana, pela autora e alguns colegas de mestrado, da época, para a disciplina de Sociolinguística, ministrada por Paulino Vandresen e que passou a integrar o banco VARSUL⁴⁹. Incluiu também 12 entrevistas coletadas na comunidade do Ribeirão⁵⁰ da Ilha, a mais antiga e mais característica da Ilha, onde desembarcaram os primeiros colonizadores açorianos. Nessa localidade a etnia portuguesa é ainda muito forte, em parte devido ao isolamento vivido pelas pessoas da comunidade e ao pouco contato com pessoas externas ao grupo.

O *corpus* foi constituído por 72 informantes e resultou em 2100 dados, que foram submetidos à análise mediante oito variáveis linguísticas: *paralelismo formal*; *interação emissor/receptor*; *explicitação do pronome*; *tempo verbal*; *saliência fônica*; *tonicidade do verbo*; *número de sílabas do verbo*; *contexto fonológico seguinte* e quatro variáveis sociais: *localidade* (Florianópolis, Ribeirão da Ilha e Porto Alegre); *grau de escolarização* (primário, ginásio e colegial); *idade* (15-24 anos; 25-49 anos e mais de 50 anos) e *sexo* (masculino e feminino).

Os dados foram submetidos à análise estatística do pacote VARBRUL, que selecionou as variáveis mais significativas para a aplicação da regra de concordância com o pronome *tu*, nesta ordem: (1) *paralelismo formal*; (2) *região*; (3) *tempo verbal*; (4) *explicitação do pronome*; (5) *interação emissor/receptor*; (6) *tonicidade*; (7) *número de sílabas do verbo*; (8) *grau de escolarização* e (9) *faixa etária*. Por outro lado, as variáveis *contexto fonológico seguinte*; *saliência fônica* e *sexo* foram eliminadas como estatisticamente não significativas pelo programa.

Como esses resultados, na época, foram bastante relevantes e considerados suficientes para a dissertação de mestrado, não se realizou uma análise mais aprofundada

⁴⁸Atualmente essas gravações fazem parte do Banco de Dados do Projeto VARSUL.

⁴⁹Posteriormente a coleta de 15 a 24 se estendeu a Curitiba e Porto Alegre.

⁵⁰Esse *corpus* foi coletado pela colega de mestrado, da época, Cláudia Brescancini para efetuar a sua dissertação de mestrado. Recentemente as fitas foram doadas pela pesquisadora ao projeto VARSUL.

da questão da concordância, bem como não se incluiu a questão da alternância *tu/você*. Diante disso é que nos propomos, neste trabalho, a (re)ver os dados analisados em 1996⁵¹, juntamente com a inclusão de três cidades do Rio Grande do Sul (Flores da Cunha, Panambi e São Borja), onde essa análise ainda não havia sido efetuada, bem como resgatando de alguma forma análises feitas com os dados do interior de Santa Catarina (HAUSEN, 2000); MENON & LOREGIAN-PENKAL (2002) e do Paraná (GODOY, 1999), trabalhos que veremos na seqüência.

GODOY (1999) fez uma análise da indeterminação do sujeito nas três cidades do interior do Paraná – Irati, Londrina e Pato Branco – integrantes da amostra do projeto VARSUL. O trabalho foi baseado em MENON (1994) e apresentou como formas de indeterminação as variantes: *a gente, eles, eu, FNs (formas nominais), nós, se, tu, você, VPSA (voz passiva sem agente), ØV3PS (verbo na terceira pessoa do singular), ØV3PP (verbo na terceira pessoa do plural)*, distribuídas em 6826 ocorrências, obtidas em 72 entrevistas. Para a análise dos dados, submetidos ao pacote VARBRUL, a autora levou em consideração a variável lingüística *tempos e modos verbais* e os fatores extralingüísticos *sexo, faixa etária, escolaridade e localidade*. Os resultados mostraram que as formas de indeterminação apresentadas pelas GTs não estão entre as mais usadas no *corpus*; que as formas *você* e *ØV3PS* são as mais empregadas; que o tempo *presente do indicativo* é o mais propício para a indeterminação e que os fatores extralingüísticos exercem influência na escolha do recurso de que o falante se vale para indeterminar o sujeito em seus enunciados.

Em relação ao uso do pronome *tu* no interior do Paraná, GODOY constatou somente 34 ocorrências desse pronome, que afirma: *são 34 casos de tu e todos eles casos de não-concordância verbal nos moldes da GT* (1999:111). A distribuição dessas 34 ocorrências pode ser conferida na Tabela 2, reprodução da Tabela 10 de GODOY (1999):

⁵¹Na verdade o levantamento dos dados começou em 1994, época em que só se dispunha das transcrições das entrevistas das capitais.

Tabela 02 - *Tu - Você*/ Localidade (reprodução da Tabela 10 de GODOY, 1999:153)

	IRATI	LONDRINA	PATO BRANCO
VOCÊ	1023 / .390	1040 / .374	460 / .236
TU	03 / .064	06 / .139	25 / .796

Percebe-se, portanto, o pouco uso do pronome *tu* no interior do Paraná, com a seguinte distribuição⁵² *tu/você*: em Irati houve 1023 casos de *você* e 03 ocorrências de *tu*, sendo as 03 de indeterminação do sujeito. Em Londrina houve 1040 ocorrências de *você* e 06 de *tu*, todas as 06 de indeterminação do sujeito. Conforme o esperado, a cidade do interior do Paraná que teve maior uso de *tu* foi Pato Branco, de colonização gaúcho-catarinense, em que houve 460 ocorrências de *você* e 25 de *tu* (indeterminado).

Após tomarmos contato com a dissertação de GODOY e constatarmos o reduzido número de dados do pronome *tu* no interior do Paraná – o que de certa forma já esperávamos –, bem como a ausência de variação na concordância verbal, vimos que era desnecessário um levantamento sistemático das ocorrências dos pronomes de segunda pessoa em Irati, Londrina e Pato Branco (apesar desta ser de colonização gaúcho-catarinense), uma vez que a pouca ocorrência do pronome *tu* inviabilizaria, de certa forma, a análise das duas regras variáveis que iremos testar: alternância *tu/você* e concordância verbal com o pronome *tu*. Portanto, conforme veremos adiante, nossa análise será efetuada nos dois estados do Sul em que o *tu* se mantém: Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

HAUSEN (2000) analisou a distribuição dos pronomes *tu/você* nos informantes do VARSUL do interior de Santa Catarina (Blumenau, Chapecó e Lages). Encontrou um total de 2155 dados, sendo que destes houve 1594 ocorrências de *você* e 561 casos de *tu*. A autora tomou como parâmetro o trabalho de LOREGIAN (1996), analisando praticamente

⁵²Em comunicação pessoal, GODOY nos forneceu o número total de ocorrências de *tu*, inclusive as ocorrências em que não há indeterminação do sujeito, objeto de seu estudo. Segundo ela, há um total de 40 ocorrências desse pronome (sendo 30 em Pato Branco, 06 em Londrina e 04 em Irati; das quais 34 são de indeterminação do sujeito). Note-se, também, que GODOY considerou como variável dependente a localidade, efetuando, assim, uma **análise ternária**, daí a apresentação dos pesos relativos, na reprodução da Tabela 10, com três casas decimais.

as mesmas variáveis⁵³, para fins comparativos. No entanto, ambos os trabalhos ficaram restritos à variação na comunidade, o que motivou o seguinte comentário de MENON (2000:146):

(...) se os dados de Loregian apontam para a variação no uso dos pronomes de segunda pessoa nas duas capitais, **essa variação se concentra na comunidade, não nos indivíduos**. Esses resultados merecem uma análise mais fina, no que diz respeito justamente a essa diferença no nível da variação.

Diante disso, MENON & LOREGIAN-PENKAL (2002) retomaram as entrevistas das três capitais do Sul mais Chapecó, Blumenau e Lages com o intuito de iniciar o refinamento da análise, checando inclusive a variação no indivíduo. Assim, efetuaram diversas rodadas para testar as variáveis previamente estabelecidas.

Ao dar início à análise da variação no indivíduo, foram levantadas as entrevistas de Santa Catarina (menos o Ribeirão da Ilha), mais as de Porto Alegre e Curitiba para organizar uma tabela contendo a distribuição dos pronomes *tu/você*, por informante, das 6 cidades analisadas.

Reproduzimos abaixo, parcialmente, a tabela 03 (da página 162 de MENON e LOREGIAN-PENKAL), em que aparecem primeiramente os informantes categóricos (de *só tu* ou *só você*), seguidos dos informantes que alternam os pronomes *tu/você* na mesma entrevista. Na terceira coluna foram agrupados os informantes categóricos de *só tu* mais aqueles que usaram *tu/você*; na quarta e última coluna aparecem os informantes de *só você* mais aqueles que fizeram uso da alternância *tu/você* ao longo da entrevista.

⁵³Em função disso, para o presente trabalho foi feito novamente o levantamento dos dados do interior de Santa Catarina e as rodadas serão refeitas de acordo com a nova estipulação de variáveis.

Tabela 03 - Usos dos pronomes *tu/você*: distribuição pelos informantes das três capitais e das três cidades do interior de Santa Catarina

Cidade	'só tu	só você	tu/ você	tu + [tu/você]	você + [tu/você]
Curitiba	---	24	----	----	----
Lages	01	06	17	18	23
Blumenau	03	02	18	21	20
Chapecó	06	02	16	22	18
Florianópolis	13	01	10	23	11
Porto Alegre	14	01	09	23	10
Total	37	36	70	107	106

Pelos resultados da Tabela 3, as autoras concluíram que se fosse analisado só o todo, não se conseguiria dar uma explicação ao fenômeno da variação e ao da mudança, se esta estivesse ocorrendo: a conclusão a que se chegaria é de que, na região Sul, ambos os pronomes estariam ocorrendo em (quase) igualdade de condições, pois há um empate técnico, de 107 casos de *tu + tu/você*, contra 106 de *você + tu/você*. Ou seja, esses resultados, por serem muito próximos, não deixariam transparecer as diferenças regionais e/ou individuais.

Para efetuar uma análise mais pormenorizada, em que se pudesse flagrar a variação regional e/ou individual, tentando inclusive traçar o caminho da infiltração do pronome *você* no sistema do *tu*, na seqüência da análise as autoras eliminaram todos os falantes categóricos (de *só tu* e *só você*) e se detiveram naqueles que possuíam os dois pronomes em sua gramática. Na visão das autoras, eles seriam o elo na cadeia da mudança, responsáveis inclusive pela transmissão desse(s) pronome(s) à geração seguinte.

Nessa etapa da análise foram codificadas somente as entrevistas de Porto Alegre, Florianópolis e Lages. Foram feitas rodadas no VARBRUL e consideradas as seguintes variáveis: *tipo de discurso*; *determinação do referente*; *tempo verbal*; *presença do pronome sujeito*; *região*; *idade*; *escolaridade* e *sexo*.

De posse dos resultados estatísticos, MENON & LOREGIAN-PENKAL (p.173) montaram uma tabela contendo os pesos relativos atribuídos a cada informante (que

utilizou *tu* e *você* ao longo da entrevista) em relação ao número de ocorrências do pronome *tu*.

Também foi efetuada uma análise sobre o comportamento da concordância com o *tu* nas cidades pesquisadas e enfocados alguns caminhos de mudança como, por exemplo, que a entrada do *você* se dá principalmente através da indeterminação do referente e também que o maior uso do pronome sujeito não seria consequência e sim favorecedor do desaparecimento da concordância verbal na segunda pessoa. Todas as hipóteses, tanto as de variação na comunidade como no indivíduo, além daquela de o pronome *tu* estar funcionando como marca regional, serão retomadas adiante, na análise dos dados deste trabalho.

3.5. Suporte teórico-metodológico

The speech community is not defined by any marked agreement in the use of language elements, so much as by participation in a set of shared norms; these norms may be observed in overt types of evaluative behavior, and by the uniformity of abstract patterns of variation which are invariant to respect to particular levels of usage (LABOV, 1968:120-1).

O emprego das formas *tu* e *você* constitui uma de nossas variáveis de análise neste trabalho. A outra variável que está sendo analisada diz respeito à concordância verbal – com marca canônica de segunda pessoa ou sem a referida marca – que acompanha o pronome *tu*. Diante desse quadro de análise, a abordagem teórico-metodológica não poderia ser outra senão a variacionista; afinal, e parafraseando LABOV, parece não haver dúvida de que se está diante de maneiras alternativas de dizer a mesma coisa, em contextos idênticos, e vamos testar se com o mesmo valor de verdade.

Segundo a abordagem variacionista, são os dados produzidos em circunstâncias reais que revelam a verdadeira configuração de uma dada língua, bem como os seus

caminhos de mudança. Ao assumirem que as mudanças podem ter motivações sociais, os variacionistas admitem, então, que os fenômenos variáveis, aqueles expressos por duas ou mais variantes, apresentam tendências regulares passíveis de serem descritas e explicadas por restrições de natureza lingüística e não-lingüística.

Dessa forma, a Sociolingüística Variacionista vem firmar o tratamento da variabilidade lingüística, sistematizando-a de modo a desmistificar a visão que se tinha de que os fenômenos de variação eram caóticos e, por isso, impossíveis de serem analisados. Com sua abordagem teórico-metodológica, Labov quer mostrar justamente o contrário: que a heterogeneidade lingüística é sistemática, não aleatória, visto que, ao contrário do que se apregoava, a aparente confusão do dado real de fala não existe, porque a variação é regulada, constituindo padrões sociais e lingüísticos.

Tradicionalmente, “todas as unidades lingüísticas – fones, fonemas, morfemas, frases e cláusulas – eram tratadas como invariantes, discretas e qualitativas” (Labov, 1966). A Teoria Variacionista, contudo, reverte esta situação na medida em que trata a variável lingüística como uma *estrutura variante* (no sentido em que é realizada diferentemente em situações diversas), *contínua* (certas variantes têm seu valor social atrelado ao distanciamento ou diferenciação com relação à variante padrão) e *quantitativa* (no sentido em que a variável tem sua significação determinada não simplesmente pela presença ou ausência de suas variantes, mas por suas freqüências relativas). Daí denominar-se a abordagem laboviana de Teoria Variacionista Quantitativa.

Em outros termos, para abranger a variação inerente das línguas, Labov (1969) amplia o conceito de regra da gramática para envolver o de **regra variável**. Segundo ele, a regra variável deve ter freqüência de uso expressiva e estar sujeita à interferência tanto de fatores lingüísticos (fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos) quanto de fatores extralingüísticos (idade, sexo, nível de escolarização, etnia, etc.). Isto leva a três implicações imediatas: (1) que a análise da regra variável seja necessariamente quantitativa, uma vez que envolve o tratamento de grande número de dados para dar conta do efeito de diferentes fatores; (2) que o pesquisador variacionista tenha como principal objeto de descrição a fala de indivíduos inseridos em uma comunidade de fala, isto é,

dados empíricos, e não dados “fabricados”; (3) que a análise seja multivariada, já que a alternância entre duas ou mais formas pode se dar por influência simultânea de vários fatores independentes.

Isso quer dizer que os estudos de Labov não se situam à margem de uma lingüística da língua, uma vez que ele considera que esta só tem sentido em um contexto social. Em outras palavras, diferentemente de Saussure e Chomsky, por exemplo, Labov quer buscar a estrutura heterogênea da língua enquanto falada por uma comunidade ou grupo social. Seu foco de interesse não são as formas categóricas da língua, mas as variantes - formas alternativas de se dizer a mesma coisa, permitidas pela própria estrutura da língua e motivadas por condicionamentos externos; Labov quer mostrar a existência e o funcionamento de regularidades na variação, quer mostrar que esta é sistemática e previsível.

Labov vai mais além, afirmando que a variação e as estruturas heterogêneas são fenômenos naturais nas comunidades de fala e que estruturação não significa homogeneidade. Para isso, formaliza todo um instrumental teórico e metodológico para tratar com a variação.

Com o advento da metodologia variacionista quantitativa tem-se, então, a oportunidade de depreender e avaliar em termos quantitativos o efeito de fatores lingüísticos e extralingüísticos que condicionam os fenômenos de variação e mudança na fala, ou seja, “avaliar o *QUANTUM* cada categoria contribui para a realização de uma ou outra variante das formas em competição” (Naro, 1992). Trata-se, portanto, de um modelo de análise de grande número de dados da fala concreta que possibilita ao lingüista descrever, estatisticamente, a variedade do fenômeno em estudo.

Entretanto, isso não quer dizer que a Teoria Variacionista opte apenas por uma descrição quantitativa de seu objeto de estudo. Ao contrário, ela combina as abordagens quantitativa e qualitativa na descrição de fenômenos lingüísticos, sendo ambas complementares.

Por fim, vale registrar que três estudos (hoje clássicos), realizados por Labov, marcaram o início da Sociolinguística Variacionista. No primeiro deles, em 1963, o autor investiga a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ em Martha's Vineyard; em 1966, estuda o /r/ pós-vocálico na cidade de Nova Iorque e, em 1972a, realiza um estudo sobre o desaparecimento da cópula no inglês falado por adolescentes negros do Harlem, Nova Iorque. O trabalho de 1963 e alguns capítulos de 1966 foram publicados em 1972b no livro "*Sociolinguistic Patterns*". Nesse livro Labov aborda também os conceitos de variação e de mudança linguística.

4. METODOLOGIA

*Conte-me alguma coisa e eu esqueço.
Mostre-me alguma coisa e eu apenas me lembro.
Envolve-me com alguma coisa e eu compreendo.
(Confúcio)*

Uma pesquisa sociolinguística de base laboviana envolve, normalmente, os seguintes procedimentos: coleta de dados reais com uma seleção prévia dos informantes, seguida da transcrição desses dados, do estabelecimento das variantes sob estudo e da delimitação da análise. O passo seguinte consiste em codificar, digitar e quantificar os dados para, dessa forma, obter resultados estatísticos e analisá-los lingüística e qualitativamente, de acordo com as hipóteses previamente estabelecidas.

Nesta parte do trabalho, descrevemos as etapas sequenciais por que passou, metodologicamente, a presente pesquisa. Abordamos inicialmente o projeto VARSUL, tendo em vista o fato de os dados trabalhados terem sido coletados (em sua grande maioria) pela equipe de bolsistas desse projeto.

4.1. O Projeto VARSUL

O projeto Variação Lingüística Urbana na Região Sul (VARSUL) teve início oficialmente em 1990, composto inicialmente pelas três universidades federais do Sul: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em 1993 o projeto passou a contar também com a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC – RS).

O projeto VARSUL segue os postulados da sociolinguística variacionista e possui como meta principal “armazenar e colocar à disposição dos pesquisadores interessados amostras de realizações da fala de habitantes enraizados em áreas urbanas

sócio-culturalmente representativas de cada um dos três estados da região Sul do Brasil” (KNIES & COSTA, 1995:1).

Foram selecionadas quatro cidades⁵⁴ representativas de cada estado para compor a amostra do projeto VARSUL, a saber: **Santa Catarina** (Florianópolis, Chapecó, Blumenau e Lages); **Paraná** (Curitiba, Londrina, Pato Branco e Irati); **Rio Grande do Sul** (Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja). Em cada uma dessas cidades foram entrevistados 24 moradores, totalizando 96 entrevistas por estado e 288 no acervo total.

De acordo com KNIES & COSTA (1995), para a seleção dos informantes foram levados em consideração critérios étnicos, como: (i) ter nascido, preferencialmente, na localidade analisada; (ii) ter morado na localidade a maior parte de sua vida (pelo menos 2/3); (iii) não ter morado fora da região por mais de um ano no período de aquisição da língua (2 a 12 anos); (iv) ser uma pessoa representativa da localidade e/ou ou que não cause estranheza a outros moradores da região. Além disso, foram consideradas características sociais comprovadamente significativas em pesquisas sociolinguísticas anteriores, que são as seguintes: *sexo, idade e escolaridade*.

Quanto à variável *sexo*, foram selecionados 12 falantes mulheres e 12 homens de cada localidade.

A idade foi dividida em duas faixas A e B. Na faixa etária A encontram-se indivíduos com idades entre 25 a 49 anos e na faixa etária B pessoas com 50 anos ou mais. Para cada faixa etária foram selecionados 12 informantes, dos quais 6 são homens e 6 são mulheres.

⁵⁴As cidades que fazem parte do banco VARSUL – em cada um dos três estados do Sul – possuem determinadas características que as tornam representativas do estado ao qual pertencem. Nos anexos deste trabalho, elencamos alguns aspectos históricos de cada uma das cidades selecionadas pela equipe VARSUL e que fazem parte deste trabalho que vimos desenvolvendo.

A escolaridade foi dividida em três níveis⁵⁵: primário, ginásio e colegial. Para cada um dos níveis foram selecionados 8 informantes, sendo 4 do sexo feminino e 4 do masculino. No primário encontram-se as pessoas que tenham cursado de 4 a 5 anos de escola; no ginásio estão os indivíduos que tenham freqüentado de 8 a 9 anos de escola e o colegial compreende informantes que tenham cursado de 10 a 11 anos de escola. Vale ressaltar que, por uma questão de uniformidade de critérios e de amostra, sempre que possível foi evitada a coleta de pessoas que tenham cursado supletivo.

Para a coleta dos dados sempre eram feitos dois contatos com cada informante. O primeiro contato era para, com a ajuda de pessoas da comunidade (geralmente líderes comunitários), estabelecer uma relação amigável entre o entrevistador e o informante. Nesse primeiro encontro o pesquisador registrava as características sociais do falante, reunindo já as primeiras informações para o trabalho de entrevista (que irão auxiliar na elaboração de um roteiro de perguntas, por exemplo) além de esse primeiro contato contribuir para minimizar o que Labov denomina *paradoxo do observador*.

Coletados esses primeiros dados, o entrevistador então marcava o dia e a hora mais propícia para o informante conceder a entrevista, alegando que se tratava de um estudo sobre a colonização do local, sobre os costumes e hábitos dos moradores, etc.

No segundo contato, o pesquisador gravava a entrevista em fita cassete, com duração de, no máximo, 60 minutos. Para este dia o pesquisador trazia um roteiro de perguntas, cuja finalidade era orientar as entrevistas. O falante, então, era levado a discorrer sobre sua história de vida, sua cidade, seus valores, crenças, folclore, etc. Mas a prioridade era coletar sempre as narrativas de experiência pessoal, situação em que o falante se envolve emocionalmente com o **que** ele fala, não se preocupando em **como** ele fala.

As entrevistas foram realizadas preferencialmente na casa do próprio informante, com isso, tencionava-se deixá-lo mais à vontade. Participavam dessa entrevista,

⁵⁵Atualmente, segundo os PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais –, essa classificação corresponde a: primário: *primeiro e segundo ciclos do Ensino Fundamental*; ginásio: *terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental* e Colegial: *Ensino Médio*.

normalmente, apenas o entrevistador e o entrevistado. Porém, há casos de participação de **intervenientes** que eram ou acompanhantes do entrevistador ou um membro ou amigo da família do entrevistado.

Vencida a etapa de coleta das 24 entrevistas de cada cidade, as fitas originais foram copiadas para iniciar-se a transcrição dos dados, feita em um sistema de três linhas. Na primeira linha registra-se a sintaxe real da fala dos informantes, levando-se em consideração todas as hesitações e interrupções. Na segunda linha são marcadas as pausas e registrados os aspectos fonéticos variáveis e na terceira linha é feita a classificação morfossintática, bem como a marcação de aspectos prosódicos como ênfase e velocidade de fala.

Ao término da transcrição foi iniciada a etapa de digitação do material em editor de texto especialmente desenvolvido para o projeto VARSUL pela empresa ENGESIS. A partir de então o material foi impresso, revisado, corrigido e reimpresso para ser encadernado e ficar à disposição dos pesquisadores – em cada uma das universidades que compõem o projeto – como excelente material de análise.

Comentado o *corpus* de onde provêm nossos dados, resta retomar que eles foram estudados à luz da teoria da variação lingüística, conforme proposta de Labov. Para tanto, fizemos uso de suporte quantitativo – o programa computacional VARBRUL – sobre o qual tecemos alguns comentários no item subsequente.

4.2 - SUPORTE QUANTITATIVO

Por detrás dos números, que são usados como um recurso adicional para refutar ou não hipóteses diversas, há um lingüista, ser pensante, que tem como objetivo entender o funcionamento da língua.
(SCHERRE, 1996:30)

Ao estabelecer o conceito de regra variável, Labov mostrou também a importância de se estabelecer fatores lingüísticos e extralingüísticos que favorecem ou inibem a aplicação da regra sob estudo. A partir daí, a metodologia variacionista permitiu avaliar em termos quantitativos o efeito desses fatores que condicionam os fenômenos de variação e mudança na língua.

Para se calcular o efeito combinado de todos os ambientes contextuais na aplicação de uma determinada regra lingüística, têm sido utilizados diferentes pacotes estatísticos para a análise da variação. No entanto, o que se consagrou entre os sociolingüistas foi o sistema “logístico” proposto por David Sankoff, *Variable Rule Analysis*⁵⁶. A partir deste modelo matemático foi desenvolvido o programa computacional VARBRUL⁵⁷, cuja terceira versão, organizada por Susan Pintzuk e denominada VARBRUL 2S, foi utilizada nesta pesquisa.

A versão desenvolvida por Pintzuk, além de calcular o número de ocorrências dos fatores de cada variável (percentagens), trabalha também com os pesos relativos de cada fator (ou grupo de fatores), ou seja, faz a análise conjugada dos grupos e verifica eventuais interações, o que torna a análise muito mais precisa e segura. Além disso, o pacote implementado por Pintzuk permite a existência do fator *não se aplica*, quando os critérios de um dado grupo não se aplicarem a um determinado dado e também, segundo SCHERRE (em comunicação pessoal), esta versão leva em conta o número de dados dos

⁵⁶Para um histórico detalhado dos diversos modelos probabilísticos utilizados na análise da variação, consultar: CEDERGREN & SANKOFF (1974); LABOV (1972); ROUSSEAU & SANKOFF (1978); SANKOFF (1988a); NARO (1981 e 2003).

⁵⁷Maiores informações sobre a utilização do programa VARBRUL podem ser obtidas no manual escrito por Pintzuk e traduzido para o português por Ivone I. Pinto. Consultar também Scherre (1988, 1992 e 1993).

fatores, corrigindo distorções anteriores, quando havia um pequeno número de dados para um dado fator com influência muito polarizada. Também de acordo com SCHERRE, o pacote implementado por Pintzuk tem uma série de programas auxiliares que não existiam antes (*checktok, readtok, countup, crosstab, tsort, textsort*).

O VARBRUL 2S trabalha com diversos níveis de análises, “efetuando comparações progressivas entre os pesos relativos atribuídos aos diversos fatores das variáveis independentes e fazendo seleção estatística a cada passo da análise” (Scherre, 1992: 27). Ou seja, no *nível zero* o programa calcula “a média global corrigida de aplicação da regra” (id. *ibid.*); esta média é considerada como “a probabilidade de aplicação da regra quando o efeito de todos os fatores de todas as variáveis é neutro”(LEMLE & NARO, 1977, p.26-27). A esta probabilidade é dado o nome de *input* da regra.

No nível seguinte, o *nível 1*, o programa calcula os pesos relativos de cada grupo de fatores isoladamente, em comparação ao *input* e atribui a cada um deles um *log likelihood* (que mede o grau de adequação do modelo aos dados) e a cada uma das variáveis é atribuído um nível de significância (margem de erro), e o grupo mais significativo é selecionado.

Depois de escolher o primeiro grupo estatisticamente relevante, o programa executa o segundo nível de análise, em que compara a primeira variável selecionada com as demais, duas a duas, atribuindo *log likelihoods* e níveis de significância a cada variável testada, ao lado dos pesos relativos de seus fatores; então escolhe o segundo grupo mais relevante estatisticamente.

Feito isso, o programa executa o terceiro nível de análise e compara as duas variáveis selecionadas, agora três a três, e escolhe a terceira variável e assim sucessivamente até que não reste nenhuma variável estatisticamente relevante. Este processo, que se dá do nível zero até o nível N, recebe o nome de *stepup*.

O processo descrito acima ocorre também inversamente, ou seja, do nível N até o nível 0 e recebe o nome de *stepdown*. No *stepdown* o programa testa novamente todas as variáveis (as selecionadas e as não selecionadas no *stepup*) e verifica se as variáveis selecionadas não são eliminadas e se as variáveis não selecionadas são eliminadas. Segundo SANKOFF⁵⁸ (1988a: 991-992) “O ideal é que a análise *step-down* pare de eliminar grupos quando os restantes fazem parte do conjunto de grupos que foram selecionados na análise *step-up*. Neste caso, podemos estar bastante seguros de que este é o conjunto de grupos de fatores ideal. Ocasionalmente, as duas análises podem não coincidir. Neste caso, os grupos que não foram nem adicionados pelo *step-up* e nem eliminados pelo *step-down*, e aqueles que foram tanto adicionados quanto eliminados apresentam *status* indefinido.”

Quanto à leitura dos pesos relativos, para análises binárias⁵⁹ tem-se enfatizado que pesos relativos próximos a 100 são fortemente favorecedores da aplicação da regra em relação ao fenômeno em estudo, próximos a 0,50 são neutros em relação à aplicação da regra e próximos a zero desfavorecem a aplicação da regra.

Entretanto, além dessa leitura, segundo SANKOFF (1988a: 989), o mais importante é analisar a relação entre os números propriamente ditos, ou seja, interessa comparar entre si os valores associados aos pesos relativos e medir suas diferenças e não os valores em si, observados isoladamente. Nas palavras dele: “é a comparação dos efeitos de quaisquer dois fatores em um grupo de fatores (medida pelas suas diferenças) que é importante, e não os seus valores individuais⁶⁰.” Por exemplo, se uma determinada variável binária obtiver para o primeiro fator peso relativo de 0,42 e, para o outro fator, o peso atribuído for 0,58, vemos que os dois resultados estão equitativos ao ponto 0,50 (ambos distando

⁵⁸“Ideally, the step-down analysis stops discarding groups when it is left with just the set of groups that were added in the step-up analysis. In this case, we can be fairly sure that this is the optimal group of factors. Occasionally, the two analyses do not coincide in this way. In this case, the groups which were neither added by the step-up nor discarded by the step-down, and those that were both added and discarded, remain of uncertain status.” (SANKOFF, 1988a: 991-992).

⁵⁹Um exemplo típico de análise binária é o presente estudo, em que temos a possibilidade de realização de duas variantes: verbo com flexão de segunda pessoa e verbo sem a flexão de segunda pessoa (ex: *tu falas/tu fala*); e também em: uso pronome *tu* ou *você*.

⁶⁰“It is the comparison of the effects of any two factors in a factor group (as measured by their difference) which is important, and not their individual values” (SANKOFF, 1988a: 989).

0,08). No entanto, se compararmos os dois fatores entre si, veremos que essa diferença aumenta para 0,16 e, dessa forma, o resultado torna-se relevante.

Por fim, vale retomar a citação de SCHERRE feita no início deste item e lembrar que os números são apenas acessórios, cabendo ao linguísta a importante função de interpretar lingüística e qualitativamente os resultados.

4.3. CONSTITUIÇÃO DA NOSSA AMOSTRA

Para efetuar o presente estudo, percorremos algumas etapas que passaremos a descrever na seqüência.

Fizemos, inicialmente, uma reanálise dos dados levantados por LOREGIAN (1996) nas três capitais e no Ribeirão da Ilha e procedemos à leitura⁶¹ e levantamento manual das entrevistas para coletar as ocorrências do pronome *você* e todos os casos de marcadores discursivos e imperativos de segunda pessoa que não havíamos feito naquela ocasião.

Na seqüência, iniciamos o levantamento dos casos de ocorrência do pronome *tu* e sua respectiva concordância, bem como das ocorrências do pronome *você*, dos marcadores discursivos e imperativos de segunda pessoa nas cidades do interior do Rio Grande do Sul: Flores da Cunha, Panambi e São Borja.

Os dados do interior de Santa Catarina foram aproveitados do levantamento feito por MENON e LOREGIAN-PENKAL (2002) e os do interior do Paraná, devido a pouca ocorrência de *tu*, foram retirados (para fins de citações) do trabalho de GODOY (1999).

⁶¹ Isso não ocorreu com as entrevistas do Ribeirão da Ilha, pois tivemos de escutar novamente as fitas cassetes na íntegra, isso porque elas ainda não se encontram transcritas como as demais.

Optamos por não utilizar em nenhum momento o programa interpretador⁶² porque nosso interesse ia além da simples ocorrência da forma. Interessava-nos, além de conhecer os dados, fazer um levantamento mais criterioso, inclusive com checagem e coleta de contextos variados. Em vários momentos, inclusive, ouvimos a fita para averiguar se as marcações condiziam com o que o informante havia falado na entrevista. Numa dessas checagens descobrimos, por exemplo, que um dos informantes de Curitiba, cuja transcrição registra três ocorrências do pronome *tu* não corresponde à produção do informante, desvio⁶³ provocado muito provavelmente devido à velocidade de fala do informante⁶⁴.

Procedemos, então, à montagem de um quadro inicial, distribuindo os informantes em relação à forma pronominal de segunda pessoa. Quadro similar a esse já havia sido feito, com as três capitais, por LOREGIAN (1996) e, para o interior de SC, por MENON & LOREGIAN-PENKAL (2002). Estamos, agora, revendo e ampliando esse quadro para termos inicialmente uma breve visão geral do comportamento dos falantes de nossa amostra.

Quadro 6 - Distribuição dos informantes quanto à alternância *tu/você*⁶⁵

Cidades	TU	VOCE	TU/VOCE	Total
Porto Alegre	14	1	9	24
Florianópolis	13	1	10	24
Curitiba	-	24	-	24
Flores da Cunha	13	-	10	23
Panambi	7	-	14	21
São Borja	14	1	6	21
Chapecó	6	2	16	24
Blumenau	2	4	17	23
Lages	1	6	17	24
Ribeirão da Ilha	7	-	4	11
Total	77	39	103	219

⁶²O programa interpretador faz parte do conjunto de programas elaborados pela Engesis Engenharia Ltda exclusivamente para o projeto VARSUL. Esse programa faz a seleção automática das ocorrências e eventuais contextos que o pesquisador solicitar através de comandos específicos.

⁶³Quem já fez transcrição de entrevista sabe o quanto essa tarefa exige e quantas falhas podem ser cometidas, principalmente devidas ao cansaço do transcritor. Por isso, a etapa de revisão é fundamental e ao pesquisador cabe a tarefa de escutar as fitas sempre que desconfiar de alguma coisa. Foi isso que fizemos.

⁶⁴Destacamos estas ocorrências de Curitiba tendo em vista que, em LOREGIAN (1996), não fizemos audição das entrevistas e tal uso ficou então registrado.

⁶⁵Teceremos comentários acerca da distribuição dos informantes de acordo com o pronome de segunda pessoa utilizado no capítulo Análise dos Dados. Aqui o Quadro 6 é meramente para visualização de como nossa amostra ficou constituída.

Veja-se que as três cidades do interior do Paraná – Irati, Londrina e Pato Branco – não foram incluídas no quadro acima em função da pouca ocorrência de *tu* e também porque ficaram fora de nossa amostra. Já Curitiba, mesmo que também tenha sido excluída da análise, aparece no quadro com fins ilustrativos e também porque, contrariamente às cidades do interior do Paraná, chegamos a efetuar o levantamento das ocorrências de *você* nas 24 entrevistas dessa capital.

As demais localidades contidas no Quadro 6 foram consideradas na análise tanto da alternância pronominal *tu/você* quanto na análise da concordância verbal com o *tu*. No entanto, ressaltamos que apesar de nas cidades que compõem o Banco VARSUL terem sido entrevistados 24 informantes para compor o banco, veja-se que nas localidades de Blumenau, Flores da Cunha, Panambi e São Borja há informante(s) que não utilizaram na entrevista nem *tu*, nem *você* e sim preferiram utilizar a estratégia do *tratamento zero* (cf. ABREU, 1987 e RAMOS, 1989) e, por tal motivo, tais informantes foram excluídos de nossa amostra.

Portanto, a amostra deste trabalho está representada desta forma:

1 - Capitais:

- 24 informantes de Porto Alegre;
- 24 informantes de Florianópolis;

2 - Dados do interior do Rio Grande do Sul:

- 23 informantes de Flores da Cunha;
- 21 informantes de Panambi;
- 21 informantes de São Borja.

3 - Dados do interior de Santa Catarina:

- 24 informantes de Chapecó;
- 23 informantes de Blumenau;
- 24 informantes de Lages;
- 11 informantes do Ribeirão da Ilha.

Temos na amostra efetivamente trabalhada 195 informantes, cujo comportamento lingüístico foi analisado em relação a duas regras variáveis: (a) alternância pronominal *tu/você*, com um total de 6234 dados e (b) concordância verbal com o pronome *tu*, com 4090 dados.

Esses dados foram levantados e codificados para que pudéssemos rodar o programa computacional VARBRUL. Na seqüência veremos de que forma isso foi realizado.

4.4. LEVANTAMENTO E CODIFICAÇÃO DOS DADOS

Para procedermos ao levantamento dos dados, como já enfatizamos, lemos as entrevistas impressas e, sempre que necessário, efetuamos a audição das fitas e transcrevemos apenas os contextos que nos interessavam para a realização da presente pesquisa.

O primeiro contexto analisado foi a alternância pronominal *tu/você*. Para tanto levantamos e digitamos todas as ocorrências de *tu* e *você* tanto com os pronomes explícitos quanto ausentes, mas desde que se podia recuperar o pronome no contexto imediatamente anterior.

Em seguida, digitamos as estruturas com pronome sujeito *tu* (explícito ou apagado, mas neste caso com marca canônica de segunda pessoa no verbo) e seus respectivos verbos e analisamos cada forma verbal de acordo com os grupos de fatores previamente estabelecidos, que podem ser conferidos na seqüência.

Nas ocorrências em que o pronome *tu* estava ausente e não havia flexão canônica de segunda pessoa no verbo, efetuamos um controle bastante rigoroso da série em que o verbo aparecia. Para esses casos, só consideramos como ocorrências os verbos em que havia um pronome *tu* no contexto anterior ao verbo sob análise e não havia nenhum pronome *você* nas cercanias. Agimos assim porque, caso contrário, não saberíamos a qual

pronome o verbo estaria acompanhando, uma vez que a forma que acompanha o *você* é não-marcada, forma essa que freqüentemente aparece também ao lado de *tu*.

Nesta etapa do trabalho, cada dado sob análise recebeu uma codificação, constituída de 12 itens, isto é, um número representando a *variável dependente* e onze números e/ou letras simbolizando os fatores das *variáveis independentes*, que podem ser conferidas com mais detalhes na seção *variáveis trabalhadas*, adiante.

Então, nessa etapa, muitas das *variáveis* de LOREGIAN (1996) foram reanalisadas e foram devidamente estudadas quando da apresentação das *variáveis* lingüísticas e sociais. Além de retomar, também acrescentamos à presente pesquisa:

a) analisamos o porquê do uso de *tu* ou *você* para estabelecer a referência de segunda pessoa pelo falante, ou seja, em que contextos ele usa *tu* ou *você* e em que medida se dá essa alternância pronominal. Com isso, esperamos medir em que contextos de uso o pronome *você* pode estar avançando dentro da comunidade lingüística em estudo.

b) retomamos a discussão, iniciada por MENON & LOREGIAN-PENKAL (2002), a respeito de controlar se a variação está se dando na comunidade ou no indivíduo e fizemos análises similares nas três cidades do interior do Rio Grande do Sul. Com este procedimento, visamos demonstrar que, se tratarmos só da variação na comunidade – só do todo – as diferenças podem desaparecer e não se consegue dar uma explicação ao fenômeno da variação e ao da mudança, caso esta estiver ocorrendo (cf. MENON & LOREGIAN-PENKAL, 2002:161).

c) Através dos resultados da *variável localidade*, verificamos se, de alguma forma, a ocupação étnica diferenciada (que levou à seleção das cidades para o projeto VARSUL) se revela significativa do ponto de vista lingüístico.

Assim, no próximo item vamos apresentar as principais hipóteses que nortearam este trabalho.

4.5. PRINCIPAIS HIPÓTESES

Conforme afirmamos anteriormente, estamos utilizando para o desenvolvimento deste trabalho um total de 195 entrevistas, que foram submetidas à análise de duas regras variáveis e às seguintes hipóteses gerais:

4.5.1.1. A **alternância *tu/você*** é linguisticamente motivada:

4.5.1.1.1. O *tipo de interlocução* exerce influência para um maior aparecimento do pronome *tu* (quando o falante repete sua própria fala e quando o interlocutor é um interveniente formam os contextos mais propícios ao uso de *tu*);

4.5.1.1.2. A *indeterminação do referente* propicia o aparecimento do pronome *você*;

4.5.1.1.3. As *receitas*, as *explicações* e o *discurso predominantemente argumentativo* propiciam o aparecimento do pronome *tu*;

4.5.1.1.4. A *explicitação e manutenção do pronome *tu** e a *conseqüente perda morfológica da marca de segunda pessoa nos verbos* e um maior *peenchimento do pronome sujeito* constituem *marca de identidade e de valores regionais nas cidades do Rio Grande do Sul e em Chapecó, Santa Catarina*.

4.5.1.2. A **alternância *tu/você*** é socialmente motivada:

4.5.1.2.1. A *localidade/etnia* do informante exerce influência no uso do pronome *tu*: *falantes de etnia açoriana (Florianópolis e Ribeirão da Ilha) apresentam uso maior desse pronome*;

4.5.1.2.2. *Falantes da segunda faixa etária (mais de 50 anos) apresentam uso maior do pronome menos íntimo *você**;

4.5.1.2.3. A maior escolarização do falante exerce influência no uso das formas canônicas – falantes do *colegial* apresentam uso maior do pronome *tu*;

4.5.1.2.4. As *mulheres* lideram o uso do pronome *tu*.

Em relação à nossa segunda regra variável, a **concordância verbal com o pronome *tu***, as principais hipóteses levantadas foram as seguintes:

4.5.2.1. A concordância verbal com o pronome *tu* sofre restrições de natureza lingüística, pois:

4.5.2.1.1. Apresenta condicionamentos discursivos: a concordância é maior em situações em que o entrevistador é o interlocutor; em contextos cujo referente é determinado e em situações em que o falante explica algum ponto de sua fala ao entrevistador, fornece ou solicita a ele algum esclarecimento;

4.5.2.1.2. Apresenta condicionamentos morfofonológicos: flexões mais salientes dos verbos (*-stel/-sse*) propiciam mais marcas de concordância canônica de segunda pessoa;

4.5.2.1.3. Apresenta condicionamentos morfossintáticos e está associada principalmente à não-explicitação do pronome sujeito: a ausência de *tu* favorece a presença de flexão canônica de segunda pessoa;

4.5.2.2. A **concordância verbal com o pronome *tu*** sofre restrições também de natureza social, pois:

4.5.2.2.1. Falantes de etnia açoriana (Florianópolis e Ribeirão da Ilha) apresentam uso maior da flexão canônica de segunda pessoa e, juntamente com a flexão canônica modificada do pretérito perfeito *-sse*, hipotetizamos que a presença de flexão canônica do verbo (e não a explicitação do *tu*) constitua marca de identidade do ilhéu açoriano;

4.5.2.2.2. Falantes da segunda *faixa etária* (mais de 50 anos) apresentam uso maior da flexão canônica de segunda pessoa;

4.5.2.2.3. A maior *escolarização* do falante exerce influência no uso das formas canônicas – falantes de nível *colegial* e *ginasial* (da segunda faixa etária) apresentam uso maior da flexão canônica de segunda pessoa;

4.5.2.2.4. A concordância verbal está associada ao *sexo* do falante: mulheres apresentam uso maior da flexão canônica de segunda pessoa que homens.

Na próxima seção, vamos apresentar todas as variáveis elencadas para analisar nossas regras variáveis, bem como retomamos e comentamos todas as hipóteses e expectativas em relação aos dados de nossa amostra.

4.6. VARIÁVEIS TRABALHADAS

Ao focalizarmos como objeto de estudo a variação existente na escolha pronominal de segunda pessoa *tu/você*, bem como a variação da concordância verbal com o pronome *tu*, entendemos – com Labov – que tal variação não é aleatória ou livre, mas sim motivada ou controlada por fatores lingüísticos e extralingüísticos, tornando-se possível analisar e descrever tal heterogeneidade. Por assumirmos essa metodologia, não vamos entrar na discussão sobre outras hipóteses, como a de BICKERTON (1975; 1991) de que o falante teria à sua disposição diferentes gramáticas.

Os grupos de fatores são, portanto, peça importante em estudos pautados pelo método laboviano, uma vez que é através deles que se pode analisar o fenômeno lingüístico observado e definir que limites serão estabelecidos para a pesquisa. Ou seja, é no cotejo de fatores lingüísticos e sociais que se pode observar de que forma se dá o fenômeno da variação que integra o objeto de estudo.

Tendo isso em mente, para o presente trabalho – após observação dos contextos de ocorrência da alternância pronominal *tu/você* e da concordância verbal com o *tu*, bem como da (re)análise das variáveis trabalhadas⁶⁶ por LOREGIAN (1996) – estruturamos as variáveis em duas dependentes e 13 independentes (sete lingüísticas e seis sociais), que se apresentam conforme abaixo:

4.6.1. Variáveis Dependentes - tendo em vista que analisamos o comportamento dos falantes de nossa amostra tanto em relação à alternância *tu/você* quanto em relação à concordância verbal com o pronome *tu*, naturalmente essas passaram a ser nossas variáveis dependentes, cujos fatores e exemplos podem ser conferidos abaixo:

4.6.1.1. Alternância *tu/você*

A nossa primeira variável⁶⁷ dependente, binária, ficou constituída pelo uso do pronome *tu* ou pelo uso do pronome *você* por parte do falante, conforme evidenciam os exemplos (16) e (17):

(16) - então se *tu* vai levá em conta tudo, *tu* até passa o dia intero brigando com ela.
(FLC 03 F A SEG - 0919).

(17) - a irmã Maria Isabel era a minha professora de português e na época ela disse:
“Não, *você* vai entrar porque *você* tem facilidade”. (POA 13 F A GIN - 0666).

⁶⁶As sete variáveis lingüísticas que serão apresentadas adiante são resultado, de alguma forma, da análise efetuada por LOREGIAN (1996) em que houve reanálise das variáveis trabalhadas na ocasião. Procuramos excluir (enquanto grupo de fatores) aquelas variáveis que se mostraram sem relevância à análise efetuada na época. Estão neste rol as variáveis: Tamanho do Verbo; Tonicidade do Verbo, Saliência Fônica e Contexto Fonológico Seguinte. No entanto, a variável Saliência Fônica será considerada quando da análise do Tempo Verbal.

⁶⁷A codificação utilizada para utilização do programa VARBRUL pode ser conferida nos *Anexos* deste trabalho.

4.6.1.2. Concordância verbal com o pronome *tu* - para a análise desta variável dependente tivemos de juntar os verbos com flexões canônicas de segunda pessoa aos verbos com flexões canônicas modificadas – vide exemplos em (19), abaixo – uma vez que nossa intenção era efetuar uma análise binária. Assim, os exemplos com flexão de segunda pessoa podem ser conferidos em (18) e (19), já os sem flexão canônica de segunda pessoa estão em (20) e (21):

(18) - “... *tu tens* que ficá casada, aí \emptyset *ficas* casada pro resto da vida, né?”(RIB11 FBGIN).

(19) - um amigo, um conhecido me mandou uma fotografia duma cascata, dizendo assim: “Estou te mandando esta fotografia porque faço comparação com a tua atitude. *Tu* nunca te *metesse*⁶⁸ em briga, *tu* sempre *fosse* um- um camarada de respeito, *soubesse* respeitá os otros. Por isso eu estou te mandando, pra *tu* sempre te *lembrares*”. (FLP 13 MBGIN - 0354).

(20) - ela esses tempo falando pra mim: “...pai, *tu sabe* \emptyset que a professora fala em moral e cívica e *tu* muito leigo que *tu é* \emptyset *tu vem* \emptyset com a constituição...” - (POA 01 MBPRI - 0548).

(21) - o futuro é como *tu tá* \emptyset numa estrada e essa estrada é cheia de curvas que *tu não tem* \emptyset conhecimento do que tem lá na frente. (SBO 22 MAPRI - 0433).

4.6.2. Variáveis Independentes - no elenco de variáveis independentes há condicionamentos de cunho lingüístico e também de cunho social que podem influenciar de alguma maneira as variáveis dependentes que listamos acima. Salientamos que para cada variável considerada em nosso trabalho temos, naturalmente, uma expectativa ou uma hipótese a respeito de seu condicionamento. Estas foram retomadas da seção 4.5 e

⁶⁸A respeito dessa variação e de outras formas canônicas modificadas, remeto ao capítulo: Objeto de Estudo.

serão expostas e comentadas junto com a explicação das variáveis e de seus grupos de fatores.

4.6.2.1. Variáveis Lingüísticas

Após algumas rodadas preliminares, elegemos como variáveis lingüísticas – que podem estar influenciando a escolha do pronome *tu* ou *você* pelo falante, assim como a concordância variável com o pronome *tu* – os grupos de fatores esboçados abaixo:

4.6.2.1.1. Tipo de interlocução - esta variável foi controlada em nosso trabalho com o objetivo de verificar se o tipo de interlocução exerce influência na escolha de nossas regras variáveis, tanto na questão da alternância *tu/você*, quanto na concordância verbal com o pronome *tu*.

LOREGIAN (1996:51) analisou essa variável e, na época, a denominou *interação emissor/receptor*. Aos olhos de hoje, acreditamos que os termos contidos em tal nomenclatura são contraditórios, ou seja, o termo *interação* é incompatível com a terminologia *emissor/receptor*, justamente porque as teorias que os cunharam são incompatíveis⁶⁹. Por isso, optamos por rever tal denominação, bem como ampliar e rever alguns fatores que constituíram essa variável, que ficou representada por estes oito fatores: *discurso para o entrevistador*; *discurso para o interveniente*; *discurso genérico*; *discurso relatado de terceira pessoa (DR3)*; *discurso relatado do próprio falante (DRF)*; *marcador discursivo*; *marcador discursivo relatado do DR3* e *marcador discursivo relatado do DRF*.

Discurso para o entrevistador (DE) - este fator corresponde às ocorrências em que o informante se dirige ao entrevistador, fazendo uso do discurso direto para questioná-lo, tirar uma dúvida a respeito de alguma pergunta feita, etc.

⁶⁹ Acrescente-se a isso o fato de que o termo *interação* (cunhado pela Teoria da Enunciação) pressupõe que o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não pré-existiam antes da fala. Já o termo *emissor* (cunhado pela Teoria da Comunicação) pressupõe uma simples transmissão da mensagem a um receptor (cf. GERALDI, 2002:41).

Exemplos:

(22) - *Tu há pouco perguntou se a gente tava com vontade de viajá, mas tu vai viajá pra onde? Ganhando aposentadoria nem dá pra tu viajá.* (PAN 08 MBPRI - 0696).

(23) - *Que queres que eu fale sobre a minha mãe?* (FLP 11 FAGIN - 0256)

Nossa hipótese a respeito dessa variante, em relação à concordância verbal, é reforçada pelos resultados de LOREGIAN (1996), em que nesse fator se constatou a *maior probabilidade de concordância canônica de segunda pessoa*, com um peso relativo de 0,65 de aplicação da regra de concordância.

Nas demais cidades do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina tal hipótese também pode se confirmar, haja vista que o entrevistador não é uma pessoa conhecida do falante e sabemos que, neste tipo de situação comunicativa, o indivíduo tende a monitorar sua fala, havendo sempre presente um pouco de formalidade.

Em relação à alternância *tu/você*, uma vez que sendo o entrevistador uma pessoa estranha ao entrevistado e tendo em mente o questionário de atitudes de RAMOS (1989), o pronome *você* seria mais formal que *tu*. Assim, tratando seu entrevistador por *você*, o falante não estaria sendo informal demais, nem sendo eventualmente mal interpretado, o que poderia levar a um maior uso de *você*.

Discurso para o interveniente (DI) - neste contexto o falante se dirige a uma pessoa que está presente durante a entrevista – geralmente um familiar – e, na maioria das vezes, é uma pessoa íntima do falante, conforme os exemplos (24), em que o informante se dirige ao filho⁷⁰ e (25), em que a informante se dirige à irmã:

(24) - ... que que *tu queres* Rogério? (FNS 04 MAPRI - 0480).

(25) - *tu fez?* Ah, pois é, mas *tu já foi* pro Instituto. (POA 16 FBPRI - 0293).

⁷⁰Tais informações foram colhidas no contexto da entrevista. Daí a importância de se levantar manualmente os dados.

Em relação à concordância verbal com o pronome *tu*, em LOREGIAN (1996) esse fator apresentou um peso relativo “inesperado” (de 0,57). Assim, a alta concordância encontrada nas capitais e no Ribeirão nos fizeram repensar a hipótese de que por estar em uma situação de familiaridade com o *interveniente*, o falante iria “policar” menos a sua fala e produzir maior número de ocorrências de concordância não canônica com o pronome *tu*.

Provavelmente esteja interferindo nesse fator o fato de o entrevistador estar presente quando se dá a interação entre o falante e o *interveniente*. Logo, nas demais cidades, não testadas em 1996, a tendência é de que ocorra um resultado parecido com o comentado acima.

Quanto à alternância pronominal, o pronome *tu* deve ser o preferido para tratar o *interveniente*. Isso porque o falante provavelmente já está acostumado a tratar as pessoas conhecidas – e íntimas – por *tu* (que denota intimidade). Além disso, por minha própria experiência de falante que possui *tu* na gramática, não se usa o pronome *tu* com qualquer pessoa, prova disso é que no Paraná (e com falantes paranaenses) dificilmente uso *tu*, talvez para não me sentir tão “alienígena”, mas quando visito meus familiares em Chapecó o *tu* naturalmente volta.

Discurso genérico - Neste grupo, o fator discurso genérico foi codificado como *não se aplica*⁷¹ (*/*), porque o controle de tal gênero discursivo foi feito na variável número 2 – *determinação do discurso* – a ser comentada na seqüência. Tal medida foi necessária para evitarmos sobreposição de fatores no interior das variáveis analisadas.

Discurso relatado de terceira pessoa (DR3) - esta variante diz respeito à situação em que o falante relata ao entrevistador a fala de outrem, como ocorre nos exemplos (26) e (27), abaixo:

(26) - O motorista disse: “Qualquer dia vô te quebrá uma perna pra *tu* não *atravessá* mais essa rua correndo.” (FLC 05 FBGIN - 0315)

⁷¹Recurso utilizado pela versão de Pintzuk - do programa VARBRUL - que permite especificar se os critérios definidores dos fatores de uma dada variável não são pertinentes para um determinado dado.

(27) - aí uma moça lá do hospital veio me chamá: “*Você que é a acompanhante da Dona Julieta?*” (FLP 03 FAPRI - 1265)

Nesse tipo de contexto, o falante fica completamente livre para relatar a fala do outro. Aqui poderiam interferir vários fatores, como a imagem que ele faz desse outro, quem é esse outro, etc. Ou seja, no discurso relatado o falante poderia *adaptar seu enunciado de modo a reproduzir as propriedades que seu olhar social percebe como identificadoras da fala do outro* (cf. ZILLES & FARACO, 2002:17).

LOREGIAN (1996) controlou essa variante com o nome de “repetindo a fala de outra pessoa” e obteve 0,59 de peso relativo em relação à concordância canônica de segunda pessoa. Para as demais cidades, não temos nenhuma expectativa diferente da encontrada em Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha.

Quanto à alternância pronominal *tu/você*, esse contexto provavelmente vai propiciar o uso de *você*, uma vez que, com base em MENON & LOREGIAN-PENKAL (2002), o informante poderia colocar na fala do outro a “responsabilidade” pelo uso de tal pronome.

Discurso relatado do próprio falante (DRF) - situação em que o falante relata sua própria fala ao entrevistador, como em (28) e (29):

(28) - Ela chorou lá no quarto e eu: “Maria Carmen, que que *você tem?* *Você tem* que me dizê”. (FLC 06 F B SEG - 0216).

(29) - aí eu conversei com ele e dei um livro pra ele ler. Eu disse: “Airton, *tu lê* esse livro aí, depois *tu vem* conversá com a Dona Teresa”. (FLP 16 FBGIN - 0798).

Quando o falante repete sua própria fala, provavelmente há uma espécie de monitoramento em que, dependendo do grau de intimidade que ele possua com seu interlocutor, naquela situação relatada, o falante possa fazer adequações ao seu discurso outrora produzido. Logo, em relação à concordância verbal nossa expectativa é de que se

verifique maior ocorrência de concordância canônica de segunda pessoa acompanhando o pronome *tu*.

Já em relação à alternância pronominal, provavelmente o falante reproduza a imagem que ele possui de sua atuação lingüística. Diante disso, e retomando novamente o questionário de atitudes aplicado por RAMOS (1989) em Florianópolis, é possível que os falantes da maioria das localidades estudadas não percebam que fazem uso do pronome *você*. Assim, nossa hipótese é de que esse fator propicie o aparecimento do pronome *tu*.

Marcador discursivo - este contexto compreende o uso de expressões que são denominadas marcadores discursivos⁷² por estarem esvaziadas de suas funções sintáticas originais e servem apenas para averiguar se a interação está ocorrendo. Isto é, servem para verificar se o ouvinte está acompanhando o que o falante está dizendo.

Nos exemplos abaixo, vemos quatro situações distintas. Em (30) aparece um marcador discursivo com o pronome sujeito expreso, em (31) o verbo contém a flexão canônica de segunda pessoa e em (32) o marcador discursivo é acompanhado de um vocativo. Esses casos denotam que os marcadores ainda não estão totalmente gramaticalizados.

(30) - dois anos ela viveu assim inteiramente pra ele, *tu entende?* (FLP 10 MAGIN - 0825).

(31) - era a maior dificuldade, *sabes?* (FLP 18 MACOL - 0709).

(32) - ele me diz: "*Olha, seu Motta, o fulano tava dormindo no posto*". (SBO 02 MBPRI - 0565).

Já em (33), adiante, temos um exemplo em que o marcador discursivo está completamente gramaticalizado: não apresenta mais o pronome sujeito, tem posição fixa na frase e não possui mais o conteúdo semântico do verbo de origem.

⁷²Maiores detalhes sobre os marcadores discursivos *Olha* e *Veja*, na região Sul, podem ser obtidos em ROST (2002).

(33) - era uma coisa perigosíssima, *viu?* (FLP 24 FBCOL - 1211).

A respeito desses usos, cumpre ressaltar que atribuímos *status* diferenciado às diversas formas: quando aparecia o pronome sujeito (*tu* ou *você*) e/ou a flexão canônica de segunda pessoa, consideramos tais casos como ocorrências⁷³. Quanto aos marcadores completamente gramaticalizados, efetuamos um controle para registrar o número de ocorrências e as diversas formas verbais que apareciam no *corpus*. Entretanto, na fase de análise dos dados não as consideramos como ocorrências.

Nossa expectativa em relação aos marcadores discursivos ainda não totalmente gramaticalizados é de que, quando com pronome sujeito ausente, sempre ocorra a concordância canônica de segunda pessoa. Por outro lado, quando o pronome *tu* se fizer presente será, na maior parte das vezes, sem concordância canônica.

Marcador discursivo relatado do DR3 - elencamos este fator para verificar o comportamento do falante quando ele relata os marcadores discursivos contidos na fala de outrem, conforme os exemplos (34) e (35) em que temos: marcador discursivo; vocativo; *tu*; e marcador discursivo; vocativo; *você*, respectivamente. Damos a esse fator o mesmo tratamento comentado acima para os marcadores discursivos.

(34) - aí convidou: “Olha, *Cláudio*, quem sabe tu aceita, né? saí com ele”. (POA 01 MBPRI - 0710).

(35) - um dia ele [um amigo] me chamou e disse: “Olha, *Maurício*, eu vou fazer o seguinte contigo, no primeiro e segundo vencimentos você vai me pagar essa dívida”. (FLP 23 MBCOL - 0265).

Marcador discursivo relatado do DRF - neste contexto, o falante relata marcadores discursivos contidos em sua própria fala, como ocorre em (36):

⁷³ As ocorrências com vocativos foram inicialmente controladas em separado por acreditarmos que são casos intermediários que ainda não estão totalmente gramaticalizados, pois há uma chamada de atenção do ouvinte. No entanto, na análise dos dados não consideramos esses casos como ocorrências porque não saberíamos se se tratam de ocorrências do pronome *tu* ou do pronome *você*, vide exemplos (34) e (35), na seqüência.

(36) - ai eu falei: “*Olha*, tu bota o seguinte, agora Ø faiz assim, na hora que tu for pedi o voto, tu vai ali no morro pedi, implorá pro pessoal”. (FLP 18 MACOL - 0402).

Como se pode perceber, há no grupo de fatores descrito acima um número considerável de contextos de interlocução. Estamos considerando todos eles porque acreditamos que possam interferir de alguma forma no uso feito pelos falantes, tanto de *tu* ou *você*, quanto da concordância verbal que acompanha o pronome *tu*. Entretanto, na análise dos dados (cf. próximo capítulo) com o intuito de evitar desvios da amostra, efetuamos rodadas especiais para testar o comportamento dos dados quando se exclui da rodada o discurso relatado, por exemplo.

4.6.2.1.2. Determinação do discurso - com este grupo de fatores, visamos controlar se a (in)determinação do referente exerce influência no uso dos pronomes de segunda pessoa feito pelos informantes de nosso *corpus* em relação às regras variáveis que estamos testando.

Visamos também analisar se os resultados obtidos por MENON & LOREGIAN-PENKAL (2002) se repetem nas três cidades do interior do Rio Grande do Sul, bem como em Chapecó e Blumenau. As autoras constataram, naquele *corpus*, que o contexto mais vulnerável para a entrada do *você* no sistema dos falantes que têm *tu* é através da indeterminação do referente. Para tanto, controlamos os dois fatores abaixo:

Determinado - neste fator codificamos as ocorrências em que o referente é recuperável, para o qual esperamos um uso maior do pronome *tu* que *você* e também uma maior concordância canônica associada ao *tu*. Os exemplos podem ser conferidos em (37) e (38):

(37) - inclusive eu muito emocionado, o meu pai dizia pra mim: “*Tu não te emocionas*”. Mas acabei chorando. (FLP 02 MAPRI - 0436).

(38) - quando eu vim aqui o gerente me disse assim: “É, alemão, *tu não é fácil*” (PAN 12 MAPRI - 0608).

Indeterminado - foram controladas neste fator as ocorrências em que não há como recuperar o referente. LOREGIAN (1996) analisou essa variante, denominando-a “dirigindo-se a um interlocutor genérico” e obteve um peso relativo de 0,47 para a concordância com o *tu*. Já em MENON & LOREGIAN-PENKAL a variável determinação do referente não foi selecionada para a análise da concordância com o *tu* e obteve peso relativo de 0,80 na rodada da alternância *tu/você*.

Acreditamos que esse fator possa propiciar maior aparecimento do pronome *você* em todas as cidades pesquisadas e que, a exemplo de Florianópolis, Ribeirão e Porto Alegre, desfavoreça o aparecimento da flexão canônica de segunda pessoa. Os exemplos estão em (39) a (41), na seqüência:

(39) - o café que *você toma* é bagaço, porque o bom ele vai pra importação/exportação (FLP 02 MAPRI -0311).

(40) - pra entrá no hospital *tu precisa* dá uma entrada, senão eles não aceitam (FLC 16 F B PRI - 0013)

(41) - e na Sicília, por exemplo, quando *você tá* no Norte da Itália *você imagina* que a Sicília é uma pobreza tremenda. (FLC 12 MBPRI - 0063).

4.5.2.1.3. **Gênero de discurso** - estipulamos esta variável com o propósito de observar se o gênero discursivo exerce ou não influência nas regras variáveis que estamos analisando. Cumpre destacar que a escolha dos gêneros para compor esta variável não foi uma tarefa das mais fáceis, visto que, conforme afirma BRONCKART:

Mesmo sendo intuitivamente diferenciáveis, os gêneros não podem nunca ser objeto de uma classificação racional, estável e definitiva. Primeiro, porque, do mesmo modo que as atividades de linguagem de que procedem, eles são em número de tendência ilimitado; segundo, porque os parâmetros que podem servir como critérios de classificação (...) são, ao mesmo tempo, pouco delimitáveis e em constante interação (2003:138).

Na verdade, a dificuldade maior deu-se na hora da codificação das ocorrências, haja vista que há segmentos de entrevista em que os gêneros aparecem imbricados, cuja delimitação do tipo de gênero poderia parecer “forçada”. Assim, após conhecer os dados e constatar quais os gêneros mais recorrentes, notamos que a maior dificuldade concentrava-se na delimitação da *descrição*, da *narração* e, em alguns casos, da *argumentação*. Dessa forma, optamos por estipular estes quatro fatores para compor a variável: *segmentos predominantemente narrativos*; *segmentos predominantemente argumentativos*; *explicações*; *receitas* e marcamos com *não se aplica* as ocorrências que não se encaixaram nestes quatro gêneros.

Segmentos predominantemente narrativos - nesta variante foram codificadas as situações em que o falante narra alguma situação vivida por ele ou por outra pessoa ao entrevistador, como ocorre no exemplo (42):

(42) - A preparação começava cedo. *Tu tinha* dez anos já começavam- então *tu já fazias* uma toalha que *tu pudesse* aproveitá depois no enxoval. Então *tu já começava*. (FLC 02 FAGIN - 0650).

Segmentos predominantemente argumentativos - foram consideradas neste fator as ocorrências em que o falante expressa opinião, sua ou de outra pessoa, a respeito de algum assunto abordado durante a entrevista, como em (43):

(43) - *se tu não sabe* controlá, *tu vai* o dinheiro todo ali. *Se tu não sabe*, *tu tem* que ser criativa, *tu tem* que inventá, *tu tem* que fazê um prato mais ou menos (FLC 02 FAGIN - 0716)

Nossa expectativa é de que, quando o falante faz uso da argumentação, haja mais ocorrências do pronome *tu*, acompanhadas de verbos sem a flexão canônica de segunda pessoa. Supomos isso porque o falante poderia ficar envolvido na estratégia de convencimento do outro e de imposição de sua opinião, contexto propício ao uso de *tu*, uma vez que o *tu* é o tratamento mais íntimo, usado para dar ordens, para impor sua vontade, etc.

Explicações - incluímos neste fator as ocorrências em que o falante explica algum ponto de sua fala ao entrevistador; fornece ou solicita a ele algum esclarecimento. Por ser uma situação em que o falante explica algo ao entrevistador, espera-se maior ocorrência do pronome *tu* acompanhado de verbos com a respectiva flexão canônica de segunda pessoa, como evidencia-se em (44) e (45):

44) - Bom, é isso que *tu querias* sobre vinho? (FLC 10 MBPRI - 0672).

(45) - o restaurante que *tu perguntasse* é pro lado da Joaquina, ao invés de *tu ires* pra Joaquina, pra Barra, tá? (FLP 24 FBCOL - 1283)

Receitas - em (quase) todas as entrevistas do projeto VARSUL, uma das perguntas efetuadas pelo entrevistador dizia respeito ao tipo de comida característico da região e/ou da família do entrevistado, bem como era feita a solicitação para que o informante relatasse o modo de preparo desses alimentos. Levando em consideração a especificidade desse gênero de discurso, que pode ser considerado como “pronto” ou “formulaico”, decidimos analisá-lo como uma variante à parte.

Em relação às nossas regras variáveis, nossa expectativa é de que as *receitas* vão propiciar, conforme se verifica no exemplo (46), uso maior do pronome *tu* e que ocorra pouca concordância canônica de segunda pessoa acompanhando esse pronome.

(46) - *tu corta* a galinha em pedaços, depois *tu frita* com cebola, aí *tu deixa* cozinhá bem. Depois *tu tira* a galinha, \emptyset *desfia* a galinha, \emptyset *bota* de volta no molho, aí *tu vai* e prepara o molho, né? (FLC 03 FACOL - 0258).

No entanto, há casos nas *receitas* em que se verifica completa alternância entre os pronomes *tu* e *você*, como em (47). Nestes casos só foram computados para análise os verbos que estavam acompanhados pelo pronome.

(47) - **Tu não sabeØ** como fazê? Não sei [eu]- eu a gente é o arroz (hes) **tu lavaØ o arroz**, né? a panela e Ø **colocaØ** o leite e o açúcar e Ø **vaiØ** cozinhando ele com leite e açúcar, né? E Ø não pode dexá ele nem muito seco nem muito molhado e depois que ele tá cozido, né? aí **você bate uma gemada**, né? e mistura nele a gemada, né? E tem pessoas que gostu(m) de colocá a gemada, então **tu bateØ bem a gemada**, depois dele cozido **você mistura nele**, daí Ø **coloca** num pires, num pratinho e Ø **serve** com a canela, né? mas ele é cozinhado com leite, né? (LAG 16 MBGIN - 0460).

4.5.2.1.4. Explicitação do pronome - nosso propósito, ao considerar este grupo de fatores, é verificar em que contextos a possibilidade sintática de não ocorrência do pronome sujeito possa estar ocorrendo em relação à segunda pessoa (*tu/você*). Por outro lado, objetivamos analisar se há na amostra indícios de que esteja ocorrendo uma regularização do paradigma verbal em que são privilegiadas as formas verbais não-marcadas, associadas a um *crescimento do caráter obrigatório do pronome sujeito*, contribuindo, dessa forma, para a discussão do chamado parâmetro *pro-drop* (cf. item Revisão da Literatura).

A *explicitação do pronome* foi trabalhada por LOREGIAN (1996) e, na época, elencamos três fatores para compor a análise desse grupo: (i) pronome explícito imediatamente antes do verbo; (ii) pronome explícito com material interveniente [entre o pronome e o verbo] e (iii) sem pronome explícito. Os resultados demonstraram não haver diferença probabilística acentuada entre os fatores (i) e (ii), cujos pesos relativos foram 0,42 e 0,33, respectivamente. Por esse motivo, estamos considerando neste trabalho apenas os dois fatores abaixo:

Com pronome explícito - dados em que os pronomes *tu* ou *você* aparecem junto ao verbo, como em (48) e (49):

(48) - o pessoal aqui reclama quando *tu vai* fazê uma injeção ou *tu vai* fazê um curativo, reclama que tá caro. (SBO 23 FAPRI - 0626).

(49) - às vezes *você toma* uma atitude que não deveria ser aquela, mas depois *você pode* ficar com a consciência pesada (FLP 04 MAPRI - 0885).

Sem pronome explícito - neste fator foram incluídos os verbos com marca canônica de segunda pessoa, como no exemplo (50), e também aqueles casos em que o verbo não possuía a marca canônica de segunda pessoa, mas era possível recuperar o pronome *tu* ou *você* pelo contexto imediatamente anterior, fato exemplificado em (51) e (52), respectivamente.

(50) - inclusive, mudando de assunto, *querias* falar sobre a Ana Paula, ela sempre teve vontade de escrever um livro. (FLP 11 FAGIN 0417).

(51) - é um palanque assim grande aí *tu bota* um pedaço de corda em cima, \emptyset *prende* direitinho e joga em quatro pessoas. (FLC 03 FACOL -0862).

(52) - se *você precisá* duma faculdade, então \emptyset *tem* que ir a Caxias ou Porto Alegre. (FLC 20 MAGIN - 0123).

4.6.2.1.5. Alternância de pronomes - este grupo de fatores foi levantado com o intuito de se analisar somente a primeira de nossas regras variáveis – a *alternância*. Nosso objetivo principal consiste em verificar os contextos em que há coocorrência dos pronomes *tu* e *você* em um mesmo falante e no mesmo período ou no mesmo turno. Tal manifestação linguística é altamente condenada pelas GTs, que prescrevem uma uniformidade no uso dos pronomes. Os dois fatores controlados para compor essa variável foram:

Pronome tu usado anteriormente ao você no mesmo período/turno - em que se verifica – como exemplificado em (53) – que o falante começa seu discurso com o pronome *tu* e na seqüência aparece o pronome *você*:

(53) - *tu vê* aqui em Lages mesmo, *cê sai* e é essa criançada a pedi e tal (...) (LAG 16 MBGIN - 0887).

Pronome você usado anteriormente ao tu no mesmo período/turno - neste fator se verifica o oposto do exemplificado acima, aqui o falante começa seu discurso com o

pronome *você* e logo em seguida se dá a alternância com o *tu*, conforme se constata no exemplo (54):

(54) - porque a costela aí *você guarda* dentro, *tu bota* numa geladeira e pronto. (FLC 11 MACOL - 0860).

Incluimos também nessa variável o fator *não se aplica (/)*, para codificar as ocorrências em que essa alternância não se verifica.

4.6.2.1.6. *Tempo verbal* - esta variável foi considerada, neste trabalho, com um vasto leque de análises: além de verificarmos a influência do *tempo* em que se encontra o verbo tanto para a alternância *tu/você* quanto para a concordância com o pronome *tu*, analisamos o comportamento do *modo* verbal em relação às nossas regras variáveis.

Além disso, consideramos também, através desse grupo de fatores, a influência da **saliência fônica** da terminação verbal. Ou seja, com a constatação de LOREGIAN (1996) da sobreposição das variáveis *tempo verbal* e *saliência fônica*, optamos, após longas e produtivas discussões com vários pesquisadores⁷⁴, por postular somente a variável *tempo* e analisar o comportamento da *saliência*, digamos, de forma indireta via análise da terminação verbal.

Em relação à alternância *tu/você*, temos como hipótese geral que possa ocorrer algum tipo de condicionamento dos *tempos/modos* ou *saliência fônica* que influenciem na escolha de um desses pronomes. Isto é, mais especificamente acreditamos que o pretérito perfeito do indicativo (com as duas desinências com marca de segunda pessoa encontradas na amostra: *-ste* e *-sse*) proporcione grande número de ocorrências do pronome *tu*.

⁷⁴ Agradeço especialmente as inúmeras contribuições de Odete MENON, Marta SCHERRE, Edair GÖRSKI e Gregory GUY em relação à sobreposição dessas duas variáveis e, principalmente, sobre qual a melhor postura quantitativa e qualitativa a seguir.

Formulamos tal hipótese porque de todos os tempos verbais, a terminação *-ste* (e sua variante *-sse*) é a forma mais saliente e por isso mais perceptível de uso de *tu*, constituindo-se, inclusive, em marca de identidade local – o que nos faz relacionar com o estudo que Labov efetuou em Martha's Vineyard – no Ribeirão da Ilha⁷⁵ e, em menor escala, em Florianópolis (cf. LOREGIAN 1996).

No que se refere à concordância verbal com o pronome *tu*, a influência e importância da variável *tempo verbal* nos parece irrefutável. Nossa hipótese geral é de que tempos mais salientes, cujas terminações são *-ste/-sse* e *-es* proporcionem mais marcas canônicas de concordância de segunda pessoa que a terminação menos saliente *-s*.

Em relação ao *modo verbal*, efetuamos um teste para ver se há um comportamento diferenciado da concordância em relação aos modos *indicativo*, *subjuntivo*, *imperativo* e *infinitivo*. Os resultados preliminares de LOREGIAN (1996) já apontavam nesse sentido e mais, que o modo *indicativo* é o que propicia, além do maior número de ocorrências, o maior número de marcas canônicas de segunda pessoa. Assim, devido às características peculiares de cada modo verbal, bem como do infinitivo, tal resultado provavelmente se repita nas demais cidades não analisadas em 1996.

Para fins de análise, a variável tempo verbal ficou representada pelos seguintes tempos/modos verbais que apareceram na amostra: *presente do indicativo*; *pretérito perfeito do indicativo*; *pretérito imperfeito do indicativo*; *pretérito imperfeito do subjuntivo*; *infinitivo pessoal*; *futuro do subjuntivo*; *presente do subjuntivo*; *imperativo*; *imperativo mitigado*; *futuro do presente do indicativo*; *futuro do pretérito do indicativo* e *verbos: marcadores discursivos*.

presente do indicativo - pode ser conferido no exemplo (55):

⁷⁵ Neste trabalho (devido ao reduzido número de informantes) iremos postular tal identificação do Ribeirão com Martha's Vineyard apenas como hipótese. No entanto, este é um estudo promissor que ainda está por ser efetuado por algum pesquisador laboviano que tenha acesso “facilitado” para ampliação da coleta de dados do Ribeirão da Ilha e adjacências.

(55) - *tu olha* assim *tu jura*: isso aqui é exportado porque ele solda tão perfeito que *tu olha* assim *tu não acha* onde tá soldado. (SBO 10 FBPRI - 0866).

pretérito perfeito do indicativo - neste fator temos a maior variedade de flexões, cujo verbo pode apresentar o morfema Ø; a flexão canônica de segunda pessoa *-ste* ou a forma canônica modificada *-sse*, em que se verifica a assimilação do /t/ pelo /s/. Os exemplos encontram-se em (56) e (57):

(56) - *tu já pensô* que vida que eu levava ali dentro? (FLC 22 MBPRI - 0957).

(57) - eu não sei se quando *passasse*, *tu visse* uma capelinha ali embaixo? (RIB 05 MBPRI)

pretérito imperfeito do indicativo - os exemplos para este fator podem ser conferidos em (58):

(58) - *tu já pensô* que vida que eu levava ali dentro? Meio dia *tu ia* almoçá, *se tu não ia* abrí meio cedo, iam te chamá. (FLC 22 MBPRI - 0957).

pretérito imperfeito do subjuntivo - conforme exemplo (59):

(59) - e *se tu falasse* baixinho, normal, ela não escutava. (FLP 03 FAPRI - 1202).

infinitivo pessoal - o exemplo pode ser conferido em (60):

(60) - aí ela assim: “É bom não *falares* mais com ele”. (RIB 07 FAPRI).

futuro do subjuntivo - conforme exemplo (61):

(61) - É, lembranças. *Se tu quiseres* que eu fale sobre a Ana Paula? (FLP 11 FAGIN - 0437).

presente do subjuntivo - os exemplos para este fator podem ser conferidos nos dados em (62):

(62) - sou eu sozinha, né? Então é cuidando deles, aí tu tem que ser a babá, tem que ser recreacionista, porque uma hora eles exigem que *tu pare* e fique brincando com eles, né? mesmo que *tu não tenha* nem um pouco de vontade, tem que ir lá, ficar brincando. (POA 20 FACOL - 0352).

imperativo - as ocorrências de imperativo encontram-se, principalmente, nos contextos em que o falante ensina passo a passo o modo de preparo de algum alimento, contexto cujos verbos foram classificados como denotando imperativo, como exemplificado em (63), adiante. Há também alguns outros (poucos) contextos de discurso relatado em que o falante reproduz uma ordem, conforme exemplo (64):

(63) - aí tu- pro molho *tu faz* o seguinte: *tu pega* a maionese e junta o suco de limão, né? depois de feito o molho e a salada aí *tu junta* tudo, né? *Tempera* direitinho e coloca na geladeira por uma hora (FLP 01 FAPRI - 0608).

(64) - daí eu disse pro cara [assaltante]: “olha, *tu pára* aí um pouquinho, vamo conversá um pouquinho”. (POA 11 MAGIN - 0699).

imperativo mitigado - o verbo, ao denotar imperativo, nem sempre apareceu com a intenção de comando preconizada pelas GTs e sim se apresentou, muitas vezes, de forma suavizada, daí a classificação mitigado (cf. MENON, 1994). Os exemplos desse fator encontram-se em (65):

(65) - [...] depois *tu pode colocá* um pouco de açúcar e um pouco de nata e daí tu tem que ter o fundo do bolo já com um bolo normal. Daí *tu pode fazê* o recheio, mas o recheio é um creme bem gostoso. (PAN 02 FACOL - 0404).

futuro do presente do indicativo - conforme o exemplo (66):

(66) - um disse: “Lê bastante a bíblia que *tu estará*⁷⁶ comigo”. (SBO 21 MAPRI - 0858).

⁷⁶Veja-se que mesmo na reprodução do discurso religioso o verbo aparece sem a flexão canônica de segunda pessoa.

futuro do pretérito do indicativo - vide exemplo em (67):

(67) - antes *tu poderia* encontrá isso num bairro assim bem mais pobre assim, né? (POA 20 F A COL - 0056).

verbos: marcadores discursivos - por fim, o último fator controlado para análise da variável *tempo verbal* consiste nos verbos que são marcadores discursivos. Para esses casos foi feito um controle inicial da variedade de formas e número de ocorrências com o intuito de verificar os marcadores mais recorrentes, bem como para que pudéssemos ter um controle do número de ocorrências de tais formas. Em seguida, foram codificados como *não se aplica (/)* para evitar que essas ocorrências causassem desvios na amostra.

Portanto, a variável *tempo verbal* pressupõe, em seu estágio inicial e sem amalgamações, a presença de onze⁷⁷ fatores. Achamos prudente registrar em forma de fatores todos os tempos verbais – mesmo que alguns tenham poucas ocorrências – e evitar classificações genéricas do tipo *outros tempos* uma vez que, nesse tipo de agrupamento, pode-se originar um grupo pesado. Além disso, agindo assim temos a dimensão exata de quais formas realmente foram utilizadas pelos falantes.

4.6.2.1.7. Paralelismo formal no nível discursivo (marcas no verbo) - esta variável tem sido amplamente trabalhada e discutida em vários estudos sobre concordância. Destacariamos os trabalhos de POPLACK (1980), SCHERRE & NARO (1993), SCHERRE (1996, 1998), LOREGIAN (1996), AMARAL (2003), entre outros.

A maioria desses estudos tem demonstrado que, no uso real, há uma tendência de “marcas levarem a marcas e zeros levarem a zeros” (cf. POPLACK, 1980), ou, de uma forma mais geral, uma tendência de formas gramaticais semelhantes ocorrerem juntas, contrapondo, dessa forma, o *princípio da economia lingüística* que vinha sendo evocado, tradicionalmente, para explicar fenômenos que envolviam variação na concordância. De acordo com este princípio, *quanto mais previsível uma informação, menos codificação ela requer* (cf. HAIMAN 1983:807).

⁷⁷ Não estamos contabilizando os verbos que se caracterizam como marcadores discursivos.

Em LOREGIAN (1996) trabalhamos com a variável *paralelismo formal no nível discursivo* e estabelecemos seis fatores para compor a análise: (a) *primeiro de uma série*; (b) *verbo de uma seqüência com todas as marcas de concordância*; (c) *verbo de uma seqüência sem marcas de concordância*; (d) *mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento analisado é marcado*; (e) *mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento analisado é não marcado* e (f) *verbo em construção isolada*. A maneira como essa variável foi então analisada por nós demonstrou-se aparentemente viável na época. No entanto, trabalhar e definir de forma coerente o paralelismo não é tarefa das mais fáceis.

O primeiro desafio consiste em arranjar critérios adequados para delimitar o que seria uma *seqüência* ou uma *série*. No estudo de (1996) nos baseamos nos critérios estabelecidos por SCHERRE e NARO (1993), segundo os quais: (a) a construção analisada deveria ter o sujeito com a mesma referência que o sujeito da construção anterior e (b) não deveria estar separada da construção anterior pelo discurso do entrevistador.

Para a análise da concordância verbal com o pronome *tu* que efetuamos neste trabalho, delimitamos uma *série* a partir dos critérios (a) e (b) apresentados acima e, tomando como base SCHERRE (1991), acrescentamos um terceiro: a construção analisada não deveria estar separada da construção anterior por mais de dez ocorrências de verbos de segunda pessoa no discurso do falante.

Quanto aos casos de *série mista*, foi feita por LOREGIAN (1996:44) uma classificação detalhada em que a alternância de marcas foi analisada em função do verbo anterior ao verbo analisado. Ou seja, foi controlado se o verbo anterior ao analisado possuía marca de segunda pessoa ou se ele não possuía tal marca e foi codificado em dois fatores diferentes: (a) *mistura de marcas em que o verbo anterior ao verbo analisado é marcado* e (b) *mistura de marcas em que o verbo anterior ao verbo analisado é não marcado*. Entretanto, o número de ocorrências para a *série mista* mostrou-se pouco recorrente no trabalho de LOREGIAN (1996), com 22 ocorrências para o fator (a) e somente 14 ocorrências para a *série mista* em que o verbo anterior ao verbo analisado era não marcado.

A pouca recorrência desses casos, bem como problemas de codificação, identificados somente *a posteriori*, contribuíram para a seleção da variável *paralelismo* em todas as rodadas efetuadas na época.

Salientamos que no trabalho que ora efetuamos temos sérias desconfianças⁷⁸ quanto ao efeito do paralelismo na concordância verbal, ou seja, até que ponto o paralelismo realmente explica a variação na concordância? Na nossa opinião o paralelismo explicaria a variação caso se conseguisse “flagrar” por que o informante escolhe a marca ou a não marca para começar uma série. Além disso, se a força do paralelismo (de que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros) é tão forte, por que ocorrem séries mistas? Mesmo com essas indagações em mente e conforme sugestão de MENON, decidimos incluir a análise da variável *paralelismo* porque acreditamos que essa variável possa trazer – através do uso de marcas ou de não-marcas – alguma explicação para a mudança lingüística, caso ela esteja ocorrendo no fenômeno de concordância em estudo.

Assim, para o presente estudo, exclusivo das rodadas para testar concordância com o *tu*, a variável paralelismo formal no nível discursivo ficou representada pelos fatores elencados abaixo:

primeiro de uma série - em que o dado analisado aparece sublinhado no exemplo (68):

(68) - e daí acordei tão nervosa, tão irritada, né? “Sim, mas tu não tomasse calmante ontem à noite e acordasse desse jeito?” Aí depois tive que abrir o jogo com elas. (FLP 20 FACOL - 0976)

verbo de uma seqüência com todas as marcas de concordância - neste fator encontram-se as ocorrências em que não há variação, uma vez que, pelo recorte de série somente com presença de marcas, ocorre 100% de aplicação da regra de concordância. Isto indica que o programa computacional VARBRUL acusou *knockout* para este fator e que essa variante teve de ser eliminada da rodada para que o programa pudesse rodar o Varb2000, fornecendo os pesos relativos aos fatores em que há variação.

⁷⁸Após discussão dos efeitos da variável paralelismo formal, AMARAL (2003:134) chega a “abdicar” da utilização dessa variável para a análise da concordância verbal com o pronome *tu* na cidade de Pelotas.

No entanto, mesmo sabendo que se os verbos estiverem em uma série com todas as marcas de concordância há *knockout*, é importante que este fator seja testado para verificar se de fato “*marcas levam a marcas*”. Além disso, temos condições de saber o número de ocorrências, via arquivo de células, dos verbos codificados neste fator. O exemplo pode ser conferido em (69):

(69) - a partir do momento que *tu fugisse tu tens* que ficá casada, aí *tu ficas* casada pro resto da vida (RIB 10 MACOL).

verbo de uma seqüência sem marcas de concordância - também neste fator não vamos encontrar variação, pois aqui há 0% de aplicação da regra de concordância, uma vez que todos os verbos codificados são sem concordância de segunda pessoa. Logo, este é mais um fator que teve de ser eliminado da rodada por apresentar *knockout* e, através de sua testagem, vamos verificar se de fato “*zeros conduzem a zeros*”. O exemplo está em (70):

(70) - e tem outros guris que eu conheci que *tu explica* uma vez, *tu explica* três vezes e não entra na cabeça deles, né? Então *tu já percebe* desde o começo quando uma pessoa qué aprendê. (PAN 16 MAPRI - 0860).

casos mistos - incluímos neste fator as ocorrências em que se verifica alternância de marcas de concordância na mesma série, como ocorre no exemplo (71):

(71) - comércio é assim, *tu não podes* ficá de cara feia, mesmo que *tu brigue* em casa, *tens* que agradá o freguês, né? (RIB 03 MAGIN).

verbo em construção isolada - neste fator temos as ocorrências de verbos que não fazem parte de uma série, como ocorre em (72):

(72) - como *tu perguntaste* pra mim se eu tinha planos para o futuro, no momento eu nem tenho, porque parece que junto com ela ela levou a minha vida (FLP 11 FAGIN - 0151).

Essas são as variáveis lingüísticas trabalhadas no presente estudo. Temos, portanto, para a análise da **alternância *tu/você*** os seguintes grupo de fatores lingüísticos:

- 1) Tipo de interlocução;
- 2) Determinação do discurso;
- 3) Gênero de discurso;
- 4) Explicitação do pronome;
- 5) **Alternância dos pronomes *tu/você* no mesmo período/turno;**
- 6) Tempo verbal.

Já para a análise de nossa segunda regra variável, a **concordância verbal com o pronome *tu***, as variáveis lingüísticas testadas foram as seguintes:

- 1) Tipo de interlocução;
- 2) Determinação do discurso;
- 3) Gênero de discurso;
- 4) Explicitação do pronome;
- 5) Tempo verbal;
- 6) **Paralelismo formal no nível discursivo.**

Assim, na seqüência passaremos à apresentação das variáveis sociais que foram consideradas para a análise de nossas regras variáveis.

4.6.2.2. Variáveis Sociais

Para uma explicação coerente da variação na alternância pronominal *tu/você*, bem como na concordância verbal com o pronome *tu*, faz-se necessário considerar – além de fatores internos – fatores externos à língua que consideramos possam condicionar a realização das regras variáveis sob estudo. Em outras palavras, entendemos que os fenômenos de variação aqui estudados possam ser mais bem avaliados quando relacionados também aos fatores sociais. Nas palavras de SANKOFF:

(...) a distribuição dos traços linguísticos não pode ser entendida apenas em termos de suas relações internas dentro da gramática, mas deve ser vista como parte de um contexto sociocultural mais amplo no qual elas ocorrem. (1988b:19)

Para tanto, elencamos cinco variáveis sociais que fazem parte da amostra estratificada do projeto VARSUL: *localidade*; *faixa etária*; *grau de escolaridade* e *sexo* para analisar a variação na comunidade e mais *informantes* para checar a variação no indivíduo.

4.6.2.2.1. Localidade - com este grupo de fatores objetivamos verificar se há alternância no uso dos pronomes de segunda pessoa – *tu/você* – e em que medida se dá tal alternância nas localidades em estudo. Por outro lado, objetivamos também verificar o comportamento da concordância verbal com o pronome *tu* nas nove localidades incluídas na amostra, que para o VARSUL seriam também representativas das diferentes *etnias* de colonização:

- a) Florianópolis (metrópole e etnia açoriana);
- b) Porto Alegre (metrópole);
- c) Ribeirão da Ilha (etnia açoriana);
- d) Flores da Cunha (etnia italiana);
- e) Panambi (etnia alemã);
- f) São Borja (zona de fronteira);
- g) Chapecó (etnia italiana);
- h) Blumenau (etnia alemã).
- i) Lages (caminho dos tropeiros).

Além de analisarmos o comportamento da *localidade* em que vive o informante, efetuamos rodadas especiais com essa variável para testar o comportamento dos grupos étnicos em relação aos fenômenos em estudo. Ou seja, com a testagem da *etnia* pretendemos verificar se a ocupação do solo por diferentes povos e em épocas distintas irá ser relevante na questão de uso maior do pronome *tu* ou *você*, bem como na maior ou menor concordância associada ao pronome *tu*.

Nossa hipótese geral é de que a etnia *açoriana* – representada pelas localidades de Florianópolis e Ribeirão da Ilha – seja a que mais faça uso do pronome *tu*, bem como apresente maior uso de concordância canônica de segunda pessoa com esse pronome. Defendemos essa hipótese também com base em FURLAN (1989), que afirma:

No açoriano-catarinense, o tuteamento⁷⁹ é a forma típica e geral de tratamento entre familiares, amigos e colegas de profissão. Por *você* são tratados os interlocutores que não se acham incluídos nesse âmbito social; *você* guarda, pois, resíduos da conotação cerimoniosa de *vossa mercê*; o uso de *você* no trato familiar atesta que o falante não é de ascendência açoriana [...]. No açoriano-catarinense a forma verbal que acompanha o *tu* é a segunda pessoa, sendo estranho o uso da terceira.

Assim, em função da ocupação mais recente (final do século XVIII) dos açorianos no litoral de SC e por ser o *tu* típico dos açorianos, muito provavelmente nas localidades estudadas possa haver, ainda, a manutenção de traços lingüísticos étnicos.

4.6.2.2.2. Faixa etária - esta variável extralingüística tem se mostrado de grande relevância nos estudos variacionistas. A análise dessa variável, correlacionada a um fenômeno de variação, pode apontar para duas direções básicas: um fenômeno pode estar em variação estável ou pode indicar a existência de mudança em curso.

Nas situações de *variação estável*, a variável idade irá apresentar uma distribuição plana, sem gradação etária ou uma distribuição curvilínea, com as faixas etárias intermediárias fazendo maior uso das formas de prestígio. Por exemplo, se alguns falantes de uma determinada comunidade modificam um hábito lingüístico durante suas vidas, mas

⁷⁹Uso do pronome *tu*.

a comunidade como um todo não modifica o padrão, então nesse caso pode estar ocorrendo uma variação estável na língua.

Nos fenômenos de mudança em curso, a variável idade pode trazer evidências do que Labov (1972) denominou *mudança em tempo aparente*. Isto é, ao compararmos a linguagem de diferentes faixas etárias (de pessoas mais velhas com pessoas mais novas), admitimos que as diferenças entre elas são o resultado de uma mudança lingüística:

Presume-se que a linguagem é adquirida em sua grande parte até aproximadamente 14 anos (puberdade) e, teoricamente, observando-se a linguagem falada por uma pessoa de 50 anos, por exemplo, teríamos um reflexo do que se falava há 36 anos atrás. Assim, as diferenças resultantes da comparação de diferentes faixas etárias poderiam indicar mudanças em processo de implementação no sistema.
(SILVA e PAIVA, 1996:353)

Logo, a análise em tempo aparente diz respeito ao padrão de distribuição em dois ou mais grupos etários em um determinado momento do tempo. Ou seja, aplicando ao estudo em questão, se o uso da variante inovadora *você* se mostrar mais freqüente entre os jovens – representados pelos falantes de 25 a 49 anos – decrescendo em relação aos mais velhos – os de mais de 50 anos – poderemos estar diante de uma situação de mudança em curso. O mesmo ocorre em relação à nossa segunda regra variável, caso os falantes de mais de 50 anos utilizarem mais a flexão canônica de segunda pessoa que os mais jovens.

Entretanto vale a ressalva de que, apesar de necessárias, as diferenças etárias nem sempre são suficientes para denotar mudança em curso, pois é necessário que se distinga as diferenças etárias que indicam mudança daquelas que simplesmente são fenômenos de gradação etária, ou seja, caracterizam a fala de velhos ou de jovens. Ou melhor, um falante quando jovem usa a forma *x*. Quando fica velho, usa a forma *y*.

De acordo com LABOV (1966), ao estudar a mudança em tempo aparente o pesquisador pode tornar o estudo mais confiável se relacionar à faixa etária outras variáveis como o *sexo* e a *classe social* (e, no nosso estudo, a *escolaridade*) do falante. Isto porque, segundo o autor, se há um início de mudança na língua, é natural que um

segmento da sociedade a lidere, uma vez que uma mudança lingüística sempre tem início no interior de um grupo social e está associada aos valores que o caracterizam.

Por outro lado, o estudo da mudança lingüística também pode ser efetuado via *mudança em tempo real*, em que se processa a comparação da linguagem da mesma amostra em dois pontos diferentes no tempo. No entanto, nesse tipo de análise diacrônica há alguns empecilhos, pois relacionando aos entrevistados do VARSUL, cuja coleta foi feita de 1990 a 1995, após aproximadamente 20 anos os pesquisadores retornariam às comunidades e iriam entrevistar os mesmos informantes. Esse retorno seria viável, portanto, a partir de 2010. Daí, resta a dificuldade em localizar esses mesmos informantes, uma vez que muitos deles podem ter morrido⁸⁰ ou se mudado para outro local.

O estudo da *mudança em tempo real* também pode se dar via comparação de amostras diferentes⁸¹, desde que ressalvadas as diferenças. No estudo da variável *tu/você*, por exemplo, temos o trabalho de GUIMARÃES (1979) – cujos resultados possibilitam traçar algum paralelo com os apresentados – para Porto Alegre – neste trabalho. Também pode se fazer o mesmo em relação ao comportamento da concordância verbal com o *tu* entre os falantes daquela amostra e os falantes de Porto Alegre do VARSUL.

Conforme já evidenciamos, os informantes de nossa amostra estão divididos em duas faixas etárias: na primeira estão os indivíduos com idades entre 25 e 49 anos, enquanto na segunda estão os indivíduos com 50 anos ou mais:

25 a 49 anos - nossa hipótese em relação a essa faixa etária é de que no tocante à alternância pronominal, os falantes façam uso maior da variante “mais informal” *tu*. Em relação à concordância verbal, acreditamos que o pronome *tu* apareça associado a uma menor frequência de concordância canônica de segunda pessoa. Essa hipótese é baseada nos resultados de LOREGIAN (1996), que obteve uma aplicação da regra de concordância com peso relativo de 0,45 para os falantes de 25 a 49 anos e de 0,60 para os falantes com

⁸⁰Em Chapecó, por exemplo, onde eu fui a entrevistadora na época da coleta, tenho conhecimento de que alguns informantes já faleceram, inclusive da faixa etária de 25 a 49 anos.

⁸¹Além do estudo comentado, pode-se também efetuar uma análise em tempo real procurando textos antigos que registrem as variantes em estudo no passado e compará-las com os registros mais recentes.

mais de 50 anos, na amostra de Porto Alegre, Florianópolis e Ribeirão da Ilha. Acreditamos que esse resultado se repita nas localidades do presente estudo.

Mais de 50 anos - aqui se encaixam os indivíduos da segunda faixa etária de nossa amostra, cuja tendência geral é se mostrarem mais formais e conservadores que os falantes mais jovens em vários aspectos, inclusive em relação à linguagem. Logo, testamos se isso se verifica em relação à alternância *tu/você*, com uso maior do pronome “menos íntimo” *você* que os mais jovens.

No que se refere à concordância com o *tu*, nossa hipótese é de que, em função do conservadorismo, nesta faixa etária predomine a flexão canônica do verbo.

4.6.2.2.3. Grau de escolaridade - a escola tem sido, tradicionalmente, o veículo de divulgação da norma padrão prescrita pelas GTs. Com isso, em relação ao nosso estudo é de se esperar que a escola reforce o uso dos pronomes pessoais sujeito tradicionais, no caso específico o pronome *tu*, bem como possa reforçar o uso das flexões canônicas de segunda pessoa no verbo que acompanha esse pronome.

Entretanto, a análise dos resultados da variável *escolaridade* – juntamente com a *idade* – pode trazer algumas pistas quanto ao *status* dos pronomes *você* e *tu* nas comunidades analisadas. Ou seja, será que os resultados do questionário de atitudes de RAMOS (1989) podem se refletir na amostra VARSUL? O pronome *você*, pelos indícios da amostra, é de fato menos íntimo que o *tu*? Se isso se constatar, provavelmente os informantes mais escolarizados façam uso maior do pronome *você* na entrevista que os de escolaridade mais baixa, por exemplo.

Mesmo com essas indagações, hipotetizamos que os falantes com maior escolaridade (colegial), bem como os da segunda faixa etária, com nível ginásial, utilizem mais as formas consideradas padrão pelas GTs que os informantes do nível primário e ginásial da primeira faixa etária.

Essa diferenciação por faixa etária no nível ginásial é devida ao fato de que os indivíduos que pretendiam cursar o ginásio, até o final dos anos sessenta, deveriam fazer o *exame de admissão*. O objetivo (não) declarado de tal exame era barrar os menos preparados e, de certa forma, limitar o ingresso em massa de estudantes a níveis educacionais considerados, na época, elevados para o padrão brasileiro. Diante disso, pode-se dar alguma diferença no desempenho lingüístico dos informantes com mais de 50 anos, de escolaridade ginásial, se comparados aos informantes do ginásial da primeira faixa etária.

Assim, os fatores que vão compor a variável grau de escolaridade compreendem os três níveis abaixo:

primário (até 5 anos de escolaridade);

ginásio (até 8 anos de escolaridade);

colegial (até 11 anos de escolaridade).

4.6.2.2.1. Sexo - diversos estudos têm demonstrado que mulheres e homens não falam da mesma maneira. LABOV (1991), por exemplo, ressalta que, em situação de variação estável, as mulheres têm demonstrado preferência no uso das formas de prestígio. O autor também ressalta que, em casos de mudança lingüística, as mulheres seriam inovadoras e responsáveis pela propagação da variante não-padrão. Ainda de acordo com ele, o comportamento lingüístico de homens e mulheres varia nas diversas segmentações da sociedade, advindo daí a importância de se relacionar a variável *sexo* aos demais fatores sociais.

TRUDGILL (1979), estudando o inglês falado na Inglaterra, também demonstrou que as mulheres fazem mais uso das formas consideradas de prestígio social que homens e, de acordo com ele, tal comportamento seria motivado pela posição subordinada das mulheres na sociedade visto que, enquanto os homens podem ser avaliados socialmente pelo que fazem, as mulheres primeiramente são avaliadas pelo que aparentam. Ainda de acordo com o autor, as mulheres tendem a ser mais conservadoras que os homens por

terem recebido uma educação que insiste bastante no fato de que se deve falar de um jeito e não de outro.

Logo, as diferenças lingüísticas relacionadas ao fator *sexo* podem surgir principalmente devido ao fato de que as mulheres são mais sensíveis ao prestígio explícito e a língua, como um fenômeno social, está estreitamente relacionada às atitudes sociais. Por outro lado, há o que Labov denomina *prestígio encoberto* que consiste no uso de formas não-padrão que mesmo assim têm prestígio, por estarem associadas: (a) à solidariedade do grupo; (b) à identidade pessoal; (c) a uma maior masculinidade.

COULTHARD (1991) afirma que o estereótipo de que as mulheres são mais polidas e educadas do que os homens não é de todo verdadeiro. De acordo com ele, a necessidade de ser polido lingüisticamente depende fundamentalmente da relação que é estabelecida entre os falantes. Ele afirma ainda que nas relações face a face, as formas de tratamento não são apenas uma maneira de marcar um relacionamento, mas também uma forma de alterá-lo. É possível para uma pessoa, por exemplo, a partir da mudança na forma de tratamento passar a tornar-se íntimo de alguém.

Assim, acreditamos que, no presente estudo, em relação à alternância pronominal as mulheres apresentem uso maior do pronome *tu* que os homens e também que elas dêem preferência às formas canônicas dos verbos de segunda pessoa. No entanto, acreditamos que a testagem do fator *sexo* poderá trazer algum indício a respeito do *status* social de nossas regras variáveis, ou seja, nos trazer pistas para analisar até que ponto a ausência de concordância canônica com o pronome *tu* pode ser estigmatizada socialmente.

4.6.2.2.5. Informantes - através desta variável, testamos a variação no indivíduo em relação ao uso da alternância *tu/você*, bem como na concordância verbal com o pronome *tu*.

Temos, em nossa amostra, um total de 24 informantes para cada cidade, com exceção do Ribeirão da Ilha que, em função da amostra não ser estratificada, temos somente 11 informantes nessa localidade. No entanto, cumpre ressaltar que para a análise

no indivíduo, vamos considerar somente os informantes não categóricos⁸², isto é, aqueles que têm, por um lado, *tu* e *você* em sua gramática e, por outro, variam na concordância verbal com o *tu*.

Para a codificação dos dados, cada informante recebeu um código⁸³, isto para que, através de rodadas por localidade, se pudesse verificar o comportamento de cada falante da amostra em relação às regras variáveis testadas.

Assim, são essas as variáveis sociais que foram testadas em nosso trabalho. Optamos por trabalhar com todas as variáveis sociais controladas pelo VARSUL para, dessa forma, tentar mensurar a importância do aspecto social nas regras variáveis por nós estudadas.

4.6.2.3. DADOS EXCLUÍDOS

Antes de começarmos a análise dos dados, efetuamos uma checagem em todos os contextos para detectar e eliminar todos os dados que pudessem comprometer de alguma forma nossas análises. Tais ocorrências podem ser conferidas abaixo:

- Ocorrências em que não dava para recuperar a marca canônica de segunda pessoa – quando o sujeito estava ausente e não havia nenhum pronome *tu* ou *você* no contexto.

Exemplo:

(73) - “porque *sabe* que tem muitos marginais que vêm com maus pensamentos...”
(RIB 07 FBP).

⁸²Esta informação nos será fornecida pelo programa VARBRUL, uma vez que, ao rodar o grupo informantes, temos necessariamente de excluir aqueles categóricos, visto que o programa só roda itens variáveis.

⁸³Vide anexos deste trabalho.

- Contextos em que havia juntura (por não termos certeza se a regra de concordância se realizava ou não). Essas ocorrências foram excluídas somente na etapa de análise do pronome *tu* e sua respectiva concordância verbal. Exemplos:
 - (74) - “se tu marcá sozinha, *tu ganhas* sozinha...” (FLN 32 PRI C F 0650).
 - (75) - “não *sabes* se tu gostas de tal pessoa...” (FLN 35 COL C F 0895).
- Ocorrências em que o verbo aparecia no gerúndio foram excluídas da análise da concordância verbal com o pronome *tu*. Tal medida foi necessária porque quando o pronome aparece acompanhado de tal forma nominal não há possibilidade de variação na concordância. Exemplos:
 - (76) - bateu uma coisa ca otra não tem? e realmente depois *tu analisando* como ela se comportava... (FLN 28 GIN C M).
 - (77) - porque *tu não tendo* dinheiro comé que tu vai sai de casa...(POA 12 PRI A F).
- Pronomes *tu* e *você* utilizados pelos entrevistadores – apesar de termos feito o levantamento de quais pronomes de segunda pessoa os entrevistadores utilizaram ao longo da entrevista, estes dados não foram contabilizados na análise, pois o objetivo do banco VARSUL é analisar a fala do entrevistado. Logo, na questão da concordância teríamos de ouvir todas as fitas para verificar se o entrevistador produziu ou não a concordância canônica com o *tu*. Assim, as produções dos entrevistadores permaneceram como informação adicional.
- Ocorrências em que os pronomes *tu* e *você* não desempenhavam a função de sujeito, nem ocorrências de tais pronomes empregados isoladamente, sem nenhum verbo de que pudessem ser sujeito. Exemplos:
 - (78) - e daí a forma de queijo eles trazem *pra você*. (FLC 20 MAGIN - 0128)
 - (79) - é um líder de direita, aí ele: “você me dá tanto, aí você...” (SBO 19 MAPRI - 0739)
- Ocorrências de pronomes repetidos, desde que acompanhados de um único e mesmo verbo. Exemplo:
 - (80) - aí tu pro molho tu faz o seguinte... (FLP 01 FAPRI - 0610).

- Ocorrências em que havia coordenação de verbos (sem o pronome presente, nem marca canônica de segunda pessoa no verbo), como o exemplo sublinhado em (81):

(81) - porque uma hora eles exigem que *tu pare e fique* brincando com eles, né? (POA 20 FACOL - 0352).

Para as ocorrências de coordenação de verbos, tomamos o cuidado de verificar se não havia verbos com formas diferentes. Achamos prudente não considerar tais ocorrências por ser um contexto em que, de acordo com OLIVEIRA (1986), há restrições linguísticas em se explicitar o sujeito quando o verbo é coordenado.

- Os marcadores discursivos completamente gramaticalizados – expressões esvaziadas de suas funções sintáticas originais que servem apenas para verificar se a interação está ocorrendo (cf. exemplo 82) – e os marcadores intermediários – com presença de vocativo (exemplos 83 e 84) – não entraram para a somatória das ocorrências, pois foram devidamente controlados e contabilizados à parte. Para esses casos foi utilizado o recurso / (*não se aplica*) na variável dependente.

(82) - *Olha*, eu nunca morei em outra cidade, *sabe?* (POA 08 0171).

(83) - aí convidou: “*Olha, Cláudio*, quem sabe *tu* aceita, né? saí com ele”. (POA 01 MBPRI - 0710).

(84) - um dia ele [um amigo] me chamou e disse: “*Olha, Maurício*, eu vou fazer o seguinte contigo, no primeiro e segundo vencimentos *você* vai me pagar essa dívida”. (FLP 23 MBCOL - 0265).

5. ANÁLISE DA ALTERNÂNCIA PRONOMINAL *TU/VOCÊ*

Partindo do pressuposto de que todo e qualquer fenômeno variável está sob a influência de várias forças variáveis simultâneas e que empiricamente é praticamente impossível observar uma só força em ação, procuramos – nesta parte – empreender a discussão dos resultados das variáveis lingüísticas e sociais consideradas em nosso trabalho. Para tanto, primeiramente vamos analisar o comportamento da alternância pronominal *tu/você* na comunidade e, na seqüência, analisaremos de que forma se dá essa alternância no indivíduo.

5.1. Variação na comunidade *versus* variação no indivíduo

Com a análise do comportamento no indivíduo em relação à alternância pronominal *tu/você*, visamos saber o quanto o falante reflete o comportamento do grupo e vice-versa. Além disso, e de acordo com GUY (1980:1), este tipo de conhecimento da estrutura da variação parece ser indispensável para o entendimento dos processos históricos da mudança lingüística e, também, para o estudo sincrônico da língua e seu uso social.

Conforme já apontamos, no trabalho desenvolvido por LOREGIAN (1996), a análise se restringiu à variação na comunidade. Por isso, MENON & LOREGIAN-PENKAL (2002) retomaram as entrevistas das três capitais do Sul e das três cidades do interior de Santa Catarina (Chapecó, Blumenau e Lages) e efetuaram uma análise minuciosa das ocorrências individuais, *a fim de tentar mapear a extensão interna do fenômeno, isto é, em que medida há, ou não, concorrência entre tu e você, ou a pretendida substituição do primeiro pelo segundo.* (p. 158). No entanto, para as rodadas estatísticas as autoras só levaram em consideração as cidades de Florianópolis, Porto Alegre e Lages.

Assim, pretendemos, nesta parte do trabalho, retomar a análise efetuada por MENON & LOREGIAN-PENKAL (2002) e dar seqüência à análise da variação no

indivíduo e na comunidade, incluindo na análise o Ribeirão da Ilha, Blumenau, Chapecó e as três cidades do interior do Rio Grande do Sul.

Apresentaremos inicialmente, na Tabela 4, de que forma estão distribuídos os pronomes *tu/você* na amostra geral, de acordo com a faixa etária e o sexo dos informantes analisados.

Tabela 04⁸⁴- Distribuição de *tu/você* por sexo e faixa etária nas capitais do Sul do Brasil.

Informante	Porto Alegre			Florianópolis			Curitiba		
	tu	você	T+V	tu	você	T+V	tu	você	T+V
FA	05	-	01	05	-	01	-	06	-
FB	05	-	01	02	-	04	-	06	-
Subtotal	10	-	02	07	-	05	-	12	-
MA	02	01	03	04	-	02	-	06	-
MB	02	-	04	02	01	03	-	06	-
Subtotal	04	01	07	06	01	05	-	12	-
Total	14	01	09	13	01	10	-	24	-

Ao analisar a tabela acima, percebemos algumas diferenças entre as capitais. A primeira delas, já apontada por LOREGIAN (1996), é o uso categórico de *você* em Curitiba, cidade que, em função de tal uso, ficará, forçosamente, excluída da análise de nossas regras variáveis.

Atendo-nos à análise das outras duas capitais, constatamos que, à primeira vista, a distribuição dos pronomes está equitativa nessas duas localidades: há 14 informantes que usam *só tu* em Porto Alegre e 13 em Florianópolis; há 01 informante em cada capital que usa *só você* e 09 informantes de Porto Alegre e 10 em Florianópolis fazem uso da alternância *tu/você*.

Um olhar mais atento, porém, demonstra que as mulheres têm um comportamento diferenciado dos homens: não há nenhuma mulher em Porto Alegre e Florianópolis que use categoricamente o pronome *você*. Por outro lado, 10 mulheres de Porto Alegre e 07 de Florianópolis são categóricas no uso de *tu*, enquanto entre os homens há uma distribuição

⁸⁴Os dados referentes às três capitais e às três cidades do interior de Santa Catarina (Lages, Blumenau e Chapecó) foram reproduzidos da Tabela 02 de MENON & LOREGIAN-PENKAL (2002:160).

mais equilibrada de *tu/você*, com indícios de que sejam eles os maiores responsáveis pela entrada do *você* nessas comunidades.

Para fins comparativos, vejamos na Tabela 05, abaixo, os resultados obtidos para as três cidades do interior de Santa Catarina e para a localidade do Ribeirão da Ilha⁸⁵.

Tabela 05 - Distribuição de *tu/você* por sexo e faixa etária em Lages, Blumenau, Chapecó e Ribeirão da Ilha.

Informante	Lages			Blumenau			Chapecó			Ribeirão		
	tu	você	T+V	tu	você	T+V	tu	você	T+V	tu	você	T+V
FA	-	-	06	01	-	05	03	-	03	03	-	-
FB	01	02	03	-	01	05	01	-	05	01	-	02
Subtotal	01	02	09	01	01	10	04	-	08	04	-	02
MA	-	02	04	01	-	05	-	-	06	02	-	01
MB	-	02	04	-	03	02	02	02	02	01	-	01
Subtotal	-	04	08	01	03	07	02	02	08	03	-	02
Total ⁸⁶	01	06	17	02	04	17	06	02	16	07	-	04

Nas três cidades do interior de Santa Catarina, percebemos que há maior número de informantes (17 em Lages; 17 em Blumenau e 16 em Chapecó) fazendo uso da alternância *tu/você*. Percebemos também uma progressão no número de informantes de só *tu*: há só 01 em Lages; 02 em Blumenau e 06 em Chapecó. Chama a atenção também o número de informantes que usam categoricamente o pronome *você* em Lages (06 deles) que, se somados aos 17 que têm alternância, temos 23 informantes dessa localidade que fazem uso do pronome *você*.

No Ribeirão da Ilha, apesar de nenhum entrevistado se mostrar categórico no uso de *você* e de 07 informantes utilizarem só *tu*, há 04 deles que alternam os pronomes *tu/você* ao longo da entrevista, o que é altamente significativo, pois trata-se de uma localidade um tanto isolada e maciçamente açoriana em que o *você* já se “infiltrou”.

Em relação às três cidades do interior do Rio Grande do Sul, podemos conferir a distribuição da alternância pronominal na Tabela 06.

⁸⁵Lembramos que nos anexos deste trabalho há um item que trata das características de cada localidade incluída na amostra.

⁸⁶Ressaltamos que temos 11 informantes no *corpus* Ribeirão da Ilha e que a célula faltando é a GIN B M.

Tabela 06 - Distribuição de *tu/você* por *sexo* e *faixa etária* em Flores da Cunha, Panambi e São Borja.

Informante	Flores da Cunha			Panambi			São Borja		
	tu	você	T+V	tu	você	T+V	tu	você	T+V
FA	05	-	01	02	-	04	06	-	-
FB	04	-	02	03	-	03	04	-	02
Subtotal	09	-	03	05	-	07	10	-	02
MA	03	-	03	-	-	04	03	-	01
MB	01	-	04	02	-	03	01	01	03
Subtotal	04	-	07	02	-	07	04	01	04
Total ⁸⁷	13	-	10	07	-	14	14	01	06

O primeiro destaque é em relação à ausência de informantes que usam categoricamente *você* em Flores da Cunha e Panambi; em São Borja há só um informante que usa *só você*. Por outro lado, 13 falantes de Flores da Cunha (dos quais 09 são mulheres); 07 de Panambi (05 são mulheres) e 14 de São Borja (10 são mulheres) são categóricos no uso de *tu*. Em São Borja o número de mulheres de *só tu* é tão expressivo que todas as mulheres da primeira faixa etária só fizeram uso desse pronome. Chama a atenção também o número de falantes que têm *tu/você* em sua gramática: 14 em Panambi, 10 em Flores da Cunha e 06 em São Borja.

Assim, de modo geral já podemos perceber que as mulheres de nossa amostra lideram o uso de *tu*; que em todas as localidades há informantes categóricos no uso de *tu* e que o número de informantes que usa *só você* é o menor da amostra, mas, acima de tudo, constata-se que em todas as localidades há informantes que fazem uso da alternância *tu/você* e para sabermos qual o comportamento desses falantes que têm ambas as formas em sua gramática é que se faz necessária uma análise no indivíduo: é neles que acreditamos encontrar pistas para explicar a variação no uso de *tu/você*.

A distribuição no uso de *tu/você* em cada localidade, de acordo com o *sexo* e a *faixa etária* dos falantes, fica mais evidente nos gráficos abaixo, que são baseados nas Tabelas 04, 05 e 06.

⁸⁷Um informante de Flores da Cunha (COL B M); três de Panambi (GIN A M; COL A M; COL B M) e três de São Borja (GIN A M; COL A M e GIN B M) não utilizaram os pronomes *tu/você* ao longo da entrevista e sim valeram-se da estratégia do *pronome zero* (cf. ABREU, 1987 e RAMOS, 1989). Por esse motivo, não há um total de 24 informantes, nessas três localidades.

Gráfico 1 - Uso do pronome *tu* por localidade, sexo e faixa etária, por número de informantes.

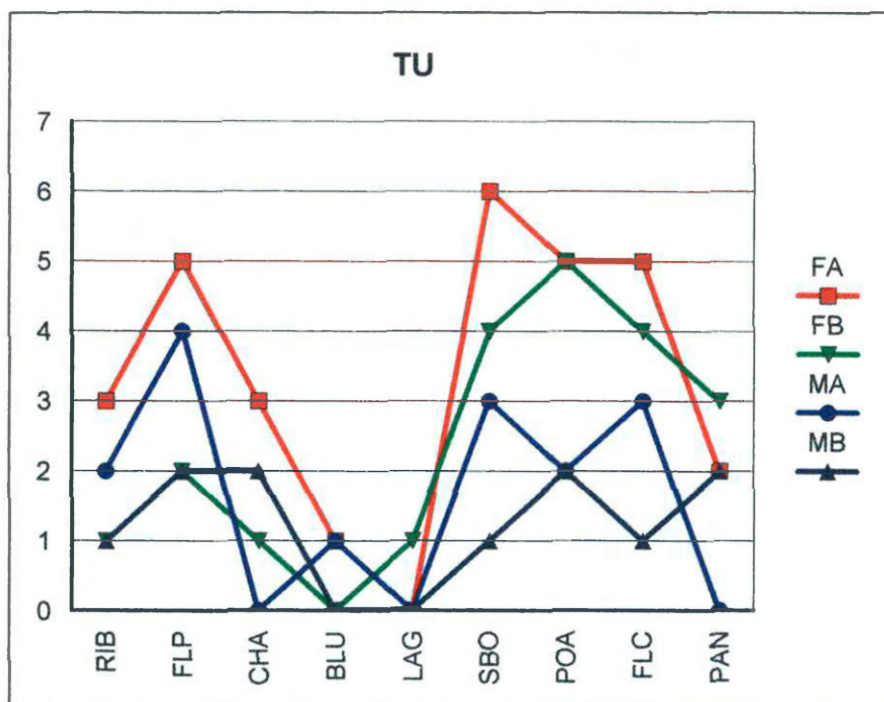


Gráfico 2 - Uso do pronome *ocê* por localidade, sexo e faixa etária, por número de informantes.

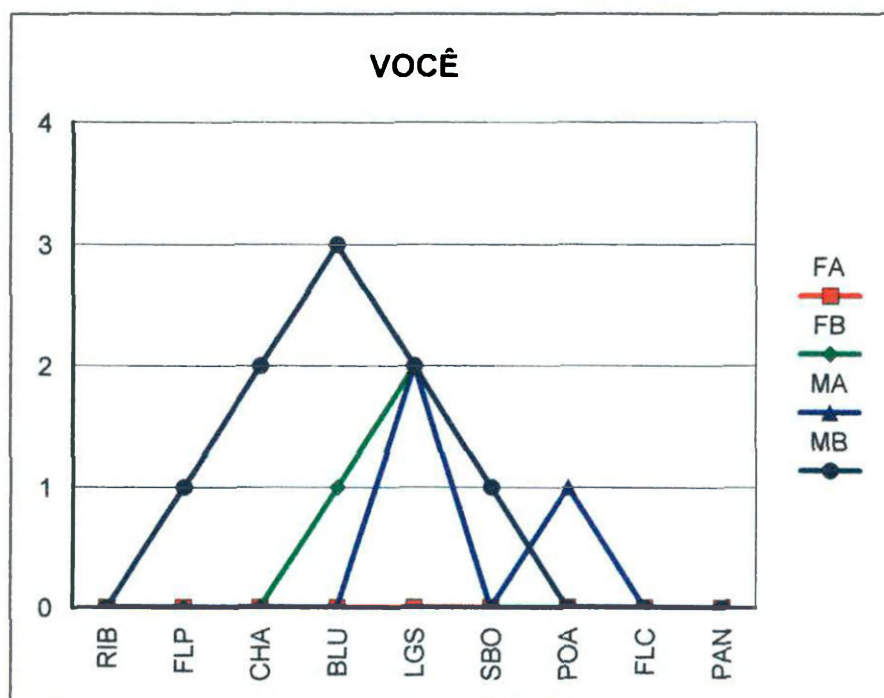
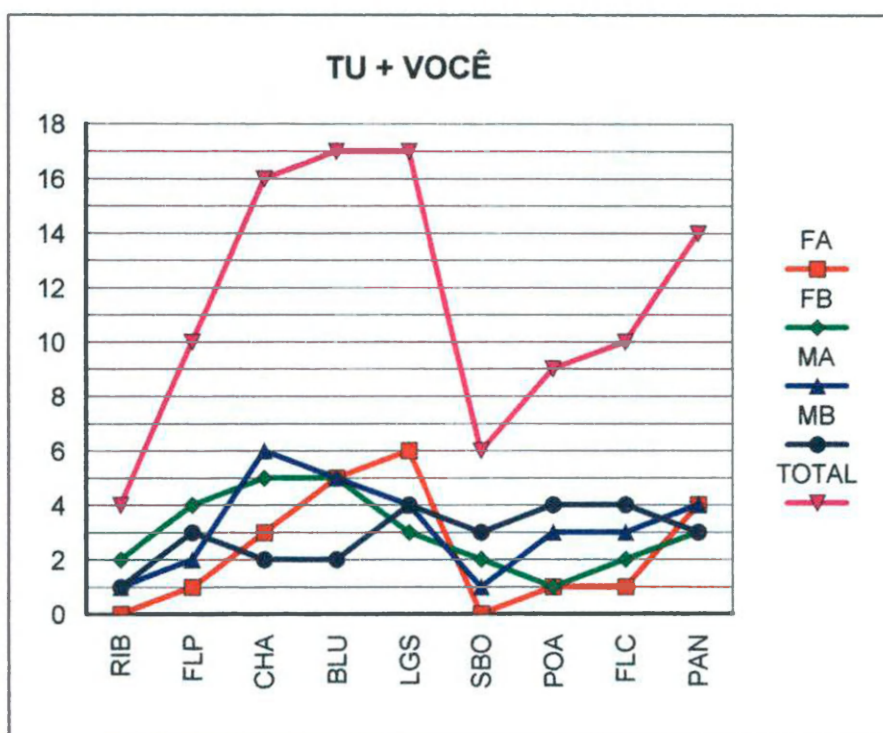


Gráfico 3 - informantes com *tu/você* por localidade, sexo e faixa etária, por número de informantes.



5.2. Variação no indivíduo

Ao retomar a discussão a respeito de controlar se a variação está se dando na comunidade ou no indivíduo, objetivamos demonstrar que, se tratarmos só da variação na comunidade – só do todo – as diferenças podem se diluir e não se consegue dar uma explicação ao fenômeno da variação e ao da mudança, caso esta estiver ocorrendo (cf. MENON & LOREGIAN-PENKAL, 2002:161). Para justificar uma análise da variação no indivíduo, as autoras apresentam os seguintes argumentos:

Poderíamos afirmar que na região Sul do Brasil se alternam os pronomes *tu* e *você* para representar a segunda pessoa do singular. Um olhar mais aprofundado, contudo, evidenciaria diferenças regionais não negligenciáveis: de um lado, Curitiba apresenta, categoricamente, o emprego de *você*. De outro, Porto Alegre, Florianópolis e Chapecó não têm informantes mulheres que usem categoricamente *só você*. Em Blumenau, tanto homens quanto mulheres preenchem as células de *só tu*, *só você* e *t+v*. Deparamo-nos, assim, com uma multiplicidade de distribuição que uma análise restrita à variação na comunidade mascararia. Como explicar que em Florianópolis há mais concordância canônica que em Porto Alegre se nesta há mais informantes usando *só tu*? Como saber qual o comportamento dos falantes que têm, na sua gramática, ambas as formas? (MENON & LOREGIAN-PENKAL, 2002:161).

Assim, ao analisar o comportamento no indivíduo, em relação às nossas regras variáveis, visamos averiguar o quanto o falante reflete o comportamento do grupo e vice-versa. Além disso, uma análise restrita à comunidade provavelmente mascararia a forma como se encontram distribuídos os pronomes *tu* e *você* na amostra, assim como a concordância com o *tu*. Soma-se a isso o fato, já apontado anteriormente, de que este tipo de conhecimento da estrutura da variação parece ser indispensável para o entendimento dos processos históricos da mudança lingüística e, também, para o estudo sincrônico da língua e seu uso social (cf. GUY, 1980:1).

Dessa forma, ao dar início à análise mais detalhada da distribuição da amostra, vamos retomar a Tabela 03 de MENON & LOREGIAN-PENKAL, em que as autoras efetuaram uma análise agrupando aos casos categóricos de *só tu* e de *só você* os números correspondentes aos falantes que têm ambos os pronomes. Além de retomar essa tabela,

vamos incluir na análise as localidades do Ribeirão da Ilha, Flores da Cunha, Panambi e São Borja, dados que resultaram na Tabela 07, abaixo.

Tabela 07 - Usos dos pronomes *tu/você*: distribuição pelos informantes das localidades comportadas na amostra⁸⁸.

Localidade	só TU	só VOCÊ	TU/ VOCÊ	TU + [T+V]	VOCÊ + [T+V]
Florianópolis	13	01	10 = 24	23	11
Porto Alegre	14	01	09 = 24	23	10
Ribeirão da Ilha	07	-	04 = 11	11	04
Chapecó	06	02	16 = 24	22	18
Blumenau	02	04	17 = 23	21	20
Lages	01	06	17 = 24	18	23
Flores da Cunha	13	-	10 = 23	23	10
Panambi	07	-	14 = 21	21	14
São Borja	14	01	06 = 21	20	07
TOTAL	77	15	103 = 195	180	118

Constata-se dos números acima que 92 informantes de nossa amostra foram categóricos (77 usaram *só tu* e 15 *só você*). Note-se também a diferença entre esses números: há muito mais informantes categóricos no uso de *tu*, o que pode ser um indício da importância que esse pronome exerce na maioria das localidades analisadas.

Por outro lado, há um número significativo de 103 informantes que fazem uso da alternância *tu/você*. Se somados aos categóricos, temos o seguinte panorama: 180 falantes têm *tu* mais *tu/você* em sua gramática e 118 têm *você* mais *tu/você*. Como vemos, os falantes com *tu* em sua gramática continuam em maior número. Mas, mesmo assim acreditamos que uma análise dos indivíduos que têm ambos os pronomes se faz necessária. E essa análise será efetuada adiante.

⁸⁸Na tabela não consta Curitiba, onde o uso de *você* é categórico.

Antes disso, porém, demos continuidade à montagem da Tabela 04 de MENON & LOREGIAN-PENKAL (2002:163), e incluímos as três cidades do interior do RS e a localidade do Ribeirão da Ilha. Nesta tabela o número de informantes pode ser visualizado melhor, pois os agrupamos lado a lado com todas as localidades da amostra e de acordo com o(s) pronomes(s) utilizado(s):

Tabela 08 - Distribuição⁸⁹ dos informantes, segundo utilizem um ou dois pronomes de segunda pessoa - em número de falantes.

Pronomes	POA	SBO	FLP	FLC	RIB	PAN	CHA	BLU	LAG
só TU	14 =	14 >	13 =	13 >	07 =	07 >	06 >	02 >	01
tu + você	09 >	06 <	10 =	10 >	4 <	14 <	16 <	17 =	17
só VOCÊ	01 =	01 =	01 >	00 =	00 =	00 <	02 <	04 <	06
TOTAL	24	21	24	23	11	21	24	23	24

Veja-se a progressão no uso dos pronomes em que se destaca, no uso de só *tu*, Porto Alegre, São Borja e, mantidas as proporções, Ribeirão da Ilha, com número maior de informantes usando só esse pronome e, no outro extremo, Lages aparece com apenas um informante categórico no uso de *tu*. No uso de só *você* Lages inverte esse panorama e passa a liderar com 06 informantes usando só este pronome, enquanto em Flores da Cunha, Ribeirão e Panambi não há nenhum informante usando só *você* e em Porto Alegre, São Borja e Florianópolis há 01 informante usando só *você*.

Com relação à alternância *tu/você*, constata-se um equilíbrio um pouco maior no sentido de que cada localidade apresenta um número significativo de informantes fazendo uso de tais pronomes. Destacamos, no entanto, a liderança de Lages, Blumenau, Chapecó e Panambi (com 17, 17, 16 e 14 informantes, respectivamente), em que se constata que o número de informantes que têm ambas as formas é a maioria da amostra, fato que nos autorizaria a supor que possa estar se dando um processo de mudança em curso nessas 4 cidades.

⁸⁹Os símbolos utilizados na Tabela 08 são usados com o sentido de: > maior que; < menor que e = igual a.

No entanto, tal hipótese de mudança precisa ser muito bem analisada, pois são constatadas algumas diferenças entre as cidades. Panambi e Chapecó, por exemplo, apresentam um número bem maior de falantes de *só tu* (7 e 6, respectivamente), enquanto em Blumenau há 03 informantes e em Lages há só 01 informante. No tocante ao uso de *só você*, Lages têm 06 informantes; Blumenau 04; Chapecó 02 e Panambi não tem nenhum.

De acordo com a distribuição dos informantes da amostra, e se tomarmos como base os informantes de *só você*, poderíamos agrupar as localidades conforme abaixo:

a) *zero só VOCÊ*: Ribeirão da Ilha, Flores da Cunha e Panambi – em que se verifica que nenhum informante destas localidades fez uso de *só você* ao longo da entrevista. Assim, elas seriam as mais conservadoras da amostra, uma vez que os informantes ficam concentrados no uso de *só tu* ou de *tu você*.

b) *01 só VOCÊ*: Florianópolis, São Borja e Porto Alegre – somente um informante de cada uma destas localidades fez uso de *só você*. Logo, elas seriam as cidades mais ou menos conservadoras quanto ao uso de *tu*.

c) *+ de 01 só VOCÊ*: temos aqui primeiramente Chapecó, que apresenta 02 informantes com *só você*. Em seguida vem Blumenau, com 04 informantes e na seqüência aparece Lages, com 06 informantes. Veja-se que das três cidades do interior de SC, Chapecó apresenta-se como a mais conservadora no uso de *tu*; Lages apresenta-se como a que mais está caminhando para o *só você*; enquanto Blumenau fica no entremeio. Quanto ao agrupamento destas 3 cidades, vemos que se tomarmos como base somente seus informantes categóricos, seria difícil encontrar argumento para agrupá-las. No entanto, veja-se que nestas cidades há o maior número de informantes da amostra que fazem uso da alternância *tu/você*: 16 em Chapecó; 17 em Blumenau e 17 em Lages.

Na seqüência da análise, vamos apresentar as rodadas estatísticas gerais e por localidade para conferir melhor o comportamento dos falantes da amostra em relação à alternância *tu/você*.

5.3. Rodadas estatísticas – variação na comunidade

Para a análise da alternância pronominal *tu/você*, efetuamos algumas rodadas no programa computacional VARBRUL para verificar o comportamento dos falantes das localidades de nossa amostra.

Nesta etapa de apresentação das rodadas, vamos mostrar os resultados obtidos com todos os informantes da amostra, em rodadas gerais e também por localidade. No entanto, na seqüência da análise vamos retirar da rodada os informantes categóricos (de *só tu* e de *só você*) e apresentar os resultados somente daqueles informantes que fazem uso de *tu* e *você* na mesma entrevista.

O número de dados de alternância nas cidades que compõem nossa amostra é de 6234, que se apresentam distribuídos desta maneira: há 4090 ocorrências de *tu* e 2144 de *você*. Percebe-se, portanto, uma diferença acentuada em termos de ocorrências dos dois pronomes pessoais de segunda pessoa do singular: o pronome *tu* lidera, com praticamente o dobro de ocorrências, o uso nas cidades pesquisadas do Sul.

Em função do grande número de células e por exigências do programa VARBRUL, não conseguimos efetuar uma rodada geral incluindo todas as localidades que compõem a amostra. Assim, tivemos de efetuar primeiramente três rodadas gerais, cujas localidades foram agrupadas de 3 a 3, desta forma: (a) Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha; (b) Chapecó, Blumenau e Lages e (c) Flores da Cunha, Panambi e São Borja. Tomamos como critério para esse agrupamento: em (a) capitais e Ribeirão da Ilha, pela proximidade com Florianópolis; em (b) unimos as cidades do interior de SC e em (c) unimos as cidades do interior do RS.

No entanto, cumpre ressaltar que após essa primeira bateria de rodadas, efetuamos rodadas especiais juntando as cidades de acordo com a distribuição dos informantes que utilizaram *só você* ao longo da entrevista, desta forma: (a) localidades com *zero só você*: Ribeirão da Ilha, Flores da Cunha e Panambi; (b) cidades com *01 só você*: Florianópolis, Porto Alegre e São Borja e (c) cidades com *mais de 01 só você*: Chapecó, Blumenau e

Lages. No entanto, este segundo agrupamento não se mostrou muito diferente do primeiro, isto porque as variáveis selecionadas foram as mesmas e, principalmente, os pesos relativos atribuídos a cada variável não sofreram alterações significativas. Diante disso, resolvemos manter o primeiro agrupamento efetuado, cujos resultados atribuídos pelo programa VARBRUL podem ser conferidos na seqüência, em que apresentamos cada rodada com as respectivas variáveis selecionadas.

a) - Rodada com os informantes de Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha.

Grupos de fatores selecionados, apresentados de acordo com a ordem de seleção:

- 1 - sexo
- 2 - localidade
- 3 - explicitação do pronome
- 4 - escolaridade
- 5 - gênero de discurso
- 6 - determinação do discurso
- 7 - faixa etária.

b) - Rodada com os informantes de Chapecó, Blumenau e Lages.

Grupos de fatores selecionados:

- 1 - localidade
- 2 - gênero de discurso
- 3 - faixa etária
- 4 - sexo
- 5 - escolaridade.

c) - Rodada com os informantes de Flores da Cunha, Panambi e São Borja.

Grupos de fatores selecionados:

- 1 - sexo
- 2 - escolaridade
- 3 - alternância de pronomes
- 4 - localidade
- 5 - gênero de discurso
- 6 - faixa etária
- 7 - determinação do discurso.

Após o elenco das variáveis selecionadas em cada rodada, vamos comentar e agrupar, sempre que possível, na mesma tabela os grupos de fatores que se mostraram relevantes para a análise da regra variável em questão. Inicialmente, vamos agrupar as localidades de acordo com as variáveis sociais trabalhadas, pois todas elas foram selecionadas nas rodadas efetuadas, cuja ordem de seleção pode ser conferida no elenco acima.

Antes de iniciarmos a apresentação das tabelas, salientamos que, **em todas as rodadas efetuadas para testar a alternância *tu/você*, estipulamos como aplicação da regra o uso do pronome *tu***. Portanto, os resultados que vamos apresentar na seqüência devem ser lidos sempre levando em consideração o uso desse pronome.

5.3.1. Variáveis sociais selecionadas nas rodadas gerais – variação na comunidade

Vimos, no elenco apresentado anteriormente, que todas as variáveis sociais que estão sendo controladas neste trabalho, para análise da variação na comunidade, se mostraram estatisticamente relevantes nesta primeira etapa de rodadas. Assim, vamos apresentar, inicialmente, os resultados obtidos pela variável *localidade*, selecionada em primeiro lugar na rodada com as três cidades do interior de SC e em segundo lugar na rodada com as três cidades do interior do RS e também em segundo lugar na rodada com as capitais e o Ribeirão da Ilha. Os resultados atribuídos a cada localidade da amostra, na testagem da alternância *tu/você*, podem ser encontrados na Tabela 09, adiante. Lembramos que não foi possível rodar todas as localidades juntas, por exceder aos limites de grupos de fatores do VARBRUL.

Tabela 09 - Alternância *tu/você* por Localidade

Fatores	Apl./Total	%	P.R.
Rodada geral com Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha (<i>INPUT</i> : 0,88)			
Florianópolis	585/767	76%	0,32
Porto Alegre	764/819	93%	0,61
Ribeirão da Ilha	445/462	96%	0,78
Total	1794/2048	87%	
Rodada geral com Flores da Cunha, Panambi e São Borja (<i>INPUT</i> : 0,89)			
Panambi	395/467	84%	0,30
Flores da Cunha	654/784	83%	0,37
São Borja	663/701	94%	0,76
Total	1712/1952	89%	
Rodada geral com Chapecó, Blumenau e Lages (<i>INPUT</i> : 0,27)			
Lages	189/1225	15%	0,30
Blumenau	134/490	27%	0,61
Chapecó	261/519	51%	0,82
Total	584/2234	26%	

Observa-se, dos resultados apresentados acima, que na rodada com as capitais e o Ribeirão da Ilha aparecem Porto Alegre e o Ribeirão favorecendo o aparecimento de *tu*, com pesos relativos de 0,61 e 0,78, respectivamente. Já Florianópolis aparece desfavorecendo o aparecimento de *tu* com peso relativo de 0,32, apesar de apresentar um percentual de 76% de uso de *tu*. Melhor dizendo, das três localidades testadas na primeira rodada geral, Florianópolis é a que aparece com maior peso relativo de *você*.

Para as três cidades do interior do RS, temos Flores da Cunha e Panambi com resultados bastante próximos, com pesos relativos de 0,30 e 0,37, respectivamente, enquanto São Borja aparece com peso relativo de 0,76 e favorecendo o aparecimento de *tu*. Já nas três cidades do interior de SC temos o seguinte resultado: Chapecó e Blumenau aparecem favorecendo o uso de *tu*, com pesos relativos de 0,82 e 0,61, respectivamente, mas Lages aparece desfavorecendo o uso desse pronome com peso relativo de 0,30.

Ao compararmos a progressão em termos de pesos relativos atribuídos às localidades, temos Lages, Panambi, Florianópolis e Flores da Cunha com pesos relativos abaixo de 0,50 e teoricamente desfavorecendo o uso de *tu*. No entanto, atente-se para o fato da diferença no número de dados. Em Lages, de um total de 1225 ocorrências há

somente 190 casos de *tu*. Já em Panambi, Florianópolis e Flores da Cunha há muito mais ocorrências de *tu*, fato evidenciado inclusive pelos percentuais obtidos de 84% ,76% e 83%, respectivamente.

Com pesos relativos acima de 0,50 aparecem 05 localidades, nesta ordem: Blumenau (0,61); Porto Alegre (0,61); São Borja (0,76); Ribeirão da Ilha (0,78) e Chapecó (0,82). Vê-se, portanto, que dessas cidades algumas apresentam um leve favorecimento do uso de *tu*, como é o caso de Blumenau e Porto Alegre, enquanto outras apresentam peso relativo mais acentuado e que são interpretadas como altamente favorecedoras do uso de *tu*. Estão nesse rol as localidades de São Borja, Ribeirão da Ilha e Chapecó, que apresentam, além da grande ocorrência de *tu*, algumas peculiaridades: São Borja, com 0,76 de peso relativo, é região de fronteira com a Argentina onde os falantes precisam marcar-se como gaúchos *versus* estrangeiro e o fazem também através do uso maciço do pronome *tu*.

O Ribeirão da Ilha, com 0,78 de peso relativo, possui a característica da grande presença açoriana e do isolamento a que os falantes que lá habitam sempre estiveram expostos. Tal isolamento é decorrente do difícil acesso à comunidade e do pouco investimento no turismo daquela parte da ilha. A cultura açoriana é marca de identificação do descendente de açoriano e uma das principais marcas lingüísticas é a pouca (ou quase nenhuma) ocorrência do pronome *você*: de um total de 462 ocorrências de pronomes de segunda pessoa, há 445 de uso de *tu* e somente 15 ocorrências de *você*. No entanto, queremos fazer a ressalva de que a marca do Ribeirão da Ilha possa não se dar necessariamente no uso do pronome *tu*, uma vez que estão computadas para esse resultado também as ocorrências de verbos com flexão canônica de segunda pessoa. Vamos retornar a essa discussão quando apresentarmos os resultados da variável *presença/ausência de pronome*.

A cidade de nossa amostra que apresenta maior probabilidade de uso do pronome *tu* é Chapecó, cidade colonizada por gaúchos descendentes de italianos que migraram do Rio Grande do Sul, que apresenta como característica a forte identificação de seus

habitantes com a cultura gaúcha. Logo, entendemos que o “chapecoense⁹⁰” sente orgulho de ser descendente de ítalo-gaúchos e essa característica é muito valorizada na comunidade local. Dessa forma, o falante precisa marcar que descende de gaúchos e linguisticamente o faz também através do uso do pronome *tu*.

Assim, vemos que nas localidades que compõem a nossa amostra a grande maioria dos informantes fazem uso do pronome *tu* e acreditamos que tal uso esteja sendo condicionado por variáveis de natureza lingüística e social. Apresentamos abaixo a Tabela 10, em que reunimos as localidades em uma só tabela para demonstrar o efeito da variável *sexo*, selecionada em todas as rodadas como estatisticamente relevante na questão da alternância:

Tabela 10 - Localidades da amostra e Sexo

Sexo	Apl./Total	%	P.R.
Rodada com Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha (<i>INPUT</i> : 0,88)			
Masculino	663/881	75%	0,20
Feminino	1131/1167	96%	0,74
Total	1794/2048	87%	
Rodada com Flores da Cunha, Panambi e São Borja (<i>INPUT</i> : 0,89)			
Masculino	574/739	78%	0,23
Feminino	1138/1213	96%	0,67
Total	1712/1952	88%	
Rodada com Chapecó, Blumenau e Lages (<i>INPUT</i> : 0,27)			
Masculino	231/1315	18%	0,42
Feminino	353/919	38%	0,61
Total	584/2234	26%	

O primeiro destaque da tabela acima é a visível liderança das mulheres, de todas as localidades, quanto ao uso de *tu*. Veja-se que as mulheres de Florianópolis, Porto Alegre e do Ribeirão favorecem o aparecimento de *tu* em 0,74 de peso relativo; as do interior de Santa Catarina apresentam 0,61 de peso relativo e as do interior do Rio Grande do Sul aparecem com 0,67 de favorecimento de *tu*.

Para demonstrar melhor o comportamento de cada localidade em relação ao fator *sexo*, efetuamos tabulações cruzadas (*CROSSTAB*) – programa que faz o cruzamento das

⁹⁰ Afirmo isso por ser nativa da comunidade chapecoense em questão.

percentagens atribuídas a dois grupos de fatores – em que podemos checar se de fato em todas as localidades são as mulheres que apresentam maior uso de *tu*. Salientamos que o programa *CROSSTAB* é uma excelente maneira de verificar a distribuição das variantes no *corpus*, pois os dados são apresentados em termos de frequência. No entanto, tal distribuição não pode ser considerada como aplicação da regra, pois esta só é obtida com a rodada do *VARB2000* e é expressa em pesos relativos.

Tabela 11 - Cruzamento entre *sexo* e *localidade* (Porto Alegre, Florianópolis e Ribeirão):

Sexo		Porto Alegre		Florianópolis		Ribeirão		Total	
Masc.	Tu	274	80%	204	59%	185	96%	663	75%
	Você	70	20%	140	41%	8	4%	218	25%
	Total	344		344		193		881	
Fem.	Tu	472	99%	387	91%	262	97%	1121	96%
	Você	3	1%	36	9%	7	3%	46	4%
	Total	475		423		269		1167	
Total	Tu	746	91%	591	77%	447	97%	1784	87%
	Você	73	9%	176	23%	15	3%	264	13%
	Total	819		767		462		2048	

Do cruzamento apresentado acima, constata-se que nas três localidades analisadas o percentual de uso de *tu* por parte das mulheres fica acima de 90%. Constata-se também que a diferença mais acentuada é encontrada em Porto Alegre, cujas mulheres apresentam 99% de uso de *tu* e apenas 1% de *você*.

Em relação ao sexo masculino, chama a atenção a alta frequência de uso de *você* apresentada pelos homens de Florianópolis, a mais alta encontrada com percentual de 41%, enquanto os homens de Porto Alegre apresentam 20% e os do Ribeirão somente 4% .

Em rodadas com cada localidade em separado, a variável *sexo* foi selecionada em primeiro lugar em Florianópolis (com pesos de 0,85 para o feminino e de 0,10 para o masculino); em segundo lugar em Porto Alegre (feminino: 0,92; masculino: 0,03) e no Ribeirão da Ilha a variável *sexo* foi eliminada como estatisticamente não relevante. Veja-se, portanto, que são Florianópolis e Porto Alegre os responsáveis pela variável *sexo*

ter sido selecionada, uma vez que no Ribeirão da Ilha tanto mulheres quanto homens apresentam bastante e eqüitativas ocorrências de *tu* e poucas ocorrências de *você*, conforme evidenciou o *crosstab* apresentado na Tabela 11.

Veremos abaixo qual o percentual atribuído à variável *sexo* por localidade do interior de Santa Catarina.

Tabela 12 - Cruzamento entre *sexo* e *localidade* (Chapecó, Blumenau e Lages)

Sexo		Chapecó		Blumenau		Lages		Total	
Masc.	Tu	112	41%	44	14%	75	10%	231	18%
	Você	160	59%	275	86%	649	90%	1084	82%
	Total	272		319		724		1315	
Fem.	Tu	145	59%	90	53%	115	23%	350	38%
	Você	102	41%	81	47%	386	77%	569	62%
	Total	247		171		501		919	
Total	Tu	257	50%	134	27%	190	16%	581	26%
	Você	262	50%	356	73%	1035	84%	1653	74%
	Total	519		490		1225		2234	

Se compararmos os resultados deste cruzamento com o das capitais e do Ribeirão, percebe-se que as mulheres do interior de Santa Catarina têm uma freqüência menos acentuada no uso de *tu*, como é o caso das de Chapecó, que apresentam 59% de uso de *tu* e as de Blumenau que apresentam 53% de uso desse pronome. Já as mulheres de Lages fazem uso maior do pronome *você*, com 77% de uso desse pronome.

O comportamento dos homens das três cidades do interior de Santa Catarina é de liderança no uso do pronome *você*. A alternância maior é encontrada nos informantes do sexo masculino de Chapecó, que apresentam 41% de uso de *tu* e 59% de *você*. Já os de Blumenau e Lages apresentam somente 14% e 10% de uso de *tu*, respectivamente.

Assim, podemos deduzir do cruzamento acima – e também com base nos resultados das rodadas com cada localidade em separado, em que a variável *sexo* só foi selecionada em Blumenau, com os pesos de 0,35 para o masculino e de 0,76 para o feminino – que embora o fator *sexo* seja selecionado em quinto lugar na rodada geral das cidades do interior de Santa Catarina, quem motiva tal seleção para o uso de *tu* são

principalmente os informantes de Blumenau. Isso porque tanto as mulheres quanto os homens de Lages fazem uso maior do pronome *você*, enquanto homens e mulheres de Chapecó apresentam uma distribuição bastante equilibrada em termos de uso de *tu* e *você*, o que vem demonstrar a importância de se rodar as cidades individualmente e, sempre que possível, efetuar cruzamentos para se constatar o real peso de cada localidade em relação às variáveis que estão sendo testadas.

Efetuamos cruzamento do fator *sexo* também com as três cidades do interior do Rio Grande do Sul, cujos resultados podem ser conferidos abaixo:

Tabela 13 - Cruzamento entre *sexo* e *localidade* (Flores da Cunha, Panambi e São Borja):

Sexo		Flores da Cunha		Panambi		São Borja		Total	
Masc.	Tu	205	68%	170	79%	199	89%	574	78%
	Você	95	32%	45	21%	25	11%	165	22%
	Total	300		215		224		739	
Fem.	Tu	466	96%	227	90%	470	99%	1163	96%
	Você	18	4%	25	10%	7	1%	50	4%
	Total	484		252		477		1213	
Total	Tu	671	86%	397	85%	669	95%	1737	89%
	Você	113	14%	70	15%	32	5%	215	11%
	Total	784		467		701		1952	

Constata-se do cruzamento acima que as mulheres das três cidades do interior do Rio Grande do Sul têm um comportamento bastante similar às mulheres de Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha: aqui também os percentuais de uso de *tu* ficaram acima de 90%. Além disso, chama a atenção o resultado das mulheres de São Borja, que manifestaram o mesmo percentual que as mulheres de Porto Alegre: 99% de uso de *tu*.

Em relação ao sexo masculino, veja-se que os homens do interior do Rio Grande do Sul também aparecem com percentual maior do pronome *tu*: os de Flores da Cunha apresentam percentual de 68%, os de Panambi 79% e os de São Borja 89%. Chama a atenção também que a variável *sexo* foi a primeira selecionada na rodada com essas três cidades, o que demonstra que só a distribuição não é suficiente para explicarmos as diferenças de uso de acordo com o *sexo* do informante.

Em rodadas por localidade, a variável *sexo* foi selecionada em primeiro lugar em São Borja, com pesos de 0,03 para o masculino e de 0,84 para o feminino e também foi selecionada em Panambi, mas em segundo lugar, com pesos de 0,23 para o masculino e de 0,73 para o feminino. No entanto, em Flores da Cunha esta variável não foi considerada relevante estatisticamente.

Portanto, de forma geral podemos concluir – dos cruzamentos e rodadas efetuados – que a variável *sexo* é relevante como condicionante extralingüístico nas localidades de Florianópolis, Porto Alegre, Blumenau, São Borja e Panambi e que provavelmente são estas localidades as responsáveis pela variável ter sido selecionada nas rodadas gerais. Os resultados também indicam que as mulheres do interior de Santa Catarina têm uma frequência menos acentuada no uso de *tu* que as mulheres das demais localidades da amostra e, principalmente, que as mulheres (assim como os homens) de Lages são as únicas que fazem uso maior do pronome *você* (com percentual de 77% de uso desse pronome).

Esses resultados vêm evidenciar que as mulheres de Florianópolis, Porto Alegre, Blumenau, São Borja e Panambi são mais conservadoras quanto ao uso de *tu* que as demais mulheres da amostra. Além disso, o resultado obtido em Lages – de que as mulheres fazem uso maior do pronome *você* – sugere que nesta localidade o *status* do *tu* é diferente do das demais localidades, ou seja, parece haver um certo prestígio no uso de *tu*, exceto em Lages. Veja-se, por exemplo, o depoimento do falante 16 (masculino, ginásio, mais de 50 anos), que diz que gaúcho é coisa recente em Lages:

(...) na minha época mesmo de juventude (...) a gente chamava de gringo os italianos que vinhu(m) pra cá (est) mas festa mesmo gaúcha num tinha, hoje tem esses bailão e CTG e não tinha não. (est) Isso começô há pocos anos pra cá, **você** ia num clube e, tanto é que na época **você** não entrava num clube sem casaco e gravata. (LAG 16 MBGIN - 0577)

Faixa Etária

A segunda variável social que foi selecionada pelo programa VARBRUL como favorecedora do uso de *tu* em todas as localidades da amostra (selecionada em terceiro lugar na rodada com as cidades do interior de SC; em sexto lugar na rodada com as cidades do interior do RS e em sétimo e último lugar na rodada com as capitais e o Ribeirão) foi a *faixa etária*. Os resultados atribuídos a cada fator podem ser visualizados na Tabela 14.

Tabela 14 - Localidade e Faixa Etária

Idade	Apl./Total	%	P.R.
Rodada com Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha (<i>INPUT</i> : 0,88)			
25 a 49 anos	1020/1157	88%	0,55
mais de 50 anos	774/891	86%	0,44
Total	1794/2048	87%	
Rodada com Flores da Cunha, Panambi e São Borja (<i>INPUT</i> : 0,89)			
25 a 49 anos	1023/1156	90%	0,60
mais de 50 anos	689/796	87%	0,36
Total	1712/1952	88%	
Rodada com Chapecó, Blumenau e Lages (<i>INPUT</i> : 0,27)			
25 a 49 anos	459/1483	31%	0,62
mais de 50 anos	125/751	16%	0,27
Total	584/2234	26%	

Observe-se que a faixa etária de 25 a 49 é a que lidera o uso do pronome *tu*. Observe-se também que a diferença entre as duas faixas etárias é menos acentuada nas capitais e no Ribeirão da Ilha (pesos relativos de 0,44 para a segunda faixa etária e de 0,55 para a primeira) que nas demais cidades.

Nas cidades do interior de Santa Catarina (faixa etária A: 0,62; faixa etária B: 0,27) e do Rio Grande do Sul (faixa etária A: 0,60; faixa etária B: 0,36) verifica-se uma maior diferença de pesos relativos entre as faixas etárias e se constata também uma polarização maior que nas capitais e no Ribeirão.

Avaliamos também o comportamento da faixa etária por localidade e constatamos a seguinte distribuição percentual de uso de *tu*:

Tabela 15 - Cruzamento⁹¹ entre faixa etária e localidade

Faixa Etária	POA	FLP	RIB	CHA	BLU	LAG	FLC	PAN	SBO
25 a 49	90%	78%	100%	61%	36%	18%	89%	86%	98%
+ de 50	82%	75%	92%	32%	13%	9%	80%	80%	94%

Vê-se que em todas as localidades da amostra foram os informantes da primeira faixa etária que apresentaram percentual maior de uso de *tu*. Destaca-se também o uso quase categórico de *tu* entre os informantes de 25 a 49 anos do Ribeirão da Ilha (há apenas uma ocorrência de *você* nesta faixa etária, contra 14 ocorrências na segunda faixa) e a alta incidência de *tu* nas duas faixas etárias em todas as cidades do Rio Grande do Sul, bem como no Ribeirão.

Em rodadas por localidade, a variável *faixa etária* foi selecionada em primeiro lugar em Chapecó, com pesos de 0,68 para a primeira faixa e de 0,24 para a segunda; em terceiro lugar em Blumenau, com 0,65 para a primeira faixa e 0,27 para a segunda; em quinto lugar em Florianópolis, com 0,80 para os informantes da primeira faixa e 0,09 para a segunda, também em quinto lugar em Panambi, com 0,55 para a primeira faixa e 0,26 para os da segunda e em sexto lugar em Porto Alegre, com 0,64 para a primeira faixa e 0,26 para a segunda. Por sua vez, em Lages, São Borja, Flores da Cunha e Ribeirão da Ilha a variável *faixa etária* não foi selecionada pelo programa como estatisticamente relevante.

Assim, em relação à variável alternância pronominal os resultados atribuídos à faixa etária – na análise da variação na comunidade – sugerem que os falantes mais velhos da amostra são mais formais que os mais jovens. Sugerem também que o uso de *tu* talvez esteja de fato associado a uma menor formalidade, ou a uma maior intimidade, bem como não apontam indícios de mudança em progresso em direção ao uso de *só você*. Assim, vemos confirmar-se nossa hipótese de que os falantes mais jovens da amostra usam mais a variante “mais íntima” *tu* que os de mais de 50 anos.

⁹¹De agora em diante, vamos apresentar os resultados do *Crosstab* de forma resumida.

Escolaridade

A terceira variável social que vamos comentar e que também foi selecionada em todas as localidades foi a *escolaridade* em que visamos constatar até que ponto a educação formal exerce influência na fala dos entrevistados, uma vez que se ensina na escola, conforme apontamos algumas vezes ao longo deste trabalho, que o único pronome de segunda pessoa do singular é o *tu*. Logo, por esse raciocínio esperamos encontrar maior uso de *tu* proporcional ao aumento da escolaridade. Vejamos se isso se confirma na Tabela 16.

Tabela 16 - Localidade e Escolaridade

Escolaridade	Apl./Total	%	P.R.
Rodada com Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha (<i>INPUT</i> : 0,88)			
Primário	629/774	81%	0,34
Ginásio	524/600	87%	0,41
Colegial	641/674	95%	0,75
Total	1794/2048	87%	
Rodada com Flores da Cunha, Panambi e São Borja (<i>INPUT</i> : 0,89)			
Primário	821/874	94%	0,72
Ginásio	381/455	84%	0,38
Colegial	510/623	82%	0,28
Total	1712/1952	88%	
Rodada com Chapecó, Blumenau e Lages (<i>INPUT</i> : 0,27)			
Primário	104/493	25%	0,42
Ginásio	221/782	28%	0,59
Colegial	259/959	27%	0,47
Total	584/2234	26%	

Vemos confirmada nossa hipótese de que haja interferência da educação formal de acordo com o aumento dos anos de escolaridade somente na rodada das capitais e no Ribeirão da Ilha, em que há uma nítida progressão no uso de *tu*, proporcional ao aumento dos anos de contato com a escola: informantes do *primário* apresentaram peso relativo de 0,34, os do *ginásio* o peso relativo foi de 0,41 e o peso relativo dos informantes do *colegial* foi de 0,75.

Entretanto essa proporcionalidade não é registrada nas demais cidades que compõem a amostra. No interior do Rio Grande do Sul, por exemplo, são os informantes

do *primário* que lideram o uso de *tu* com 0,72 de peso relativo, seguidos pelos informantes do *ginásio* com 0,38 e, por último, aparecem os do *colegial* com 0,28 de peso relativo. Veja-se também que o efeito da escolaridade aparece com resultados inversamente proporcionais ao aumento dos anos de escolarização nessas três cidades.

Já nas cidades do interior de Santa Catarina são os informantes do *ginásio* que apresentam um leve favorecimento da aplicação da regra com 0,59 de peso relativo, em seguida aparecem os do *colegial* com 0,47 e os do *primário* aparecem com 0,42 de peso relativo. Veja-se que esses resultados, no entanto, ficam muito próximos ao ponto neutro.

A título de verificar o efeito da escolaridade em cada localidade da amostra, realizamos a tabulação cruzada, que nos forneceu os seguintes resultados:

Tabela 17 - Cruzamento entre *escolaridade e localidade*

Escolaridade	POA	FLP	RIB	CHA	BLU	LAG	FLC	PAN	SBO
Primário	93%	64%	88%	39%	33%	6%	97%	95%	94%
Ginásio	89%	77%	99%	59%	23%	17%	82%	79%	96%
Colegial	90%	95%	100%	47%	27%	18%	77%	72%	98%

Percebemos, da distribuição acima, que em Florianópolis há a maior interferência da escolaridade, pois os informantes do primário aparecem com 64% de uso de *tu*, os do ginásio com 77% e os do colegial apresentam 95% de uso desse pronome. Percebemos também que os informantes do Ribeirão da Ilha e de São Borja apresentam percentuais semelhantes entre si, havendo também a progressão no uso de *tu* de acordo com o aumento dos anos de escolarização, com a diferença de não haver tanta polarização entre os números como em Florianópolis. Já em Lages, apesar de haver progressão no uso de *tu*, os percentuais (de 6%, 17% e 18%) são bem mais baixos que os das outras localidades da amostra. Quanto às demais cidades da amostra, não se constata um aumento progressivo no uso de *tu* proporcional ao aumento dos anos de escolarização, e temos diversas distribuições.

Em rodadas com cada localidade em separado, a variável escolaridade foi selecionada em seis cidades, com a seguinte distribuição: em Panambi foi a primeira

variável selecionada, com pesos de 0,81 para o primário; 0,37 para o ginásio e 0,13 para o colegial. Em Florianópolis a seleção se deu em segundo lugar, com 0,08 para o primário; 0,84 para o ginásio e 0,85 para o colegial. A variável escolaridade foi selecionada em terceiro lugar em São Borja, com o primário apresentando peso de 0,09; o ginásio 0,80 e o colegial 0,95; e também em terceiro lugar em Chapecó, com 0,66 para o primário; 0,96 para o ginásio e 0,06 para o colegial. Em quarto lugar, a variável escolaridade foi selecionada em Porto Alegre (primário: 0,41; ginásio: 0,08; colegial: 0,95) e em Lages (primário: 0,30; ginásio: 0,26 e colegial: 0,79). Já em Blumenau, Flores da Cunha e Ribeirão da Ilha a escolaridade não foi selecionada.

Veja-se que há maior uso de *tu* proporcional ao aumento dos anos de escolaridade – o que sustenta nossa hipótese – somente em Florianópolis (e mesmo assim com o *ginásio* e o *colegial* apresentando praticamente o mesmo peso) e em São Borja, em que há uma grande diferença entre, principalmente, o *primário* e o *ginásio*. Nas demais localidades em que a variável escolaridade foi selecionada tal proporcionalidade não é constatada. Em Chapecó, por exemplo, os informantes do *colegial* são os que apresentam menor peso relativo (de 0,06) referente ao uso de *tu* e os do *ginásio* lideram, de forma surpreendente (com 0,96), tal uso, seguidos pelos informantes do *primário*, que apresentam um peso (de 0,66) favorável de uso de *tu*. Já em Panambi são os informantes do *primário* que apresentam maior peso de uso de *tu* (de 0,81), enquanto os informantes do *ginásio* (0,37) e do *colegial* (0,13) apresentam pesos que desfavorecem o uso desse pronome. Já em Porto Alegre e Lages os informantes do *ginásio* apresentam pesos menores que os atribuídos aos informantes do *primário*.

Assim, os resultados indicam que a escolaridade do falante não se configura de forma homogênea nas localidades em análise e que, em algumas delas, a educação formal parece não exercer influência na fala dos entrevistados, uma vez que se ensina na escola que o único pronome de segunda pessoa do singular é o *tu*.

A seguir, veremos as variáveis lingüísticas selecionadas nesta primeira parte de nossa análise.

5.3.2. Variáveis lingüísticas selecionadas nas rodadas gerais – variação na comunidade

Conforme elencamos anteriormente, além das variáveis sociais já comentadas o programa VARBRUL selecionou em cada rodada também variáveis lingüísticas.

Na rodada com as três cidades do interior de Santa Catarina o programa selecionou somente uma variável lingüística, e em segundo lugar: *gênero de discurso*.

Já na rodada com Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão o programa selecionou em terceiro lugar a variável *presença/ausência de pronomes*; em quinto *gênero de discurso* e em sexto a variável *determinação do discurso*.

Na rodada com Flores da Cunha, Panambi e São Borja foram selecionadas as variáveis lingüísticas: *alternância de pronomes*, em terceiro lugar; *gênero de discurso* em quinto lugar e em sétimo *determinação do discurso*.

Vamos agrupar, abaixo, as localidades em que as variáveis lingüísticas *gênero de discurso* e *determinação do discurso* foram selecionadas como estatisticamente relevantes para a testagem da alternância *tu/você* e, na seqüência, apresentamos os números obtidos pelas variáveis que só foram selecionadas em uma das rodadas: *presença/ausência de pronomes*, *tipo de interlocução* e *alternância de pronomes*. Iniciamos com a Tabela 18, em que a variável *gênero de discurso* foi selecionada em todas as localidades da amostra, nas rodadas gerais:

Tabela 18 - Gênero de discurso⁹² e localidade

Fatores	FLP, POA, RIB			CHA, BLU, LAG			FLC, PAN, SBO		
	Apl./T.	%	P.R.	Apl./Total	%	P.R.	Apl./Total	%	P.R.
Argumentativo	823/910	90%	0,62	187/820	23%	0,51	420/479	87%	0,52
Narrativo	712/815	87%	0,39	216/1047	21%	0,39	994/1050	94%	0,37
Explicações	79/93	85%	0,26	63/154	40%	0,72	121/150	80%	0,78
Receitas	155/155	100%	<i>knockout</i>	85/123	69%	0,89	143/185	77%	0,86
Total	1769/1973	86%		551/2144	26%		1678/1864	90%	

⁹²Veja-se que há 75 casos de **não se aplica** na primeira coluna, o que daria os 2048 dados da amostra; 90 na segunda (seriam 2234 dados) e 88 na terceira (1952 dados no total).

O primeiro resultado que chama a atenção por propiciar o aparecimento maior do pronome *tu* é o fator *receitas*, que aparece com 100% de aplicação da regra⁹³ (daí o *knockout*), cujo fator teve de ser retirado da rodada com Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão; com 0,89 de peso relativo em Chapecó, Blumenau e Lages e com 0,86 para as cidades do interior do Rio Grande do Sul. Veja-se que no discurso considerado “formulaico” o *você* tem ainda muito pouca “infiltração” nas comunidades analisadas: a marca das receitas é usar o pronome *tu* e, conforme veremos na análise de *tu* e concordância, sem a flexão canônica de segunda pessoa no verbo que acompanha esse pronome.

Temos, também, para as capitais e o Ribeirão, o discurso predominantemente *argumentativo* propiciando o aparecimento do pronome *tu* (e/ou da flexão de segunda pessoa no verbo) com 0,62 de peso relativo e os fatores discurso predominantemente *narrativo* e *explicações* aparecem desfavorecendo o *tu* com 0,39 e 0,26 de peso relativo, respectivamente.

Já para as três cidades do interior de Santa Catarina (SC) e as três do interior do Rio Grande do Sul (RS), observa-se uma regularidade nos pesos relativos atribuídos aos quatro fatores da variável *gênero de discurso*. Vejamos, o discurso predominantemente *argumentativo* obteve 0,51 no interior de SC e 0,52 no interior do RS, os dois resultados situados no ponto neutro. O discurso predominantemente *narrativo* aparece com 0,39 no interior de SC e 0,37 no interior do RS e cujos números indicam que este fator propicia maior aparecimento de *você*; os pesos do fator *explicações* foram 0,72 para o interior de SC e 0,78 para o interior do RS, em que se verifica, juntamente com as *receitas*, um maior favorecimento do uso de *tu*.

Nas rodadas com cada localidade em separado, a variável *gênero de discurso* foi selecionada em Porto Alegre (predominantemente *narrativo*: 0,19; predominantemente *argumentativo*: 0,73; *explicações* 0,54), no Ribeirão (predominantemente *narrativo* 0,39; predominantemente *argumentativo* 0,80; *explicações* 0,04), em Lages,

⁹³Efetuamos rodadas especiais sem o fator *receitas* em outras duas rodadas gerais (com as cidades do interior de SC e com as do interior do RS) mas não houve alteração significativa nos pesos relativos e o grupo continuou sendo selecionado.

(predominantemente *narrativo*: 0,36; predominantemente *argumentativo*: 0,56; *explicações*: 0,71; *receitas*: 0,79), em Panambi (predominantemente *narrativo*: 0,33; predominantemente *argumentativo*: 0,71; *explicações*: 0,90) e em São Borja (predominantemente *narrativo*: 0,34; predominantemente *argumentativo*: 0,91; *explicações*: *knockout*, com 41 aplicações de *só tu*). Já em Florianópolis, Chapecó, Blumenau e Flores da Cunha tal variável não foi considerada relevante estatisticamente.

Note-se que, nas cinco localidades em que a variável *gênero de discurso* foi selecionada, o discurso predominantemente *narrativo* aparece com pesos relativos que desfavorecem o uso de *tu*, enquanto o discurso predominantemente *argumentativo* propicia o uso desse pronome. Assim, os resultados da variação na comunidade confirmam nossa expectativa em relação a esses fatores, uma vez que dissemos – na Metodologia deste trabalho – que quando o falante faz uso da argumentação, ele poderia ficar envolvido na estratégia de convencimento do outro e de imposição de sua opinião, contexto propício ao uso de *tu*: o tratamento mais íntimo, usado para dar ordens e para impor sua vontade.

Já nas *explicações* há bastante divergência entre os pesos atribuídos às localidades, uma vez que os falantes de São Borja foram categóricos no uso de *só tu*, em Panambi e Lages há um grande favorecimento de *tu*, mas no Ribeirão se verifica um uso quase categórico (peso de 0,04) de explicações com *você*. Em Porto Alegre o peso relativo de 0,54 fica bastante próximo ao ponto neutro.

Logo, constata-se que há condicionamentos lingüísticos que atuam de forma semelhante em todas as localidades analisadas: é o caso das *receitas* e, em menor escala, do discurso predominantemente *argumentativo*, que aparecem propiciando o uso de *tu*, bem como do discurso predominantemente *narrativo* que propicia maior ocorrência de *você* em todas as localidades testadas acima. No entanto, há também fatores que apresentam resultados divergentes, como ocorre com o fator *explicações* que aparece desfavorecendo o aparecimento de *tu* no Ribeirão, enquanto nas demais cidades se verifica que esse fator favorece o aparecimento do *tu*. Esses resultados dão sustentação a somente parte da hipótese que previa “As *receitas*, *explicações* e o discurso predominantemente *argumentativo* propiciam o aparecimento do pronome *tu*”.

Podemos hipotetizar, através dos resultados da variável acima, que o *status* atribuído ao pronome *tu* possa ser diferenciado de acordo com a localidade: em Florianópolis e no Ribeirão da Ilha o questionário de atitudes de RAMOS (1989) parece se refletir perfeitamente, pois tudo indica que o pronome *você* seja utilizado como um fator de distanciamento, de não pertencente à comunidade, de não-nativo, (prova disso é o peso atribuído ao fator *explicações*, em que o falante se dirige diretamente ao entrevistador). Já em São Borja e Panambi se verifica que o *status* do *tu* é de marca de identidade: ao tratar o entrevistador por *tu*, o falante poderia estar marcando sua identidade gaúcha.

Determinação do discurso

A próxima variável linguística que foi selecionada pelo VARBRUL foi *determinação do discurso*, selecionada na rodada com as capitais e o Ribeirão e também na rodada com as três cidades do interior do RS. Consideramos que tal variável seja de fundamental importância na análise da alternância *tu/você*, pois acreditamos que se o referente for indeterminado haja maior ocorrências de *você*: no sentido de que o falante atribui a outro(s) a autoria (ou a responsabilidade) no uso de *você* (cf. MENON & LOREGIAN-PENKAL, 2002). Vejamos o comportamento dos falantes das cidades elencadas na Tabela 19:

Tabela 19 - Determinação do discurso em Florianópolis, Porto Alegre, Ribeirão e nas três cidades do interior do Rio Grande do Sul

Fatores	Fpolis, POA, RIB			FLORES, PAN, SBO		
	Apl./Total	%	P.R.	Apl./Total	%	P.R.
Determinado	804/885	91%	0,62	460/512	90%	0,58
Indeterminado	862/1045	82 %	0,39	1191/1352	88%	0,47
Total	1666/1930	86%		1651/1864	89%	

Em todas as localidades que compõem a tabela acima, vemos que se o referente é recuperável há predomínio do uso de *tu*, com peso relativo de 0,62 para as capitais e o Ribeirão e de 0,58 para as três cidades do interior do Rio Grande do Sul. Por outro lado, se o referente for indeterminado, verifica-se que há um desfavorecimento nas ocorrências de

tu, mais acentuado em Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão com 0,39 de peso relativo e de uma tendência ao desfavorecimento com 0,47 de peso relativo em Flores da Cunha, Panambi e São Borja.

Nas rodadas por localidade, a variável *determinação do discurso* só não foi selecionada como estatisticamente relevante em Lages. Nas demais localidades da amostra essa variável se mostrou altamente relevante, conforme pode ser conferido nos pesos atribuídos. Em Florianópolis, os pesos foram: determinado: 0,73; indeterminado: 0,26; em Porto Alegre, determinado: 0,86; indeterminado: 0,28; no Ribeirão, determinado: 0,83; indeterminado: 0,08; em Chapecó, determinado: 0,59; indeterminado: 0,35; em Blumenau, determinado: 0,65; indeterminado: 0,45; em Flores da Cunha, determinado: 0,60; indeterminado: 0,43; em Panambi, determinado: 0,64; indeterminado: 0,39 e em São Borja, determinado: 0,67; indeterminado: 0,47.

Assim, os resultados apontam a importância da testagem da *indeterminação* na análise da regra de alternância *tu/você*. Veja-se que esta variável só não foi selecionada justamente na localidade que apresenta maior uso de *você*, o que poderia ser um indício de que os falantes de Lages já “incorporaram” o *você* como um pronome pertencente à comunidade e, dessa forma, não haveria a necessidade de fazê-lo explícito via *indeterminação*, mas sim em qualquer contexto discursivo, uma vez que esse pronome já entrou no sistema.

Já nas demais localidades testadas, tudo indica que é principalmente via *indeterminação* que o pronome *você* está encontrando um caminho propício para sua entrada no sistema: o falante fica isento de “culpa” por estar utilizando um pronome “alienígena”, pois o traço que predomina na *indeterminação* é o [+ *genérico*], e sabemos que nesse tipo de discurso se perde a possibilidade de recuperar a quem o discurso se refere.

Explicitação do pronome

Na seqüência da apresentação de nossas variáveis lingüísticas, temos os resultados atribuídos à variável *explicitação do pronome* em que objetivamos verificar um fato de morfossintaxe: se a ausência de pronome favorece o uso de *tu* em relação ao *você*, veja como isso se confirma na Tabela 20:

Tabela 20 - Explicitação do pronome em Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão

Fatores	Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão		
	Apl./Total	%	P.R.
Com pronome explícito	1303/1550	84%	0,39
Sem pronome explícito	481/498	97%	0,80
Total	1784/2048	87%	

Veja-se que esta variável só foi selecionada na rodada com as capitais e o Ribeirão, resultado motivado pelos dados de Florianópolis e do Ribeirão, locais onde a flexão verbal canônica com o *tu* se mantém. De acordo com os resultados, a ausência de pronomes propicia o uso de *tu* com 0,80 de peso relativo. Por outro lado, quando o pronome aparece explicitado há uma redução no uso de *tu* para 0,39 de peso relativo. Logo, verifica-se que a flexão verbal canônica de segunda pessoa é, muito provavelmente, a responsável pelo elevado peso relativo atribuído ao *tu*.

Quanto às demais cidades que compõem nossa amostra (3 do interior de SC e 3 do interior do RS) a variável *explicitação do pronome* não foi considerada estatisticamente relevante pelo VARBRUL na rodada com as três cidades juntas. No entanto, nas rodadas com cada localidade em separado, essa variável foi selecionada, além de em Florianópolis e no Ribeirão, também em Blumenau.

Os pesos atribuídos para Florianópolis foram: com pronome 0,32; sem pronome: 0,90 e para Blumenau, com pronome obteve peso de 0,46 e sem pronome 0,86. No Ribeirão da Ilha, esta variável teve de ser eliminada da rodada, uma vez que o fator sem pronome obteve 170 aplicações de *só tu*, o que causou o *knockout* e a conseqüente

eliminação da rodada por exigência do programa VARBRUL, que não roda variáveis compostas somente por um fator. Esses resultados obtidos no Ribeirão da Ilha vêm comprovar o que dissemos anteriormente (na análise da Tabela 09) que a marca dos falantes dessa localidade poderia não se concentrar no uso do pronome *tu*, mas sim no uso da flexão canônica de segunda pessoa.

Assim, nossa expectativa de que a ausência de pronome favorece o uso de *tu* em relação ao *você* foi confirmada nas localidades da amostra em que a presença de flexão canônica de segunda pessoa se faz presente. Já nas localidades em que a flexão canônica de segunda pessoa ocorre pouco, para evitar ambigüidade o falante tende a explicitar o pronome *tu* ou *você*, uma vez que não há distinção morfológica entre os verbos que acompanham estes pronomes. Veremos mais sobre este assunto no próximo capítulo, na análise de *tu* e concordância.

Por fim, o último grupo de fatores selecionado nesta primeira etapa de rodadas para testar a questão da alternância pronominal *tu/você* foi a *alternância de pronomes* no mesmo período, que foi selecionado para a rodada com as três cidades do interior do Rio Grande do Sul, cujos valores atribuídos a cada fator podem ser visualizados na Tabela 21, abaixo:

Tabela 21 - Alternância de pronomes em Flores da Cunha, Panambi e São Borja

Fatores	Flores da Cunha, Panambi e São Borja		
	Apl./Total	%	P.R.
Pronome <i>tu</i> usado anteriormente ao <i>você</i> no mesmo período	18/35	51%	0,36
Pronome <i>você</i> usado anteriormente ao <i>tu</i> no mesmo período	9/15	60%	0,67
Total	27/50	54%	

Observe-se que a tendência para as três cidades analisadas na Tabela 21 é de quando o pronome *você* aparece anteriormente ao *tu* no mesmo período há 0,67 de peso relativo de ocorrências de *tu*, enquanto se o falante começa com *tu* a tendência de alternar com o *você* cai para 0,36 de peso relativo. No entanto, ressalve-se que o número de dados para esta variável é restrito: há um total de 35 ocorrências para o primeiro fator e somente

15 ocorrências para o segundo, o que de certa forma limita qualquer conclusão, por ora. Além disso, em rodadas com cada localidade em separado, o programa selecionou esta variável somente em Panambi e em São Borja e com pesos relativos bastante aproximados aos da Tabela 21.

Na seqüência da análise da alternância *tu/você*, vamos tecer comentários acerca do comportamento da variação no indivíduo, através de rodadas por localidade e sem os informantes categóricos (que usaram *só tu* ou *só você* ao longo da entrevista). Vamos apresentar também as tabelas contendo os pesos relativos atribuídos aos **informantes** que fazem uso de *tu* e *você*, bem como vamos apontar todos os informantes categóricos. Salientamos que fizemos rodadas com as localidades em separado uma vez que nossa intenção era incluir e testar o grupo de fatores *informantes*.

5.4. Rodadas estatísticas – variação no indivíduo

Conforme está dito anteriormente, vamos efetuar nesta seção uma análise do comportamento do indivíduo. Para tanto, rodamos cada localidade em separado e só assim conseguimos incluir o grupo *informantes*. A Tabela 22, na seqüência, apresenta a distribuição no uso dos pronomes de segunda pessoa nas capitais⁹⁴ e no Ribeirão da Ilha. Note-se que somente são atribuídos os pesos relativos aos informantes que mostraram ter, em sua gramática, o uso de ambos os pronomes:

⁹⁴Os dados referentes a Florianópolis, Porto Alegre e Lages foram reproduzidos da Tabela 05 de MENON & LOREGIAN-PENKAL (2002:171).

Tabela 22 - Uso de *tu* e *você* pelos informantes de Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão⁹⁵

Inf.	Florianópolis			Porto Alegre			Ribeirão da Ilha		
	Apl./T.	%	P.R	Apl./T.	%	P.R	Apl./T.	%	P.R
FPA ⁹⁶	90/90	100%		16/16	100%		17/17	100%	
FPA	52/54	96%	0,11	66/66	100%				
MPA	21/70	30%	0,08	33/47	70%	0,17	35/36	97%	0,76
MPA	16/55	29%	0,09	05/09	56%	0,04			
FPB	05/05	100%		67/67	100%		40/45	89%	0,60
FPB	31/36	86%	0,21	54/54	100%				
MPB	05/05	100%		35/37	95%	0,71	7/14	50%	0,11
MPB	16/20	80%	0,98	70/71	99%	0,97			
FGA	14/14	100%		37/39	95%	0,58	28/28	100%	
FGA	43/43	100%		16/16	100%				
MGA	09/09	100%		00/18	0%		64/64	100%	
MGA	15/15	100%		18/18	100%				
FGB	09/10	90%	0,88	13/13	100%		52/54	96%	0,74
FGB	60/85	71%	0,65	82/83	99%	0,57			
MGB	14/36	39%	0,79	19/22	86%	0,59	----	---	---
MGB	04/06	67%	0,99	40/40	100%				
FCA	19/19	100%		95/95	100%		101/101	100%	
FCA	43/43	100%		35/35	100%				
MCA	12/12	100%		18/20	90%	0,80	34/34	100%	
MCA	55/55	100%		57/57	100%				
FCB	44/48	92%	0,99	07/07	100%		24/24	100%	
FCB	27/27	100%		07/07	100%				
MCB	00/06	0%		17/37	46%	0,06	45/45	100%	
MCB	23/23	100%		09/09	100%				

O resultado das rodadas por localidade apontou, conforme pode ser conferido acima, todos os informantes categóricos no uso de *só tu* ou de *só você*. Nesta etapa da análise, estes informantes foram retirados da amostra, uma vez que tencionamos analisar aqui somente os informantes que fazem uso dos dois pronomes, ou seja, os não-categóricos. Ficamos assim com 10 informantes de Florianópolis; 09 de Porto Alegre e 04 do Ribeirão da Ilha, o que totaliza 23 informantes não-categóricos nestas localidades.

⁹⁵Lembramos que zero ou 100% das ocorrências equivalem a *knockout*: ou o informante sempre usou o *tu* ou sempre o *você*.

⁹⁶Leia-se: F: feminino; M: masculino
P: primário; G: ginásio; C: colegial
A: 25 a 49 anos; B: mais de 50 anos

Vemos que em Florianópolis dos 10 informantes não-categoricos há seis deles que aparecem favorecendo o uso de *tu*. Destes, três estão bastante próximos do *knockout*, uma vez que apresentam peso relativo de 0,98 e dois apresentam peso de 0,99 de uso de *tu*. Os outros três falantes que favorecem o uso de *tu* aparecem com peso relativo de 0,88; 0,79 e 0,65. Já no outro extremo, próximo a uma aplicação altamente favorecedora de *você*, aparecem **quatro** informantes, três da primeira faixa etária, com pesos de 0,08; 0,09 e 0,11 e um da segunda faixa etária, com peso de 0,21. Assim, em termos gerais em Florianópolis os informantes da segunda faixa etária, com ambos os pronomes, favorecem o uso de *tu*, visto que os informantes da primeira faixa etária, que fazem uso da alternância, apresentam maior ocorrência de *você*. Logo, nesse grupo de falantes de Florianópolis que possuem *tu* e *você* em sua gramática os resultados sugerem mudança em curso, conforme já haviam apontado MENON & LOREGIAN-PENKAL (2002: 171).

Em Porto Alegre, os dados nos mostram que a distribuição dos informantes que têm ambos os pronomes é a seguinte: dos cinco falantes da segunda faixa etária, dois aparecem favorecendo o uso de *tu*, com pesos de 0,97 e 0,71; dois estão bastante próximos ao ponto neutro (0,57 e 0,59); e um aparece desfavorecendo o uso de *tu* com 0,06. Os quatro informantes restantes pertencem à faixa etária de 25 a 49 anos e um aparece favorecendo a aplicação de *tu* (0,80 de peso); um aparece bastante próximo ao ponto neutro (0,58) e dois desfavorecem a aplicação de *tu*, com pesos de 0,17 e 0,04. Veja-se que apesar de haver um falante a mais na segunda faixa etária, a análise em tempo aparente dificulta qualquer previsão, uma vez que os informantes encontram-se em uma variada distribuição, nas duas faixas.

No Ribeirão da Ilha a distribuição dos quatro informantes que têm ambos os pronomes em sua gramática é a seguinte: há um informante da primeira faixa etária que aparece favorecendo o uso de *tu* com peso de 0,76 e os três informantes restantes pertencem à segunda faixa etária e aparecem com pesos de 0,74; 0,60 e 0,11. O único falante que aparece desfavorecendo a aplicação de *tu* é masculino primário, enquanto os outros três que favorecem a aplicação de *tu* são mulheres (duas com primário e uma com ginásio). Veja-se que estes resultados apontariam o conservadorismo do Ribeirão, se se

considerar verdadeiro que as mulheres são mais conservadoras ou observadoras da variante de maior prestígio.

Apontada a distribuição dos falantes que fazem uso de *tu* e *você* nas capitais e no Ribeirão, resta apresentar as demais variáveis selecionadas em cada localidade⁹⁷ (em rodadas separadas) e somente com os informantes não-categóricos.

Em Florianópolis, (com 10 informantes e 488 dados), foram selecionados os grupos de fatores: sexo (masculino: 0,25; feminino: 0,75); determinação do discurso (determinado: 0,73; indeterminado: 0,26); explicitação do pronome (com pronome: 0,34; sem pronome: 0,92); escolaridade (primário: 0,45; ginásio: 0,53; colegial: 0,76) e gênero de discurso (explicações: 0,17; predominantemente narrativo: 0,40; predominantemente argumentativo: 0,59). Portanto, os resultados apontam que a entrada de *você* em Florianópolis está se dando, principalmente, via informantes do sexo *masculino*, de nível *primário* e há maior probabilidade de ocorrência de *você* quando o referente é *indeterminado*, quando há a *presença do pronome* e em *explicações* e discursos predominantemente *narrativos*.

Por outro lado, o pronome *tu* se mantém em Florianópolis, de acordo com os resultados dos falantes que usam *tu* e *você*, principalmente em *mulheres* de nível *colegial* e em situações em que o referente é *determinado*, o *pronome sujeito* está *ausente* e em discursos predominantemente *argumentativos*. Esses resultados apontam para a confirmação de algumas de nossas hipóteses, formuladas na Metodologia deste trabalho, e contrariam a hipótese de que as *explicações*, por constituírem um contexto em que o falante se dirige ao entrevistador, iriam favorecer a presença de *tu*. Assim, provavelmente devido ao fato de o entrevistador ser uma pessoa estranha ao entrevistado, o pronome *você* esteja sendo usado como um distanciador, uma forma de tratar os não-íntimos, o que corrobora os resultados obtidos pelo questionário de atitudes, aplicado por RAMOS (1989), em Florianópolis.

⁹⁷A variável **informantes** foi selecionada como estatisticamente relevante em todas as localidades da amostra.

A rodada com Porto Alegre (09 informantes e 241 dados) apontou os seguintes grupos de fatores estatisticamente relevantes: gênero de discurso (predominantemente narrativo: 0,21, explicações: 0,40 e predominantemente argumentativo: 0,77); determinação do discurso (indeterminado 0,20; determinado 0,85) e tipo de interlocução (dirigindo-se ao entrevistador: 0,36 e discurso relatado de terceira pessoa: 0,60). Assim, vemos que os contextos que propiciam o uso de *você* em Porto Alegre são, principalmente, a *indeterminação do referente*, o discurso predominantemente *narrativo*, as *explicações* e quando o *interlocutor é o entrevistador*. Por outro lado, como contextos favorecedores de *tu* aparecem a *determinação do referente*, o discurso predominantemente *argumentativo* e o *discurso relatado de terceira pessoa*.

Para o Ribeirão da Ilha, (com 04 informantes e 149 dados), o programa selecionou como estatisticamente relevantes os grupos de fatores determinação do discurso (indeterminado: 0,02; determinado: 0,74) e gênero de discurso (explicações: 0,04; predominantemente narrativo: 0,36 e predominantemente argumentativo: 0,93). Logo, o pronome *você* no Ribeirão da Ilha está em uso principalmente pelos falantes da segunda faixa etária (03 deles) e possui como contextos favorecedores de sua entrada a *indeterminação do referente*, as *explicações* e o discurso predominantemente *narrativo*.

Veja-se que para Florianópolis, Porto Alegre e o Ribeirão os contextos que propiciam o uso de *você* coincidem nestes fatores: a *indeterminação do referente*, as *explicações* e o discurso predominantemente *narrativo*.

Veremos, na seqüência, o comportamento dos informantes de Flores da Cunha, Panambi e São Borja, localidades em que o número de falantes que têm *tu* e *você* em sua gramática corresponde a 10 informantes de Flores da Cunha; 14 de Panambi e 06 de São Borja, o que totaliza 30 informantes não-categóricos nestas localidades. Assim, na Tabela 23 podemos conferir a distribuição dos informantes de cada uma destas localidades.

Tabela 23 - Uso de *tu* e *você* pelos informantes de Flores da Cunha, Panambi e São Borja

Inf.	Flores da Cunha			Panambi			São Borja		
	Apl./T.	%	P.R	Apl./T.	%	P.R	Apl./T.	%	P.R
FPA	26/26	100%		5/5	100%		31/31	100%	
FPA	67/74	91%	0,91	70/71	99%	0,59	103/103	100%	
MPA	11/11	100%		72/74	97%	0,66	2/4	50%	0,95
MPA	11/12	92%	0,92	50/55	91%	0,26	18/18	100%	
FPB	90/90	100%		1/1	100%		98/98	100%	
FPB	29/29	100%		4/6	67%	0,03	1/1	100%	
MPB	18/20	90%	0,87	25/27	93%	0,35	0/4	0%	
MPB	27/27	100%		3/3	100%		82/98	84%	0,99
FGA	92/92	100%		5/5	100%		18/18	100%	
FGA	6/6	100%		12/14	86%	0,37	16/16	100%	
MGA	31/31	100%		4/5	80%	0,26	tratamento zero		
MGA	18/20	90%	0,89	tratamento zero			13/13	100%	
FGB	12/12	100%		14/15	93%	0,29	90/96	94%	0,03
FGB	17/17	100%		6/8	75%	0,13	12/12	100%	
MGB	1/36	3%	0,01	2/7	29%	0,04	tratamento zero		
MGB	7/10	70%	0,86	1/2	50%	0,12	7/8	88%	0,77
FCA	56/56	100%		38/47	81%	0,62	38/38	100%	
FCA	57/57	100%		67/73	92%	0,82	15/15	100%	
MCA	41/41	100%		11/40	27%	0,22	tratamento zero		
MCA	10/52	19%	0,12	tratamento zero			25/25	100%	
FCB	8/14	57%	0,53	2/2	100%		12/12	100%	
FCB	6/11	55%	0,62	1/1	100%		36/37	97%	0,02
MCB	30/40	75%	0,69	2/2	100%		35/35	100%	
MCB	tratamento zero			tratamento zero			17/19	89%	0,32

Conforme apontamos, há dez informantes não-categoricos em Flores da Cunha. Deste total, há quatro da primeira faixa etária e seis da segunda. Dos que pertencem à primeira faixa etária, três deles aparecem com pesos (de 0,92; 0,91; 0,89) altamente favorecedores do uso de *tu* e um deles aparece desfavorecendo a aplicação de *tu*, com peso de 0,12. Já dos seis falantes da segunda faixa etária, quatro aparecem com pesos de 0,87; 0,86; 0,69 e 0,62 de favorecimento de *tu*; um deles aparece com peso bastante próximo ao ponto neutro (0,53) e um deles aparece desfavorecendo altamente o aparecimento de *tu*, com peso de 0,01. Por outro lado, do total de informantes que têm ambos os pronomes, sete são homens (incluindo os dois que aparecem desfavorecendo o uso de *tu*) e somente três são mulheres. Além disso, a diferença em termos de faixa etária sugere que não há

indícios de mudança em progresso: o número de falantes com *tu* e *você* em sua gramática é maior na segunda faixa etária.

Em Panambi há 14 falantes não-categoricos. Destes, oito pertencem à primeira faixa etária e seis à segunda. Vemos aqui que uma análise em tempo aparente apontaria para mudança em curso, neste grupo de falantes. No entanto, veja-se que os pesos atribuídos aos falantes dificultam qualquer conclusão neste sentido, uma vez que dos falantes da primeira faixa etária, quatro aparecem com pesos acima do ponto neutro, com pesos de 0,82; 0,66; 0,62 e 0,59 e quatro deles aparecem desfavorecendo o aparecimento de *tu*, com os seguintes pesos: 0,22; 0,26; 0,26 e 0,37. Já todos os seis falantes da segunda faixa etária aparecem desfavorecendo o uso de *tu*, dois deles, inclusive, são praticamente categoricos no uso de *você*, com pesos de 0,03 e 0,04, os quatro restantes apresentam pesos de 0,12; 0,13; 0,29 e 0,35 de uso de *tu*. Soma-se a isso outra coincidência, nos informantes da primeira faixa etária há quatro mulheres e quatro homens que fazem uso da alternância e nos da segunda faixa há três mulheres e três homens que têm *tu/você* em sua gramática.

Para São Borja, temos 06 informantes não-categoricos e apenas um deles pertence à primeira faixa etária, sendo que o mesmo aparece com peso altamente favorecedor de uso de *tu* (0,95). Dos cinco informantes restantes – todos da segunda faixa etária – dois apresentam pesos favorecedores de uso de *tu* (de 0,99 e 0,77) e três aparecem desfavorecendo o aparecimento desse pronome, cujos pesos são 0,32; 0,03 e 0,02. Assim, para São Borja os resultados apontam que a mudança poderia estar se dando no sentido de uso de *só tu*, uma vez que o número de falantes da primeira faixa etária concentra-se praticamente no uso desse pronome. Veja-se também que o único informante de São Borja que utilizou *só você* (com 4 ocorrências) pertence à segunda faixa etária, o que poderia ser mais um indicio de que a preferência entre os mais jovens é usar o *tu*, inclusive como provável marca de identidade gaúcha.

As rodadas por cidade e somente com os informantes que fazem uso de *tu/você* apontaram, para Flores da Cunha (com 10 informantes e 289 dados), como estatisticamente relevantes somente o grupo de fatores: tipo de interlocução (marcador

discursivo: 0,99; discurso para o entrevistador: 0,37; discurso relatado do próprio falante: 0,10 e discurso relatado de terceira pessoa: 0,09). Assim, vemos que os contextos que propiciam o *você* em Flores da Cunha são, principalmente, os discursos relatados e os contextos em que o interlocutor é o entrevistador. Já os marcadores discursivos não completamente gramaticalizados são acompanhados, quase que exclusivamente, pelo pronome *tu*. Efetuamos também uma segunda rodada excluindo o discurso relatado e o grupo de fatores continuou sendo selecionado como estatisticamente relevante.

Em Panambi, (com 14 informantes e 448 dados), foram selecionados os grupos de fatores escolaridade (primário: 0,81; ginásio: 0,38; colegial: 0,12); sexo (masculino: 0,23; feminino: 0,74); gênero de discurso (predominantemente narrativo: 0,34; predominantemente argumentativo: 0,72; explicações: 0,75) e idade (25 a 49 anos: 0,55; mais de 50 anos: 0,24). Veja-se que nesta cidade são os informantes mais escolarizados, da segunda faixa etária e do sexo masculino que propiciam maior ocorrência de *você*. Junte-se a isso o discurso predominantemente narrativo, que também aparece favorecendo este pronome. Com estes resultados, também encontramos respaldo para as indagações feitas acima – na análise da Tabela 23 – em que constatamos que dos 14 falantes não-categorizados (8 da primeira faixa etária e 6 da segunda), todos os 6 falantes da segunda faixa etária apareciam favorecendo o aparecimento de *tu*, enquanto somente 4 da primeira faixa etária favoreciam o *tu*. Com esses resultados, mesmo que o maior número de falantes com *tu/você* pertençam à primeira faixa etária, os pesos relativos indicam que são os falantes da segunda faixa etária que desfavorecem o uso de *tu*.

Para São Borja, (com 06 informantes e 262 dados), as variáveis estatisticamente relevantes foram: gênero de discurso (predominantemente narrativo: 0,32; predominantemente argumentativo: 0,90) e determinação do discurso (determinado: 0,74; indeterminado: 0,35). Aqui, novamente, o referente indeterminado e o discurso predominantemente narrativo aparecem propiciando o uso de *você*. Assim, veja-se que quando o traço é [+ genérico], mesmo em localidades mais conservadoras e com menor número de falantes fazendo uso da alternância, o pronome *você* encontra uma porta de entrada: a indeterminação.

Por fim, vamos apresentar, na Tabela 24, os resultados obtidos pelos informantes de Chapecó, Blumenau e Lages.

Tabela 24 - Uso de *tu* e *você* pelos informantes de Chapecó, Blumenau e Lages

Inf.	Chapecó			Blumenau			Lages		
	Apl./T.	%	P.R	Apl./T.	%	P.R	Apl./T.	%	P.R
FPA	1/1	100%		15/17	88%	0,70	04/42	10%	0,33
FPA	4/5	80%	0,34	9/18	50%	0,12	07/44	16%	0,46
MPA	5/19	26%	0,07	2/2	100%		00/94	0%	
MPA	12/17	71%	0,33	16/67	24%	0,35	04/64	6%	0,22
FPB	10/11	91%	0,93	0/12	0%		00/10	0%	
FPB	6/6	100%		2/4	50%	0,94	01/01	100%	
MPB	1/1	100%		0/13	0%		01/05	20%	0,68
MPB	4/48	8%	0,14	tratamento zero			00/01	0%	
FGA	43/43	100%		2/10	20%	0,06	01/08	13%	0,49
FGA	11/11	100%		10/10	100%		70/96	73%	0,96
MGA	11/39	28%	0,01	6/20	30%	0,36	00/107	0%	
MGA	3/4	75%	0,07	5/18	28%	0,42	01/04	25%	0,62
FGB	32/33	97%	0,82	2/5	40%	0,89	02/57	4%	0,12
FGB	4/26	15%	0,02	2/5	40%	0,94	00/11	0%	
MGB	2/24	8%	0,01	0/2	0%		06/60	10%	0,53
MGB	2/2	100%		5/75	7%	0,90	09/137	7%	0,31
FCA	3/13	23%	0,08	27/42	64%	0,30	09/111	8%	0,35
FCA	29/66	44%	0,83	12/23	52%	0,25	21/108	19%	0,62
MCA	68/87	78%	0,96	3/71	4%	0,08	43/180	24%	0,66
MCA	3/5	60%	0,91	3/4	75%	0,81	09/42	21%	0,62
FCB	5/30	17%	0,87	7/17	41%	0,89	07/38	18%	0,37
FCB	2/3	67%	0,99	1/7	14%	0,75	04/09	44%	0,75
MCB	0/3	0%		0/25	0%		00/01	0%	
MCB	0/22	0%		3/20	15%	0,94	03/50	6%	0,17

Os resultados da análise dos informantes das cidades do interior de SC apontam um total de 50 falantes não-categoricos. Em Chapecó, temos 16 informantes que fazem uso de *tu/você*. Destes, 09 pertencem à primeira faixa etária e 07 à segunda. Dos 09 da primeira faixa etária, há 03 que favorecem o aparecimento de *tu*, com pesos de 0,96; 0,91 e 0,83. Os 06 restantes (duas mulheres e quatro homens), desta faixa etária, apresentam pesos relativos desfavorecedores ao uso de *tu*, com pesos de 0,34; 0,33; 0,08; 0,07; 0,07 e 0,01. A distribuição dos falantes da segunda faixa etária é a seguinte: há 04 falantes com pesos de 0,99; 0,93; 0,87 e 0,82, altamente favorecedores de *tu*, e 03 falantes aparecem desfavorecendo altamente o uso de *tu*, com pesos de 0,14; 0,02 e 0,01. Neste grupo de

falantes, da segunda faixa etária, há 5 mulheres e somente 02 homens. Veja-se que o número de falantes da primeira faixa etária que aparece desfavorecendo o uso de *tu* é bastante relevante (06 deles) contra 03 da segunda faixa, resultados que poderiam sugerir indícios de mudança em progresso no grupo de falantes com *tu* e *você*.

Em Blumenau, temos um total de 17 falantes com alternância *tu/você*: 10 da primeira faixa etária e 07 da segunda. Os da primeira faixa etária apresentam-se desta forma: somente dois deles aparecem com pesos favorecedores ao uso de *tu* (0,81 e 0,70); os 08 restantes apresentam pesos relativos abaixo de 0,50 e, portanto, apresentam-se como desfavorecedores ao uso de *tu*: 0,42; 0,36; 0,35; 0,30; 0,25; 0,12; 0,08 e 0,06. Além disso, nesta faixa etária há 05 mulheres e 05 homens. Para a segunda faixa etária, todos os 07 falantes aparecem com pesos relativos altamente favorecedores ao uso de *tu*, três deles apresentam peso de 0,94; dois apresentam peso de 0,89, um apresenta 0,90 e um 0,75. Neste rol estão cinco mulheres e somente dois homens. Note-se que nesta localidade o número de falantes da primeira faixa etária que aparecem desfavorecendo o uso de *tu* se amplia para oito e não há nenhum falante da segunda faixa etária que desfavorece esse pronome. Assim, a análise em tempo aparente aponta mudança em progresso nos falantes não-categorizados de Blumenau.

Para Lages, a distribuição dos informantes apresenta-se conforme segue: há um total de 17 falantes não-categorizados. Destes, 10 pertencem à primeira faixa etária (sendo 6 mulheres e 4 homens) e 07 (4 homens e 3 mulheres) à segunda. Dos falantes da primeira faixa etária, cinco deles favorecem o aparecimento de *tu*, com pesos de 0,96; 0,66 e três apresentam peso de 0,62. Os outros cinco aparecem desfavorecendo o uso de *tu* com pesos de 0,49; 0,46; 0,35; 0,33 e 0,22. Já, dos falantes da segunda faixa etária, dois favorecem o uso de *tu*, com pesos de 0,75 e 0,68; um aparece bastante próximo ao ponto neutro, com peso de 0,53; e quatro deles aparecem com pesos relativos que desfavorecem o uso de *tu*, com 0,37; 0,31; 0,17 e 0,12. Chama a atenção o fato de que mesmo havendo mais falantes não-categorizados na primeira faixa etária, os falantes não-categorizados se distribuem por todo o espectro, o que denota que os pronomes estão em franca alternância, em Lages.

A rodada só com Chapecó, (com 16 informantes e 423 dados) e sem os informantes categorizados, apontou como estatisticamente relevantes as variáveis: tipo de interlocução

(marcador discursivo 0,90; discurso relatado do próprio falante 0,73; receitas 0,52; discurso para o entrevistador 0,28) e gênero de discurso (predominantemente argumentativo: 0,62; predominantemente narrativo: 0,37 e explicações: 0,26). Assim, quando o interlocutor é o entrevistador, quando o falante solicita ou fornece explicações ao entrevistador e o discurso predominantemente narrativo formam os contextos mais favorecedores do *você* neste grupo de falantes de Chapecó. Por outro lado, os contextos que propiciam o *tu* são os marcadores discursivos, o discurso relatado do próprio falante e o discurso predominantemente argumentativo. Veja-se também que o fator receitas aparece com peso de 0,52, bastante próximo ao ponto neutro, neste grupo de falantes.

Em Blumenau, (com 17 informantes de *tu+você* e 453 dados), foram selecionadas as variáveis: sexo (masculino: 0,36; feminino: 0,76); determinação do discurso (determinado: 0,67; indeterminado: 0,44); idade (25 a 49 anos: 0,21; mais de 50 anos: 0,71) e explicitação do pronome (com pronome: 0,46; sem pronome: 0,85). Os resultados apontam que falantes da primeira faixa etária e do sexo masculino favorecem o uso de *você* em Blumenau. Além disso, o referente indeterminado e a presença do pronome sujeito também favorecem o uso desse pronome. Note-se que a sugestão apontada anteriormente – na análise da Tabela 24 – de que estaria havendo *mudança em progresso* neste grupo de falantes de Blumenau encontra respaldo também aqui, com a seleção da variável *idade* e com a diferença de 0,50 entre as duas faixas etárias, cujos falantes mais jovens favorecem o uso de *você*.

Para Lages (com 17 informantes e 1050 dados), o programa selecionou as variáveis: gênero de discurso (predominantemente narrativo: 0,36; predominantemente argumentativo: 0,56; explicações: 0,54; receitas: 0,89) e tipo de interlocução (discurso relatado de terceira pessoa: 0,27; discurso relatado do próprio falante: 0,37; discurso para o entrevistador: 0,55 e marcador discursivo: 0,88). Efetuamos uma segunda rodada, com esses informantes de Lages, excluindo o discurso relatado e o programa continuou selecionando as mesmas variáveis, sem grandes alterações nos pesos relativos atribuídos aos fatores. Assim, os resultados sugerem que principalmente as *receitas* e os *marcadores discursivos* formam os contextos de resistência do pronome *tu* em Lages. Ou seja, o

pronome *tu* está se mantendo em usos “cristalizados”, uma vez que tanto as receitas quanto os marcadores discursivos possuem tal característica.

Apesar de serem rodadas separadas, podemos concluir, da análise efetuada nos indivíduos que possuem *tu* e *você* em sua gramática, que há contextos recorrentes em (quase) todas as localidades testadas e, entre eles, se destacam a *indeterminação do referente*; o *discurso relatado de terceira pessoa* e o *discurso predominantemente narrativo*. Veja-se que todos esses contextos possuem o traço [+ genérico], o que vem reforçar a constatação de MENON & LOREGIAN-PENKAL (2002) de que sejam esses os contextos mais vulneráveis de entrada do *você* no sistema dos falantes que têm *tu*, no sentido de que o falante atribui a outro(s) a autoria (ou a responsabilidade) no uso de *você*, haja vista que, conforme MENON (1994), o traço *genericidade* é primordial na indeterminação e possibilita que o falante, mesmo se fizer parte do grupo referido, se dilua na não-responsabilidade individual da afirmativa. Da mesma forma, a *narração* também cria distanciamento temporal ou espacial, portanto, [+ genérico].

Além disso, na maioria das localidades testadas os fatores *explicações* e *discurso para o entrevistador* mostraram-se favorecedores do uso de *você*, o que interpretamos como um indício (que precisa ser melhor investigado) de que o pronome *tu* seja de fato considerado mais íntimo e informal que o *você* (cf. RAMOS, 1989).

6. ANÁLISE DA CONCORDÂNCIA VERBAL COM O PRONOME *TU*

Nesta parte do trabalho, vamos apresentar a descrição dos resultados atribuídos à nossa segunda regra variável, a *concordância com o tu*, através da análise dos grupos de fatores selecionados pelo programa VARBRUL como estatisticamente relevantes para esta etapa da análise.

Vamos apresentar, inicialmente, o resultado das rodadas gerais, em que tivemos de agrupar as localidades porque o número de células nos impediu de rodar o Varb2000 com todas as cidades juntas. Além disso, não conseguimos rodar somente as três cidades do interior do RS (na mesma rodada) por motivos que iremos expor adiante (após a análise da Tabela 25 – concordância com o *tu* por localidade). Assim, efetuamos duas rodadas gerais. Na primeira delas juntamos as localidades de Florianópolis, Ribeirão da Ilha, Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja, enquanto na segunda rodada juntamos as cidades do interior de SC – Chapecó, Blumenau e Lages.

A justificativa para o agrupamento destas localidades deve-se ao fato de que como foi verificada maior presença de flexão canônica de segunda pessoa em Florianópolis e no Ribeirão da Ilha e pelo fato de as três cidades do interior do RS praticamente não apresentarem tal flexão, então optamos por agrupá-las para que o programa VARBRUL conseguisse rodar o VARB2000, efetuando, assim, a rodada completa⁹⁸. No entanto, salientamos que efetuamos também rodadas com cada localidade em separado e vamos apresentar – após a apresentação dos resultados dos agrupamentos – também os pesos atribuídos a cada localidade.

Antes de apresentarmos o rol das variáveis selecionadas por rodada geral, ressaltamos que vamos, sempre que possível, agrupar os resultados em que a mesma variável foi selecionada nas duas rodadas gerais. Salientamos ainda que consideramos como **aplicação da regra a presença de flexão canônica de segunda pessoa no verbo**. Assim, todos os resultados de concordância com o *tu*, que serão apresentados neste trabalho, devem ser lidos neste sentido.

⁹⁸Tentamos agrupar as três cidades do interior do RS com as três cidades do interior de SC, mas o programa não rodou o VARB2000.

Da mesma forma como procedemos na análise da alternância *tu/você*, aqui também vamos, inicialmente, apresentar os resultados obtidos com todos os informantes da amostra e, na seqüência da análise, vamos retirar da rodada os informantes categóricos (que usaram *tu* sempre acompanhado de flexão verbal canônica ou de flexão verbal não-canônica) e discutir os resultados somente dos informantes que se mostrarem não-categóricos.

Obtivemos, nesta primeira etapa de rodadas, as seguintes variáveis selecionadas, que se encontram elencadas de acordo com a ordem de seleção:

(a) - concordância com o *tu*⁹⁹ em Florianópolis, Ribeirão da Ilha, Porto Alegre e as três cidades do interior do RS:

- 1 - localidade
- 2 - tipo de interlocução
- 3 - explicitação do pronome
- 4 - tempo verbal
- 5 - paralelismo
- 6 - faixa etária
- 7 - gênero de discurso
- 8 - escolaridade

(b) - concordância com o *tu* em Chapecó, Blumenau e Lages

- 1 - localidade
- 2 - tipo de interlocução
- 3 - paralelismo
- 4 - explicitação do pronome
- 5 - gênero de discurso
- 6 - sexo
- 7 - escolaridade

Do elenco apresentado, constata-se que há algumas coincidências na seleção das variáveis. Por exemplo, as únicas duas variáveis que só aparecem na rodada (a) são *tempo verbal* e *idade*, que não foram selecionadas na rodada com Chapecó, Blumenau e Lages; e nas cidades do interior de SC a variável *sexo* foi selecionada e não o foi na rodada com as

⁹⁹Efetuamos também uma rodada somente com os dados de Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha e só uma variável difere desta rodada para a apresentada, a *escolaridade*, que é selecionada somente na rodada quando se junta as cidades do interior do RS.

outras localidades. Todas as demais variáveis elencadas foram selecionadas nas duas rodadas e, com exceção de *localidade* e *tipo de interlocução*, a primeira e a segunda selecionadas, respectivamente, nas duas rodadas, as demais diferem quanto à ordem de seleção pelo VARBRUL.

6.1. Variáveis sociais selecionadas nas rodadas de concordância com o *tu* – variação na comunidade

Vamos comentar primeiramente as variáveis sociais selecionadas e, na sequência, apresentaremos as variáveis lingüísticas. Conforme podemos conferir na Tabela 25, abaixo, o total de dados de *tu* e concordância nas cidades que compõem nossa amostra é de 4090, que se apresentam distribuídos desta maneira: há 709 ocorrências de verbos com flexão canônica (incluindo a flexão canônica modificada) de segunda pessoa e 3381 ocorrências de verbos sem flexão canônica de segunda pessoa.

Conforme destacamos, a variável *localidade* foi selecionada em primeiro lugar nas duas rodadas gerais de concordância efetuadas. Nosso propósito, ao estipular essa variável, é verificar o comportamento da concordância verbal com o pronome *tu* nas nove localidades incluídas na amostra. No entanto, através desta variável objetivamos também verificar o comportamento dos grupos étnicos em relação à concordância em estudo.

Nossa hipótese geral, em relação a essa variável, é de que a etnia *açoriana* – representada pelas localidades de Florianópolis e Ribeirão da Ilha – seja a que faça maior uso de concordância canônica de segunda pessoa com o *tu*. Vejamos se isso se confirma na Tabela 25:

Tabela 25 - Concordância com o *tu* por localidade¹⁰⁰

Fatores	Apl./Total	%	P.R.
Rodada geral com FLP, POA, RIB e as três cidades do interior do RS (<i>INPUT</i> : 0,18)			
Flores da Cunha	14/654	2%	0,20
Panambi	12/395	3%	0,34
Porto Alegre	54/764	7%	0,35
São Borja	30/663	5%	0,36
Florianópolis	251/585	43%	0,85
Ribeirão da Ilha	268/445	60%	0,91
Total	629/3506	18%	
Rodada geral com Chapecó, Blumenau e Lages (<i>INPUT</i> : 0,15)			
Chapecó	2/261	0,8%	0,18
Lages	27/189	14%	0,74
Blumenau	51/134	38%	0,82
Total	80/584	13%	

As localidades do Ribeirão da Ilha e Florianópolis aparecem com probabilidade maior de uso da flexão canônica de segunda pessoa, com pesos relativos de 0,91 e 0,85, respectivamente, o que confirma nossa expectativa em relação à *etnia açoriana*.

Já em relação à *etnia alemã*, vemos que Blumenau aparece favorecendo a flexão canônica de segunda pessoa com 0,82 de peso relativo, mas em Panambi, também representante dessa etnia, a hipótese da interferência da etnia alemã não se confirma, pois há uma menor taxa de concordância com 0,34 de peso relativo. Assim, parece que em Panambi e Blumenau são as localidades em si que se apresentam como significativas na testagem dessa regra variável: em Blumenau temos a proximidade com o litoral de SC, fator que pode ser um indicio de interferência para a maior flexão canônica com o *tu*. Já em Panambi parece estar predominando a marca do gaúcho: o uso de *tu* acompanhado de flexão não-canônica de segunda pessoa.

A última localidade que aparece favorecendo a flexão canônica de segunda pessoa é Lages, com 0,74 de peso relativo. Isso pode ser um indicio de que em Lages não há uma

¹⁰⁰Lembramos aqui que os resultados contidos na Tabela 25 foram obtidos através de duas rodadas gerais: na primeira delas juntamos as localidades de Florianópolis, Porto Alegre, Ribeirão e as três cidades do interior do RS e na segunda rodada geral rodamos as três cidades do interior de SC.

forte identificação lingüística com o gaúcho, cujos pesos relativos, se comparados a Chapecó e às cidades do RS, são bastante díspares.

No que se refere à *etnia italiana*, vemos que Chapecó e Flores da Cunha são as localidades onde há a menor probabilidade de concordância associada ao *tu*, com pesos relativos de 0,18 e 0,20, respectivamente. No entanto, é difícil afirmar até que ponto seja de fato interferência da *etnia*, porque vemos que o peso relativo atribuído a Chapecó é bastante similar também aos pesos relativos de Panambi, São Borja e Porto Alegre que, juntas, formam as cinco cidades que desfavorecem a presença da flexão canônica de segunda pessoa, com os seguintes pesos relativos: Chapecó, 0,18; Flores da Cunha, 0,20; Panambi, 0,34; Porto Alegre 0,35 e São Borja, 0,36. Portanto, defendemos que esteja predominando nestas localidades a marca de identificação do gaúcho, em que os falantes sentem-se orgulhosos por pertencerem a tal “grupo” e acabam, juntamente com a cultura gaúcha, mantendo as marcas lingüísticas que os identificam como gaúchos e, nesse sentido, se distanciam do comportamento das demais localidades catarinenses.

Assim, antes de passarmos à próxima variável, gostaríamos de destacar que o programa Varb2000 não consegue rodar os dados de Flores da Cunha, Panambi e São Borja juntos¹⁰¹ por haver falta de *ortogonalidade*: veja-se na Tabela 25 que temos um total de 1712 ocorrências de *tu* nestas três localidades e 56 aplicações da regra. Isso nos daria um percentual de apenas 3% de ocorrências, o que constituiria quase um *knockout*. Talvez por isso o programa acuse *erro* e não rode. Ou seja, a falta de *ortogonalidade* é explicada, pois temos ocorrência maciça do pronome *tu* e pouquíssima flexão canônica de segunda pessoa.

Para ficar ainda mais evidente, podemos traçar um paralelo com o interior de SC, em que se somarmos as ocorrências de *tu* em Chapecó, Blumenau e Lages, temos 584 ocorrências e, dessas, 80 aparecem com flexão canônica de segunda pessoa, o que nos daria um percentual de 13% de uso e, nesse caso, não se constata o problema apontado nas cidades do interior do RS.

¹⁰¹Em rodadas com cada uma das localidades do interior do RS, em separado, o programa rodou normalmente.

Faixa etária

A próxima variável social cujos resultados iremos apresentar é a *faixa etária*, selecionada em sexto lugar somente na rodada geral com as capitais, o Ribeirão e as três cidades do interior do RS. Nossa hipótese é a de que os informantes de 25 a 49 anos apresentam uma menor frequência de concordância canônica com o *tu* que os informantes mais velhos, que acreditamos se mostrem mais formais e conservadores que os falantes mais jovens em vários aspectos, inclusive em relação à linguagem. Com tal hipótese em mente, visamos também verificar se há indícios de mudança em progresso envolvendo a flexão verbal de segunda pessoa.

Os resultados atribuídos à variável *faixa etária* encontram-se na Tabela 26:

Tabela 26 - concordância e *faixa etária* em Florianópolis, Porto Alegre, Ribeirão e as cidades do interior do RS

Localidades	Idade	Apl./Total	%	P.R.
FLP/POA/RIB e FLC/PAN/SBO	25 a 49 anos	323/2059	16%	0,44
	mais de 50	306/1447	21%	0,59
Total		629/3506	18%	

Observa-se que apesar de não haver grande polarização entre os pesos relativos, os informantes da segunda faixa etária, com peso relativo de 0,59, apresentam maior aplicação da regra que os de 25 a 49 anos, cujo peso relativo foi de 0,44. Observa-se também que os pesos relativos atribuídos ficam na vizinhança do ponto neutro, o que justifica ter sido a sexta variável na ordem de seleção do VARBRUL.

Em rodadas com cada localidade em separado, a variável *faixa etária* foi selecionada em primeiro lugar em Porto Alegre, e em segundo lugar em Panambi e em São Borja. Nas localidades de Florianópolis, Ribeirão, Flores da Cunha, Blumenau e Lages, esta variável foi eliminada como estatisticamente não relevante para a análise de concordância com o *tu*. Já em Chapecó, o programa VARBRUL não efetuou a rodada com o VARB2000, provavelmente devido ao fato de que há somente duas ocorrências de flexão

canônica de segunda pessoa nesta localidade, o que se constitui quase em um *knockout*. Das duas ocorrências constatadas, uma delas foi produzida quando a informante traduz um dizer do italiano (do dialeto vêneto, muito utilizado na região do extremo Oeste de SC) e a outra ocorrência foi produzida por uma falante que usou a maior parte do tempo *você*. Dessa forma, para a análise da concordância com o *tu* não teremos os pesos atribuídos *só com Chapecó* na rodada, uma vez que o programa só roda itens variáveis.

Entretanto, os resultados encontrados em Chapecó apontam que a mudança em direção ao uso da forma verbal não canônica com o pronome *tu* parece já ter se consagrado na comunidade, uma vez que, conforme apontado na análise da alternância *tu/você*, uma das marcas lingüísticas locais é o uso do pronome *tu*, tanto que Chapecó aparece como a localidade que apresenta maior peso relativo associado ao uso desse pronome.

Quanto à *faixa etária*, dizíamos que esta variável foi selecionada em três localidades, quando rodadas em separado. Em Porto Alegre, o peso atribuído à primeira faixa etária foi de 0,24 e a segunda faixa etária apresentou 0,74 de uso de *tu*. Em Panambi a primeira faixa etária obteve 0,33 de peso relativo e a segunda faixa obteve peso de 0,98. Em São Borja a primeira faixa etária obteve peso de 0,28 e a segunda 0,67. Veja-se que nas três localidades, em que essa variável mostrou-se relevante estatisticamente, os informantes mais velhos da amostra se apresentam mais conservadores quanto à presença da flexão canônica de segunda pessoa, enquanto entre os falantes mais jovens a marca parece ser o uso de *tu* acompanhado de verbos sem a flexão canônica de segunda pessoa. Assim, os resultados da análise em tempo aparente sugerem mudança em progresso, para estas localidades, em direção ao uso de *tu* acompanhado de verbos sem a flexão canônica correspondente.

Escolaridade

A variável *escolaridade* também foi selecionada como estatisticamente relevante nas rodadas gerais efetuadas. Com o estudo de tal variável, visamos analisar se o padrão preconizado pela escola está sendo o que os falantes de fato utilizam em sua linguagem. Assim, nossa hipótese é a de que os falantes com maior escolaridade (colegial), bem como os da segunda faixa etária, com nível ginásial, (devido ao exame de admissão) utilizem mais as formas consideradas padrão pelas GTs que os informantes do nível primário e ginásial da primeira faixa etária. Os resultados atribuídos a cada nível de escolaridade podem ser vistos na Tabela 27:

Tabela 27 - concordância e *escolaridade* em todas as localidades da amostra

Escolaridade	Apl./Total	%	P.R.
Rodada com FLP, POA, RIB e as três cidades do interior do RS (<i>INPUT</i> : 0,18)			
Primário	173/1448	12%	0,43
Ginásio	176/910	19%	0,53
Colegial	280/1148	24%	0,56
Total	629/3506	18%	
Rodada com Chapecó, Blumenau e Lages (<i>INPUT</i> : 0,15)			
Primário	19/107	18%	0,54
Ginásio	26/220	12%	0,62
Colegial	35/257	13%	0,38
Total	80/584	13%	

Lembramos que a variável *escolaridade*, apesar de ter sido selecionada nas duas rodadas gerais, o foi em sétimo (e último) lugar na ordem de seleção nas cidades do interior de Santa Catarina e em oitavo (e também último) lugar na rodada com as capitais, o Ribeirão e as cidades do interior do RS.

Verifica-se, dos resultados acima, que nossa hipótese de que haveria aumento na taxa de concordância proporcional ao aumento dos anos de escolaridade se confirma parcialmente somente na primeira rodada geral, em que os informantes do primário apresentam peso relativo de 0,43, os do ginásio 0,53 e os do colegial 0,56. Veja-se a

proximidade entre os pesos do colegial e do ginásio, o que pode ser interferência dos falantes com nível ginásial da segunda faixa etária.

Já na segunda rodada geral, vemos que nos resultados atribuídos às cidades do interior de SC não se verifica uma progressão no aumento da flexão canônica de segunda pessoa, de acordo com o aumento da escolarização do falante: o peso relativo do primário foi 0,54; o do ginásio obteve 0,62 e o do colegial 0,38. Vemos que é o nível ginásial que apresenta a maior probabilidade de presença de flexão canônica, seguido pelo primário e, em último lugar, aparece o nível colegial. Nestes resultados também pode estar havendo interferência dos informantes com mais de 50 anos de nível ginásial, o que justificaria a alta probabilidade atribuída ao nível ginásial, mas não o baixo peso atribuído aos de nível colegial, que parecem desmistificar a importância da escolaridade em relação à regra de concordância em estudo.

Nas rodadas com cada localidade em separado, a variável *escolaridade* foi selecionada como estatisticamente relevante somente nas localidades de Blumenau, Lages e Panambi. Em Blumenau foram atribuídos os pesos de 0,31 para o primário, 0,76 para o ginásio e 0,49 para o colegial. Em Lages os informantes do primário apresentam peso de 0,89, os do ginásio 0,44 e os do colegial 0,46. Em Panambi os falantes do primário apresentam peso de 0,23, os do ginásio 0,31 e os do colegial 0,94. Verifica-se, assim, que das três localidades em que a *escolaridade* foi selecionada, só há progressão no sentido de haver maior flexão canônica de acordo com o aumento dos anos de escolaridade em Panambi, localidade em que os falantes do colegial apresentam elevado peso de concordância, enquanto os falantes do ginásio e do primário desfavorecem o uso da flexão canônica nos verbos de segunda pessoa. Já em Blumenau são os falantes do ginásio que apresentam peso maior de uso de concordância canônica, enquanto os falantes de nível primário de Lages, contrariamente ao esperado, apresentam peso maior de concordância com o *tu*.

Diante de resultados tão díspares, achamos prudente efetuar um *crosstab* para visualizar melhor a distribuição das ocorrências de acordo com a escolaridade e a localidade do falante. Assim, podemos conferir essa distribuição na Tabela 28.

Tabela 28 - Cruzamento entre *escolaridade e localidades*

<i>Localidades</i>		Primário		Ginásio		Colegial		Total	
FLP	Com conc.	70	34%	71	43%	112	52%	253	43%
	Sem conc.	135	66%	95	57%	102	48%	332	57%
	Total	205		166		214		585	
POA	Com conc.	27	8%	8	4%	8	4%	43	6%
	Sem conc.	301	92%	201	96%	210	96%	721	94%
	Total	328		211		219		764	
RIB	Com conc.	54	55%	74	53%	140	68%	268	60%
	Sem conc.	44	45%	66	47%	67	32%	177	40%
	Total	98		140		207		445	
CHA	Com conc.	0	0%	1	1%	1	1%	2	1%
	Sem conc.	45	100%	108	100%	106	100%	259	99%
	Total	45		109		107		261	
BLU	Com conc.	10	22%	17	52%	24	43%	51	38%
	Sem conc.	35	78%	16	48%	32	57%	83	62%
	Total	45		33		56		134	
LAG	Com conc.	10	59%	7	9%	11	12%	28	15%
	Sem conc.	7	41%	71	91%	83	88%	161	85%
	Total	17		78		94		189	
FLC	Com conc.	7	3%	2	1%	5	2%	14	2%
	Sem conc.	271	97%	180	99%	209	98%	640	98%
	Total	278		182		214		654	
PAN	Com conc.	2	1%	1	2%	9	8%	12	3%
	Sem conc.	233	99%	42	98%	110	92%	383	97%
	Total	235		43		119		395	
SBO	Com conc.	8	3%	15	9%	6	3%	29	4%
	Sem conc.	308	97%	161	91%	172	97%	634	96%
	Total	316		176		178		663	

Constata-se, do cruzamento acima, que a distribuição dos falantes possui um **aumento progressivo** do número de flexões canônicas de acordo com o aumento da *escolaridade* somente em Florianópolis, com 34% para o primário; 43% para o ginásio e 52% para o colegial e em Panambi, com 1%, 2% e 8%, respectivamente. No Ribeirão, apesar de os falantes do colegial apresentarem o maior percentual de concordância (68%) dos três níveis testados, há um leve descompasso entre os falantes do ginásio, que aparecem com 53% e os do primário, que aparecem com 55%.

Já em Lages, Porto Alegre e Flores da Cunha são os falantes do **primário** que apresentam uso maior da flexão canônica de segunda pessoa. Os percentuais de Lages são os mais discrepantes, em que os falantes do primário aparecem com percentual de 59%, os

do ginásio com 9% e os do colegial 12%. Em Porto Alegre os percentuais atribuídos foram de 8% para o primário e 4% para os outros dois graus de escolarização. Em Flores da Cunha o primário obteve 3% de ocorrências de flexão canônica, o ginásio 1% e o colegial 2%.

As localidades em que são os falantes do ginásio que apresentam maior uso da flexão canônica são Blumenau e São Borja. Em Blumenau esses falantes aparecem com 52% de uso, os do primário com 22% e os do colegial 43%. Em São Borja há 9% de ocorrências nos falantes do ginásio e 3% nos outros dois graus de escolarização. Veja-se ainda que os falantes de Chapecó do primário aparecem com 0% de uso da flexão canônica e os do ginásio e colegial aparecem com 1% de uso.

Apontada a distribuição dos falantes das localidades de acordo com a *escolaridade*, resta ainda a checagem para verificar o comportamento dos falantes do ginásio da segunda faixa etária, ou seja, será que a discrepância constatada no parágrafo anterior deve-se aos falantes com ginásio da segunda faixa etária? Para resolver essa dúvida, efetuamos mais um *crosstab*, desta vez entre *escolaridade* e *faixa etária* e constatamos que para os informantes do ginásio de nossa amostra há um total de 1129 ocorrências. Destas, 614 foram produzidas pela primeira faixa etária e 515 pela segunda faixa. Em termos de aplicação da regra, os falantes com ginásio da segunda faixa etária obtiveram um percentual de 18% (97 aplicações da regra), enquanto a segunda faixa obteve um percentual de 16% (99 aplicações da regra). Como se pode constatar, em termos gerais não há muita diferença entre os falantes do ginásio das duas faixas etárias, ou seja, estes resultados não confirmam nossa expectativa a respeito do exame de admissão.

Dessa forma, os resultados apontam que – assim como constatado na análise da alternância *tu/você* – o grupo de fatores *escolaridade* encontra-se atuando de forma diversa também na análise da concordância com o *tu*. Assim, nossa hipótese de que quanto mais escolarizado o falante maior seria também o uso da flexão canônica de segunda pessoa não se confirma em todas as localidades da amostra, o que pode ser, talvez, um indicador de que a escola não esteja cumprindo seu papel de propagadora da norma padrão como ela se propõe.

Sexo

A última variável social elencada em nossa análise é o fator *sexo*, que foi selecionada em sexto (e penúltimo) lugar somente na rodada do interior de SC.

Nossa hipótese a respeito dessa variável é de que as mulheres, por ainda terem uma necessidade maior que os homens de se marcarem socialmente, bem como por se mostrarem, normalmente, mais conservadoras, dêem preferência às formas canônicas dos verbos de segunda pessoa. Vejamos se isso se confirma na Tabela 29, abaixo:

Tabela 29 - concordância e variável *sexo* em Chapecó, Blumenau e Lages

Localidades	<i>Sexo</i>	Apl./Total	%	P.R.
CHA/BLU/LAG	Masc.	26/232	11%	0,39
	Fem.	54/352	15%	0,58
Total		80/584	13%	

Os resultados indicam que as mulheres fazem uso maior das flexões canônicas de segunda pessoa, cujos pesos atribuídos foram de 0,39 para o sexo masculino e de 0,58 para o sexo feminino, o que vem confirmar nossa expectativa em relação a essa variável, pelo menos em parte da amostra.

Já quando as localidades foram rodadas em separado, a variável *sexo* mostrou-se relevante somente para Porto Alegre, onde esta variável foi selecionada em terceiro lugar e os pesos relativos foram 0,77 para o masculino e 0,33 para o feminino. Ou seja, os homens de Porto Alegre mostraram-se mais conservadores que as mulheres no tocante ao uso da flexão canônica de segunda pessoa, o que contraria pelo menos em parte nossa expectativa de que as mulheres iriam favorecer a presença de flexão canônica de segunda pessoa em todas as localidades da amostra. Com tais resultados, pode-se cogitar que o uso da flexão canônica de segunda pessoa não seja uma variante de prestígio em Porto Alegre, caso contrário o esperado seria que as mulheres se apresentassem liderando tal uso. Pode também estar ocorrendo mudança em direção ao uso de *tu* sem a flexão canônica no verbo e as mulheres estariam liderando essa mudança.

Quanto às demais localidades da amostra, o fato de a variável *sexo* não ter sido selecionada também pode ser um indício de que o não uso da flexão canônica de segunda pessoa esteja passando despercebido pelos falantes, no sentido de que esse uso não é socialmente estigmatizado, na maioria das localidades testadas. Resultado similar a esse foi encontrado em Pelotas, por AMARAL (2003), cujos resultados apontaram que apesar de a flexão canônica de segunda pessoa ter prestígio na comunidade investigada, a não-utilização da marca de segunda pessoa não sofre estigma social.

6.2. Variáveis lingüísticas selecionadas nas rodadas gerais de concordância com o *tu* – variação na comunidade

Vamos apresentar, a partir de agora, os resultados atribuídos às *variáveis lingüísticas* selecionadas nas duas rodadas gerais efetuadas, bem como vamos apresentar também resultados de cada localidade em separado. A primeira variável que vamos apresentar – que foi selecionada em segundo lugar como estatisticamente relevante pelo VARBRUL nas rodadas gerais – é *tipo de interlocução*.

Nossa hipótese a respeito desta variável é de que o falante apresente maior flexão canônica de segunda pessoa quando o interlocutor é o entrevistador, haja vista que esse não é uma pessoa conhecida do falante e sabemos que, neste tipo de situação comunicativa, o indivíduo tende a monitorar sua fala, havendo sempre presente um pouco de formalidade. Os resultados atribuídos à variável tipo de interlocução estão na Tabela 30, abaixo:

Tabela 30 - Concordância e *tipo de interlocução* em todas as cidades da amostra

<i>Tipo de interlocução</i> Fatores	FLP, POA, RIB, FLC, PAN, SBO			CHA, BLU, LAG		
	Apl./Total	%	P.R.	Apl./Total	%	P.R.
Discurso para entrevist.	171/490	35%	0,75	34/36	36%	0,76
Discurso para interven.	6/26	23%	0,54	1/1	100%	<i>knockout</i>
Discurso relatado DR3	214/603	35%	0,53	8/72	11%	0,35
Discurso relatado DRF	31/165	19%	0,64	2/26	8%	0,26
Marcador discursivo	53/179	30%	0,34	18/67	27%	0,35
Total	475/1463	32%		62/260	24%	

Vemos confirmar-se nossa hipótese de que no *discurso direto ao entrevistador* o falante acaba produzindo o maior número de flexões canônicas de segunda pessoa, com pesos relativos de 0,75 na primeira coluna e de 0,76 na segunda. Logo a seguir aparece o *discurso para o interveniente*, que também proporciona índice acima de 0,50 de concordância, apesar do pequeno número de ocorrências deste fator, há 26 na primeira coluna e apenas 01 na segunda, tudo indica que a presença do entrevistador na situação comunicativa possa ter interferido no resultado obtido, uma vez que o interveniente é uma pessoa íntima do entrevistado.

O discurso relatado de terceiros (DR3) aparece com peso relativo de 0,53, bastante próximo ao ponto neutro, na rodada com as capitais, o Ribeirão e as três cidades do interior do RS. Já na rodada com as três cidades do interior de SC o peso relativo é de 0,35, desfavorecendo, portanto, a presença de flexão canônica no verbo. Assim, percebe-se que neste tipo de interlocução de fato o falante fica completamente livre para relatar a fala do outro e teríamos de realizar uma análise mais acurada a respeito de quem é o *outro* cujo discurso está sendo relatado pelo falante, qual a imagem que ele faz desse outro, que tipo de relações o falante mantém com esse outro, etc. Tendo em vista estas especificidades e em função de nem sempre ser possível flagrar na entrevista as informações necessárias para complementar a análise desse fator, *na seqüência das rodadas (quando da análise da variação no indivíduo) vamos excluir o discurso relatado da análise.*

Com o *discurso relatado do próprio falante* (DRF) ocorre uma situação similar à comentada no parágrafo anterior, na rodada com as capitais, o Ribeirão e as três cidades do interior do RS este fator favorece a presença de marcas de concordância com peso relativo de 0,64, já na outra rodada aparece desfavorecendo a concordância com 0,26 de peso relativo. Assim ao repetir sua própria fala, acreditamos que o falante realize uma espécie de monitoramento em que ele possa fazer adequações ao seu discurso outrora produzido, ou não. Contudo, devido às especificidades também deste tipo de discurso, vamos retirá-lo da análise quando da análise do indivíduo para evitar desvios da amostra.

O último fator desta variável é o *marcador discursivo* ainda não totalmente gramaticalizado (quando aparecia o pronome sujeito *tu* e/ou a flexão canônica de segunda

pessoa no verbo), cujos pesos atribuídos de 0,34 e 0,35 vem denotar que a grande maioria dos marcadores aparecem acompanhados do pronome *tu* e sem a marca de segunda pessoa no verbo, como em: *tu sabe? tu viu? tu entende?*, o que justifica o desfavorecimento da concordância apontado pelos números.

Rodadas por localidade demonstraram que a variável *tipo de interlocução* foi considerada estatisticamente relevante em três das localidades testadas: Porto Alegre, Blumenau e Panambi. Em Porto Alegre os fatores que favorecem a presença de concordância são o discurso relatado do próprio falante, com peso de 0,80 e o discurso para o entrevistador, com 0,61 de peso. Já o discurso para o interveniente (0,31), o discurso relatado de terceiros (0,38) e os marcadores discursivos (0,44) aparecem desfavorecendo a concordância nesta localidade.

Em Blumenau só um fator aparece favorecendo a concordância, o discurso para o entrevistador, que obteve peso quase categórico de 0,97 de uso da flexão canônica, enquanto os fatores discurso relatado de terceiros (0,14) e marcador discursivo (0,20) desfavorecem a presença de flexão canônica. Em Panambi, o discurso para o entrevistador obteve peso de 0,58 e o discurso relatado de terceiros 0,45.

Assim, os resultados obtidos por localidade vêm reforçar o que foi constatado na Tabela 30: que o discurso para o entrevistador é o contexto que mais favorece a presença de flexão canônica, enquanto os marcadores discursivos são os que mais desfavorecem tal flexão, porque vêm acompanhados pelo pronome *tu*. Além disso, veja-se que nestas três localidades o discurso relatado de terceiros aparece com pesos que desfavorecem a concordância, contrariamente ao encontrado na rodada geral com as capitais mais as três cidades do interior do RS e o Ribeirão. Essa divergência de resultados é mais um indício de que devemos – em um estudo posterior – efetuar uma análise mais detalhada do discurso relatado: pelo menos com as informações que se puder recuperar da entrevista, procurar segmentar melhor esse discurso, tendo em vista as relações que o falante mantém com o outro de quem o discurso está sendo relatado, por exemplo.

Explicitação do pronome

A próxima variável lingüística que vamos apresentar é *explicitação do pronome*, que foi selecionada em terceiro lugar na rodada com Florianópolis, Porto Alegre, Ribeirão e as cidades do interior do RS e em quarto lugar na rodada com as cidades do interior de SC.

Nosso propósito, ao considerar este grupo de fatores, é verificar se há maior presença de flexão canônica de segunda pessoa quando o pronome *tu* se encontra ausente ou se há maior presença da flexão no verbo quando ele está presente. Nossa hipótese é de que a ausência do pronome *tu* irá proporcionar a manutenção da flexão canônica de segunda pessoa no verbo, caso contrário não há como recuperar morfologicamente o sujeito da frase. Vejamos os resultados na Tabela 31:

Tabela 31 - Concordância e *explicitação do pronome* em todas as localidades da amostra

<i>Explicitação do pronome</i> Fatores	FLP, POA, RIB, FLC, PAN, SBO			CHA, BLU, LAG		
	Apl./Total	%	P.R.	Apl./Total	%	P.R.
Com pronome	333/2973	11%	0,42	53/504	11%	0,40
Sem pronome	296/533	56%	0,85	27/80	35%	0,92
Total	629/3506	18%		80/584	13%	

De acordo com os resultados da Tabela 31, vemos confirmar-se nossa expectativa em relação a essa variável, tendo em vista que o fator *sem pronome explícito* proporciona maior ocorrência da flexão canônica em estudo com 0,85 e 0,92 de peso relativo. Já quando o pronome é explicitado antes do verbo os pesos relativos caem para 0,42 na primeira rodada geral e 0,40 na segunda rodada.

Nas rodadas em que testamos cada localidade em separado, a variável *explicitação do pronome* mostrou-se novamente de extrema relevância, sendo selecionada em primeiro lugar em Florianópolis, no Ribeirão e em Blumenau; em segundo lugar em Flores da Cunha e em quarto lugar em Porto Alegre, São Borja e Lages. Em Panambi o fator *sem pronome* apresentou 10 ocorrências de não-flexão canônica. Procuramos em nosso arquivo

de dados e constatamos que essas 10 ocorrências sem pronome *tu* e sem flexão canônica eram todas do fator *receitas*, contexto em que é bastante comum a ocorrência de verbos sem a flexão canônica, uma vez que por se tratarem de discursos em série, se pode recuperar o pronome *tu* no contexto imediatamente anterior.

Os pesos relativos atribuídos aos fatores da variável *explicitação do pronome*, por localidade, foram os seguintes: em Florianópolis (com pronome: 0,32; sem pronome: 0,82); no Ribeirão (com pronome: 0,29; sem pronome: 0,83); em Blumenau (com pronome: 0,34; sem pronome: 0,92); em Flores da Cunha (com pronome: 0,47; sem pronome: 0,97); em Porto Alegre (com pronome: 0,44; sem pronome: 0,77); em São Borja (com pronome: 0,49; sem pronome: 0,90) e em Lages (com pronome: 0,41; sem pronome: 0,82).

Logo, de acordo com os resultados obtidos temos uma oposição entre sujeito explícito *versus* sujeito não explícito, no sentido de que a presença do pronome sujeito *tu* se basta como referência e, na sua ausência, há a necessidade de fazê-lo reconhecido através da flexão verbal. Assim, o fato de o pronome *tu* ser mais usado, em nossa amostra, quando o falante não usa a forma verbal canônica de segunda pessoa, consolidando-se um paradigma verbal em que se reduz o número de oposições, corrobora a tendência, observada em vários trabalhos, de o português do Brasil estar perdendo a capacidade de usar a forma verbal sem o pronome. Em outros termos, os resultados apontam no sentido de que o português do Brasil estaria deixando de ser uma língua *pro-drop* para se tornar uma língua que não possibilita a existência de sujeito nulo.

No entanto, podemos nos valer também, para explicar os resultados obtidos para esta variável, do *princípio da iconicidade*, mais especificamente do *subprincípio da quantidade*, numa ótica funcionalista givoniana, segundo o qual uma *informação menos previsível receberá mais material de codificação* (GIVÓN, 1990: 969).

Sob esta ótica, como explicar as ocorrências em que não houve aplicação da regra para o fator *sem pronome explícito*? E como ficaria a questão da ambigüidade neste caso, pois sabemos que se o *tu* estiver ausente e não houver a flexão canônica de segunda pessoa

no verbo, este pode passar a ser interpretado como forma não-marcada, como a que acompanha o pronome *você*, por exemplo.

As dúvidas apontadas foram contornadas da seguinte maneira: para todo dado analisado, o pronome *tu* deveria aparecer no contexto discursivo precedente, caso contrário não teríamos como afirmar que se tratava de fato de verbo acompanhando o *tu* e desconsideramos ocorrências desse tipo. Entretanto, acreditamos que a questão da ambigüidade e a possibilidade de perda da informação possa condicionar de alguma maneira a presença do pronome *tu*, pois sabemos que o contexto nem sempre fornece as pistas para a identificação correta do sujeito e *a informação precisa ser preservada, pois o que está em jogo é a interpretação do sujeito da oração. Nesse caso, a solução é manter o pronome explícito, ou seja, preserva-se a identificação da pessoa gramatical através da explicitação do pronome que a representa.* (PAREDES DA SILVA, 1988:229).

Tempo verbal

Outra variável lingüística selecionada como estatisticamente relevante pelo VARBRUL foi *tempo verbal*, selecionada em quarto lugar na rodada com as capitais, o Ribeirão e as três cidades do interior de SC. Esta variável foi considerada em nosso trabalho com algumas finalidades. A primeira delas é verificar se o *tempo* em que se encontra o verbo irá exercer alguma influência para a maior ou menor concordância verbal com o *tu*. A segunda finalidade é analisar o comportamento do *modo* verbal em relação à regra variável em questão.

Além disso, vamos considerar também, através desse grupo de fatores, a influência da saliência fônica da morfologia número-pessoal, pois com a constatação de LOREGIAN (1996) de que as variáveis *tempo verbal* e *saliência fônica* estão sobrepostas, optamos por postular somente a variável *tempo* e analisar o comportamento da *saliência*, digamos, de forma indireta via análise da morfologia verbal.

No que tange à concordância verbal com o pronome *tu*, nossa hipótese em relação ao tempo em que se encontra o verbo é de que tempos mais salientes, cujas terminações são *-ste/-sse* e *-es* irão proporcionar mais marcas canônicas de concordância de segunda pessoa que a terminação menos saliente *-s*.

Em relação ao *modo verbal*, hipotetizamos que haja um comportamento diferenciado da concordância em relação aos modos *indicativo*, *subjuntivo*, *imperativo* e *infinitivo*. Os resultados preliminares de LOREGIAN (1996) já apontavam nesse sentido e mais, que o modo *indicativo* é o que propicia, além do maior número de ocorrências, o maior número de marcas canônicas de segunda pessoa. Acreditamos que, devido às características peculiares de cada modo verbal, incluindo o infinitivo, tal resultado se repita nas demais cidades não analisadas em 1996. Os resultados da variável *tempo verbal* encontram-se na Tabela 32:

Tabela 32 - Concordância e *tempo verbal* em Florianópolis, Porto Alegre, Ribeirão e nas três cidades do interior do RS

<i>Tempo verbal</i> Fatores	FLP, POA, RIB, FLC, PAN, SBO		
	Apl./Total	%	P.R.
infinitivo pessoal	3/125	2%	0,09
pretérito imperfeito do subjuntivo	2/19	11%	0,28
futuro do subjuntivo	13/108	12%	0,44
imperativo	26/310	8%	0,44
presente do indicativo	404/2286	18%	0,50
pretérito imperfeito do indicativo	27/230	12%	0,53
futuro do pretérito do indicativo	3/19	15%	0,63
pretérito perfeito do indicativo	146/276	53%	0,81
Total	624/3373	18%	

Analisando primeiramente os resultados contidos na tabela acima em relação ao tempo em que o verbo se encontra, vemos que em relação ao *pretérito* temos o *pretérito perfeito do indicativo* liderando a presença de flexão canônica do verbo com 0,81 de peso relativo. Temos, na seqüência, os verbos que estão no *pretérito imperfeito do indicativo*, que aparecem com 0,53 de peso relativo. Há também os verbos no *pretérito imperfeito do subjuntivo*, que aparecem desfavorecendo a presença de flexão canônica de segunda pessoa, com 0,28 de peso relativo.

Quanto aos verbos conjugados no tempo *presente*, há os do *presente do indicativo*, com peso relativo de 0,50, e chama a atenção o número de ocorrências de verbos conjugados neste tempo: 2286 casos. Os casos de verbos no *presente do subjuntivo* sofreram *knockout*, uma vez que houve 27 ocorrências e todas sem aplicação da regra.

Para o tempo *futuro*, temos os verbos conjugados no *futuro do subjuntivo*, com peso relativo de 0,44 e os verbos conjugados no *futuro do pretérito do indicativo* aparecem favorecendo a concordância com 0,63 de peso relativo.

Na seqüência aparecem os verbos no *imperativo*, com peso relativo de 0,44 e os verbos no *infinitivo pessoal* apresentam somente 0,09 de peso relativo.

Em relação ao *tempo* em que se encontra o verbo, se constata que há disparidade entre os resultados obtidos, tanto para os três tipos de pretérito, para os dois tipos de presente, quanto para os dois tipos de verbos no futuro, o que denota que há algo a mais além do tempo condicionando os resultados.

Por outro lado, ao analisarmos os fatores da variável em questão em relação ao *modo verbal*, constatamos que para o modo *indicativo* temos o *presente* com 0,50 de peso relativo, o *pretérito imperfeito* com 0,53, o *futuro do pretérito* com 0,63 e o *pretérito perfeito* com 0,81 de peso relativo. Vemos que das ocorrências de verbos de segunda pessoa de nosso *corpus*, esses foram os quatro fatores que propiciaram maior concordância com o *tu*. Atrelado ao *modo*, os resultados sugerem que a *saliência fônica* da terminação verbal também exerce influência para uma maior concordância com o *tu*. Nesse sentido, vemos que a forma mais saliente *-ste* (e sua variante *-sse*), que formam a terminação do pretérito perfeito, são as que apresentam a maior probabilidade de aparecimento de marcas de concordância.

Em relação ao *modo subjuntivo*, temos os seguintes resultados: o *presente* aparece com 34 ocorrências e todas sem a presença de flexão canônica que, portanto, é um resultado categórico que não entrou na rodada com o VARBRUL; o *pretérito imperfeito* apresenta 0,28 de peso relativo e o *futuro* apresenta peso relativo de 0,44. Como se pode

verificar, todos os fatores contidos neste modo verbal desfavorecem a presença de flexão canônica de segunda pessoa, principalmente se os resultados forem comparados aos fatores do modo indicativo, por exemplo.

Já o *modo imperativo*, que aparece com 0,44 de peso relativo, também desfavorece a flexão canônica de segunda pessoa: há mais casos de imperativo sem a flexão correspondente ao *tu*. Lembramos que o *imperativo afirmativo* possui forma própria somente para as segundas pessoas e que o *imperativo negativo* é integralmente suprido pelo presente do subjuntivo.

Retomando, temos então a seguinte distribuição: o *modo indicativo* aparece propiciando mais marcas de concordância; em seguida temos o *modo imperativo* com um leve desfavorecimento da concordância, seguido pelo *modo subjuntivo* que também desfavorece a concordância e, finalmente, temos o *infinitivo pessoal*, em que a concordância é praticamente inexistente neste caso, por ser um tempo pouco recorrente na linguagem falada de nosso *corpus*.

Assim, vimos que o *modo verbal* demonstrou-se relevante para a escolha da variável em questão. E, acreditamos que isso se deva, em parte, ao fato de que na fala espontânea, usamos muito mais o *modo indicativo* que os outros. Prova disso é que, nas localidades elencadas na tabela 24, obtivemos um total de 2836 ocorrências para o *modo indicativo*, enquanto o *modo imperativo* obteve 310 ocorrências, o *modo subjuntivo* obteve 154 ocorrências e o *infinitivo* apresenta 125 ocorrências.

Poderíamos também levantar a hipótese de que a concordância com o *modo subjuntivo*, com o *imperativo* e com o *infinitivo* é, de certa forma, mais complexa que com o *modo indicativo*, já que os três primeiros se comportam como construções marcadas em relação ao último. Esta marcação se dá tanto em termos de frequência, (conforme apontado no parágrafo anterior) como em termos de complexidade estrutural e cognitiva (cf. GIVÓN, 1990:947). O *modo subjuntivo* é, do ponto de vista estrutural ou sintático, o modo *por excelência de oração subordinada* (CUNHA & CINTRA, 1985:456); e *denota*

que uma ação ainda não realizada é concebida como dependente de outra (p. 454) e, como tal, já seria “marcado”. O mesmo vale para a forma do infinitivo pessoal.

Quanto ao *modo imperativo*, embora seja utilizado em *orações absolutas, principais ou em orações coordenadas* (cf. CUNHA & CINTRA, 1985:457), a sua constituição não deixa de apresentar uma certa complexidade. Já o *modo indicativo*, sendo *fundamentalmente o modo da oração principal* (p. 436) e, acrescentaríamos, da coordenação, é estruturalmente menos complexo; usado para exprimir *uma ação ou um estado considerados na sua realidade ou na sua certeza* (*id. ibid.*), apresenta também menor complexidade cognitiva. Logo, diante do exposto, os falantes poderiam ficar inseguros quanto à forma gramaticalmente “esperada” de flexionar os verbos e, na dúvida, usariam verbos sem a respectiva flexão de segunda pessoa, a qual poderia vir explicitada através do uso do pronome.

Assim, efetuamos um *crossstab* para testar o comportamento dos fatores da variável tempo verbal com a presença/ausência do pronome *tu*, para checar se o uso do pronome sujeito poderia estar em jogo aqui.

Destacamos que em rodadas com cada localidade em separado, a variável *tempo verbal* só não foi selecionada em Lages e São Borja (em Chapecó não conseguimos rodar o VARB2000, conforme explicamos na análise da variável faixa etária). Nas demais localidades o *tempo verbal* foi selecionado e com pesos aproximados aos apresentados anteriormente na Tabela 32, motivo pelo qual não vamos repetir os pesos novamente aqui.

Os resultados do cruzamento efetuado entre tempo verbal e presença/ausência de pronome podem ser encontrados na Tabela 33, na seqüência:

Tabela 33 - Cruzamento entre *tempo verbal* e *presença ausência de pronomes* em todas as localidades da amostra

Tempo Verbal		Com pronome		Sem pronome		Total	
Presente do indicativo	Com conc.	267	11%	189	62%	456	17%
	Sem conc.	2092	89%	117	38%	2209	83%
	Total	2359		306		2665	
Pretérito perfeito do indicativo	Com conc.	76	33%	87	97%	163	51%
	Sem conc.	154	67%	3	3%	157	49%
	Total	230		90		320	
Pretérito imperfeito do indicativo	Com conc.	15	6%	14	67%	29	12%
	Sem conc.	216	94%	7	33%	223	88%
	Total	231		21		252	
Infinitivo pessoal	Com conc.	3	2%	0	0%	3	2%
	Sem conc.	139	98%	15	100%	154	98%
	Total	142		15		157	
Pretérito imperfeito do subjuntivo	Com conc.	3	13%	0	0%	3	13%
	Sem conc.	21	88%	0	0%	21	88%
	Total	24		0	0%	24	
futuro do subjuntivo	Com conc.	13	11%	0	0%	13	10%
	Sem conc.	107	89%	4	100%	111	90%
	Total	120		4		124	
Presente do subjuntivo	Com conc.	0	0%	0	0%	0	0%
	Sem conc.	34	100%	0	0%	34	100%
	Total	34		0		34	
Imperativo	Com conc.	5	2%	17	12%	22	6%
	Sem conc.	242	98%	125	88%	367	94%
	Total	247		142		389	
Imperativo mitigado	Com conc.	1	1%	0	0%	1	1%
	em conc.	88	99%	9	100%	97	99%
	Total	89		9		98	
Futuro do pretérito	Com conc.	2	9%	1	100%	3	13%
	Sem conc.	20	91%	0	0%	20	87%
	Total	22		1		23	
Futuro do presente	Com conc.	2	67%	1	100%	3	75%
	Sem conc.	1	33%	0	0%	1	25%
	Total	3		1		4	

Observe-se que, de fato, em todos os tempos verbais que aparecem no cruzamento acima o número de ocorrências de verbos de segunda pessoa acompanhados pelo pronome é maior que o número de verbos sem o pronome sujeito, com destaque para os verbos no *presente do indicativo*, que apresentam um total de 2359 ocorrências de verbos com pronome explícito e 306 sem o pronome. O segundo destaque são os verbos que estão no *presente* e no *pretérito imperfeito do subjuntivo*, que não apresentam nenhuma ocorrência

de verbos sem o pronome sujeito. Já o outro tempo do modo *subjuntivo*, o *futuro*, apresenta 120 ocorrências com pronome e somente 4 sem pronome. Assim, temos indícios de que de fato a ausência da flexão de segunda pessoa nos verbos é compensada com uma maior explicitação do pronome em todos os tempos verbais, com ênfase maior nos verbos conjugados no modo subjuntivo.

Já os verbos que denotam *imperativo* se apresentam assim: há 247 ocorrências com pronome e 142 sem pronome, enquanto no *imperativo mitigado* há 89 ocorrências com pronome e 9 sem pronome. Atribuimos essa distribuição do modo imperativo ao fato de que a maioria das ocorrências são originadas dos contextos das *receitas*, em que seqüências sem o pronome *tu* são freqüentes, uma vez que esse pronome aparece no contexto imediatamente anterior. No entanto, acreditamos que uma análise mais pormenorizada da variável *tempo verbal*, bem como um detalhamento do *imperativo*, separando inclusive os contextos de acordo com a situação de interlocução é uma análise que – devido à amplitude do estudo que ora estamos efetuando – ainda ficará por ser efetuada.

Paralelismo

Temos também como variável lingüística apontada como estatisticamente relevante, que foi selecionada em terceiro lugar na rodada com as cidades do interior de SC e em quinto na rodada contendo as capitais, Ribeirão e as cidades do interior do RS, o *paralelismo*.

Nossa hipótese geral em relação a essa variável segue o que a grande maioria dos estudos que abordaram tal variável têm demonstrado que, no uso real, há uma tendência de “*marcas levarem a marcas e zeros levarem a zeros*” (cf. POPLACK, 1980). No entanto, além de estipularmos tal hipótese, temos algumas ressalvas quanto ao real efeito do paralelismo na concordância verbal em estudo. Ou seja, até que ponto o paralelismo realmente explica a variação na concordância, uma vez que não se consegue “flagrar” por que o informante escolhe a marca ou a não marca para começar uma série?

Lembramos que decidimos incluir a análise da variável *paralelismo* com o intuito de verificar a distribuição dos verbos e, principalmente, porque acreditamos que essa variável possa trazer – através do uso de marcas ou de não-marcas – alguma explicação para a mudança lingüística, caso ela esteja ocorrendo no fenômeno de concordância em estudo. Os resultados podem ser conferidos na Tabela 34:

Tabela 34 - Concordância e *paralelismo* em todas as localidades da amostra

<i>Paralelismo</i> Fatores	FLP, POA, RIB, FLC, PAN, SBO			CHA, BLU, LAG		
	Apl./Total	%	P.R.	Apl./Total	%	P.R.
primeiro de uma série	144/764	19%	0,44	7/89	8%	0,41
verbo de uma seqüência com todas as marcas de conc.	191/191	100%	<i>knockout</i>	4/4	100%	<i>knockout</i>
verbo de uma seqüência sem marcas de concordância	0/1257	0%	<i>knockout</i>	0/187	0%	<i>knockout</i>
casos mistos	47/121	39%	0,72	8/18	44	0,75
verbo em construção isolada	241/1173	20%	0,51	61/286	21	0,51
Total	623/3506	17%		80/584	13%	

Vemos que o princípio: *marcas conduzem a marcas e zeros conduzem a zeros* se aplica em todas as localidades da amostra, pois temos os verbos de uma seqüência com todas as marcas de concordância com 100% de aplicação da regra e, no outro extremo, aparecem os verbos de uma seqüência sem marcas de concordância, com 0% de aplicação da regra, fatores que tiveram de ser eliminados da análise, uma vez que o VARBRUL só analisa dados variáveis.

Além disso, chama a atenção nesses dois fatores categóricos a diferença no número de dados. Veja-se que às localidades contidas na primeira coluna temos um total de 191 ocorrências para a *seqüência com todas as marcas de concordância* e 4 ocorrências deste tipo na segunda coluna. Já para a *seqüência sem marcas de concordância canônica* o número de dados é consideravelmente maior, há 1257 casos na primeira coluna e 187 na segunda.

De acordo com esta distribuição dos dados, poderíamos supor que na amostra estudada está havendo uma *tendência ao desaparecimento das séries com marcas e,*

juntamente com isso, que estaria havendo mudança em relação ao uso do pronome *tu* acompanhado de verbos não-marcados. No entanto, consideramos essa uma conclusão ampla demais, uma vez que estamos tratando, neste momento, só do todo e, com isso, as especificidades de cada localidade como Florianópolis e Ribeirão da Ilha, por exemplo, ficam “encobertas”. Assim, precisamos rever o resultado do número de ocorrências por localidade antes de concluirmos algo a respeito desses dados.

Voltando aos resultados contidos na Tabela 34, temos os *casos mistos* com 0,72 de peso relativo na primeira coluna e com 0,75 na segunda e, portanto, favorecendo a aplicação da regra. Ou seja, se a série for mista, a tendência é de que o falante produza mais marcas de flexão canônica de segunda pessoa, caso contrário temos novamente a questão da ambigüidade, comentada anteriormente, e da dificuldade em se detectar o próprio sujeito do enunciado.

Já o *verbo em construção isolada* aparece com o mesmo peso relativo de 0,51 nas duas colunas e localizado no ponto neutro: isso quer dizer que quando não há contexto imediatamente anterior de uso do verbo em análise, o falante passa a ter duas opções que, pelos resultados, se equivalem: ou ele usa o verbo sem a flexão canônica de segunda pessoa, mas acompanhado do pronome *tu*, ou usa o verbo com a respectiva flexão de segunda pessoa e sem o pronome explícito, uma vez que a morfologia verbal, por si só, já demonstra tratar-se do *tu*.

Para os verbos que são *primeiros de uma série*, a tendência verificada pelos resultados é de que haja um leve desfavorecimento da aplicação da regra, cujos pesos relativos foram de 0,44 na primeira coluna e de 0,41 na segunda. A tendência do falante, portanto, é de começar a série usando *tu* acompanhado de verbo sem marca canônica de segunda pessoa, uma vez que em termos de ocorrências, temos 144 casos de verbos que iniciam séries com marcas de concordância, portanto 20% das ocorrências e há 620 ocorrências de verbos que iniciam séries sem marcas, o que dá um percentual de 80%.

As rodadas por localidade mostraram que o paralelismo só foi considerado estatisticamente relevante em Porto Alegre (primeiro de uma série: 0,23; casos mistos:

0,98; verbo isolado: 0,61); Lages (primeiro de uma série: 0,27; casos mistos: 0,81; verbo isolado: 0,56); Flores da Cunha (primeiro de uma série: 0,32; casos mistos: 0,63; verbo isolado: 0,65) e São Borja (primeiro de uma série: 0,38; casos mistos: 0,94; verbo isolado: 0,59). Nas quatro localidades os resultados são bastante similares: os *casos mistos* e os *verbos em construção isolada* favorecem a presença da flexão canônica de segunda pessoa e os verbos que são *primeiros de uma série* a desfavorecem, resultados que reforçam os dados contidos na Tabela 34.

No entanto, veja-se que o *paralelismo* foi considerado relevante estatisticamente nas quatro cidades do RS, onde a flexão canônica de segunda pessoa é pouco recorrente (e lembramos que não conseguimos testar só Chapecó, devido ao programa acusar erro e não rodar o VARB2000) e em Lages. Além disso, nas três cidades do interior do RS e em Chapecó o fator *seqüência de verbos com todas as marcas de concordância* não obteve dados. Em Porto Alegre encontramos 07 ocorrências de verbos em série com todas as marcas de concordância e em Lages somente duas ocorrências. Assim, a variável *paralelismo* pode estar indicando que a mudança rumo ao uso de *tu* sem a flexão verbal de segunda pessoa possa estar em andamento nestas localidades, em que a mudança já estaria praticamente concretizada em Chapecó e em fase bastante adiantada nas quatro cidades do interior do RS. Já Lages apresenta pouquíssimo uso de *tu* e majoritariamente sem a flexão canônica, uma vez que, conforme vimos na análise da alternância, os principais contextos de uso desse pronome, nesta localidade, são as *receitas* e os *marcadores discursivos*.

Gênero de discurso

Veremos, na Tabela 35, a última variável lingüística considerada significativa estatisticamente: o *gênero de discurso*, selecionado na seguinte ordem: foi a sétima variável selecionada na rodada com as capitais, o Ribeirão e as três cidades do interior do RS e a quinta na ordem de seleção das cidades do interior de SC.

Nosso propósito geral era observar se o gênero discursivo exerce ou não influência na regra de concordância que estamos analisando e tínhamos algumas expectativas a

respeito do comportamento de alguns fatores, o que retomaremos no comentário acerca dos resultados contidos na Tabela 35.

Tabela 35 - Concordância e *gênero de discurso*¹⁰² em todas as localidades da amostra

<i>G.º de discurso</i> Fatores	FLP, POA, RIB, FLC, PAN, SBO			CHA, BLU, LAG		
	Apl./Total	%	P.R.	Apl./Total	%	P.R.
Argumentativo	274/1237	22%	0,59	16/180	8%	0,64
Narrativo	298/1641	18%	0,51	37/223	16%	0,66
Explicações	49/231	21%	0,53	26/63	41%	0,63
Receitas	8/338	2%	0,14	1/85	1%	0,03
Total	629/3447	18%		80/551	14%	

De modo geral, os resultados¹⁰³ contidos na tabela acima demonstram que os três primeiros fatores testados não diferem muito entre si. Se compararmos por colunas, vemos que na primeira delas o gênero predominantemente *argumentativo* aparece com peso relativo de 0,59; o predominantemente *narrativo* com 0,51 e as *explicações* com 0,53, ficando todos bastante próximos do ponto neutro e com uma pequena tendência ao favorecimento da aplicação da regra. Já na segunda coluna vemos que o gênero predominantemente *argumentativo* aplica a regra em 0,64 de peso relativo, o predominantemente *narrativo* em 0,66 e as *explicações* aparecem com peso relativo de 0,63, todos favorecendo a flexão canônica de segunda pessoa.

Com tais resultados, vemos que algumas expectativas em relação aos três fatores comentados no parágrafo anterior não se confirmam totalmente. Por exemplo, achávamos que na *argumentação* apareceria um número maior de verbos sem a flexão canônica de segunda pessoa, pois o falante poderia ficar envolvido na estratégia de convencimento do outro e de imposição de sua opinião, prestando, com isso, atenção menor à sua fala. Quanto às *explicações*, por incluir aquelas ocorrências em que o falante explica algum ponto de sua fala ao entrevistador, fornece ou solicita a ele algum esclarecimento, nossa expectativa era de que haveria grande número de ocorrência do pronome *tu* acompanhado

¹⁰²Salientamos que há 59 ocorrências codificadas como **não se aplica** na primeira coluna e 33 na segunda.

¹⁰³Nas rodadas com cada localidade em separado, a variável *gênero de discurso* foi selecionada somente em Florianópolis, Ribeirão e Blumenau e com pesos relativos que se assemelham sobremaneira aos apresentados na Tabela 35.

de verbos com a respectiva flexão canônica de segunda pessoa, o que se confirma, parcialmente, na rodada contendo as três cidades do interior de SC.

Por outro lado, nossa expectativa em relação ao fator *receitas* se confirma em todas as localidades da amostra. Veja-se que o menor peso relativo contido na Tabela 35 é atribuído a este fator, que aparece com 0,14 na primeira coluna e 0,03 na segunda. Assim, confirma-se que de fato no discurso considerado “formulaico” há o predomínio do *tu* acompanhado de verbos sem a respectiva flexão canônica de segunda pessoa. No entanto, para confirmar a veracidade dessa afirmação, efetuamos um *crosstab* entre *receitas* e *presença/ausência de pronome*, incluindo todas as localidades da amostra, que nos mostrou que de um total de 423 ocorrências de receitas, 306 são de verbos com pronome explícito e 117 aparecem sem pronome explícito. Portanto, o uso majoritário é de verbos sem marca de segunda pessoa, mas acompanhados do pronome sujeito, o que vem confirmar o que dissemos anteriormente.

6.2. Rodadas estatísticas de concordância verbal com o pronome *tu* – variação no indivíduo

Nesta parte, vamos apresentar os resultados obtidos na análise da variação no indivíduo. Da mesma forma como procedemos na análise da alternância, aqui também rodamos cada localidade em separado e assim conseguimos incluir o grupo *informantes*. A Tabela 36, na seqüência, apresenta a distribuição no uso da concordância de segunda pessoa nas capitais e no Ribeirão da Ilha. Note-se que desta vez somente são atribuídos os pesos relativos aos informantes que têm, em sua gramática, o uso variável da concordância com o *tu*:

Tabela 36 - Uso da concordância verbal com o pronome *tu* pelos informantes de Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha

Inf.	Florianópolis			Porto Alegre			Ribeirão da Ilha		
	Apl./T.	%	P.R	Apl./T.	%	P.R	Apl./T.	%	P.R
FPA	22/90	24%	0,46	0/16	0%		5/17	29%	0,20
¹⁰⁴	16/52	31%	0,27	0/66	0%				
FPA	12/21	57%	0,44	3/33	9%	0,50	13/35	37%	0,34
MPA	6/16	37%	0,43	0/05	0%				
MPA	03/05	60%	0,77	5/67	7%	0,52	31/40	79%	0,65
FPB	14/31	45%	0,33	5/54	9%	0,46			
FPB	02/05	40%	0,61	0/35	0%		5/7	71%	0,63
MPB	04/16	25%	0,24	18/70	25%	0,82			
MPB	02/14	14%	0,21	0/37	0%		9/28	32%	0,30
FGA	26/43	60%	0,86	2/16	12%	0,62			
FGA	04/09	44%	0,37	usou só você			29/64	46%	0,75
MGA	11/15	73%	0,69	0/18	0%				
MGA	01/09	11%	0,46	0/13	0%		37/52	71%	0,69
FGB	14/60	23%	0,33	1/82	1%	0,14			
FGB	12/14	86%	0,91	5/19	26%	0,73	----	---	---
MGB	01/04	25%	0,39	2/40	5%	0,41			
MGB	11/19	58%	0,29	0/95	0%		69/101	71%	0,65
FCA	09/43	21%	0,27	0/35	0%				
FCA	08/12	66%	0,63	1/18	6%	0,44	19/34	56%	0,47
MCA	26/55	47%	0,48	0/57	0%				
MCA	36/44	81%	0,87	4/07	57%	0,87	24/24	100%	
FCB	21/27	78%	0,93	0/07	0%				
FCB	usou só você			4/17	23%	0,83	25/45	56%	0,52
MCB	10/23	43%	0,38	2/09	22%	0,73			
MCB									

O primeiro destaque geral da Tabela 36 são os informantes categóricos. Veja-se que em Florianópolis não há nenhum, no Ribeirão há 01 informante com 100% de uso da flexão canônica e em Porto Alegre há 11 informantes com 0% de uso da flexão canônica. Esses números denotam bem a diferença em termos de uso de nossa segunda regra variável e vêm reforçar que a marca de Florianópolis e do Ribeirão seja de fato a presença de flexão canônica, enquanto em Porto Alegre parece ser a presença do *tu* acompanhado de verbos sem a respectiva flexão canônica.

¹⁰⁴Leia-se: F: feminino; M: masculino

P: primário; G: ginásio; C: colegial

A: 25 a 49 anos; B: mais de 50 anos

Conforme dissemos, nesta etapa da análise os informantes categóricos foram retirados da análise. Ficamos, assim, com 23 informantes de Florianópolis; 12 informantes de Porto Alegre e 10 informantes do Ribeirão da Ilha, o que totaliza 45 informantes não-categóricos nestas três localidades. Salientamos que a variável *informantes* não foi selecionada como estatisticamente relevante em todas as localidades da amostra. Quando a seleção não ocorreu, retiramos o peso relativo do *nível um* do *stepup*.

Em Florianópolis, onde a variável *informantes* foi selecionada em quarto lugar, dos 23 informantes não-categóricos há oito deles que aparecem favorecendo o uso da flexão canônica de segunda pessoa. Destes, três pertencem à primeira faixa etária (com pesos de 0,86, 0,69 e 0,63) e cinco à segunda (com pesos de 0,93; 0,91; 0,87; 0,77 e 0,61). Os demais falantes apresentam pesos que desfavorecem a presença da flexão canônica. Neste rol estão nove falantes da primeira faixa etária, com pesos que variam de 0,48 a 0,21 e seis falantes da segunda faixa etária, cujos pesos variam entre 0,46 a 0,24. Veja-se, portanto, que nesta capital há 12 falantes não-categóricos da primeira faixa etária e 11 da segunda, com uma leve tendência de os mais jovens usarem mais a flexão canônica que os mais velhos, resultados que podem sugerir variação estável.

Conforme apontamos na análise da alternância, lembramos que dos 23 informantes não categóricos de Florianópolis, 13 utilizaram *só tu* e 10 utilizaram *tu/você* na entrevista. Dos falantes que utilizaram *só tu*, 9 são da primeira faixa etária (FPA, FGA, FGA, MGA, MGA, FCA, FCA, MCA, MCA) e apenas 4 são da segunda (FPB, MPB, FCB, MCB). Já dos falantes que utilizaram *tu/você* há 7 falantes da segunda faixa etária (FPB, MPB, FGB, FGB, MGB, MGB, FCB) e apenas 3 da primeira (FPA, MPA, MPA). Veja-se que analisando os informantes sob este prisma, há mais falantes da primeira faixa etária utilizando *só tu*, enquanto os falantes da segunda faixa etária se concentram majoritariamente no uso de *tu/você*. Assim, e se considerarmos que entre os mais jovens há também uma leve tendência de uso maior da flexão canônica, os resultados da análise em tempo aparente talvez apontem para a conservação do *tu* e da flexão canônica de segunda pessoa, nesta capital.

Em Porto Alegre há 12 informantes não-categóricos¹⁰⁵: 9 da segunda faixa etária e 3 da primeira. Dos três falantes da primeira faixa etária, um aparece com um leve favorecimento da regra, com peso de 0,62; um aparece no ponto 0,50 e um aparece com um leve desfavorecimento da aplicação da regra, com peso de 0,44. Ainda a respeito dos falantes da primeira faixa etária, vale lembrar que 8 deles foram categóricos no uso de *tu* sem a respectiva flexão canônica. Em relação aos 9 falantes não-categóricos da segunda faixa etária, 5 favorecem a aplicação da regra, com pesos de 0,87; 0,83; 0,82; 0,73 e 0,73. Dos outros quatro informantes, um aparece com peso de 0,52 e os demais com 0,46; 0,41 e 0,14. Dos falantes da segunda faixa etária, 3 foram categóricos no uso de *tu* sem a flexão canônica de segunda pessoa.

Com estes resultados, podemos cogitar que, em uma análise em tempo aparente, Porto Alegre esteja indo na direção da mudança para o uso de *tu* sem a flexão canônica de segunda pessoa.

No Ribeirão da Ilha o único falante categórico obteve 100% de uso da flexão canônica de segunda pessoa e pertence à segunda faixa etária. Dos demais falantes¹⁰⁶, há seis da primeira faixa etária e quatro da segunda. A distribuição dos falantes da primeira faixa etária é a seguinte: dois aparecem com pesos que favorecem a aplicação da regra (de 0,75 e 0,65) e quatro aparecem com pesos que desfavorecem a aplicação da regra (0,47; 0,34; 0,30 e 0,20). Já os quatro falantes da segunda faixa etária aparecem com pesos levemente favorecedores da presença de flexão canônica, os pesos são estes: 0,69; 0,65; 0,63 e 0,52. Veja-se que estes resultados, à semelhança de Florianópolis, sugerem uma pequena tendência de os falantes mais jovens utilizarem mais a flexão não canônica de segunda pessoa. No entanto, os dados não chegam a trazer evidências de que esteja se dando mudança no sentido de o Ribeirão estar perdendo a flexão de segunda pessoa; pelo contrário, a evidência é justamente no sentido de a marca se manter, prova disso é o fato de não haver nenhum informante que tenha usado, ao longo a entrevista, somente a flexão não-canônica junto ao *tu*.

¹⁰⁵Destes 12 informantes, há 6 que utilizaram *só tu* na entrevista e 6 que utilizaram *tu/você*, conforme apontado na análise da Tabela 22.

¹⁰⁶Dos informantes do Ribeirão da Ilha há 4 que fizeram uso de *tu/você* na entrevista (MPA, FPB, MPB e FGB), os 7 restantes utilizaram *só tu* na entrevista. Inclusive o único falante categórico no uso da flexão canônica (FCB) fez uso de *só tu*, resultados que podem ser conferidos na Tabela 22.

Após conhecermos a distribuição dos informantes das capitais e do Ribeirão em relação à concordância com o *tu*, vamos apresentar as demais variáveis selecionadas (com cada localidade em rodadas separadas) e somente com os informantes não-categóricos.

Em Florianópolis, (com 23 informantes e 583 dados), foram selecionados os grupos de fatores: explicitação do pronome (com pronome: 0,32; sem pronome: 0,82); tempo verbal (pretérito perfeito: 0,87; presente do indicativo: 0,49; imperativo: 0,28; futuro do pretérito: 0,27; infinitivo pessoal: 0,08); determinação do discurso (determinado: 0,65; indeterminado: 0,31); informantes e gênero de discurso (predominantemente argumentativo: 0,61; explicações: 0,54; predominantemente narrativo: 0,51; receitas: 0,14). Dessa forma, os resultados indicam que os contextos que favorecem o uso da flexão canônica de segunda pessoa em Florianópolis são, principalmente, a ausência do pronome sujeito; os verbos conjugados no pretérito perfeito, cuja flexão é a mais saliente (-*ste* e -*sse*); o discurso determinado e a argumentação. Por outro lado, a presença do pronome sujeito, os verbos no imperativo e os com flexões menos salientes (-*s*), o discurso indeterminado e as receitas favorecem o não aparecimento da flexão canônica junto ao *tu*.

Para Porto Alegre, (com 12 informantes e 397 dados), as variáveis consideradas relevantes estatisticamente foram: sexo (masculino: 0,74; feminino: 0,29); paralelismo (casos mistos: 0,70; verbo isolado: 0,63; primeiro de uma série: 0,32); tipo de interlocução (discurso relatado do próprio falante: 0,80; discurso para o entrevistador: 0,60; discurso relatado de terceiros: 0,40; marcador discursivo: 0,33; discurso para o interveniente: 0,24); idade (mais de 50 anos: 0,55; 25 a 49 anos: 0,22) e explicitação do pronome (sem pronome: 0,75; com pronome: 0,45).

Veja-se, portanto, que os resultados dos falantes não-categóricos de Porto Alegre apontam que são principalmente os homens da segunda faixa etária que favorecem o uso da flexão canônica. Além disso, quando o pronome *tu* estiver ausente ou quando aparecer em séries mistas, quando o falante reproduzir sua própria fala ou se dirigir ao entrevistador também são contextos que favorecem tal uso. Já as mulheres da primeira faixa etária, os marcadores discursivos ainda não completamente gramaticalizados, o discurso relatado de terceiros, o discurso para o interveniente, os verbos que são primeiros de uma série e a

ausência do pronome propiciam a ausência da flexão canônica junto ao pronome *tu*. Estes resultados podem ser um indício de que a ausência de flexão canônica junto ao verbo não seja estigmatizada em Porto Alegre, uma vez que são as mulheres que fazem uso maior do pronome *tu* e de verbos sem a flexão canônica e, nesse sentido, as mulheres da primeira faixa etária podem estar à frente de uma mudança em progresso rumo ao uso de *tu* sem a flexão canônica.

Efetuamos também uma rodada especial sem o *discurso relatado* com os informantes não-católicos de Porto Alegre e, dessa vez, a variável *tipo de interlocução* não foi selecionada como estatisticamente relevante pelo VARBRUL.

As variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes na rodada com os falantes não-católicos do Ribeirão da Ilha, (com 10 informantes e 414 dados), foram: explicitação do pronome (sem pronome: 0,82; com pronome: 0,29;); tempo verbal (pretérito perfeito: 0,92; presente do indicativo: 0,34; pretérito imperfeito do indicativo: 0,26); informantes; determinação do discurso (determinado: 0,63; indeterminado: 0,31) e gênero de discurso (explicações: 0,69; predominantemente argumentativo: 0,66; predominantemente narrativo: 0,39; receitas: 0,27). Aqui, como ocorreu em Florianópolis, os resultados apontam como principais contextos favorecedores do uso da flexão canônica a *ausência de pronome*, os *verbos* cuja terminação é a *mais saliente* (-*stel-sse*), o discurso predominantemente *argumentativo*, as *explicações* e o referente *determinado*. Veja-se que há uma coincidência de resultados que denota um comportamento similar entre os falantes da zona urbana da ilha e os da comunidade afastada e maciçamente açoriana quanto ao uso da concordância com o *tu*.

Verifica-se, com base nos resultados, que o único condicionamento que se repete nas três localidades analisadas na Tabela 36 é a variável *explicitação do pronome*, em que a ausência do pronome *tu* propicia maior ocorrência da flexão canônica, o que vem confirmar nossa expectativa de que se o pronome *tu* estiver ausente, não há como reconhecer que se trata do uso desse pronome sem ser através da explicitação da flexão canônica, uma vez que o verbo sem a flexão canônica de segunda pessoa é idêntico ao utilizado também com o pronome *você*. Temos que considerar também, mesmo em menor número, as ocorrências em série, em que o pronome *tu* aparece no contexto imediatamente

anterior, fato bastante recorrente nas *receitas*, por exemplo. Por sua vez, a presença do pronome sujeito propicia maior ocorrência de verbos sem a flexão canônica, nas três localidades analisadas.

Verifica-se, também, que o fato de haver somente uma coincidência em termos de resultados, nos informantes não-categoricos, nas capitais e no Ribeirão entre si não se repete entre Florianópolis e o Ribeirão, locais onde os resultados são altamente similares entre si. No entanto, a falta de coincidência na escolha das variáveis nas três localidades reforça a importância de se efetuar rodadas para medir o comportamento de cada localidade em separado tanto avaliando a comunidade quanto o indivíduo, procedimentos que procuramos concretizar ao longo deste trabalho.

Na seqüência, montamos, na Tabela 37, o comportamento dos informantes de Flores da Cunha, Panambi e São Borja quanto à concordância com o *tu*.

Tabela 37 - Uso da concordância verbal com o pronome *tu* pelos informantes de Flores da Cunha, Panambi e São Borja

Inf.	Flores da Cunha			Panambi			São Borja		
	Apl./T.	%	P.R.	Apl./T.	%	P.R.	Apl./T.	%	P.R.
FPA	0/26	0%		0/5	0%		1/31	3%	0,31
FPA	1/67	2%	0,33	1/70	1%	0,58	4/103	4%	0,66
MPA	0/11	0%		1/72	1%	0,52	0/2	0%	
MPA	1/11	9%	0,76	0/50	0%		0/18	0%	
FPB	2/90	2%	0,42	0/1	0%		0/98	0%	
FPB	1/29	3%	0,54	0/4	0%		0/1	0%	
MPB	1/18	6%	0,65	0/25	0%		usou <i>só você</i>		
MPB	1/27	3%	0,56	0/3	0%		3/82	3%	0,24
FGA	0/92	0%		0/5	0%		0/18	0%	
FGA	0/6	0%		0/12	0%		0/16	0%	
MGA	1/31	3%	0,50	0/4	0%		tratamento <i>zero</i>		
MGA	1/18	6%	0,65	tratamento <i>zero</i>			0/13	0%	
FGB	0/12	0%		1/14	7%	0,10	14/90	15%	0,70
FGB	0/17	0%		0/6	0%		1/12	8%	0,63
MGB	0/1	0%		0/2	0%		tratamento <i>zero</i>		
MGB	0/7	0%		0/1	0%		0/7	0%	
FCA	2/56	4%	0,54	0/38	0%		0/38	0%	
FCA	0/57	0%		0/67	0%		0/15	0%	
MCA	0/41	0%		7/11	64%	0,76	tratamento <i>zero</i>		
MCA	0/10	0%		tratamento <i>zero</i>			0/25	0%	
FCB	0/8	0%		0/2	0%		0/12	0%	
FCB	2/6	33%	0,93	0/1	0%		2/36	6%	0,38
MCB	1/30	3%	0,53	2/2	100%		3/35	9%	0,54
MCB	tratamento <i>zero</i>			tratamento <i>zero</i>			1/17	6%	0,36

Veja-se que em Flores da Cunha e São Borja há 12 informantes categóricos em cada localidade, o que totaliza 24 informantes, e todos fizeram uso de *tu* sem a flexão canônica de segunda pessoa. Em Panambi o número de informantes categóricos é de 17 e apenas um deles utilizou 100% a flexão canônica de segunda pessoa (com duas ocorrências), os 16 restantes fizeram uso do pronome *tu* acompanhado da flexão verbal não canônica (com 0% de aplicação da regra). Se somarmos esses informantes aos 11 de Porto Alegre, que usaram só *tu* acompanhado de verbos sem a flexão canônica de segunda pessoa, teremos 51 informantes categóricos nas cidades do Rio Grande do Sul, ou seja, mais da metade dos informantes foram categóricos, uma vez que, conforme apontado, temos 7 falantes que utilizaram o *tratamento zero* e 2 utilizaram *só você*. Ficamos, assim, com um total de 87 falantes que têm o pronome *tu* em sua gramática. Portanto, destes 87 falantes, 51 usaram o pronome *tu* sempre acompanhado de flexão verbal não-canônica. Isso reforça nossa hipótese de que a marca do Rio Grande do Sul e – conforme veremos adiante – de Chapecó seja, de fato, a presença do pronome *tu* junto ao verbo sem a flexão canônica.

Quanto aos informantes não-categóricos, temos o seguinte panorama. Em Flores da Cunha há cinco da primeira faixa etária e seis da segunda. Dos falantes da primeira faixa etária, dois favorecem a aplicação da regra, com pesos de 0,76 e 0,65; dois aparecem com pesos bastante próximos ao ponto neutro (0,54 e 0,50) e um desfavorece a aplicação da regra, com peso de 0,33. Já os falantes da segunda faixa etária apresentam-se desta forma: dois favorecem a aplicação da regra (0,93 e 0,65); três aparecem com pesos próximos ao ponto neutro (0,56; 0,54 e 0,53) e um aparece com peso de 0,42. Note-se que o comportamento dos falantes não-categóricos das duas faixas etárias é bastante similar, o que restringe qualquer conclusão em relação à mudança, neste grupo de falantes¹⁰⁷.

Em Panambi os informantes não-categóricos totalizam quatro falantes (e todos eles fizeram uso de *tu/você* na entrevista, como apontado na Tabela 23), sendo que neste rol estão três falantes da primeira faixa etária e somente um da segunda. Dos falantes da

¹⁰⁷ Acrescente-se também que, conforme vimos na análise da alternância, dos 11 informantes de Flores da Cunha não-categóricos, 5 utilizaram *só tu* ao longo da entrevista (FPB, FPB, MPB, MGA FCA) e 6 utilizaram *tu/você* ao longo da entrevista (FPA, MPA, MPB, MGA, FCB, MCB).

primeira faixa etária, um apresenta peso de 0,76, que favorece a presença de flexão canônica e os outros dois apresentam pesos de 0,58 e 0,52, bastante próximos ao ponto neutro. Já o único falante da segunda faixa etária aparece desfavorecendo a presença da flexão canônica, com peso de 0,10. Assim, os resultados desse grupo de falantes de Panambi sugerem que há uma tendência, contrária à esperada, de os falantes mais jovens utilizarem mais a flexão verbal canônica junto ao *tu*. Mesmo assim, veja-se que o número de falantes que faz uso da flexão canônica de segunda pessoa é bastante reduzido nesta localidade.

Em São Borja há oito falantes não-categoricos. Destes, somente dois pertencem à primeira faixa etária, com pesos de 0,66 e 0,31. Já os seis falantes da segunda faixa etária apresentam a seguinte distribuição: dois favorecem a aplicação da regra (pesos de 0,70 e 0,63) um aparece com peso de 0,54, próximo ao ponto neutro, e os outros três apresentam pesos de 0,38; 0,36 e 0,24, que desfavorecem a aplicação da regra. Os resultados dos falantes não categoricos de São Borja estão mais polarizados, no sentido de que na segunda faixa etária predomina o maior número de falantes mais conservadores, que fazem uso da flexão verbal canônica, enquanto na primeira faixa etária se concentra o maior número de falantes cuja tendência é usar o pronome *tu* sempre acompanhado de verbos sem a flexão canônica. Assim, uma análise em tempo aparente poderia indicar mudança em progresso nesse grupo de falantes de São Borja.

No entanto, conforme apontamos na análise de nossa primeira regra variável e na Tabela 23, dos 8 falantes não-categoricos de São Borja aqui analisados, 3 deles utilizaram só *tu* na entrevista (dois FPA e um FGB), os 5 restantes fizeram uso de *tu/você* na entrevista e são todos falantes da segunda faixa etária (MPB, FGB, FCB, MCB, MCB). Veja-se, portanto, que os falantes da segunda faixa etária, além de se apresentarem em maior número usando *tu/você*, também apresentam uma tendência de maior preservação da flexão canônica de segunda pessoa. Talvez essa preservação possa estar relacionada à alternância, no sentido de que devido ao falante utilizar tanto o *tu* quanto o *você*, esse seja um contexto de resistência da marca canônica de segunda pessoa, nesta localidade.

Quanto às demais variáveis selecionadas, nas rodadas com cada localidade em separado e somente com os informantes não-categóricos, temos para Flores da Cunha (com 11 informantes e 385 dados): paralelismo (casos mistos: 0,98; verbo isolado: 0,60; primeiro de uma série: 0,22); explicitação do pronome (sem pronome: 0,95; com pronome: 0,46) e tempo verbal (pretérito perfeito: 0,57; presente do indicativo: 0,49). Assim, os resultados apontam que os contextos em que há séries mistas, em que o pronome sujeito está ausente e os verbos cuja terminação é a mais saliente (-ste/-sse) são os que mais propiciam a presença da flexão canônica. Já os contextos em que o verbo é o primeiro de uma série, o pronome sujeito está ausente e tempos verbais com a flexão menos saliente (-s) desfavorecem a presença da flexão canônica nos falantes não-categóricos de Flores da Cunha.

Em Panambi (com 4 informantes e 172 dados), o programa selecionou como estatisticamente relevantes somente duas variáveis: escolaridade (primário: 0,37; ginásio: 0,91; colegial: 0,98) e tempo verbal (presente do indicativo: 0,55; futuro do subjuntivo: 0,35). De acordo com esses resultados, os falantes do colegial, seguidos de perto pelos do ginásio e os verbos no presente do indicativo representam os contextos em que o uso da flexão canônica é mais acentuado. Por outro lado, os falantes do primário e o tempo verbal no futuro do subjuntivo formam os contextos que mais desfavorecem a presença da flexão canônica.

Para São Borja, (com 8 informantes e 405 dados), o programa selecionou as variáveis: paralelismo (casos mistos: 0,93; primeiro de uma série: 0,58; verbo isolado: 0,36); escolaridade (ginásio: 0,78; colegial: 0,57; primário: 0,32) e explicitação do pronome (sem pronome: 0,90; com pronome: 0,48;). Veja-se que aqui são os informantes do ginásio, os contextos mistos e a ausência de pronome sujeito que favorecem a presença da flexão canônica nos falantes que fazem uso variável da concordância com o *tu* em São Borja.

Retomando, com a análise dos *informantes* das três cidades do interior do RS vimos que em Flores da Cunha temos um comportamento bastante similar ente os falantes não-categóricos das duas faixas etárias; em Panambi há uma tendência, contrária à

esperada, de os falantes mais jovens utilizarem mais a flexão verbal canônica junto ao *tu*, enquanto em São Borja se constata que na segunda faixa etária predomina o maior número de falantes que fazem uso da flexão verbal canônica e que uma análise em tempo aparente poderia indicar mudança em progresso nesta localidade.

Em relação às demais variáveis selecionadas, verifica-se que nenhuma delas coincide nas três cidades do interior do RS, uma vez que em Flores da Cunha foram selecionadas: *paralelismo*, *explicitação do pronome* e *tempo verbal*; em Panambi: *escolaridade* e *tempo verbal* e em São Borja: *paralelismo*, *escolaridade* e *explicitação do pronome*. Há semelhança na escolha das variáveis em duas das localidades. Por exemplo, o *paralelismo* foi selecionado em Flores da Cunha e São Borja, e com a mesma tendência de os *casos mistos* propiciarem maior ocorrência de flexão canônica, seguidos pelos *verbos em construção isolada*. É interessante lembrar também que para estas localidades o fator *seqüência de verbos com todas as marcas de concordância* não obteve dados, o que pode ser mais um indício de que a mudança no sentido de se ter séries *sem marcas de concordância* possa estar se concretizando.

Outra variável que foi selecionada em Flores da Cunha e São Borja é *explicitação do pronome*, que em Panambi, conforme já mencionamos, teve de ser eliminada por ter ocorrido *knockout* no fator sem pronome explícito. Esta variável tem sido selecionada em todas as localidades da amostra, prova de sua relevância na análise da regra variável em questão.

Na seqüência, na Tabela 38, veremos os resultados atribuídos às três cidades do interior de SC – Chapecó, Blumenau e Lages – em relação à análise da concordância com o *tu*.

Tabela 38 - Uso da concordância verbal com o pronome *tu* pelos informantes de Chapecó, Blumenau e Lages

Inf.	Chapecó			Blumenau			Lages		
	Apl./T.	%	P.R	Apl./T.	%	P.R	Apl./T.	%	P.R
FPA	0/1	0%		3/15	20%	0,28	0/4	0%	
FPA	0/4	0%		2/9	22%	0,31	5/7	71%	0,95
MPA	0/5	0%		0/2	0%		usou só você		
MPA	0/12	0%		5/16	31%	0,39	4/4	100%	
FPB	0/10	0%		usou só você			usou só você		
FPB	0/6	0%		0/2	0%		1/1	100%	
MPB	0/1	0%		usou só você			0/1	0%	
MPB	0/4	0%		tratamento zero			usou só você		
FGA	0/43	0%		1/2	50%	0,61	1/1	100%	
FGA	0/11	0%		6/10	60%	0,70	5/70	7%	0,42
MGA	0/11	0%		5/6	83%	0,89	usou só você		
MGA	0/3	0%		0/5	0%		0/1	0%	
FGB	1/32	3%	0,16	2/2	100%		0/2	0%	
FGB	0/4	0%		1/2	50%	0,61	usou só você		
MGB	0/2	0%		usou só você			1/6	16%	0,67
MGB	0/2	0%		2/5	40%	0,51	0/9	0%	
FCA	0/3	0%		13/27	48%	0,59	0/9	0%	
FCA	0/29	0%		3/12	25%	0,37	1/21	5%	0,33
MCA	0/68	0%		1/3	33%	0,44	3/43	7%	0,38
MCA	0/3	0%		1/3	33%	0,44	4/9	44%	0,85
FCB	1/5	20%	0,72	4/7	57%	0,67	2/7	29%	0,77
FCB	0/2	0%		0/1	0%		1/4	25%	0,73
MCB	usou só você			usou só você			usou só você		
MCB	usou só você			1/3	33%	0,44	0/3	0%	

Em relação aos informantes categóricos¹⁰⁸, temos a seguinte distribuição: há 20 em Chapecó; 5 em Blumenau (1 deles aplicou 100% a regra) e 9 em Lages (3 aplicaram 100% a regra). A distribuição encontrada em Chapecó chama bastante a atenção, uma vez que a concordância canônica de segunda pessoa é, nessa localidade, praticamente inexistente. Veja-se que somente duas informantes, da segunda faixa etária, não foram categóricas e, mesmo assim, cada uma delas apresentou somente uma única ocorrência de flexão canônica. Desta forma, Chapecó se apresenta como a localidade de nossa amostra que está mais avançada rumo ao uso de *tu* acompanhado por verbos sem a flexão canônica de

¹⁰⁸Conforme apontamos na análise da alternância *tu/você*, em relação ao uso categórico de *só tu* há 06 falantes em Chapecó: FPA, FPB, MPB, FGA, FGA, MGB; em Blumenau há somente 01 informante: FGA e em Lages só um falante: FPB usou *só tu* ao longo da entrevista. Veja-se que os 06 falantes de Chapecó que foram categóricos no uso de *só tu* utilizaram sempre a flexão verbal não canônica; o falante de Blumenau apresentou peso relativo de 0,70 e o de Lages apresentou somente uma ocorrência de aplicação da regra de concordância.

segunda pessoa e, conforme vimos anteriormente, logo a seguir vêm as cidades do Rio Grande do Sul, cuja tendência – apontada pelos dados – é também de presença maciça do pronome *tu* e acompanhada de verbos sem a flexão canônica.

Em Blumenau há 14 informantes não-categóricos. Destes, 10 pertencem à primeira faixa etária e 4 à segunda. Nos 10 falantes da primeira faixa etária, 3 favorecem a aplicação da regra, com pesos de 0,89; 0,70 e 0,61; um apresenta peso de 0,59 e os outros 6 apresentam pesos que desfavorecem a aplicação da regra, os pesos são: 0,39; 0,37; 0,31; 0,28 0,37; 0,44 e 0,44. Já os da segunda faixa etária apresentam pesos de 0,67; 0,61; 0,51 e 0,44. Assim, os resultados podem sugerir que a tendência é de a flexão canônica continuar em uso em Blumenau, uma vez que os falantes da primeira faixa etária se apresentam majoritários nesse uso. Podem também sugerir que se trata de um fenômeno de faixa etária.

Para Lages, temos 5 falantes não-categóricos da primeira faixa etária e 3 da segunda. Dos falantes da primeira faixa etária, dois favorecem a aplicação da regra, com pesos de 0,95 e 0,85 e três a desfavorecem, com pesos de 0,42; 0,38 e 0,33. Já os 3 falantes da segunda faixa etária aparecem com pesos de 0,77; 0,73 e 0,67, que favorecem a aplicação da regra. Dessa forma, se Lages é a cidade que apresenta maior ocorrência de *você*, conforme visto no capítulo anterior, alguns falantes, das duas faixas etárias, ainda fazem uso da concordância variável com o *tu*. Logo, em uma análise em tempo aparente, torna-se difícil supor o que possa ocorrer com tais falantes, uma vez que o número de falantes nessa situação não difere muito em relação à faixa etária.

As rodadas com cada localidade em separado e somente com os informantes não-categóricos apontaram que, em Chapecó, (com 2 informantes e 37 dados), o programa não consegue rodar o VARB2000, uma vez que há somente duas ocorrências de aplicação da regra: uma delas em uma tradução do italiano e outra inexplicável, numa falante que utilizou a maior parte do tempo *você*. Na verdade, o VARBRUL chega a executar o *nível um do stepup* (de onde retiramos os pesos relativos dos informantes de Chapecó e de algumas outras localidades, em que a variável informantes não foi selecionada) e assim que executa esse primeiro nível, o programa acusa erro e não prossegue a execução dos

demais níveis de seleção pelo *stepup* e de eliminação pelo *stepdown*¹⁰⁹. Com isso, não conseguimos testar o efeito *só de Chapecó* na rodada de concordância com o *tu*.

Para Blumenau, (com 14 informantes e 120 dados), o programa selecionou as variáveis: tipo de interlocução (discurso ao entrevistador: 0,96; marcador discursivo: 0,23; discurso relatado de terceiros: 0,08); escolaridade (ginásio: 0,83; colegial: 0,47; primário: 0,31); explicitação do pronome (sem pronome: 0,90; com pronome: 0,35) e tempo verbal (pretérito perfeito: 0,75; presente do indicativo: 0,45). Assim, os falantes de nível ginásial, o discurso para o entrevistador, a ausência do pronome sujeito e os verbos cuja terminação é a mais saliente (-ste/-sse) são os contextos que mais propiciam o uso da flexão canônica. Já os contextos que desfavorecem a flexão canônica são, principalmente, o discurso relatado de terceiros e os marcadores discursivos ainda não totalmente gramaticalizados, a presença do pronome e os falantes de nível primário.

Na rodada especial sem o *discurso relatado*, a variável *tipo de interlocução* continua sendo selecionada em Blumenau, com a polarização dos pesos relativos de alto favorecimento da flexão canônica no discurso para o entrevistador, enquanto os marcadores discursivos aparecem desfavorecendo tal flexão.

Em Lages, (com 8 informantes e 157 dados), as variáveis selecionadas foram: determinação do discurso (determinado: 0,86; indeterminado: 0,30); paralelismo (casos mistos: 0,83; verbo isolado: 0,59; primeiro de uma série: 0,26); escolaridade (primário: 0,96; colegial: 0,48; ginásio: 0,45) e explicitação do pronome (sem pronome: 0,81; com pronome: 0,40). Portanto, os contextos que favorecem a presença da flexão canônica, neste grupo de falantes de Lages, são, principalmente, o referente determinado, a ausência de pronome sujeito, as séries mistas e, contrariamente ao esperado, os falantes do primário são os que apresentam o maior peso relativo associado ao uso da flexão canônica. Os contextos que desfavorecem a aplicação da regra são a indeterminação, a presença do pronome, os verbos que são os primeiros de uma série e os falantes com nível ginásial.

¹⁰⁹Ver mais detalhes sobre o programa VARBRUL no capítulo Metodologia.

Retomando, temos como principais condicionamentos da presença de flexão canônica nos informantes não-categoricos de Blumenau e Lages, novamente a *explicitação do pronome*, em que a ausência do pronome *tu*, a exemplo do ocorrido nas demais localidades analisadas, propicia maior presença de flexão canônica. A variável *escolaridade* também foi selecionada como relevante estatisticamente nessas cidades, mas essa variável aparece com resultados diferentes nas duas localidades, uma vez que são os falantes do *primário* que apresentam maior uso da flexão canônica em Lages, enquanto em Blumenau são os falantes do *ginásio*, o que denota que o aumento dos anos de escolarização não significam, necessariamente, aumento da presença de flexão canônica de segunda pessoa em todas as localidades, o que vem contrariar nossa hipótese em relação à interferência da escolarização no falante.

Assim, mesmo com rodadas separadas, podemos concluir, da análise efetuada só com os informantes não-categoricos, que o principal contexto que aparece propiciando a presença da flexão canônica de segunda pessoa, em praticamente todas as localidades testadas, foi a *explicitação do pronome*: a ausência do pronome *tu* propicia maior presença de flexão canônica. Assim, constata-se que os falantes, que possuem a concordância com o *tu* como regra variável, têm duas possibilidades principais de uso: explicitar o pronome *tu*, com ausência de flexão canônica no verbo ou usar somente a flexão verbal canônica, sem a explicitação do *tu*, tendência verificada em todas as localidades por nós estudadas; com a ressalva de que algumas localidades possuem como característica a maior explicitação do *tu* associada a uma menor concordância verbal – caso de Chapecó e das cidades do RS – e outras como Florianópolis, Ribeirão e, em menor escala, Blumenau e Lages, apresentam uso maior da flexão canônica de segunda pessoa sem o pronome sujeito.

Outros contextos que apareceram propiciando a presença de flexão canônica de segunda pessoa, em quase todas as localidades, foram os *verbos no pretérito perfeito*, cujas flexões são as mais salientes (*-stel/-sse*); o *discurso para o entrevistador* e as *explicações*. Tais contextos denotam que o falante toma um certo cuidado ou monitora sua fala quando o interlocutor é o entrevistador, haja vista que ele não é uma pessoa conhecida do falante. Já as flexões do pretérito perfeito, por serem as mais perceptíveis, apresentam uma tendência de serem explicitadas pelos falantes de nossa amostra. Por sua vez, os

contextos que aparecem desfavorecendo a presença de flexão canônica são, principalmente, a *presença do pronome tu*, as *receitas* e os *marcadores discursivos*.

No próximo capítulo, vamos apresentar uma análise conjunta dos principais resultados atribuídos às nossas duas regras variáveis: a análise da alternância *tu*-*você* e a (re)análise da concordância verbal com o pronome *tu*, com o intuito de verificar o comportamento das *localidades* de nossa amostra em relação às regras variáveis estudadas.

7. ANÁLISE CONJUNTA DA ALTERNÂNCIA *TU/VOCÊ* E DA CONCORDÂNCIA VERBAL COM O PRONOME *TU*

Nesta seção, vamos tecer comparações entre alguns resultados obtidos pelas duas regras variáveis que nos propomos a analisar neste trabalho: a alternância pronominal *tu/você* e a concordância verbal com o *tu*. Para tanto, achamos pertinente apresentar, em uma mesma tabela, de que forma encontram-se distribuídas as localidades que compõem nossa amostra. Assim, montamos na Tabela 39, pela ordem de pesos relativos, tal distribuição.

Tabela 39 - alternância *tu-você* versus concordância verbal com o *tu* por localidade¹¹⁰

Fatores <i>Alternância tu/você</i>	Apl/Total	%	P.R.	Fatores <i>Concordância</i>	Apl/Total	%	P.R.
Lages	189/1225	15%	0,30	Chapecó	2/261	08%	0,18
Panambi	395/467	84%	0,30	Flores Cunha	14/654	2%	0,20
Florianópolis	585/767	76%	0,32	Panambi	12/395	3%	0,34
Flores da Cunha	654/784	83%	0,37	Porto Alegre	54/764	7%	0,35
Blumenau	134/490	27%	0,61	São Borja	30/663	5%	0,36
Porto Alegre	764/819	93%	0,61	Lages	27/189	14%	0,74
São Borja	663/701	94%	0,76	Blumenau	51/134	38%	0,82
Ribeirão da Ilha	445/462	96%	0,78	Florianópolis	251/585	43%	0,85
Chapecó	261/519	51%	0,82	Ribeirão Ilha	268/445	60%	0,91
Total	4090/6234	65%		Total	709/4090	17%	

Podemos levantar vários destaques da tabela acima, mas vamos começar analisando a hipótese de MENON (2000) de que poderia estar havendo a manutenção do pronome *tu* como *marca de identidade e de valores regionais*, mas estaria se dando a perda morfológica da marca de segunda pessoa nos verbos que acompanham o pronome *tu*, com a consequência de se ter maior preenchimento do pronome sujeito.

Vemos pela distribuição das localidades, na Tabela 39, que a hipótese de que o pronome *tu* se configure em uma marca de identidade regional se confirma nas cidades do

¹¹⁰Para fins comparativos, juntamos a Tabela 09 e a Tabela 25.

Rio Grande do Sul e também em Chapecó, SC, uma vez que temos a seguinte distribuição, retirada da Tabela 39 para melhor visualização dos pesos relativos:

a) <i>alternância</i>	P.R.	b) <i>concordância</i>	P.R.
1) Panambi	0,30	1) Chapecó	0,18
2) Flores da Cunha	0,37	2) Flores da Cunha	0,20
3) Porto Alegre	0,61	3) Panambi	0,34
4) São Borja	0,70	4) Porto Alegre	0,35
5) Chapecó	0,82	5) São Borja	0,36

Em relação à *alternância tu/você*, constata-se que as cidades de Panambi e Flores da Cunha aparecem com pesos relativos abaixo de 0,50. Podemos atribuir tais resultados ao fato de que as duas cidades estão no meio do RS, em sua comunidade de origem, não havendo a necessidade de marcar tanto o uso de *tu* (mesmo assim, com a ressalva de que o número de ocorrências nestas duas localidades é bastante elevado: há 395 casos de *tu* para um total de 467 em Panambi e de 654 dados de *tu* para um total de 784 em Flores da Cunha).

Entretanto, em Porto Alegre, São Borja e Chapecó a probabilidade de uso de *tu* é bastante acentuada, com pesos relativos de 0,61; 0,70 e 0,82, respectivamente. Veja-se que Porto Alegre é metrópole, mais cosmopolita, onde os gaúchos têm contato com mais pessoas estranhas à comunidade e, no caso da regra de alternância em estudo, carregam na identificação de valores regionais através de uso maior do *tu*. Já São Borja é cidade de fronteira do Rio Grande do Sul com a Argentina, local em que a explicitação da marca do gaúcho faz-se extremamente necessária, uma vez que há o “confronto” entre o nacional *versus* o estrangeiro; enquanto Chapecó é cidade colonizada por italo-gaúchos, cujos habitantes usam maciçamente o *tu* talvez como forma de preservação dessa identidade, junto com o culto dos CTGs – Centro de Tradições Gaúchas –, do churrasco à gaúcha e do consumo do chimarrão.

Ainda em relação à *alternância*, gostaríamos de destacar que efetuamos algumas rodadas-teste para conseguirmos rodar todas as localidades juntas. Em uma delas, por exemplo, mantivemos somente as variáveis que haviam se mostrado mais relevantes estatisticamente. Assim, rodamos todas as localidades da amostra com *explicitação do pronome*, *gênero de discurso*, *idade* e *sexo*, para tentar averiguar melhor a distribuição no uso dos pronomes *tu* e *você*. Os resultados dessa rodada podem ser conferidos na Tabela 40, abaixo.

Tabela 40 - Alternância *tu/você* com todas as localidades na mesma rodada¹¹¹

Fatores	Apl./Total	%	P.R.
Lages	189/1225	15%	0,04
Blumenau	134/490	27%	0,13
Chapecó	261/519	51%	0,48
Florianópolis	585/767	76%	0,55
Flores da Cunha	654/784	83%	0,71
Panambi	395/467	84%	0,70
Porto Alegre	764/819	93%	0,82
São Borja	663/701	94%	0,90
Ribeirão da Ilha	445/462	96%	0,92
Total	4090/6234	65%	

Note-se que a distribuição dos percentuais e dos pesos relativos atribuídos às localidades, na rodada da Tabela 40, seguem a mesma distribuição que está no Gráfico 4, adiante. Ou seja, veja-se que quando as localidades estão na mesma rodada, mesmo que com o número de variáveis reduzido, há uma distribuição mais “equilibrada” entre percentual e peso relativo. Veja-se também que a ordem de distribuição das localidades, se comparada à da Tabela 39, é alterada, uma vez que aqui aparecem 4 cidades de Santa Catarina - Lages, Blumenau, Chapecó e Florianópolis, numa ordem crescente de pesos relativos, com as duas primeiras desfavorecendo a aplicação de *tu*, enquanto as duas últimas apresentam pesos nas cercanias do ponto neutro.

¹¹¹ Teste realizado com as seguintes variáveis na rodada: *localidades*, *explicitação do pronome*, *determinação do discurso*, *gênero de discurso*, *idade* e *sexo*. Todas essas variáveis foram selecionadas como estatisticamente relevantes pelo VARBRUL também na rodada-teste, o que pode ser um indicio de que os agrupamentos efetuados neste trabalho foram coerentes.

Por outro lado, as cidades do RS e o Ribeirão da Ilha apresentam, na Tabela 40, percentuais e pesos relativos elevados de uso de *tu*. Veja-se que nesta rodada-teste a distorção entre percentual e peso relativo atribuídos às localidades de Panambi e de Flores da Cunha, por exemplo, desaparecem.

No que diz respeito à *concordância com o tu*, Chapecó e as quatro cidades do RS aparecem com pesos relativos abaixo de 0,36. Como se pode verificar, em todas essas cidades há presença maciça de *tu* explícito e há pouca flexão canônica no verbo que acompanha esse pronome, o que vem corroborar também o que ressalta MENON (1995:98), que os falantes estão utilizando cada vez mais os pronomes sujeitos expressos e que a variação na 2.^a pessoa vai se dar só na escolha do pronome (prova disso é Chapecó, que apresenta os maiores pesos relativos associados ao uso de *tu* e o menor peso relativo no uso da flexão canônica de segunda pessoa). Assim, de acordo com MENON, o uso do pronome para resolver a ambigüidade da forma verbal não se constitui em um fato isolado, uma vez que se trata de *um movimento de alcance mais amplo, que reestrutura globalmente o sistema lingüístico, que tenta se aperfeiçoar, sempre, compensando as assimetrias que as mudanças lingüísticas causam.* (p.98).

Os resultados obtidos, em todas as localidades da amostra, vêm reforçar também a hipótese de MENON & LOREGIAN-PENKAL (2002), que diz:

Se se pensar num *continuum* gaúcho-catarinense-paranaense, os resultados apontam para uma mudança progressiva no sistema dos pronomes pessoais, à medida que se avança para o norte pelo oeste: inicialmente, o sistema de *só tu* com concordância verbal canônica (ainda presente, em alguma medida, em Porto Alegre ou, quem sabe, na parte mais meridional do RS); depois, um sistema com a introdução do *você* e uma menor concordância verbal com o *tu*; a seguir, um sistema de coocorrência dos pronomes, ambos com a mesma forma verbal não-marcada (Chapecó), até chegar a um sistema de maior (ou quase predominância do *você* (Pato Branco¹¹²). (2002:167).

¹¹²Lembramos que de acordo com GODOY (1999), há apenas 30 ocorrências de *tu* em Pato Branco, e todas são acompanhadas de verbos sem a flexão canônica de segunda pessoa. Além disso, do total de ocorrências, há 25 de indeterminação do sujeito.

Veja-se que, ao estipularem tal hipótese, as autoras não contavam ainda com os resultados de Flores da Cunha, Panambi e São Borja e que os resultados ora apresentados confirmam a existência, nestas localidades, de *um sistema com a introdução do você e uma menor concordância verbal* associada ao *tu*, bem como a coocorrência dos dois pronomes com a mesma forma verbal. Acrescente-se a isso também o fato de que, conforme se pode conferir na Tabela 39, o maior percentual de uso da flexão canônica de segunda pessoa nas quatro cidades do RS e em Chapecó é de apenas 7%, registrado em Porto Alegre. Tal resultado, de acordo com LABOV 1994, aponta que a mudança lingüística está em fase de consolidação, em que estaríamos diante de uma “mudança quase concluída”.

Conforme se pode verificar na Tabela 39, as demais cidades de SC incluídas na amostra apresentam a seguinte distribuição:

<i>alternância</i> (Tabela 39)	P.R.	<i>concordância</i>	P.R.
1) Lages	0,30	1) Lages	0,74
2) Florianópolis	0,32	2) Blumenau	0,82
3) Blumenau	0,61	3) Florianópolis	0,85
4) Ribeirão da Ilha	0,78	4) Ribeirão da Ilha	0,91

Verifica-se, dos pesos relativos acima, a inequívoca posição da comunidade do Ribeirão da Ilha, principalmente nos pesos atribuídos à regra de concordância com o *tu*, aspecto em que, juntamente com Florianópolis, vem reforçar que a marca de identidade do ilhéu seja a presença de flexão canônica no verbo. Veja-se que em termos de manifestação do pronome *tu* os pesos relativos de Florianópolis desfavorecem o aparecimento desse pronome, com 0,32 de peso relativo e, no entanto, no que se refere à concordância com o *tu*, o peso relativo sobe para 0,85, ou seja, um peso relativo altíssimo em termos de concordância.

Nesse sentido, poderíamos concluir que Florianópolis, por ter mais influência externa (principalmente na questão do turismo), estaria se marcando mais na flexão canônica de segunda pessoa que na explicitação do *tu*. No entanto, os resultados do

Ribeirão da Ilha denotam que a marca do ilhéu parece ser mesmo a flexão canônica de segunda pessoa, pois veja-se que mesmo nessa comunidade os pesos relativos associados à concordância são mais elevados que na alternância.

Os resultados atribuídos a Blumenau denotam que, talvez pela proximidade com o litoral de SC, há um leve favorecimento no uso de *tu*, com peso relativo de 0,61, na Tabela 39. No entanto, na rodada-teste da Tabela 40 o peso relativo atribuído a essa localidade é de apenas 0,13. Quanto à concordância, os resultados indicam que a flexão canônica de segunda pessoa é utilizada na análise da variação na comunidade, cujo peso relativo associado a esta regra foi de 0,82. Entretanto, os resultados da análise nos indivíduos não-categoricos de Blumenau evidenciaram mudança em progresso em direção ao uso de *você*, uma vez que os falantes da primeira faixa-etária apareceram em maior número e com maiores pesos de uso de *você*, enquanto os falantes da segunda faixa-etária apresentaram-se majoritários no uso de *tu* e com pesos relativos que favorecem esse pronome.

Já Lages evidenciaria a sua dupla ocupação, primeiro pelos paulistas, depois pelos gaúchos: *a mais recente não estaria, ainda, propagando o uso do tu* (cf. MENON & LOREGIAN-PENKAL, 2002), além do vai-e-vem dos tropeiros, seja do Sul para São Paulo ou no caminho inverso. Os resultados indicam que a influência paulista ou a de contato é a que teria predominado, pelo menos com maior ênfase, na questão da utilização dos pronomes de segunda pessoa, o que justificaria o emprego maciço do pronome *você* na comunidade que, conforme apontamos, é a localidade de nossa amostra que apresenta maior número de ocorrências desse pronome (houve 1036 casos de *você* e apenas 189 de *tu*). Além disso, Lages é a localidade de nossa amostra que apresenta o maior número de informantes categoricos no uso de *só você* (06 deles) que, conforme já destacamos, se somados aos 17 que têm alternância, temos um total de 23 informantes dessa localidade que fazem uso do pronome *você*.

Para visualizar melhor a distribuição dos informantes quanto ao uso da alternância *tu/você* por localidade, apresentamos o Gráfico 4, abaixo, e logo a seguir apresentamos, no Gráfico 5, a distribuição das localidades quanto ao uso da concordância verbal com o pronome *tu*. Esses gráficos foram elaborados tendo em vista as ocorrências contidas na Tabela 39.

Gráfico 4 - Alternância *tu/você* por localidade e por número de ocorrências

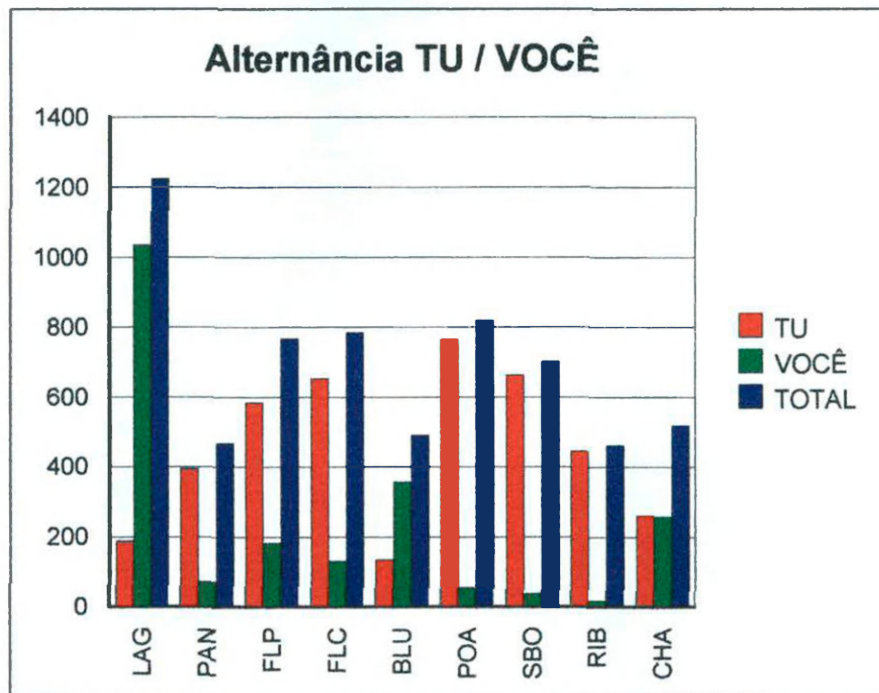
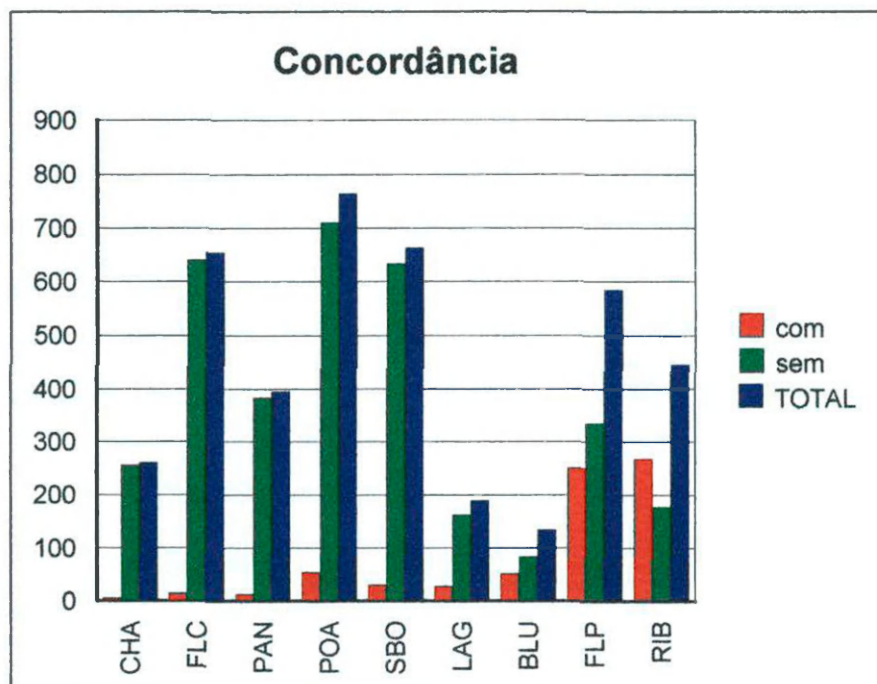


Gráfico 5 - Concordância verbal com o pronome *tu* por localidade e por número de ocorrências



8. CONCLUSÃO

Nesta etapa do trabalho, vamos retomar algumas considerações que julgamos mais ilustrativas daquilo que procuramos transmitir ao longo deste estudo sobre o comportamento dos falantes do Sul em relação às duas regras variáveis testadas: a alternância pronominal *tu/você* e a concordância verbal com o pronome *tu*. Vamos também apontar algumas limitações deste trabalho e fornecer indicações para possíveis trabalhos posteriores.

No que tange à *alternância pronominal tu/você*, vamos destacar, primeiramente, a **distribuição dos informantes** de nossa amostra. Vimos que de um total de 203 informantes, 8 fizeram uso do *tratamento zero* e 91 foram categóricos: destes, 78 utilizaram somente o pronome *tu* ao longo da entrevista e apenas 15 utilizaram *só você* na entrevista. Note-se a grande diferença entre esses números, pois temos na amostra trabalhada muito mais informantes categóricos no uso de *tu*, o que foi interpretado como um indício da importância que esse pronome exerce na (grande) maioria das localidades analisadas.

Dos informantes que usaram *só você*, 06 eram de Lages; 4 de Blumenau; 2 de Chapecó; 1 de Florianópolis; 1 de Porto Alegre e 1 de São Borja. As localidades de Flores da Cunha, Panambi e Ribeirão da Ilha não apresentaram informantes categóricos de *só você*. Essa distribuição dos informantes evidenciou a importância de se analisar também o comportamento do indivíduo pois, como vimos, nem todos os informantes variam no uso dos pronomes de segunda pessoa.

Por outro lado, 104 informantes fizeram uso da alternância *tu/você* que, quando somados aos categóricos, denotaram o seguinte panorama: 182 falantes da amostra têm *tu* mais *tu/você* em sua gramática e 117 têm *você* mais *tu/você*. Logo, por acreditarmos que os informantes categóricos poderiam não ter o mesmo “comportamento” que os não-categóricos, efetuamos duas análises: uma com todos os informantes, para testar o comportamento da variação no uso da alternância *tu/você* **na comunidade** e outra, para

testar a variação no **indivíduo**, só com os informantes que fizeram uso de *tu* e *você* no decorrer da entrevista.

Constatamos também que as três cidades do interior de Santa Catarina apresentaram o maior número de informantes que fizeram uso da alternância *tu/você*: 17 em Lages; 17 em Blumenau e 16 em Chapecó. Com esses resultados, a primeira conclusão a que chegamos é de que Lages é a localidade de nossa amostra que está mais avançada no uso de *você*, uma vez que ela apresentou o maior número de falantes de *só você* – 06 deles – que, quando somados aos 17 que têm alternância, soma-se 23 informantes dessa localidade que fazem uso do pronome *você*, distribuição que supera todas as demais localidades da amostra, inclusive em números de ocorrência desse pronome.

Outro resultado marcante e que veio confirmar nossa expectativa foi a constatação de que, de modo geral, as **mulheres** de nossa amostra apresentaram maior probabilidade de uso de *tu*: só encontramos mulheres categóricas no uso de *só você* em Lages e Blumenau. Por outro lado, das 12 mulheres em cada cidade, 10 mulheres de Porto Alegre; 10 de São Borja; 09 de Flores da Cunha; 07 de Florianópolis; 07 de Panambi; 04 do Ribeirão da Ilha¹¹³ e 04 de Chapecó utilizaram somente o pronome *tu* ao longo da entrevista. Essa distribuição no uso de *tu* – em que as mulheres apresentam maior uso desse pronome – foi considerada como um indicio de que o pronome *tu* possui prestígio social nessas localidades, uma vez que a tendência das mulheres é se mostrarem mais conservadoras ou observadoras da variante de maior prestígio.

Quanto às rodadas estatísticas, vimos que todas as variáveis sociais elencadas neste trabalho foram consideradas relevantes nas rodadas gerais, resultado que confirma nossa expectativa de que a alternância pronominal é condicionada também por fatores extralingüísticos. Desta forma, das **localidades** testadas, Chapecó apresentou o maior peso relativo associado ao uso de *tu*, seguido por Ribeirão da Ilha, São Borja, Porto Alegre e Blumenau. Já Flores da Cunha, Florianópolis, Panambi e Lages apresentaram pesos relativos que desfavoreceram o uso de *tu*. No entanto, nestas localidades constatou-se uma diferença no número de dados. Em Lages, de um total de 1225 ocorrências, encontramos

¹¹³Lembramos que para o Ribeirão da Ilha tínhamos, ao invés de 12, somente 06 mulheres no total.

somente 190 casos de *tu*. Já em Panambi, Florianópolis e Flores da Cunha houve muito mais ocorrências de *tu*, fato evidenciado inclusive pelos percentuais obtidos de 84% ,76% e 83%, respectivamente. Para essa variável tínhamos levantado a hipótese geral de que a *etnia açoriana* (representada por Florianópolis e Ribeirão da Ilha) iria apresentar maior uso de *tu* e, como se constatou, ela ficou parcialmente confirmada, uma vez que Florianópolis, apesar de ter apresentado percentual de 76% de uso de *tu*, apresentou peso relativo de 0,32, o que frustrou nossa expectativa. Já Chapecó apresentou percentual de 51% de uso de *tu* e peso relativo de 0,82 e mostrou-se, assim, como a localidade da amostra mais conservadora no uso de *tu*.

Esses resultados nos motivaram a efetuar rodadas-teste com todas as *localidades* juntas e com as variáveis mais significativas estatisticamente, por ser a única forma que encontramos para que o programa conseguisse rodar o VARB2000. Dessa forma, as discrepâncias entre percentuais e pesos relativos desapareceram e obtivemos a seguinte distribuição: Lages e Blumenau apresentaram pesos relativos que desfavorecem o uso de *tu*; Chapecó e Florianópolis apresentaram pesos nas cercanias do ponto neutro e as quatro cidades do Rio Grande do Sul e o Ribeirão da Ilha apresentaram percentuais e pesos relativos altamente favorecedores do uso de *tu*.

Ainda quanto ao uso de *tu* por localidade, fica a ressalva em relação ao *status* atribuído a esse pronome, por exemplo, em Florianópolis e em Chapecó: será que os dois *tu* são iguais? Nesse sentido, só poderíamos ter uma resposta a essa indagação se tivéssemos aplicado um *questionário de atitudes*, nos moldes daquele aplicado por RAMOS (1989), para tentar avaliar tal *status*. De qualquer forma, essa investigação viria complementar sobremaneira o trabalho que aqui apresentamos e, por ora, permanece como pesquisa a realizar.

Nas **rodadas gerais** (em que fizemos agrupamentos das localidades em três blocos: capitais e Ribeirão; interior de SC; interior do RS) a variável *sexo* mostrou-se relevante em todas as localidades, com as mulheres apresentando uso maior de *tu* que os homens. No entanto, rodadas por localidade demonstraram que esta variável é um condicionante extralingüístico somente em Florianópolis, Porto Alegre, Blumenau, São Borja e Panambi

e que provavelmente são estas localidades as responsáveis pela variável ter sido selecionada nas rodadas gerais. Os resultados também indicaram que as mulheres do interior de Santa Catarina apresentaram uma frequência menos acentuada no uso de *tu* que as mulheres das demais localidades da amostra e, principalmente, que as mulheres (assim como os homens) de Lages foram as únicas que fizeram uso maior do pronome *você* (com percentual de 77% de uso desse pronome), resultado que reforça a conclusão de que Lages está bastante avançada no uso de *você*.

Esses resultados evidenciaram também que as mulheres de Florianópolis, Porto Alegre, Blumenau, São Borja e Panambi são mais conservadoras quanto ao uso de *tu* que as demais mulheres da amostra. Além disso, o resultado obtido em Lages – de que as mulheres fazem uso maior do pronome *você* – sugere que nesta localidade o *status* do *tu* seja diferente do das demais localidades, isto é, parece haver um certo prestígio no uso de *tu*, exceto em Lages.

As rodadas para testar a variação nos indivíduos não categóricos demonstraram que a variável *sexo* só foi selecionada em Panambi, e com resultados similares aos encontrados na análise com todos os informantes, ou seja, as mulheres apareceram favorecendo o uso de *tu*. Nas demais localidades essa variável não se mostrou relevante quando estão em jogo os falantes que têm *tu* e *você* em sua gramática.

Já a variável *faixa etária* foi selecionada – em **rodadas por localidade e com todos os informantes da amostra** – em Chapecó, Blumenau, Florianópolis, Panambi e Porto Alegre e em todas essas localidades os falantes da primeira faixa etária apresentaram uso maior do pronome *tu*, enquanto os da segunda faixa etária fizeram uso maior do pronome *você*. Dessa forma, os resultados foram interpretados como indicadores de que os falantes mais velhos dessas localidades poderiam ser mais formais que os mais jovens. Também que o uso de *tu* talvez esteja de fato associado a uma menor formalidade, ou a uma maior intimidade. Assim, na análise da variação na comunidade foi confirmada nossa hipótese de que os falantes mais jovens da amostra usam mais a variante “mais íntima” *tu* que os de mais de 50 anos.

Rodadas só com os informantes não-categóricos por localidade mostraram que a *faixa etária* foi relevante em Blumenau e Panambi, somente. No entanto, os resultados atribuídos às duas faixas etárias foram diferentes nas duas localidades. Em Blumenau os falantes da primeira faixa etária, que têm *tu* e *você* em sua gramática, apresentaram uso maior do pronome *você* (com pesos de 0,21 para a primeira *faixa etária* e de 0,71 para a segunda *faixa etária*), enquanto em Panambi os falantes da primeira faixa etária apresentaram peso relativo maior de uso de *tu* que os da segunda (faixa etária A: 0,55 e faixa B: 0,24). Com isso, a análise em tempo aparente apontou que os falantes não-categóricos de Blumenau estão, talvez, indo em direção ao uso de *só você*, uma vez que os falantes não-categóricos mais jovens estão apresentando uso maior do pronome *você* que os mais velhos da amostra. Veja-se que esta constatação não seria possível se não tivesse sido efetuada uma análise no indivíduo, pois se tivéssemos nos atido à análise na comunidade, como vimos acima, essas particularidades teriam ficado “encobertas”.

Quanto à *escolaridade*, a análise com todos os informantes da amostra apontou que o uso de *tu* é proporcional ao aumento dos anos de escolaridade – o que sustenta nossa hipótese – somente em Florianópolis (e mesmo assim com o *ginásio* e o *colegial* apresentando praticamente o mesmo peso) e em São Borja, em que há uma grande diferença entre, principalmente, o *primário* e o *ginásio*. Nas demais localidades em que a variável escolaridade foi selecionada tal proporcionalidade não foi constatada. Em Chapecó, por exemplo, os informantes do *colegial* apresentaram menor peso relativo (de 0,06) referente ao uso de *tu* e os do *ginásio* apareceram liderando, de forma surpreendente (com 0,96), tal uso, seguidos pelos informantes do *primário*, que apresentaram um peso (de 0,66) favorável ao uso de *tu*. Já em Panambi foram os informantes do *primário* que apresentaram maior peso de uso de *tu* (de 0,81), enquanto os informantes do *ginásio* (0,37) e do *colegial* (0,13) apresentaram pesos abaixo de 0,50. Em Porto Alegre e Lages os informantes do *ginásio* apresentaram pesos menores que os atribuídos aos informantes do *primário*. Já em Florianópolis, Ribeirão e Flores da Cunha a *escolaridade* não se mostrou relevante.

Rodadas só com os informantes não-categóricos por localidade mostraram que a *escolaridade* foi selecionada somente em Florianópolis (*primário*: 0,45; *ginásio*: 0,53;

colegial: 0,76) e Panambi (*primário*: 0,81; *ginásio*: 0,38; *colegial*: 0,12). Mostraram também que em Florianópolis o aumento dos anos de escolarização foram proporcionais ao aumento do uso de *tu*. Entretanto, resultado inverso a este foi encontrado em Panambi, em que os falantes do primário apresentaram uso maior de *tu*, seguidos pelos do ginásio, enquanto os falantes do colegial apresentaram o menor peso relativo associado ao uso de *tu*. Assim, concluiu-se que a *escolaridade* do falante não se mostrou ser um forte condicionante extralingüístico na maioria das localidades analisadas e que, em algumas delas, a educação formal parece não exercer influência na fala dos entrevistados, uma vez que se ensina na escola que o único pronome de segunda pessoa do singular é o *tu*.

Talvez o efeito do fator *escolaridade* se torne mais evidente se se analisar os falantes universitários do VARSUL, análise que será efetuada a *posteriori*, em função de essa parte do banco ainda não se encontrar transcrita e disponível para análise.

Em relação às *variáveis lingüísticas* controladas no estudo da alternância *tu/você*, as **rodadas estatísticas gerais** mostraram que: (a) somente *gênero de discurso* foi selecionada em todas as localidades da amostra; (b) que a *determinação do discurso* só não foi selecionada para as três cidades do interior de SC; (c) que na rodada com Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha foi selecionada também a *variável presença/ausência do pronome* e (d) que na rodada somente com as três cidades do interior do RS a *variável alternância de pronomes* no mesmo período foi selecionada pelo VARBRUL.

Já **rodadas estatísticas por localidade com todos os informantes da amostra** apontaram os seguintes resultados: (a) a *variável gênero de discurso* foi selecionada em Porto Alegre, Ribeirão, Lages, Panambi e São Borja; (b) a *determinação do discurso* só não foi selecionada em Lages; (c) a *explicitação do pronome* foi selecionada em Florianópolis, Ribeirão e Blumenau e (d) a *alternância de pronomes* só foi selecionada em Panambi e São Borja.

Rodadas por localidade só com os informantes não-categóricos mostraram que: (a) a *variável gênero de discurso* foi selecionada em Florianópolis, Ribeirão, Porto Alegre,

Chapecó, Lages, Panambi e São Borja; (b) a *determinação do discurso* não foi selecionada em Flores da Cunha; Panambi; Chapecó e Lages; (c) a *explicitação do pronome* foi selecionada só em Florianópolis, (d) a *alternância de pronomes* não foi selecionada e (e) a variável *tipo de interlocução* foi selecionada em Porto Alegre, Flores da Cunha, Chapecó e Lages.

Nas localidades em que a variável *gênero de discurso* foi selecionada, o discurso predominantemente *narrativo* apareceu com pesos relativos que desfavorecem o uso de *tu*, enquanto o discurso predominantemente *argumentativo* propicia o uso desse pronome. Assim, os resultados da variação na comunidade e no indivíduo confirmaram nossa expectativa em relação a esses fatores, haja vista que hipotetizamos que quando o falante faz uso da argumentação, ele poderia ficar envolvido na estratégia de convencimento do outro e de imposição de sua opinião, contexto propício ao uso de *tu*: o tratamento mais íntimo, usado para dar ordens e para impor sua vontade.

Já nas *explicações* houve bastante divergência entre os pesos atribuídos às localidades, uma vez que os falantes de São Borja foram categóricos no uso de *só tu*, em Panambi e Lages houve um grande favorecimento de *tu*, mas no Ribeirão se verificou um uso quase categórico (peso de 0,04) de explicações com *você*. Em Porto Alegre o peso relativo (de 0,54) ficou bastante próximo ao ponto neutro. Nas rodadas em que a variável *tipo de interlocução* foi selecionada, o *discurso para o entrevistador* também obteve resultados divergentes, em alguns casos apareceu favorecendo o uso de *tu* e em alguns o de *você*. Assim, quando *explicações* e *discurso para o entrevistador* mostraram-se favorecedores do uso de *você*, interpretamos tais resultados como indícios de que o pronome *tu* seja de fato considerado mais íntimo e informal que o *você* (cf. RAMOS, 1989). Entretanto, teríamos de realizar um estudo a respeito do *status* atribuído aos pronomes de segunda pessoa pelos falantes analisados.

Assim, da análise envolvendo os grupos de fatores lingüísticos, constatamos que há condicionamentos que atuam de forma semelhante em todas as localidades analisadas: é o caso das *receitas* e, em menor escala, do discurso predominantemente *argumentativo*, que apareceram propiciando o uso de tu. No entanto, encontramos também fatores que

apresentaram resultados divergentes, como ocorreu com as *explicações* e *discurso para o entrevistador* que, dependendo da localidade, apareceram favorecendo o uso de *tu* ou o de *você*. Esses resultados dão sustentação a somente parte da hipótese que previa “As *receitas*, *explicações* e o discurso predominantemente *argumentativo* propiciam o aparecimento do pronome *tu*”.

Por outro lado, os contextos lingüísticos mais recorrentes de uso do pronome você, encontrados como fatores condicionadores em (quase) todas as localidades testadas, foram: a *indeterminação do referente*; o *discurso relatado de terceira pessoa* e o *discurso predominantemente narrativo*. Veja-se que todos esses contextos possuem o traço [+ genérico], o que vem reforçar a constatação de MENON & LOREGIAN-PENKAL (2002) de que seja esse o contexto mais vulnerável de entrada do *você* no sistema dos falantes que têm *tu*, no sentido de que o falante atribui a outro(s) a autoria (ou a responsabilidade) no uso de *você*, haja vista que, conforme MENON (1994), o traço *genericidade* é primordial na indeterminação e possibilita que o falante, mesmo se fizer parte do grupo referido, se dilua na não-responsabilidade individual da afirmativa. Da mesma forma, a *narração* também cria distanciamento temporal ou espacial sendo, portanto, também [+ genérico].

Adicione-se a isso o fato de que na testagem da variável *(in)determinação do discurso* – na análise da regra de alternância *tu/você* – esta variável só não foi selecionada em Lages, localidade que apresentou, justamente, a maior ocorrência de *você*. Esse resultado foi interpretado como um indicador de que os falantes de Lages já “incorporaram”o *você* como um pronome pertencente à comunidade e, portanto, ao sistema da língua; dessa forma, o *você* pode aparecer em qualquer contexto discursivo.

Quanto à segunda regra variável em estudo, a *concordância verbal com o pronome tu*, vimos ao longo do trabalho que em relação à *concordância verbal no indivíduo* e quanto aos **informantes categóricos**, constatamos a seguinte distribuição: em nosso primeiro agrupamento em capitais + Ribeirão, vimos que em Florianópolis nenhum informante foi categórico, no Ribeirão encontramos 01 informante com 100% de uso da flexão canônica e em Porto Alegre 11 informantes apresentaram 0% de uso da flexão canônica. Nas três cidades do interior do RS, em Flores da Cunha e São Borja

encontramos um total de 24 informantes categóricos, 12 em cada localidade, e todos fizeram uso de *tu* sem a flexão canônica de segunda pessoa. Em Panambi deparamo-nos com 17 informantes categóricos e apenas um deles utilizou 100% a flexão canônica de segunda pessoa (com duas ocorrências), os 16 restantes fizeram uso do pronome *tu* acompanhado da flexão verbal não canônica (com 0% de aplicação da regra). Para as três cidades do interior de SC, Chapecó apresentou 20 informantes categóricos (com 0% de aplicação da regra); Blumenau apresentou 5 informantes categóricos (1 deles aplicou 100% a regra) e Lages apresentou 9 informantes categóricos (3 aplicaram 100% a regra).

Temos, por um lado, Florianópolis e Ribeirão que não apresentaram nenhum informante com 0% de aplicação da regra, o que as torna as mais conservadoras no uso da flexão canônica. Em seguida aparece Blumenau, com 4 informantes, e Lages, com 6 informantes que apresentaram 0% de aplicação da regra.

Por outro lado, as localidades de nossa amostra que apresentaram o maior número de informantes com 0% de aplicação da regra foram: Chapecó, com 20 informantes; Panambi com 16 informantes; Flores da Cunha e São Borja com 12 informantes cada e Porto Alegre, com 11 informantes categóricos. Os dados mostraram também que em Chapecó a mudança no sentido de usar o pronome *tu* acompanhado de verbos sem a flexão canônica praticamente já se concretizou, pois encontramos somente duas ocorrências de verbos com a flexão de segunda pessoa, enquanto Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja parecem estar em processo de mudança, rumo ao encontrado em Chapecó.

Quanto aos resultados das **rodadas estatísticas**, lembramos aqui que efetuamos primeiramente *rodadas estatísticas gerais*, em que agrupamos as localidades da amostra em dois blocos: por um lado reunimos Florianópolis, Porto Alegre, Ribeirão e as três cidades do interior do RS e, por outro, agrupamos as três cidades do interior de SC. Efetuamos também *rodadas por localidade*, em que testamos o efeito de cada localidade *com todos os informantes da amostra*, bem como efetuamos rodadas por localidade somente *com os informantes não-categóricos*, isto é, que apresentaram concordância variável com o pronome *tu*.

Nas rodadas gerais, a variável *localidade* foi apontada como a mais relevante estatisticamente e vimos que as localidades representativas da etnia açoriana – Ribeirão da Ilha e Florianópolis – apresentaram maior uso da flexão canônica de segunda pessoa no verbo, o que (juntamente com a flexão canônica modificada do pretérito perfeito *-sse*) confirmou nossa hipótese de que essa (e não a explicitação do *tu*) é uma das marcas linguísticas de identificação do ilhéu.

Já Chapecó e as 4 cidades do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, São Borja, Panambi e Flores da Cunha – apresentaram maior probabilidade de uso do pronome *tu* acompanhado de verbos sem a flexão canônica de segunda pessoa, corroborando, assim, a hipótese de MENON (2000) de que poderia estar havendo a manutenção do pronome *tu* como *marca de identidade e de valores regionais*, mas estaria se dando a perda morfológica da marca de segunda pessoa nos verbos que acompanham o pronome *tu*, com a consequência de se ter maior preenchimento do pronome sujeito. Prova disso, também, é que a variável *explicitação do pronome* foi uma das mais relevantes na testagem da concordância com o *tu* e sempre apontando que a ausência de flexão canônica no verbo é compensada com uma maior presença do pronome sujeito.

Quanto à *faixa etária*, vimos que esta variável foi selecionada em Porto Alegre, Panambi e São Borja, nas rodadas com as localidades em separado e com todos os falantes (os categóricos e os não-categóricos). Nessas três localidades, os informantes mais velhos da amostra se apresentaram mais conservadores quanto à presença da flexão canônica de segunda pessoa, enquanto entre os falantes mais jovens a marca parece ser o uso de *tu* acompanhado de verbos sem a flexão canônica de segunda pessoa. Assim, os resultados da análise em tempo aparente sugerem mudança em progresso, para estas localidades, em direção ao uso de *tu* acompanhado de verbos sem a flexão canônica correspondente. Nas rodadas por localidade e somente com os informantes não-categóricos, a *faixa etária* foi considerada relevante somente em Porto Alegre e manteve praticamente os mesmos pesos relativos da rodada com todos os falantes, isto é, os mais jovens continuaram desfavorecendo a presença de flexão canônica, enquanto os mais velhos mostraram-se mais conservadores.

Em relação à *escolaridade*, vimos que esta variável foi selecionada como estatisticamente relevante – nas rodadas com todos os falantes da amostra – somente em Blumenau, Lages e Panambi. Das três localidades em que a *escolaridade* foi selecionada, só houve progressão no sentido da maior flexão canônica estar associada ao aumento dos anos de escolaridade em Panambi, localidade em que os falantes do *colegial* apresentaram elevado peso de concordância, enquanto os falantes do *ginásio* e do *primário* desfavoreceram o uso da flexão canônica nos verbos de segunda pessoa. Já em Blumenau foram os falantes do *ginásio* que apresentaram peso maior de uso de concordância canônica, enquanto os falantes de nível *primário* de Lages, contrariamente ao esperado, apresentaram peso maior de concordância com o *tu*.

Dessa forma, os resultados apontaram que – assim como constatado na análise da alternância *tu/você* – a *escolaridade* está atuando de forma diversa também na análise da concordância com o *tu*. Assim, nossa hipótese de que *quanto mais escolarizado o falante maior seria também o uso da flexão canônica de segunda pessoa* não se confirmou em todas as localidades da amostra, o que pode ser um indicador de que a escola talvez não esteja cumprindo seu papel de propagadora da norma padrão como ela se propõe.

Já a variável *sexo* mostrou-se relevante somente para Porto Alegre, em que foi selecionada em terceiro lugar e com pesos relativos de 0,77 para o masculino e de 0,33 para o feminino. Assim os homens de Porto Alegre mostraram-se mais conservadores que as mulheres no tocante ao uso da flexão canônica de segunda pessoa, o que contrariou, pelo menos em parte, nossa expectativa de que as mulheres iriam favorecer a presença de flexão canônica de segunda pessoa em todas as localidades da amostra. Com tais resultados, cogitamos que o uso da flexão canônica de segunda pessoa talvez não seja uma variante de prestígio em Porto Alegre, caso contrário o esperado seria que as mulheres se apresentassem liderando tal uso, ou então, que a ausência de concordância não sofra estigma social. Por outro lado, tais resultados poderiam também indicar **mudança em curso**, em que as mulheres estariam liderando a mudança em direção ao uso de *tu* sem a flexão canônica de segunda pessoa.

Quanto às demais localidades da amostra, o fato de a variável *sexo* não ter sido selecionada também foi interpretado como um indicio de que o não uso da flexão canônica de segunda pessoa provavelmente esteja passando despercebido pelos falantes, uma vez que esse uso não é socialmente estigmatizado, na maioria das localidades testadas. Vimos também que um resultado similar a esse foi encontrado em Pelotas, por AMARAL (2003), e, segundo esse autor, apesar de a flexão canônica de segunda pessoa ter prestígio na comunidade por ele investigada, a não-utilização da marca de segunda pessoa não sofre estigma social.

Das variáveis lingüísticas por nós elencadas, vimos que *explicitação do pronome; tipo de interlocução; gênero de discurso; tempo verbal; paralelismo e determinação do discurso* foram as mais relevantes estatisticamente.

Em todas as rodadas de concordância com o *tu* efetuadas, a variável *explicitação do pronome* mostrou-se de extrema relevância, sendo selecionada em praticamente todas as localidades e com resultados bastante similares: a ausência do pronome propiciou o aparecimento da flexão canônica, enquanto a presença do pronome veio acompanhada, majoritariamente, de verbos sem a flexão canônica, o que comprova nossa hipótese a respeito dessa variável.

Assim, constatou-se que os falantes que possuem a concordância com o *tu* como regra variável, têm duas possibilidades principais de uso: explicitar o pronome *tu*, com ausência de flexão canônica no verbo ou usar somente a flexão verbal canônica, sem a explicitação do *tu*, tendência verificada em todas as localidades por nós estudadas; com a ressalva de que algumas localidades possuem como característica a maior explicitação do *tu* associada a uma menor concordância verbal – caso de Chapecó e das cidades do RS – e outras como Florianópolis, Ribeirão e, em menor escala, Blumenau, apresentaram uso maior da flexão canônica de segunda pessoa sem o pronome sujeito.

Dito de outra forma, de acordo com os resultados obtidos temos uma oposição entre sujeito explícito *versus* sujeito não explícito, no sentido de que a presença do pronome sujeito *tu* se basta como referência e, na sua ausência, há a necessidade de fazê-lo

reconhecido através da flexão verbal. Assim, o fato de o pronome *tu* ser mais usado, em nossa amostra, quando o falante não usa a forma verbal canônica de segunda pessoa, consolidando-se um paradigma verbal em que se reduz o número de oposições, corrobora a tendência, observada em vários trabalhos, de o português do Brasil estar perdendo a capacidade de usar a forma verbal sem o pronome. Em outros termos, os resultados apontam no sentido de que o português do Brasil estaria deixando de ser uma língua *pro-drop* para se tornar uma língua que não possibilita a existência de sujeito nulo.

Rodadas por localidade com todos os informantes demonstraram que a variável *tipo de interlocução* foi considerada estatisticamente relevante em três das localidades testadas: Porto Alegre, Blumenau e Panambi e evidenciaram que o *discurso para o entrevistador* foi o contexto que mais favoreceu a presença de flexão canônica, enquanto os *marcadores discursivos* foram os que mais desfavoreceram tal flexão. Além disso, o *discurso relatado de terceiros* apareceu com pesos que desfavorecem a concordância, contrariamente ao encontrado na rodada geral com as capitais mais as três cidades do interior do RS e o Ribeirão.

Em **rodadas somente com os informantes não-categóricos**, a variável *tipo de interlocução* foi selecionada em Porto Alegre e Blumenau e com resultados similares aos encontrados na rodada com todos os informantes. No entanto, em rodadas especiais em que retiramos o discurso relatado, a variável *tipo de interlocução* continuou sendo selecionada somente em Blumenau.

Já em relação à variável *gênero de discurso*, vimos que o fator *receitas* foi um dos condicionamentos que, em todas as localidades da amostra e em todas as rodadas feitas, propiciou o aparecimento de verbos sem a flexão canônica de segunda pessoa, mas acompanhados, majoritariamente, pelo pronome *tu*, o que confirmou nossa hipótese a respeito do discurso “formulaico”, no sentido de que por se tratar de um discurso “pronto”, é praxe se usar o *tu* e verbos sem concordância¹¹⁴. Já as *explicações* foram as que mais propiciaram o aparecimento da flexão canônica, provavelmente por ser um contexto em

¹¹⁴Interessante observar que o uso de *tu* sem concordância é bastante frequente também nos cadernos de receitas pessoais, pelo menos na região de Chapecó, onde todas as pessoas que conheço cultivam o hábito de manter cadernos de receitas e até de trocar receitas com as pessoas mais conhecidas.

que o falante se dirige ao entrevistador e, como tal, o informante poderia prestar um pouco mais de atenção à sua fala.

A variável *tempo verbal* também foi considerada estatisticamente relevante na maioria das localidades testadas e os resultados apontaram que em relação ao *tempo* em que se encontra o verbo, se constatou disparidade entre os resultados obtidos, tanto para os três tipos de *pretérito* (perfeito; imperfeito do indicativo e imperfeito do subjuntivo), quanto para os dois tipos de *presente* (do indicativo e do subjuntivo), quanto para os dois tipos de verbos no *futuro* (do pretérito do indicativo e futuro do subjuntivo). Analisando, então, os fatores quanto ao *modo verbal*, constatamos que o *modo indicativo* apareceu propiciando mais marcas de concordância; em seguida temos o *modo imperativo* com um leve desfavorecimento da concordância, seguido pelo *modo subjuntivo* que também desfavoreceu a concordância e, finalmente, temos o *infinitivo pessoal*, em que a concordância foi praticamente inexistente neste caso, por ser um tempo pouco recorrente na linguagem falada de nosso *corpus*.

Atrelando ao *modo*, os resultados indicaram que a *saliência fônica* da terminação verbal também exerceu influência para uma maior concordância com o *tu*. Nesse sentido, vimos que a forma mais saliente *-ste* (e sua variante *-sse*), que formam a flexão do pretérito perfeito, foram as que apresentaram a maior probabilidade de aparecimento de marcas de concordância. Além disso, um *crosstab* evidenciou que a presença do pronome sujeito também exerceu influência na flexão dos verbos, uma vez que a ausência da flexão canônica de segunda pessoa foi compensada com uma maior explicitação do pronome em todos os tempos verbais, com ênfase maior nos verbos conjugados no modo subjuntivo.

A variável *paralelismo* foi considerada estatisticamente relevante somente em Porto Alegre; Lages; Flores da Cunha e São Borja. Nas quatro localidades os resultados foram bastante similares: os *casos mistos* favoreceram a presença da flexão canônica; os *verbos em construção isolada* apresentaram pesos relativos próximos ao ponto neutro e os verbos *primeiros de uma série* desfavoreceram a presença de flexão canônica. Sem contar que em todas as localidades da amostra vimos aplicar-se o princípio de que *marcas conduzem a marcas e zeros conduzem a zeros*, uma vez que verbos de uma seqüência com

todas as marcas de concordância apresentaram 100% de aplicação da regra, enquanto verbos de uma seqüência sem marcas de concordância apresentaram 0% de aplicação da regra.

Além disso, chamou nossa atenção, nesses dois fatores categóricos, a diferença no número de dados, pois obtivemos um total de 195 ocorrências de verbos em séries com todas as marcas de concordância e um total de 1444 de verbos em séries sem marcas de concordância. De acordo com esta distribuição dos dados, chegamos a supor que na amostra estudada estaria havendo uma *tendência ao desaparecimento das séries com marcas* e, juntamente com isso, que estaria havendo mudança em relação ao uso do pronome *tu* acompanhado de verbos não-marcados. Tal suposição mostrou-se verdadeira em Chapecó, Flores da Cunha, Panambi e São Borja, locais em que não encontramos ocorrências de séries com todas as marcas de concordância. No entanto, tal suposição não se confirmou em Florianópolis e no Ribeirão da Ilha, locais em que a flexão canônica de segunda pessoa é recorrente.

Portanto, vimos pelos resultados que os contextos lingüísticos que mais propiciaram o uso da flexão canônica de segunda pessoa foram, principalmente, a *ausência de pronome*, o *discurso para o entrevistador*, as *explicações*, os *verbos cuja flexão é a mais saliente (-stel/-sse)* e os *casos mistos*.

Por sua vez, os dados apontaram que os contextos lingüísticos que favoreceram a ausência de flexão canônica foram, principalmente, a *presença do pronome tu*, os *marcadores discursivos*, as *receitas* e os *verbos conjugados no modo subjuntivo e imperativo*.

Assim, no que concerne ao presente estudo, tínhamos como objetivos principais investigar o comportamento de duas regras variáveis: a alternância *tu/você* e a concordância com o *tu*.

Em relação à primeira regra variável, buscávamos responder, entre outras coisas, à corrente afirmação de que “o pronome *você* substituiu/ está substituindo o *tu* no **PB**”.

Neste sentido, os dados apontaram que o uso de *você* é maciço em Lages e, em menor proporção, em Blumenau. De forma geral, quanto à distribuição dos pronomes *tu/você*, conforme se pode conferir no Gráfico 4 e ao longo deste trabalho, encontramos um predomínio do uso de *você* no Paraná; uma ocorrência maior de *tu* no Rio Grande do Sul e uma distribuição bastante heterogênea em Santa Catarina, com Lages apresentando uso majoritário de *você*, seguida por Blumenau. Em Chapecó encontramos um equilíbrio no uso dos dois pronomes, mas com pesos relativos bastante elevados de uso de *tu*. Já nas localidades do litoral de SC (Florianópolis e Ribeirão) encontramos uso majoritário da flexão canônica de segunda pessoa.

Salientamos que os resultados do Rio Grande do Sul e Paraná encontram respaldo também nos dados do ALERS (Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil), conforme ALTENHOFEN (2002). Já para Santa Catarina os dados das cartas informais do ALERS apontam para um alto índice de *tratamento zero*, seguido pelos pronomes *tu* e, em menor escala, *você* (cf. cartas informais do ALERS, 2002).

Quanto à nossa segunda regra variável, tencionávamos descrever e analisar se estaria se dando ou não a manutenção do *tu* na linguagem falada do Sul. Para essa segunda regra, os dados apontaram que a manutenção do *tu* está se processando de duas maneiras. Temos, por um lado, o uso de *tu* + forma verbal não-marcada nas quatro cidades do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja – e em Chapecó, Santa Catarina. Inclusive tal uso parece caracterizar-se (juntamente com o consumo do chimarrão, do culto aos CTGs e do churrasco à gaúcha) como marca de identidade gaúcha e de valores regionais. Por outro lado, os dados indicaram que a manutenção do *tu* está se dando também através do uso da forma verbal canônica de segunda pessoa em Florianópolis e Ribeirão da Ilha, principalmente. Além disso, tal flexão (juntamente com a flexão canônica modificada do pretérito perfeito *-sse*) parece caracterizar-se como uma das marcas lingüísticas de identificação do ilhéu.

Vimos, assim, que na maioria das localidades analisadas neste trabalho o pronome *tu* permanece sendo uma forma bastante produtiva na linguagem oral. Logo, as freqüentes generalizações de que “o pronome *você* substituiu/ está substituindo o *tu* no **PB**” deveriam

ser revistas, uma vez que não é isso que os dados reais estão mostrando, haja vista que todas as localidades por nós analisadas também compõem o **PB**. Além disso, conforme destacamos na Revisão da Literatura, tão problemático quanto esse tipo de generalização é apresentar o paradigma pronominal (como fazem as GTs e a maioria dos livros didáticos de português e de português para estrangeiros) como se só existisse o pronome *tu* para tratar o interlocutor. Assim, defendemos que tais posturas precisam dar lugar a uma reflexão lingüística mais coerente com a realidade de uso pelos falantes e, nesse sentido, temos de admitir e propagar, primeiramente, que existem no PB duas formas para tratar informalmente o interlocutor: *os pronomes de segunda pessoa tu e você*. Arelado a isso, precisamos descrever e explicar devidamente a distribuição dialetal de uso desses pronomes, bem como em que locais se usa somente o pronome *você*.

Por fim, este trabalho possui algumas **limitações** motivadas, principalmente, pela abrangência dos fenômenos estudados e pelo vasto número de informantes e de localidades que procuramos descrever. Dessa forma, gostaríamos de destacar que devemos – em um estudo posterior – efetuar uma **análise mais detalhada do discurso relatado**, para verificar quem é o interlocutor e tentar diferenciar que tipo de relações o falante mantém com a pessoa de quem o discurso está sendo relatado, inclusive com possível controle do discurso relatado e do pensamento relatado, nos moldes defendidos por AMARAL (2002:55). Além disso, uma **análise à parte e mais detalhada da variável tempo verbal** seria necessária, uma vez que deveria ser efetuado um detalhamento maior de todos os tempos e modos verbais, como por exemplo, do *imperativo*, separando inclusive os contextos de acordo com a situação de interlocução; bem como que se efetuasse um controle maior da *saliência fônica* da terminação verbal para tentar verificar o comportamento dos verbos menos salientes (-s) e dos com saliência intermediária (-es). Seria necessária, também, uma análise mais pormenorizada das variáveis **gênero de discurso e determinação do referente**, para se controlar melhor os possíveis contextos de entrada do *você* e, finalmente, seria necessário aplicar um **questionário de atitudes** (cf. RAMOS, 1989), para se checar o *status* dos pronomes *tu* e *você* nas localidades incluídas na amostra.

Por outro lado, gostaríamos de deixar também sugestões para outros possíveis trabalhos que possam vir a ser desenvolvidos como, por exemplo, analisar o *percurso de gramaticalização do pronome você/ocê/cê*, bem como do pronome *vocês/ocês/cêis* na amostra VARSUL, fazendo inclusive audição das entrevistas para detectar todas as variações de pronúncias encontradas. Apontamos também, ao longo deste trabalho, que seja efetuada uma *análise na comunidade do Ribeirão da Ilha* e no Sertão do Ribeirão, *nos moldes efetuados por Labov em Martha's Vineyard*, para verificar a identificação dos nativos com a ilha. Sugerimos também que seja feita uma *análise com informantes de Florianópolis e do Ribeirão da Ilha* para tentar flagrar se a *flexão canônica modificada do pretérito perfeito (-sse)* não estaria se manifestando também na escrita dos nativos dessas localidades.

Dessa forma, conforme destacamos acima e ao longo deste trabalho, muitos aspectos ainda precisam ser revistos e outros tantos analisados para que se tenha uma descrição mais abrangente do uso dos pronomes de segunda pessoa no português falado na região Sul. Naturalmente, não era nossa intenção apresentar um trabalho isento de limitações. No entanto, esperamos que o presente trabalho possa dar sua parcela de contribuição para que se tenha um melhor entendimento acerca da distribuição dos pronomes *tu/você*, bem como da concordância verbal com o pronome *tu* em uso na região Sul do Brasil. Esperamos ainda que, a exemplo do trabalho desenvolvido em 1996, este também possa inspirar o desenvolvimento de pesquisas similares no Sul e, quiçá, em outras regiões do país, especialmente no Norte e Nordeste.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maria Teresa dos Santos. *Formas de tratamento: dialeto oral e urbano de Curitiba*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 1987.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1985.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas lingüísticas do português falado no Sul do Brasil: um balanço das fotografias geolingüísticas do ALERS. In: VANDRESEN, Paulino (org.). *Variação e mudança no português falado na região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 115-145.

AMARAL, Luís. A importância de variáveis estilístico-discursivas para as análises de fenômenos lingüísticos variáveis. In: VANDRESEN, Paulino (org.). *Variação e mudança no português falado na região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 47-68.

_____. *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações lingüísticas e sociais*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

ATLAS Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil: Cartas fonéticas e morfossintáticas. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes, 1995.

BICKERTON, Derek. *Dynamics of a creole system*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.

_____. On the supposed “gradualness” of creole development. In: *Journal of pidgin and creole languages* 6 (1). 25-58, 1991.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Formas de tratamento e estruturas sociais. *Alfa*, Marília, 18(19): 339-381, 1972/73.

BRESCANCINI, Cláudia. *A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português falado em três regiões de influência açoriana no município de Florianópolis*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 2003.

CASTILHO, Ataliba T. Gramaticalização. In: *Cadernos de estudos lingüísticos e literários*. Salvador: UFBA, 1997. p. 25-63.

CEDERGREN, Henrietta J. & SANKOFF, David. Variable rules: performance as a statistical reflection of competence, *Language*, LSA, 50: 333-55, 1974.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

CERQUEIRA, Vicente. A forma genitiva “dele” e a categoria de concordância (AGR) no português brasileiro. In: ROBERTS, I. & KATO, M. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

CINTRA, Luís F. Lindley. *Sobre formas de tratamento na língua portuguesa*. Lisboa: Horizonte, 1972.

COULTHARD, Malcolm. *Linguagem e sexo*. São Paulo: Ática, 1991.

CRETTELA JÚNIOR, José. *Latim para o ginásio*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno. In: ROBERTS, I. & KATO, M. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

DUBOIS, Jean et alii. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1991.

FARACO, Carlos Alberto. *The imperative sentence in Portuguese: a semantic and historical discussion*. Tese de Doutorado. University of Salford, 1982.

_____. O tratamento *você* em português: uma abordagem histórica. *Revista Fragmenta*, Curitiba, nº 13, 1996. p. 51-82.

FREITAS, Judith & SILVA, Alba. *tu e você na escola*. Atas (do) I Simpósio sobre a Diversidade Lingüística no Brasil. Salvador, Instituto de Letras da UFBA, 1986.

FURLAN, Oswaldo Antônio. *Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1989.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, João Wanderley (org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2002.

GIVÓN, T. *Syntax*, v. II. Amsterdam/ Philadelphia: J. Benjamins, 1990.

GODOY, Maria Alice Maschio de. *A indeterminação do sujeito no interior paranaense: uma abordagem sociolingüística*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, 1999.

GOULART, José Alípio. *Tropas e tropeiros na formação do Brasil*. São Paulo: Conquista, 1961.

GUIMARÃES, Ana Maria Mattos. *A ocorrência de 2ª pessoa: estudo comparativo sobre o uso de tu e você na linguagem escrita*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1979.

GUY, Gregory. Variation in the group and the individual: the case of final stop deletion. In: LABOV, W. *Locating language in time and space*. New York: Academic, 1980.

HAIMAN, J. Iconic and economic motivation. *Language*, 59, 781-819, 1983.

HAUSEN, Telma. *Concordância verbal do pronome tu no interior do estado de Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, 2000.

HEIN, Ronny. Campos Gerais. Na terra dos tropeiros. In: *Os caminhos da terra*. Curitiba, nº 3, março 1993.

INFANTE, Ulisses. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo: Scipione, 1996.

ILARI, R., FRANCHI, C & MOURA NEVES, M. H. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. In: CASTILHO, A. & BASÍLIO, M. (orgs.) *Gramática do português falado*. Vol. IV, 1996.

JESPERSEN, Otto. *The philosophy of grammar*. Londres: G. Allen & Unwin, 1924.

KNIES, Clarice & COSTA, Iara Bemquerer. *Manual do usuário – banco de dados lingüísticos VARSUL*, 1995. (Mimeo).

KURY, Adriano da Gama. *Pequena gramática*. Rio de Janeiro: Agir, 1964.

LABOV, William. The social motivation of sound change. *Word*, 19:273-307, 1963.

_____. *The social stratification of English in New York City*. Washington DC: Center of Applied Linguistics, 1966.

_____. The reflection of social processes in linguistic structures. In: FISHMAN, Joshua (ed.). *Readings in the Sociology of Language*. The Hague: Mouton, 1968.

_____. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.

_____. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972b.

_____. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. *Language Variation and Change*, Cambridge, 1991.

_____. *Principles of linguistic change*. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

LEMLE, Miriam & NARO, Anthony Julius. *Competências básicas do português*. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e Fundação Ford. Rio de Janeiro, 1977.

LIRA, Solange de Azambuja. *Nominal, pronominal and zero subject in Brazilian Portuguese*. University of Pennsylvania, Ph.D. Dissertation, 1982.

_____. O sujeito pronominal no português falado e escrito. *Revista Ilha do Desterro*, Florianópolis, nº 20, 1988. p.31-43.

LOREGIAN, Loremi. *Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1978.

MATOS, Gregório de. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Record, 1990.

MATTOSO CÂMARA JÚNIOR, Joaquim. *Dicionário de filologia e gramática*. São Paulo: Ozon, 1968.

_____. Ele como um acusativo no português do Brasil. *Dispersos*. Rio de Janeiro: FGV, 1972.

_____. *História e estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

_____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1998.

MEDEIROS, Luis de Abreu. *Curiosidades Brasileiras*. São Paulo: Conquista, 1865.

MEILLET, Antoine. L'Evolution des Formes Grammaticales. In: *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1921 [1912].

MENON, Odete Pereira da Silva. *Em torno do pronome*. Tradução da monografia apresentada como parte da avaliação da U.V. (disciplina) Histoire de l'Epistémologie et des Théories Linguistiques, Université Paris 7, D.E.A. de Linguistique Théorique et Formelle, 1989.

_____. O sistema pronominal do Brasil. *Revista Letras*, Curitiba, nº 44, 1995. p. 91-106.

_____. *Analyse sociolinguistique de l' indetermination du sujet dans le portugais parlé au Brésil, a partir des données du NURC/SP*. Tese de Doutorado. Université de Paris VII, 1994.

_____. Pronome de segunda pessoa no Sul do Brasil: *tu/você/o senhor* em Vinhas da Ira. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.35, n.1, 2000. p.121-163.

MENON, Odete P.S. & LOREGIAN-PENKAL, Loremi. Variação no indivíduo e na comunidade: *tu/você* no Sul do Brasil. In: VANDRESEN, Paulino (org.). *Variação e mudança no português falado na região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002. p.147-192.

MONTEIRO, José Lemos. *Pronomes pessoais*. João Pessoa: Edições UFC, 1994.

MONTEIRO, José Lemos. O sistema pronominal na região Nordeste. *Anais do XI Encontro Nacional da ANPOLL*. João Pessoa: ANPOLL, 1996. p.513-515.

NARO, Anthony Julius. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*, 57(1):63-98, 1981.

_____. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.). *Introdução à sociolinguística variacionista*. UFRJ: Cadernos Didáticos, 1992.

_____. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (Orgs). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

NASCENTES, Antenor. O tratamento de “você” no Brasil. *Revista Letras*, Curitiba, nº 5, 1956. p. 114-122.

NEVES, Maria Helena Moura. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. SP: Editora da UNESP, 2002.

OLIVEIRA, Marco Antônio. Algumas notas sobre o conceito de variável linguística e sua dimensão nas descrições gramaticais. *Boletim da ABRALIN*, n.º 8, 1986.

PAREDES DA SILVA, Vera Lúcia. *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.

PINTO, I. & FIORET, M. T. *Tutorial para o pacote VARBRUL*. 1992. (Mimeo).

PINTZUK, Susan. *VARBRUL programs*. University of Michigan. 57 fl. (Mimeo).

POPLACK, Shana. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, William. (eds.) *Locating language in time and space*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1980.

POSSENTI, Sírio. Duas notas sobre pronomes. Artigo publicado *on line* em: www.primapagina.com.br, 2002.

RAMOS, Jânia. O uso das formas *você, ocê* e *cê* no dialeto mineiro. In: HORA, Dermeval (org). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997.

RAMOS, Myriam Pereira Botelho. *Formas de tratamento no falar de Florianópolis*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 1989.

ROBERTS, Ian & KATO, Mary. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

ROBINS, R. H. *Pequena história da linguística*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

ROST, Cláudia Andrea. *Olha e veja: multifuncionalidade e variação*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

ROUSSEAU, Pascale & SANKOFF, David. Advances in variable rule methodology. In SANKOFF, David (ed.). *Linguistic variation: models and methods*. New York, Academic Press, 1978. p.57-68.

SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa gramática: teoria e prática*. São Paulo: Atual, 1986.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

SANKOFF, David. Variable rules. In: AMMON, U.; DITTMAR, N. & MATTHEIER, K. (eds.) *Sociolinguistics - an international handbook of the science of language and society*. New York: Walter de Gruyter, 1988a.

_____. Sociolinguistics and syntactic variation. In: Newmeyer, F. J. (Ed.) *Linguistics: the Cambridge survey*. Volume IV. New York, Cambridge University Press, 1988b.

SANTOS LUZ, Marilina dos. Formas de tratamento. *Revista Portuguesa de Filologia*, Lisboa, vol. VII, tomos I e II, 1956: 251-363.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.

_____. A concordância de número nos predicativos e nos participios passivos. *Organon*, Porto Alegre, n.18, p.52-70, 1991.

_____. Levantamento, codificação, digitação e quantificação de dados. In: MOLLICA, Maria Cecília. (Org.). *Introdução à sociolingüística variacionista*. Cadernos Didáticos, UFRJ, 1992.

_____. *Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores*. Brasília, 1993. Mimeo.

_____. Pressupostos teóricos e suporte quantitativo. In: SILVA, G. M. & SCHERRE, M. M. P. (orgs.). *Padrões Sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____. Paralelismo lingüístico. In: *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte. n.2, v.7, p. 29-59, 1998.

SCHERRE, M. M. P. & NARO, A. J. Duas dimensões do paralelismo verbal no português popular do Brasil. *Delta*. São Paulo, 9 (1): 1 - 14, 1993.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. *Histórias do cotidiano paranaense*. Curitiba: Letra Viva. 1996.

- SILVA, G. M. & PAIVA, M. C. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: SILVA, G. M. & SCHERRE, M. M. P. (orgs.). *Padrões Sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- SOARES, Izabel Cristina & LEAL, Maria da Graça. Do *senhor* ao *tu*: uma conjugação em mudança. *Moara - Revista do Curso de Mestrado*, Belém, 1:27-64, 1993.
- TRAUGOTT, Elizabeth & HEINE, Bernd (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/ Philadelphia: J. Benjamins (Publishing Company), 1991.
- TRUDGILL, Peter. *Sociolinguistics: an introduction*. Great Britain: Penguin Books, 1979.
- TRINDADE, Jaelson Bitran. *Tropeiros*. São Paulo: Editoração Publicações, 1992.
- VITRAL, Lourenço. A forma *cê* e a noção de gramaticalização. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte. n.4, v.1, 1996. p. 115-124.
- VOTRE, Sebastião J. *Lingüística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro, 1992. (Mimeo).
- ZILLES, Ana Maria & FARACO, Carlos Alberto. Considerações sobre o discurso reportado em *corpus* de língua oral. In: VANDRESEN, Paulino (org.). *Variação e mudança no português falado da região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002.

ANEXOS

1. CODIFICAÇÃO UTILIZADA PARA OS GRUPOS DE FATORES

1.1. Tipo de interlocução: dirfmg/

- d) Discurso para o entrevistador (DE)
- i) Discurso para o interveniente (DI)
- r) Discurso relatado de terceira pessoa (DR3)
- f) Discurso relatado do próprio falante (DRF)
- m) Marcador discursivo
- k) Marcador discursivo relatado do DR3
- g) Marcador discursivo relatado do DRF
- / Não se aplica

1.2. *Determinação do discurso: di/*

- d) Determinado
- i) Indeterminado
- / Não se aplica

1.3. *Gênero de discurso: naer/*

- n) Narrativo
- a) Argumentativo
- e) Explicações
- r) Receitas
- / Não se aplica

1.4. *Explicitação do pronome: cs/*

- c) Com pronome explícito
- s) Sem pronome explícito
- / Pronome não recuperável

1.5. *Alternância de pronomes: to/*

- t) Pronome *tu* usado anteriormente ao *você* no mesmo período
- o) Pronome *você* usado anteriormente ao *tu* no mesmo período
- / Não se aplica

1.6. *Tempo verbal: apbsrfeimuc/*

- a) presente do indicativo
- p) pretérito perfeito do indicativo
- b) pretérito imperfeito do indicativo
- s) pretérito imperfeito do subjuntivo
- r) infinitivo pessoal
- f) futuro do subjuntivo
- e) presente do subjuntivo
- i) imperativo
- m) imperativo mitigado
- u) futuro do presente
- c) futuro do pretérito
- / marcador discursivo

1.7. *Paralelismo formal no nível discursivo: 12345*

- 1) primeiro de uma série
- 2) verbo de uma seqüência com todas as marcas de concordância
- 3) verbo de uma seqüência sem marcas de concordância
- 4) casos mistos
- 5) verbo em construção isolada

1.8. *Localidade/ Etnia: rpfasmHBG*

- r) Florianópolis
- p) Porto Alegre
- f) Flores da Cunha
- a) Panambi
- s) São Borja

- m) Ribeirão da Ilha
- H) Chapecó
- B) Blumenau
- G) Lages

1.9. *Faixa etária:* ab

- a) 25 a 49 anos
- b) mais de 50 anos

1.10. *Grau de escolaridade:* pgc

- p) primário (1º e 2º ciclos)
- g) ginásio (3º e 4º ciclos)
- c) colegial (Ensino Médio)

1.11 - *Sexo:* mf

- m) masculino
- f) feminino

1.12 . *Informantes:* abcdefghijklmnopqrstuvxz

- | | | |
|-------|-------|-------|
| a) 01 | i) 09 | q) 17 |
| b) 02 | j) 10 | r) 18 |
| c) 03 | k) 11 | s) 19 |
| d) 04 | l) 12 | t) 20 |
| e) 05 | m) 13 | u) 21 |
| f) 06 | n) 14 | v) 22 |
| g) 07 | o) 15 | x) 23 |
| h) 08 | p) 16 | z) 24 |

2. CARACTERÍSTICAS DAS CIDADES QUE COMPÕEM A AMOSTRA

2.1. Localidades do Rio Grande do Sul

- *Porto Alegre* - o primeiro nome dado à região atualmente ocupada por Porto Alegre foi o de Porto de Viamão, ainda no século XVIII. Nessa época, ainda não havia um núcleo urbano, e os estancieiros da região usavam o Guaíba como meio de comunicação com o Rio Grande e o Rio Pardo. A região, conhecida como campos de Viamão, ainda era um distrito de Laguna (na atual Santa Catarina). O porto, por decorrência, era o Porto de Viamão.

Em 1740, entretanto, o porto passaria a ter outro nome. A área onde está a atual Porto Alegre foi concedida como sesmaria a Jerônimo de Ornelas Meneses de Vasconcelos, português nascido na ilha da Madeira. E o Porto passou a ser conhecido como Porto do Dorneles.

Em 1752 começaram a chegar ao Rio Grande do Sul os primeiros casais vindos das ilhas dos Açores. O governo português pretendia, ao incentivar a imigração desses casais, resolver dois problemas. O primeiro era o das ilhas dos Açores – que estavam superpovoadas. O segundo era o da ocupação do solo na extremidade sul do território brasileiro, uma zona considerada vital por se tratar do ponto de encontro entre os domínios portugueses e espanhóis na América do Sul.

Inicialmente foram acomodados na região do Porto do Dorneles sessenta casais. E esse núcleo de população, que deu origem a Porto Alegre, passou a servir como uma espécie de ponto de apoio para os novos casais imigrantes que chegavam e seguiam para outras partes do Rio Grande. Em função dos casais, o Porto que era do Dorneles virou Porto dos Casais.

Em 1763, uma guerra traria sua grande chance de crescimento. Os espanhóis invadiram a vila de Rio Grande, então capital do Rio Grande. E a sede da capital foi transferida para Viamão, perto do Porto dos Casais.

Dez anos depois, com o desenvolvimento do Porto e devido a sua posição estratégica nas margens do Guaíba, o então governador da Província, José Marcelino de Figueiredo, decidiu transferir a capital de Viamão para o Porto dos Casais. E, simultaneamente, mudou o nome de Porto dos Casais para Porto Alegre.

• *Flores da Cunha* - localizada na região da Serra Gaúcha, Flores da Cunha localiza-se a 150 km de Porto Alegre.

A cidade foi formada a partir da imigração italiana, oriunda principalmente das regiões de Cremona, Pádua e Mântua, a partir de 1877. As colônias foram demarcadas pelo carioca Diogo de Souza. Os primeiros núcleos receberam o nome de São José e São Pedro. Posteriormente o povoamento de São José deslocou-se para São Pedro e esse povoado passou a denominar-se Nova Trento, em homenagem à região de Trento, na Itália. No entanto, em 1939 essa denominação foi alterada, por decreto municipal, para Flores da Cunha, em homenagem ao político que desempenhou importante papel na história do Rio Grande do Sul.

As principais atividades econômicas de Flores da Cunha são a agricultura, com produção de uva, maçã e tomate; a avicultura; a indústria de móveis, bebidas e vestuário e a exploração de madeira.

• *Panambi* - o Município de Panambi situa-se no planalto Rio-Grandense, caracterizado pelos campos serranos; localiza-se a 380 km de Porto Alegre. Sua altitude é de 480m acima do nível do mar. As terras que hoje integram o município de Panambi pertenciam, antigamente, ao município de Cruz Alta. Panambi é banhada pelos rios Palmeira, Fiúza e Caxambu e seus limites são: ao Norte Condor; ao Leste e Sudoeste Santa Bárbara do Sul; ao Sul Pejuçara e Oeste e Noroeste Ijuí e Ajuricaba. Em direção Norte-Sul é ligado pela BR-158, em sentido Leste-Oeste, pela BR-285.

O nome Panambi em língua indígena quer dizer *vale das mariposas azuis*. Para que fosse considerado o nome oficial do município, a história teve de remover os nomes

“Neu-Württemberg”, Pindorama (Terra das Palmeiras) e Elsenau (nome advindo de Else, esposa do colonizador Hermann Meyer). Panambi nasceu de uma colonização puramente alemã, a colonização chamada de “Neu Württemberg”. Em expedição realizada ao Mato Grosso, o alemão Hermann Meyer tomou conhecimento da existência de terras férteis no Rio Grande do Sul e, para promover os trabalhos de colonização, mantinha no local um administrador remunerado.

A colonização visava imigrantes vindos de Württemberg, Alemanha. Contudo, sabe-se que a grande ocupação posterior foi feita por famílias vindas das “Antigas Colônias” da região de Estrela e Santa Cruz. As atividades econômicas principais de Panambi compreendem: a agricultura; a indústria mecânica, metalúrgica e de material elétrico; mobiliário, comércio e serviços.

- *São Borja* - Localizado na região de fronteira, o município de São Borja situa-se à margem esquerda do rio Uruguai e limita-se ao norte e oeste com a Argentina. Com uma extensão territorial de 4.361,97 km² e distante 621 km da capital, Porto Alegre, São Borja foi povoada inicialmente por índios guarani e foi colonizada por portugueses e espanhóis, que disputaram sua posse durante anos.

Expulsos os jesuítas das missões orientais a elas retornam em 1639. Nessa segunda fase de atividades é que fundam o povoado de São Francisco de Borja que, abrigando a população indígena das regiões situadas entre o Icamaguã e o Butuí, bem como o da margem Argentina, chegou a possuir, quase 4000 habitantes. Não tardou porém, que acontecimentos vários viessem interromper tal prosperidade.

São Borja, não constituiu exceção no quadro geral de completa anarquia que passou a imperar em toda região missioneira, e, em 1827, sua população já decrescera bastante. Nessa época foi designado um Comandante Geral das Missões. Foi durante essa comandância que surgiram as primeiras sesmarias em São Borja.

Os primeiros comandantes gerais exerceram suas funções em São Miguel, São Nicolau, São Luiz e só posteriormente em São Borja. No entanto, cada dia mais se evidenciava que urgia integrar efetivamente a vasta área das Missões, quase a metade do atual Rio Grande, bem como dar às novas fronteiras uma mais eficiente proteção. Tudo

isso talvez tenha levado, em 1833, o Presidente da Província em conselho a criar a Comarca das Missões, da qual um dos termos sediava-se em São Borja.

Para instalação do referido termo de comarca foi o povoado, nesse mesmo ano e por decisão do mesmo Presidente da Província em Conselho, elevado à vila. Sua história continuaria, entretanto, conturbada por repetidas lutas já que, por sua própria situação geográfica, participara ativamente de todas as contendas com os países vizinhos. Apesar de tudo, porém, São Borja prosperou graças principalmente a pecuária que constitui até hoje a base de sua economia.

2.2. Localidades de Santa Catarina

- *Florianópolis* - Os primeiros habitantes da Ilha de Santa Catarina foram os Tupis-Guaranis que, divididos em várias tribos e aldeias, ocuparam a maior parte da área litorânea e foram chamados de Carijós pelos europeus que aqui chegaram.

Os primeiros colonizadores a se instalarem em Florianópolis foram desertores de algumas expedições marítimas. Entretanto, a fundação da cidade propriamente dita só foi ocorrer a partir de 1675. Foi neste ano que chegou à ilha o bandeirante Francisco Dias Velho, que além de impulsionar o surgimento da cidade, acabou tendo um fim trágico. Com Dias Velho vieram sua esposa, três filhas, dois filhos, outra família agregada, dois padres da Companhia de Jesus e mais 500 índios domesticados.

O bandeirante natural de Santos (SP) é descrito por alguns historiadores como um impiedoso caçador de índios, mas o maior traço de sua personalidade era a coragem de desbravador em uma terra cobiçada por piratas de várias nacionalidades. O fundador já trazia informações sobre a existência de um pequeno comércio realizado no local onde seria instalada a cidade e sobre o espírito pacífico dos índios. O primeiro passo foi a construção de uma pequena igreja onde hoje está a Catedral de Florianópolis, contando

com a proteção de Santa Catarina. Em seguida foi escolhida a melhor região para a vila, começando a construção de casas e iniciando-se o plantio de novas culturas.

Depois da morte de Dias Velho, a Ilha permaneceu abandonada por alguns anos. Mas a necessidade de povoamento da região, para garantia de seu domínio, era uma preocupação dos portugueses. Até então Florianópolis não passava de um povoado de 27 casas. O nome da localidade era Nossa Senhora do Desterro, a elevação à condição de freguesia aconteceu em 1714 e à categoria de vila em 1726. Nessa época, alguns paulistas tiveram autorização para ocupar o estado. Contudo, na Ilha, a preocupação permanecia insignificante. Esse quadro só foi se alterar substancialmente cerca de 20 anos mais tarde, com a chegada dos colonizadores açorianos.

A Coroa Portuguesa criou a Capitania Subalterna de Santa Catarina em 1738, passando sua vinculação de São Paulo para o Rio de Janeiro. Mas foi no período compreendido entre 1747 e 1756 que a ocupação da Ilha realmente tomou impulso. Os constantes abalos sísmicos em suas ilhas no Arquipélago dos Açores, em Portugal, e também a superpopulação, serviram de estímulo para que cerca de cinco mil imigrantes açorianos decidissem colonizar a Ilha e o litoral catarinense.

Os primeiros imigrantes a desembarcar instalaram-se na rua próxima à Igreja, que hoje é denominada Rua dos Ilhéus em sua homenagem. Aos poucos foram sendo criadas as primeiras freguesias, como a de Nossa Senhora do Rosário da Enseada do Brito, esta localizada no continente, frente ao sul da Ilha.

- *Chapecó* - Situada no extremo Oeste de Santa Catarina e a 640 km de Florianópolis, foi selecionada para compor o banco de dados VARSUL devido à sua representatividade no Estado em termos da maciça etnia italiana. Iremos destacar abaixo, com base em registros encontrados em anais do município, alguns aspectos históricos:

Em 1661 o território foi alcançado por um grupo de bandeirantes cujo objetivo era chegar ao estado vizinho, o Rio Grande do Sul, distante de Chapecó apenas 21 km, o que só foi possível após intensas lutas com os nativos – índios da tribo kaingang. Nessa época Chapecó tinha uma extensão territorial de 14.071 km², dos quais posteriormente foram

desmembrados 33 municípios. Devido a quantidade de nativos, até 1922 a cidade era conhecida como Passo dos Índios.

Em 1720 chegou ao rio Chapecó o bandeirante Zacarias Dias Cortez, considerado o “desbravador do Oeste” e em sua homenagem, inclusive, foi erguido um monumento na praça central da cidade, hoje marco histórico de Chapecó, construído em sucata pelo renomado artista plástico Paulo de Siqueira.

Chapecó foi oficialmente fundada em 1917, após o término da Guerra do Contestado, quando a questão dos limites entre Paraná e Santa Catarina foi resolvida. O município teve inicialmente a sua economia pautada na extração de madeira, principalmente o pinheiro araucária, feita pelos migrantes do Rio Grande do Sul que conduziam as toras através de balsas pelo rio Uruguai até a Argentina e Uruguai.

Após o ciclo de extração da madeira, os madeireiros abandonaram as terras, vendendo-as por preços baixos à Empresa de Colonização Bertaso, Maia & Cia que, para efetivar a colonização, atraiu, para comprar seus lotes, agricultores vindos de antigas colônias italianas do Rio Grande do Sul. Para conseguir seu intento, as dificuldades da empresa colonizadora não foram poucas, devido a absoluta falta de estradas na região, o único meio de transporte era andar em animais de montaria, assim como a falta de procura dessas terras por ser considerado “um sertão virgem e perigoso para morar”. Em vista disso, a empresa atravessou diversas fases de crise financeira.

Aos poucos o fluxo migratório do Rio Grande do Sul foi muito grande na região. Tanto que, mesmo com um crescimento acentuado e com a vinda de novos habitantes de diferentes etnias, Chapecó ainda prima pela manutenção de suas raízes italianas, através de suas organizações culturais e incentivo ao ensino da língua italiana nas escolas.

Hoje a extensão territorial de Chapecó é de 990 km² e é considerada a “capital do oeste” e também “celeiro do estado”, devido a sua importância regional e a sua abundante produção, sobretudo na agropecuária e na agro indústria.

• *Blumenau* - de acordo com os anais da Prefeitura Municipal de Blumenau, a colonização desta cidade começou em 1850, quando o filósofo alemão Hermann Bruno Otto Blumenau obteve do governo provincial uma área de terras de duas léguas, em quadro, para nela estabelecer uma colônia agrícola, com imigrantes europeus.

Toda a região era habitada por silvícolas das tribos Kaigangs, Xoklengs e Botocudos, que durante anos enfrentaram os brancos. Mesmo antes da fundação da Colônia Blumenau, já havia colonos estabelecidos na região de Belchior, à margem do ribeirão Garcia e margem esquerda do Rio Itajaí-Açú.

Em 02 de setembro de 1850 chegaram a Blumenau os primeiros colonos alemães, em número de 17. A esses imigrantes seguiram-se outras levas de alemães que, anualmente, atravessavam o atlântico em veleiros de companhias particulares e vinham aumentar o número de agricultores, povoados e cultivadores dos lotes medidos e demarcados ao longo do curso dos rios e ribeirões que banham o território da concessão.

A princípio, a Colônia manteve-se como propriedade particular do fundador. No entanto, o Dr. Blumenau como era conhecido entrou em dificuldades financeiras e conseguiu, em 1860, que o Governo Imperial encampasse o empreendimento. Entretanto, o fundador Blumenau foi conservado na direção da empresa e nela se manteve até quando a colônia foi elevada à categoria de Município, em 1880.

A Lei n.º 860, de 04 de fevereiro de 1880, elevou a colônia à categoria de Município. Entretanto, ocorreu, em outubro, uma grande enchente, que causou sérios prejuízos à população e à administração pública, com a destruição de pontes e estradas. Com isso, a instalação do Município só foi possível em 10 de janeiro de 1883, quando assumiu o exercício a Câmara municipal eleita no ano anterior. Em 1886, o município foi elevado a Comarca e, em 1928, sua sede passou à categoria de cidade. Em 1934 começaram os desmembramentos do território municipal, sendo criados sucessivamente novos municípios.

O antigo território do Município de Blumenau, que em 1934 compreendia uma área de 10.610 km², está hoje reduzido a 531 km². Desses desmembramentos resultaram 31 novos municípios.

- *Lages* - localizada a sudeste do estado, no planalto catarinense, Lages está situada a 405 km de Florianópolis. Os campos de Lages ficaram inicialmente sob a jurisdição do Rio Grande do Sul. Em 1766 o governador da província de São Paulo encarregou Antônio Correia Pinto de povoar a região. Em 20/06/1767 foi criada, então, a Freguesia Nossa Senhora dos Prazeres de Lages.

Em 1770 Lages foi elevada à categoria de vila pertencente à Capitania de São Paulo e anexada à Província de Santa Catarina. Foi elevada à categoria de cidade em 1860.

A população inicial de Lages é vicentista, do tempo dos holandeses. Com a criação das fazendas de gado e invernadas, cresce o comércio de tropas que vão do Campo dos Vacarias até São Paulo e Minas pelo Caminho do Gado. Outro caminho é aberto ligando Lages a Viamão, no Rio Grande do Sul, e a Desterro, em Santa Catarina, estabelecendo, assim, novas rotas para a venda de charque e tropas de gado.

Lages permaneceu por muito tempo sem comunicação com o litoral de Santa Catarina e contava apenas com uma precária comunicação com Curitiba. Com isso, sua população era escassa e contava apenas com fazendas de criação de gado. O desenvolvimento de Lages veio posteriormente a partir de grandes investimentos na área de papel e celulose. No entanto a criação de gado e a agricultura continuaram sendo as principais atividades econômicas da região.

- *Ribeirão da Ilha* - Bairro localizado ao sul da Ilha de Santa Catarina, o Ribeirão é a mais antiga e tradicional comunidade de Florianópolis. Seu conjunto arquitetônico colonial, no centro da freguesia, é um dos raros exemplares de valor histórico do litoral catarinense, evidenciando em seu casario a presença marcante do imigrante açoriano.

O Ribeirão da Ilha foi uma das primeiras comunidades do Estado de Santa Catarina e a primeira de Florianópolis a ser habitada, no século XVI, pelos índios Carijós. O nome dado à praia origina-se de um pequeno rio ou ribeira, situado no local (*ribeiracô em linguagem indígena*). Porém, a efetiva colonização do lugar aconteceu quando chegaram os primeiros imigrantes vindos do arquipélago dos Açores, entre 1748 e 1756.

O Ribeirão da Ilha é composto por várias praias pequenas, de águas calmas e areia grossa. É considerado um dos poucos lugares do litoral Sul do Brasil que conserva bem os traços da colonização portuguesa. Um passeio até a praia é uma volta aos costumes e cultura açorianos. Logo quando se chega, percebe-se os traços definidores desta cultura ainda preservados de forma original. As casas, em sua maioria, possuem paredes rosas com janelas amarelas ou brancas. Ou verde com azul. As cortinas também chamam a atenção, quase todas feitas de renda. Além disso, é comum a presença de mulheres debruçadas na janela, apreciando o movimento do lado de fora, ou proseando com alguma comadre que por ali passa. Enquanto isso, seus maridos, quase todos pescadores, puxam as redes na praia para trazer peixe fresco para casa.

"Andava com a faca, faca de prata
 prum lugar e outro;
 a guaiaca pra levar o dinheiro
 e levava camaradagem boa
 porque levava o dinheiro
 pra fazer as compras.
 Ê tempo que não vorta nunca mais!"
 (Luis Piedade, tropeiro de Itapetininga - SP)

.....
 "A tropa nadando...isso é lindo!
 Quando o cincerro começa a badalar,
 lá pelo meio do rio e a tropa vai sendo solta,
 você vê aquilo e vai que ó...
 você só ouve o bufo fú, fú, fú!...
 Mas é lindo! É lindo!"
 (Darcy Coelho de Oliveira, nascido em 1904. ex-tropeiro de Itapetininga - SP, 1989).

3. OS TROPEIROS¹¹⁵

Conforme alguns estudos já mostraram (por exemplo Ilari, Franchi & Moura Neves (1996); Loregian (1996); Menon (1996)), em São Paulo e Curitiba não há ocorrências do pronome *tu*. Em Lages Hausen (2000) e MENON & LOREGIAN-PENKAL (2002) registram emprego maciço do pronome *você*. Essas evidências nos fizeram acreditar, em consonância com Menon (2000:159-160), que no rastro dos tropeiros, além de outras influências lingüísticas, tenha sido propagado o uso do pronome *você*. Para tanto, decidimos fazer, na presente seção, um breve resgate histórico/social da saga dos tropeiros na rota Sorocaba - Viamão.

¹¹⁵Os tropeiros eram grupos de homens que transportavam regularmente manadas de gado – vacum, cavalari ou muar – do lugar de criação aos locais de consumo. Muar ou asinino são termos usados para se referir à mula – híbrido, resultado do acasalamento de jumento com égua, ou de cavalo com jumenta.

3.1. O CAMINHO DO SUL

Os autores consultados divergem quanto à data mais ou menos precisa da abertura da rota ligando os campos sulinos às demais regiões do Brasil-Colônia. Goulart (1961:45-46), por exemplo, relata que em 1727 o então governador da Capitania de São Paulo determinou a Francisco de Souza Faria que abrisse um caminho de terra unindo a Capitania de São Paulo aos Campos de Curitiba, por onde pudessem passar gado e cavalgadura. Neste mesmo ano Faria saiu de Conventos, no rio Araranguá, acompanhado de mais ou menos 70 homens e foi reopontar nos Campos de Curitiba, depois de quase dois anos de viagem.

O caminho aberto por Souza Faria foi posteriormente retificado por Cristóvão Pereira, a partir de 1738. Segundo Goulart (1961:46):

a Estrada de Conventos, aberta por Souza Faria, em 1728, ligando Araranguá a Laguna, e Laguna aos Campos de Lajes e Sorocaba, seria dentro em pouco abandonada. Maiores vantagens ofereceria, como sucedeu, o Caminho de Viamão que passava por Santo Antônio da Patrulha, São Francisco de Paula, Campos da Vacaria, Campos de Lajes, Campos Gerais¹¹⁶, Itararé, Sorocaba, onde se realizavam as célebres feiras de gado vacum e asinino.

Assim, de acordo com Goulart (1961), desde meados do século XVIII estava aberto o caminho ligando o extremo Sul ao Centro, encurtando a distância e abreviando as viagens entre os campos de criadores e os mercados de venda dos animais. Diz ele, também, que a abertura de tal caminho trouxe, como consequência, a decadência de Laguna, que perdeu sua posição de ponto de passagem obrigatória para a do Sul. No entanto, Curitiba e Sorocaba se tornaram lugares de convergência, advindo daí a prosperidade dessas localidades.

Já Trindade (1992: 30) afirma ter sido no final do século XVII que se deu a abertura da primeira rota regular ligando os campos sulinos às demais regiões do Brasil-Colônia, a rota consistia entre as vilas de Sorocaba e Curitiba, pertencentes à então

¹¹⁶Os Campos Gerais formavam a maior área campestre do Estado do Paraná, cuja localização ficava a nordeste do Estado e estendia-se desde o limite com o Estado de São Paulo, à oeste da cidade de Curitiba.

Capitania de São Paulo. Segundo ele, dos currais abertos nos campos de Curitiba marcharam as primeiras manadas de gado cavalari para São Paulo, Santos, Rio de Janeiro e Minas Gerais. No início, os próprios fazendeiros conduziam o gado para as fazendas que possuíam em São Paulo e arredores. Os tropeiros, como profissão, estavam apenas começando a surgir.

De qualquer forma, optamos por colocar neste resgate histórico as datas e informações que nos pareceram mais lógicas e que havia menção em mais de um autor consultado. Vamos voltar a elas, portanto.

Os animais dos campos de Curitiba não conseguiam suprir um mercado tão vasto e em contínuo crescimento. A solução para a crescente escassez de carnes e meios de transporte, despertadas pela descoberta de minas de ouro, veio para as campanhas próximas às colônias de Sacramento e para os campos do Rio Grande do Sul. Já em 1720 incrementou-se o comércio de gado em pé rumo ao norte, com vantagens como: prover de carnes, de montarias e de cargueiros – os muares – as Minas Gerais do Ouro e os principais núcleos urbanos das Capitanias do Sul (Rio de Janeiro, São Paulo e Santos), possibilitando, assim, a crescente exploração dos sertões interiores do Sudeste brasileiro e o avanço para o Centro-Oeste; por outro lado, a Coroa Portuguesa passaria a receber vantajosos direitos ou impostos sobre a exportação de animais do Sul para outras regiões.

Os autores pesquisados mencionam a data de 1732 como marco da consolidação do Caminho do Sul, com a passagem do primeiro comboio de animais e dos primeiros tropeiros. O grupo atinge Curitiba e continua a caminhada, dirigindo-se a São Paulo e, de lá, a Minas Gerais. Para os condutores das inúmeras tropas que desde então deixaram os Campos do Viamão, subindo a Serra Geral, esse era o caminho de São Paulo. Da região situada entre a vila de Sorocaba e a cidade de São Paulo abria-se um feixe de caminhos buscando os mais distantes lugares: as zonas mineradoras dos sertões e o "porto do ouro" – o Rio de Janeiro.

A maior parte dos quase 1500 quilômetros de caminho que, no século XVIII, separavam a Guarda do Viamão da vila de Sorocaba, atravessava áreas de campos, com farturas de pastagens e várias aguadas, o que propiciava o trânsito de tropas. Durante a

segunda metade do século XVIII e início do XIX, o aumento crescente da demanda de gado pelos centros consumidores do Sudoeste e do Centro-Oeste, além da correspondente ocupação do atual território do Rio Grande do Sul, provocaram a formação de novos estabelecimentos de criatório nos campos cortados pelo caminho e também surgiram diversos povoados.

De acordo com os autores consultados, o único trecho de difícil trajeto – inaugurado em 1732 e de passagem obrigatória por ser o único – era o do sertão de Lages: eram quase 300 quilômetros de matas desabitadas, rios e brejos a serem rompidos, ausência de pastagens e caminhos tão estreitos que os burros carregados não conseguiam passar. Esse quadro se modificou no século XIX em que o sertão de Lages, também conhecido como Estrada da Mata, foi sendo pouco a pouco melhorado, sobretudo no final da década de 1920 em diante, com o alargamento do leito e a retificação de alguns trechos.

O Caminho do Sul pouco se modificou no decorrer do tempo. A sucessão de campos existentes entre Sorocaba e o Rio Grande do Sul determinou o seu traçado. As denominações dadas aos rios e fazendas, pelos primeiros exploradores e povoadores, desde início do século XVIII, no que se refere ao trecho Sorocaba-Curitiba, serviram para orientar o sentido da marcha e os sítios preferenciais de pouso, tanto aos viajantes daqueles tempos, como aos derradeiros condutores de muladas que por ele transitaram até meados deste século. É possível demarcar o trajeto que permaneceu em uso por mais de 200 anos. Os antigos locais de pouso das tropas ou das barreiras de impostos ainda são identificáveis por guardarem, no todo ou em parte, os nomes tradicionais registrados nos documentos antigos ou nos depoimentos de ex-tropeiros.

3.2. VIDA DE TROPEIRO

Quando os portugueses colonos do Brasil passaram a levar regularmente, a partir de 1732, tropas de animais dos campos do Sul até Sorocaba, o designativo tropeiro, tão usado nas vacarias do Uruguai, logo se firmou para aqueles homens acostumados a escolher homens e animais, negociar preços, compor um grupo capaz de lidar com as

boiadas, cavalcadas e muladas e enfrentar as difíceis, perigosas e demoradas marchas pelo Caminho do Sul, partindo dos Campos do Viamão em direção norte.

As tropas de mulas eram compostas de 400 a 900 cabeças, às vezes mais. O número de homens empregados nesse serviço variava conforme o tamanho da tropa, mas a média era entre 7 e 15 cavaleiros. Até o século XIX a dificuldade em obter alimentos nos grandes trechos desertos obrigava os tropeiros a andarem armados e a levarem muitos mantimentos: cada tropa dispunha de três a cinco cargueiros. Para revezar na estrada, levavam umas 40 ou 60 mulas de montaria.

Junto com as tropas seguia a figura do tropeiro, acompanhado de seus índios e negros escravos. Depois do trabalho, todos se reuniam para comer e esperar a noite chegar. Então, a música da viola e da sanfona fazia o fundo para as histórias e os causos que eram contados por um e outro. Uma viagem podia durar meses e o tropeiro tinha um só objetivo - chegar ao seu destino com a tropa intacta.

Para ser respeitado, um tropeiro precisava ser um bom arribador, isto é, ser hábil em encontrar reses perdidas e trazê-las de volta ao rebanho. Mas, e isso nos interessa sobremaneira, muito mais que uma presença física, os tropeiros iam deixando fragmentos de cultura: pequenos povoados, modos de falar, costumes, sentimentos... Eles serviam de correios, prestavam primeiros socorros médicos, aceitavam encomendas e faziam às vezes de jornalistas.

Os tropeiros chegavam ao Rio Grande em agosto e setembro, pois faziam suas compras no verão. A época da volta com a mercadoria dependia de alguns detalhes: 1) os muares deveriam estar com força suficiente, pela idade, para agüentar a marcha em direção ao norte; 2) precisariam passar por uma adaptação ao sal marinho, pois as mulas que vinham dos pampas da fronteira não estavam acostumadas; 3) o clima, pois no tempo de inverno era custoso viajar pelos campos sulinos. Entre maio e outubro a seca dos pastos, as rajadas de vento sudoeste, o pampeiro, e do vento oeste, o minuano, eram danosas ao homem e, mais ainda, aos animais.

Muitas tropas invernavam nos campos de Lages¹¹⁷ e Curitibanos e somente atravessavam a Estrada da Mata na época propícia, quando estavam em condições físicas e a estação permitia. Depois de atravessarem tanto o sertão de Lages como os sertões de Palmas e Guarapuava, as mulas chegavam cansadas e magras, precisando de mais alguns meses de invernadas nos campos da Lapa, Ponta Grossa e Castro, até se recuperarem para seguirem até Sorocaba.

Entre os Campos Gerais e Sorocaba, os tropeiros já encontravam pousos com pequenos ranchos abertos de todos os lados, cobertos de palha, próximos a um riacho ou lajeadinho e rondas, terrenos com fechos naturais para a guarda dos animais durante a pernoite.

Em campo aberto ou em rondas, os tropeiros armavam barracas para o pouso ou dormiam ao relento, como descreve Medeiros (1865:35):

(...) comer ao romper do dia e à noite o mal cozido feijão de caldeirão e o velho churrasco, saboreando também o infalível e proverbial mate-chimarrão; ver-se obrigado a, por falta de barraca, ou impossibilidade de armá-la, dormir ao relento, sem outro teto mais do que a abóbada celeste, estendido à beira de um arroio, sobre um chão duro, apenas forrado de xerga e da carona, repassadas de suor do matungo lerdo e cansado, tendo por travesseiro o lombilho, único arrimo que se conhece por esses despovoados para amparar a cabeça e um pobre corpo alquebrado pelas fadigas do dia.

A tropa exigia maiores cuidados e mais trabalho na travessia dos sertões, pois onças e índios, embrenhados pelas matas próximas à estrada, mordidas de cobras, tempestades (raios), eram ameaças constantes.

Sorocaba era o ponto terminal da marcha dos fornecedores de burros. Depois de cruzarem o rio Itararé, as tropas iam procurando as invernadas, espalhando-se pelos campos de Itapeva da Faxina e Itapetininga. Entre os meses de dezembro e abril, acontecia a feira de Sorocaba, em que as tropas eram deslocadas para os campos vizinhos a essa cidade, réunos ou de aluguel e rondadas pelos camaradas até serem vendidas ou seguirem

¹¹⁷O que significa que a presença de tropeiros em Lages se dava por períodos longos, às vezes meses, o que reforça nossa hipótese de terem sido eles os principais responsáveis pela propagação de *você* em Lages e Curitiba, especificamente.

seu destino, ou então até voltarem para as invernadas por falta de compradores, a esperarem a feira seguinte. Depois de vendidas, outra marcha começava, a dos distribuidores que iam por vários caminhos, por muitas partidas. (Medeiros, 1865:36).

3.3. CIDADES ORIGINADAS DA PASSAGEM DOS TROPEIROS

Várias cidades originaram-se da abertura do Caminho do Sul. As cinco primeiras povoações junto à estrada foram criadas por imposição governamental na segunda metade do século XVIII. Entre 1766 e 1770, seguindo uma estratégia de consolidação do Caminho, foram estabelecidas as povoações de Santo Antônio do Registro (atual Lapa) e de Santana do Iapó dos Campos (atual Castro), como freguesias e, no percurso entre os Campos Gerais e o rio Pelotas, a vila de Lages. Ao sul de São Paulo foram estabelecidas as vilas de Itapetininga e Itapeva da Faxina.

O povoamento dos campos do planalto catarinense ficou, durante todo o século XVIII e primeiras décadas do XIX, confinado à região em torno da vila de Lages, criada em 1766. A fundação de Lages, num dos extremos da rota dos tropeiros, em antigo território paulista, visava dar continuidade à exploração e aos domínios dos campos sul-riograndenses.

Durante a segunda metade do século XIX formaram-se outros pequenos núcleos no Planalto Catarinense, como Curitiba e, mais tarde, Mafra¹¹⁸. Entretanto, no início do século XX Lages ainda era o único aglomerado urbano que podia ser chamado de cidade.

3.4. O COMÉRCIO DE MUARES

O muar tinha ótimas condições de reprodução nos campos do extremo sul do Brasil, especialmente na campanha, onde a abundância de eqüinos para o cruzamento

¹¹⁸Vale registrar que em Mafra/ Rio Negro há também uso exclusivo do pronome *você*, conforme constatações familiares e *in loco*.

somava-se à de pastagens. Dada a necessidade permanente e crescente de bestas - principal meio de transporte da economia brasileira - esse comércio de animais prevaleceu.

O negócio dava lucros e os preços tinham ascensão freqüente. Os muares eram comprados no Rio Grande do Sul na base de 1 ou 2 mil réis e alcançavam em Sorocaba um preço médio de 27 mil réis.

No Rio Grande do Sul só se comprava a dinheiro. Esse negócio de animais é que fazia circular moeda na região. Para tanto, os compradores tinham que levar dezenas de surrões de couro carregados de moedas.

A tropa era organizada da seguinte maneira:

- 1) A chefia da tropa: função exercida pelo dono da tropa ou um capataz. Era ele que resolvia tudo: designava e formava comitiva, contratava os peões, escolhia o arribador. Tinha que conhecer o trajeto e zelar pela tropa. Era o homem de confiança do patrão, controlava o dinheiro para os mantimentos, pagava os peões, cuidava da contabilidade.
- 2) Contramadrinheiro: às vezes uma égua saía do mato correndo, misturava com a tropa e as mulas fugiam junto com ela. A função principal do contramadrinheiro era cuidar para que os animais da tropa não se misturassem.
- 3) Madrinheiro: ia na frente da tropa. Puxava a égua madrinha, que levava ao pescoço o cincerro barulhento. Só assim a mulada ia atrás, não se desgarrava.
- 4) Arribador: tinha que ser bom cavaleiro e hábil com o laço, pois a função era resgatar as mulas que fugiram da tropa e recolocá-las na tropa novamente.
- 5) Cozinheiro: era ele que levava o cargueiro e fazia as compras. Nas paradas, fazia a comida e designava funções aos outros tropeiros para cortar lenha, buscar água enquanto ele cortava o charque.

Os outros três, quatro ou cinco homens que compunham a tropa faziam de tudo; eram os tocadores, iam atrás dos lotes em que se dividia a tropa para os animais não se amontoarem, nem pisotearem; entre outras funções.

Nas décadas de 1840-1850 o comércio de muares alcançou seu ponto máximo. Em 1940 o serviço de transporte por meio de tropas, em São Paulo, não era mais comum, devido à expansão das vias férreas e pelas estradas de rodagem existentes de boa qualidade. Durante a segunda Guerra Mundial o Brasil exportou grande número de muares, sobretudo para países mediterrâneos.

O fim da saga dos tropeiros da rota Sul ocorreu por volta de 1950, quando o caminhão e o trator disseminam-se nos empreendimentos agrícolas. É tempo de Getúlio Vargas, da Siderúrgica Nacional e de “o petróleo é nosso”. Em 1954 morre Getúlio, vai começar o Brasil de Juscelino, o Brasil do automóvel.

Portanto, a importância lingüística dos tropeiros é, também, fundamental: muito mais que uma presença física, eles iam deixando fragmentos de cultura: pequenos povoados, modos de falar, costumes, sentimentos... Eles serviam de correios, prestavam primeiros socorros médicos, aceitavam encomendas e faziam às vezes de jornalistas. Finalmente, cabe a nós, estudiosos da língua, desvendar toda riqueza lingüística que ainda está escondida atrás dos rastros dos tropeiros.